

**Anais do IV Congresso Brasileiro de
Prevenção em DST e Aids**

Descentralização e Sustentabilidade

Ficha catalográfica

Congresso Brasileiro de Prevenção em DST/Aids (1. : 2001 : Cuiabá, MT).

Anais do IV Congresso Brasileiro de Prevenção em DST/Aids, de 10 a 13 de setembro de 2001. – Brasília : Ministério da Saúde, Coordenação Nacional de DST/Aids, 2001.

687 p.

1.Síndrome de Imunodeficiência Adquirida / Controle & Prevenção //
2.Congressos. I.Brasil. Ministério da Saúde. II Brasil. Coordenação Nacional de DST/Aids. III. Título

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

*Ministério da Saúde
Secretaria de Políticas de Saúde
Coordenação Nacional de DST Aids*

**Anais do IV Congresso Brasileiro de
Prevenção em DST e Aids
Descentralização e Sustentabilidade**

Série seminários e congressos, n. 5

Brasília 2001

©2001. Ministério da Saúde

É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.
Tiragem: 3000 exemplares

Ministro de Estado da Saúde
José Serra

Secretário de Políticas de Saúde
Cláudio Duarte da Fonseca

Produção, distribuição e informações:
MINISTÉRIO DA SAÚDE
Secretaria de Políticas de Saúde
Coordenação Nacional de DST e Aids
Av. W3 Norte
SEPN 511, Bloco C
70750 Brasília – DF
Brasil
e-mail: aids@aims.gov.br
Home page: <http://www.aims.gov.br>
Disque Saúde / Pergunte Aids: 0800 61 1997

Publicação financiada com recursos do Projeto AD BRA 99 Eo2 UNDCP.

Paulo R. Teixeira
Coordenador
Coordenação Nacional de DST e Aids

Assessora de Comunicação/CN–DST/AIDS:
Eliane Izolan
Assessora Responsável pela Unidade de Prevenção/CN–DST/AIDS:
Denise Doneda

Edição:
Assessoria de Comunicação
Dario Almeida Noleto (editor)
Ademildo Coelho (diagramador)
Masanori Ohashi - arte-final da capa

Co-organização e supervisão do evento:
Setor de Eventos da CN-DST/AIDS

Assessores Técnicos da Área:
Cláudia Lima Bandeira e Silva
Maria das Dores G. da Silva Santos
Myllene P. Müller Nunes
Patrícia Iunes de Ávila e Silva

Ressalva: Os resumos aqui exibidos foram publicados na íntegra e não passaram por revisão, já que os textos são de inteira responsabilidade de seus autores.

Apresentação

O **IV Congresso Brasileiro de Prevenção em DST e Aids** tem como objetivo principal promover o intercâmbio de informações e a reflexão sobre as tendências da epidemia de aids no Brasil, sendo uma das principais oportunidades para expandir, nacionalmente, o debate sobre o acesso à informação, à educação e às ações de prevenção em DST/HIV/aids.

O tema central dessa quarta edição do **Congresso Brasileiro de Prevenção em DST e Aids** está pautado nas diretrizes do sistema único de saúde no âmbito da “Descentralização e Sustentabilidade”, onde as ações de prevenção das DST/aids vêm se caracterizando por uma maior autonomia das coordenações locais, e pelas alternativas técnicas e gerenciais encontradas pela sociedade civil organizada. Nessa perspectiva, a participação contínua e incansável das organizações da sociedade civil, universidades e outros parceiros da esfera governamental deve ser enfatizada como uma aliada imprescindível no esforço nacional para o enfrentamento da epidemia pelo HIV/aids.

Os trabalhos aqui apresentados, frutos do compromisso social e da dedicação dos profissionais de diferentes áreas vinculadas ao combate à epidemia pelo HIV/aids, vêm reforçar ainda mais a importância do desenvolvimento de políticas públicas de saúde que envolvam diretamente questões relativas à prevenção das DST/HIV/aids, fomentando, desse modo, a formação e a consolidação da consciência mundial para a adoção de práticas preventivas face às DST/HIV/aids.

Paulo R. Teixeira (Coordenador)

Coordenação Nacional de DST e Aids

IV CONGRESSO BRASILEIRO DE PREVENÇÃO EM DST/AIDS

10 a 13 de setembro de 2001

Cuiabá – Mato Grosso

Promoção

Ministério da Saúde
Secretaria de Políticas de Saúde
Coordenação Nacional de DST e Aids

Coordenação Geral e Organização

Coordenação Nacional de DST e Aids

Presidente de Honra

José Serra

Ministro de Estado da Saúde

Presidente

Paulo R. Teixeira

Coordenador Nacional de DST e Aids-MS

Realização

Prefeitura Municipal de Cuiabá

Governo do Mato Grosso

Ministério da Saúde

Apoio

Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura-UNESCO • Fundo das Nações Unidas para a Infância-UNICEF • Fundo de População das Nações Unidas-FNUAP • Organização Pan-Americana de Saúde-OPAS • Programa das Nações Unidas para o Controle Internacional de Drogas-UNDCP • Programa das Nações Unidas para a Aids-UNAIDS • Banco Mundial • Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional-USAID • Ministério da Justiça • Ministério da Educação • Ministério da Previdência Social •

Secretaria Nacional de Justiça • Secretaria Nacional de Direitos Humanos • Secretaria Nacional Anti-Drogas-SENAD • Programa Comunidade Solidária • Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Saúde-CONASS • Conselho Nacional dos Secretários Municipais de Saúde-CONASEMS • Programa Estadual de DST e Aids/Mato Grosso • Programa Municipal de DST e Aids/Cuiabá • Conselho Empresarial Nacional para Prevenção ao HIV/Aids • Comissão para Prevenção e Controle da Aids para América Latina e Caribe-COPRECOS • Family Health International-FHI • Organização Internacional do Trabalho- OIT • Iniciativa Regional sobre SIDA da América Latina e Caribe SIDALAC

Comitê Científico

1. Área Técnica de Saúde da Mulher/ MS – Elcylene Leocádio
2. Área Técnica de Saúde do Adolescente e Jovem/MS–Guilbert da Silva (Maria Socorro Tabosa)
3. Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis – Luiz Mott
4. Associação Brasileira de Redutores de Danos – Cristiane Alves Moema
5. Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids – Richard Parker (Ivia Maksud)
6. Comissão Nacional de Aids – Vicente Amato Neto
7. Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Saúde – Fernando Cupertino Barros
8. Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde – Neilton Araújo de Oliveira
9. Coordenação Estadual de DST/Mato Grosso – Cristina Fernandes Vidziunas
10. Fundação Oswaldo Cruz – Elisabete Moreira
11. Fundo das Nações Unidas para a Infância – Halim Girade
12. Fundo de População das Nações Unidas – Rosemeire Badder-Maden
13. Ministério da Justiça – Olga Câmara (Ana Luíza Miranda)
14. Pontifícia Universidade Católica - Mary Jane Spink
15. Programa Comunidade Solidária – Paulo Coury
16. Programa das Nações Unidas para o Controle Internacional de Drogas - Vera da Ros
17. Programa Municipal de DST/Aids/Belém - Helena Zeferino Brigito
18. Programa Papai – Jorge Lyra
19. Secretaria Nacional de Justiça – Elizabeth Sussekind

20. UNAIDS – Maria Etelvina Reis de Toledo Barros
21. UNICAMP-NEPO/CEBRAP - Elza Berquó
22. Universidade de São Paulo/NEPAIDS - Vera Paiva
23. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Flávio Pechansky
24. CN-DST/AIDS- Unidade de Prevenção - Denise Doneda
25. CN-DST/AIDS - Unidade de Prevenção - Lilia Rossi

Comitê de Programa

1. Área Técnica da Criança e Aleitamento Materno/MS–Ana G.Maranhão (Nelson de Oliveira)
2. Banco Mundial – Madalena Rodrigues dos Santos
3. Departamento de Atenção Básica/MS – Heloísa Machado (Moacyr Araújo da Silva)
4. Family Health International – Paulo Roberto Proto
5. Grupo de Apoio a Soropositivos de Cuiabá/GASP – José Carlos Miranda (Leiry Rodrigues)
6. Grupo de Resistência Asa Branca – Janaína Dutra
7. Ministério da Prev. Social/Sec.Políticas de Assistência Social– Josué Ribeiro (Cátia Diniz)
8. Org. das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura–Jorge Werthein (Cristina Raposo)
9. Programa das Nações Unidas para o Controle Intern.de Drogas – José Martinez Morales
10. Programa Municipal de DST e Aids/Cuiabá – Maria Helena Lopes (Soraia Pinto Maciel)
11. Rede Brasileira de Redução de Danos – Mônica Gorgulho (Maria Lúcia Karan)
12. Rede Nacional de Profissionais do Sexo – Gabriela da Silva Leite
13. Secretaria de Educação Fundamental/MEC – Yara Glória Areias Prado
14. Secretaria de Estado de Direitos Humanos – Ivair Augusto dos Santos
15. Secretaria Nacional Anti-Drogas – Marcos da Costa Leite (Maria Cristina Hoffmann)
16. Universidade Federal do Mato Grosso/Instituto Saúde Coletiva–Maria Virgínia M.Ventura
17. US Agency for International Development – Lawrence Odle (Jayme Rojas)

18. CN-DST/Aids-Unidade de Articulação com a Soc.Civil e Direitos Humanos-Cristina Câmara
19. CN-DST/AIDS - Unidade de Assistência e Diagnóstico – Carlos Capitani (Eduardo de Oliveira)
20. CN-DST/AIDS - Unidade de Epidemiologia – Dráurio Barreira (Fábio Moherdau)
21. CN-DST/AIDS - Unidade de Planejamento e Avaliação - Maria Alice L.Tironi (Valnizia Bertaglia)
22. CN-DST/AIDS - Unidade de Prevenção - Denise Gandolfi
23. CN-DST/AIDS - Unidade de Prevenção - Ivo Brito
24. CN-DST/AIDS - Unidade de Prevenção - Rosemeire Munhoz
25. CN-DST/AIDS - Unidade de Prevenção - Henriette Ahrens
26. CN-DST/AIDS - Unidade de Prevenção - Kátia Souto
27. CN-DST/AIDS - Unidade de Prevenção - Vera Lopes

Comitê de Organização

1. Ação Solidária de Luta Contra a Aids – Dayse Sant’Anna Miyahira (Eliacyr Pedrosa)
2. Assessoria de Comunicação – Gabinete do Ministro/MS - Marylene R. de Souza
3. Conselho Empresarial Nacional para Prevenção ao HIV/Aids – Murilo Moreira (Ione Fonseca)
4. Coordenação Estadual de DST e Aids/Mato Grosso – Cristina Fernandes Vidziunas
5. COPRECOS – Severino Ramos (Cel. Ricardo Fernando de Carvalho Mendelsohn)
6. Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua/MT - Luiz Fernando Rogério
7. Organização Pan-Americana de Saúde – Reinaldo Gil Soares
8. Programa Municipal de DST e Aids/Cuiabá – M^a Helena Lopes (Soraia Pinto Maciel)
9. Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/Aids – Sebastião Martins
10. Secretaria de Estado de Desenvolvimento do Turismo/MT – Ezequiel J.Roberto (Karina Fraga)
11. Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo/Cuiabá – Pedro J.Nadaf (Fabiane Hassaka)

12. Secretaria de Estado de Cultura/Mato Grosso-Jurandir Antônio Francisco (Roberto Ferreira)
13. Secretaria Municipal de Cultura/Cuiabá – Francisco Vuolo
14. Serviço Social da Indústria/Mato Grosso – Sérgio Pascoli Romani
15. CN-DST/AIDS - Assessoria de Comunicação (Prog. Visual, Eventos, Com.) Eliane Izolan
16. CN-DST/AIDS - Assessoria de Comunicação (Prog. Visual, Eventos, Com.) Dario Noletto
17. CN-DST/AIDS – Assessoria de Comunicação (Prog. Visual, Eventos, Com.) Ulisses Santana
18. CN-DST/Aids – Assessoria de Comunicação (Prog. Visual, Eventos, Com.) Mauro Siqueira
19. CN-DST/AIDS - Assessoria de Comunicação (Prog. Visual, Eventos, Com.) Cláudia Lima
20. CN-DST/Aids - Assessoria de Comunicação (Prog. Visual, Eventos, Com.) Mônica Geovanini
21. CN-DST/AIDS - Assessoria de Cooperação Externa – Rosemeire Munhoz
22. CN-DST/AIDS - Assessoria de Informática - José Roberto Gribosi (Renato Girade)
23. CN-DST/AIDS - Disque Saúde - Ellen Zita Ayer
24. CN-DST/AIDS - Gerência Administrativa – Murillo Bastos (Leandro Monteiro)
25. CN-DST/Aids - Unidade de Art.com a Sociedade .Civil e Direitos Humanos- Marta Carvalho
26. CN-DST/AIDS - Unidade de Prevenção – Ranulfo Cardoso
27. CN-DST/AIDS - Unidade de Prevenção – Paulo Junqueira
28. CN-DST/AIDS - Unidade de Prevenção – Sandra Lúcia Filgueiras
29. CN-DST/AIDS - Unidade de Prevenção – Suely Andrade
30. CN-DST/AIDS - Unidade de Prevenção – Scheilla de Oliveira Miguel
31. CN-DST/AIDS - Unidade de Prevenção – Suely Azevedo
32. CN-DST/AIDS - Unidade de Treinamento - Mario Angelo Silva e (Silvana Solange Rossi)
33. CN-DST/AIDS - Unidade Financeira – Diderô Carlos Lopes

SUMÁRIO

Núcleos comunitários de prevenção: um serviço comunitário <i>Wanda Lúcia Branco Guimarães</i>	53
Democratizando a internet inclusão social e prevenção de DST/aids <i>Márcia Gomes Mamud</i>	55
Continuidade de uso do preservativo feminino entre mulheres de baixa renda de São Paulo <i>Suzana Kalckmann</i>	57
Representações de DST e aids para os Índios Terena da cidade de Campo Grande <i>Nazira Scaffi</i>	59
Prevenção das DST e aids em áreas Indígenas Bororo <i>Rosa Afonsina Matos Rocha</i>	61
Análise do trabalho desenvolvido no COAS - CTA Bauru <i>Maristela Pastore de Oliveira</i>	63
Caderno A: de adolescente para adolescente - prevenção de DST/HIV/aids com adolescentes usuários de drogas e curiosos <i>Rosângela de Sena e Silva</i>	65
Projeto Adolegal - a extensão universitária como agente de prevenção em DST/aids <i>Danielle Ribeiro de Moraes</i>	66
Aconselhamento em saúde sexual e reprodutiva: associando contracepção e prevenção de DST/aids <i>Iara Guerriero</i>	68

Prevenir é melhor que remediar? Os sentidos das práticas preventivas para profissionais de um serviço de orientação e prevenção em DST/aids <i>Drausio Vicente Camarnado Júnior</i>	69
Religião e aids: segredos e silêncios <i>Clarissa Andrade Carvalho</i>	71
Projeto princesinha: programa de prevenção às DST/HIV entre trabalhadoras do sexo no interior do Amazonas, Brasil <i>Adele Schwartz Benzaken</i>	73
Garantindo a acessibilidade ao preservativo masculino <i>Walkiria da Silva Zacheu</i>	75
Utilização de “amigos terapêuticos” como uma estratégia de adesão <i>Regina Maria C. Tellini</i>	77
Experiência do uso de preservativo feminino dos usuários do Centro de Saúde Escola Meireles - Fortaleza/Ceará <i>Elani Graça Ferreira Cavalcante</i>	79
Avaliação de conhecimento, atitudes e práticas relacionadas às DST/aids de adolescentes em escolas de Colatina/ES <i>Fauze Gazel</i>	81
PRD - solidário <i>Marcelo Araújo Campos</i>	83
As ações do programa municipal de DST/HIV/aids no município de Feira de Santana - Bahia <i>Denise Lima Mascarenhas</i>	85
Relato de experiência: a introdução do preservativo feminino em trabalho com comunidades <i>Ana Rosa Garcia dos Santos</i>	87

Masculinidade nordestina e educação preventiva <i>Alarcon Agra do Ó</i>	89
Encarcerando a aids e resgatando a cidadania <i>Emely Gonçalves Silva</i>	91
Rede de associação de mulheres na luta contra a aids <i>Kátia Maria Braga Edmundo</i>	93
Grupos de adolescentes multiplicadores de prevenção <i>Rossana Costacurta</i>	95
Prevalência de infecção por HIV e DST em profissionais <i>Júlio César Vidal Verdi</i>	97
Gerenciamento financeiro de aplicação de 100% recurso e 96% rendimento POA II <i>Dulcenéia Ribeiro Netto</i>	98
Inédita estratégia de redução de danos para usuários de crack <i>Luciana Oliveira Villarinho Rodrigues</i>	99
Redução de danos como possibilidade de prevenção com as populações vulneráveis <i>Vilma Carmona Gonçalves</i>	101
Mudança de hábito <i>Rosângela Maria Velasque Braz</i>	103
A criança com aids no espaço social em que vive <i>Eloina Santana Alves</i>	104
Casais soroconcordantes e sorodiscordantes: uma estratégia de aconselhamento com equipe multidisciplinar <i>Débora Fontenelle dos Santos</i>	105
Repensando a prevenção em um País pluriétnico e pluricultural <i>Iná Meirelles de Souza</i>	107

O mal-estar da aids entre as Índias Terena - um estudo de caso <i>Leia Teixeira Lacerda</i>	108
Projeto de igual para igual - protagonismo juvenil e educadores - cidadãos na construção de relações de gênero igualitários e na promoção de uma sexualidade mais segura e consciente <i>Daniel Raviolo</i>	110
Trabalho de campo na prevenção de DST/aids entre usuários de drogas e na formação de estudantes de enfermagem: relato de experiência <i>Fabiana Cunha Oliveira</i>	112
Experiências no atendimento pediátrico - SAE Praia Grande - SP <i>Michel Idalécio de Souza</i>	114
Sexualidaids- perguntas e respostas: orientações sobre sexualidade e prevenção da infecção por HIV, e outras doenças sexualmente transmissíveis na comunidade da região central do estado - RS <i>Fábio Lopes Pedro</i>	115
Intervenções junto a mulheres de baixa-renda de São Paulo <i>Maria Aparecida Fernandes</i>	117
Adolescentes estagiários e iniciação sexual <i>Ely de Campos</i>	118
Adesão à terapêutica anti-retroviral em um presídio regional de Itajaí - SC <i>Marília de Fátima Vieira de Oliveira</i>	120
Isto também é prevenção! <i>Jair Brandão de Moura Filho</i>	121

HIV/aids: a representação social da doença e as estratégias de enfrentamento <i>Ronaldo Efigênio de Oliveira</i>	123
Proposta de assistência odontológica a pacientes HIV-positivos (atenção especial a gestantes) <i>Régia Luzia Zanata</i>	124
Prevalência de comportamentos de risco para DST/HIV e autopercepção de vulnerabilidade em mulheres de Pelotas, RS <i>Mariângela Freitas da Silveira</i>	126
Redução de danos: estudo dos discursos oficiais sobre a prevenção da aids <i>Sabrina Iara Tomaz</i>	128
Reduzindo danos na comunidade: uma parceria entre o PRD e o PACS <i>Mônica Coutinho</i>	129
Aconselhamento em DST/aids: uma perspectiva comunitária <i>Carlos André Passarelli</i>	130
Prevenção das DST/aids em populações empobrecidas: estratégias implementadas no município do Rio de Janeiro <i>Angélica Ferreira Fonseca</i>	132
Avaliação da prevenção da sífilis congênita <i>Vânia Reis Girianelli</i>	134
Percepção e (des)conhecimento masculino sobre o preservativo feminino - uma experiência junto a clientes de profissionais do sexo em BH/MG <i>Roberto Chateaubriand Domingues</i>	136
Relato de experiência: grupo de cuidadores - atendimento domiciliar terapêutico - Campinas <i>Dulce Helena Ferramola</i>	138

Problemas antigos, dilemas contemporâneos: a educação anti-aids no Brasil <i>João Bôsco Hora Góis</i>	139
Um olhar da política pública de redução de danos sob os princípios da descentralização, intersetorialidade e sustentabilidade - relação de uma experiência - Porto Alegre/RS <i>Mirtha Sendic Sudbrack</i>	140
Intervenção comportamental em DST/aids junto à população <i>Christiana Nogueira</i>	143
Prevenção e controle de DST e aids nas Forças Armadas <i>Christiana Nogueira</i>	145
Aprendendo com...gravidez pós-soropositividade <i>Margit Mager Maske</i>	147
Intervenção de prevenção nas DST/aids: comunidades indígenas do Wai-wai e Munducus <i>Vera Canto Bertagnoli</i>	149
Como pensar momento da comunicação de resultado sorológico para o HIV sob a ótica Winnicottiana? <i>Diva Maria Faleiros Camargo Moreno</i>	151
O Centro do Rio Grande do Sul tem barraca que leva chimarrão e informação <i>Martha Souza Cezimba</i>	153
Projeto viva: Prevenção às DST/aids - formação de professores <i>Margeli Brand</i>	155
Terças transgressivas: vulnerabilidade, HSH e estratégias de ação frente à epidemia do HIV/aids <i>Luís Felipe Rios</i>	157

Homossexualidade, juventude e vulnerabilidade: prevenção de HIV/aids para jovens HSH de classes populares do Rio de Janeiro <i>Vagner Almeida</i>	159
O trabalho de campo do redutor de danos: estratégias e limites <i>Marco Manso Cerqueira Silva</i>	161
Testagem sorológica: com ou sem aconselhamento pré-teste? <i>Nízia Machado Lima</i>	162
Avaliação dos atendimentos de acidentes de trabalho atendidos num ambulatório de DST/aids <i>Francisco de Assis Silva Gomes</i>	164
Prevenção da aids com adolescentes da Rocinha: uma avaliação <i>Murilo Peixoto da Mota</i>	165
Competência técnica na prevenção do HIV/aids: validação de um instrumento <i>Gilson de Vasconcelos Torres</i>	166
Projeto arpão: participação, comunicação e prevenção entre detentos <i>Liandro Lidner</i>	167
Prevenção de DST/aids para homens no setor materno-infantil <i>Jorge Lyra da Fonseca</i>	168
Momento atual do projeto de redução de danos de Brasília <i>Aline de Melo Soares</i>	169
Redução de danos: uma proposta de qualidade de vida <i>Janice Maria Moreira Gomes</i>	171
Experiência do Município de Bauru: capacitação de saúde para atuarem na prevenção das DST/aids junto a adolescentes <i>Maria Cecília Lopes Sgavioli</i>	173

Programa médico da família em Manaus, Amazonas: inquérito C.C AP. como instrumento de planejamento para implantação de um programa de DST <i>José Carlos Gomes Sardinha</i>	175
Reorganizando sob a ótica da mudança da epidemia: uma experiência <i>Júlio César Barroso Pacca</i>	177
Projeto somos <i>Toni Reis</i>	179
Adolescente em Moçambique: estudo de sua vulnerabilidade: desenvolvendo materiais de prevenção para adolescentes fora da escola de Moçambique <i>Júlio César Barroso Pacca</i>	181
Disque-aids: uma linha para a prevenção <i>Thânia Regina F. Arruda</i>	183
Projeto: redução de danos aids/drogas <i>Ana Luíza Nunes</i>	184
Prevenção: ampliação da oferta e necessidade de um novo arranjo institucional <i>Viitória Régia Osório Vellozo</i>	186
Programa de redução de dano-DF- influência das características do campo no desenvolvimento de suas ações <i>Cecília de Faria Franco</i>	187
Produção sobre tecnologia educacional e HIV/aids <i>Eliane Portes Vargas</i>	189
Preservativos feminino: uma nova estratégia na prevenção das DST/HIV. A experiência do estado do Rio de Janeiro <i>Margarete de Paiva Simões Ferreira</i>	191

Assessoria em orientação sexual: uma mudança de postura <i>Joseilton Brito de Freitas</i>	193
A via judicial para garantia de direitos: a conquista dos benefícios previdenciários em Campina Grande - PB <i>Marcos Firmino de Queiroz</i>	194
Prevenção de DST/aids com homens em situação de pobreza <i>Pedro Fransisco Guedes do Nascimento</i>	195
Convivendo com a diferença: dinâmica relacional de casais soro discordantes para HIV/aids <i>Larissa Polejack</i>	197
Transmissão materno-infantil do HIV: uma redução factível <i>Luiza H. Matida</i>	199
Prevenção, drogas e aids: desdobramentos da avaliação <i>Simone Monteiro</i>	201
Projeto bem-me-quer. Prevenção das DST/aids com profissionais do sexo de Santo André <i>Sérgio Flávio Barbosa</i>	203
Oficina de prevenção às DST/aids junto à população adulta de rua <i>Tânia Maria da Silva Pacheco</i>	204
Alimentação correta também é prevenção <i>Marta da Cunha Pereira</i>	205
A subjetividade do profissional de saúde como determinante da qualidade de atendimento <i>Sônia E. Prado Garcia</i>	207
Relações de gênero, direitos reprodutivos e prevenção em DST/aids entre jovens e adolescentes da rede pública de ensino no RN (Brasil) <i>Vanderlan Francisco da Silva</i>	208

Voluntariado jovem na prevenção da aids e saúde reprodutiva <i>Rita de Cássia Araújo Alves Mendonça</i>	209
Prevenção das infecções de transmissão sexual em uma coorte de profissionais do sexo masculino <i>João Luiz Grandi</i>	210
Conhecendo o arco-íris em Santos <i>Regina Maria Lacerda</i>	212
Diagnóstico situacional das regionais de saúde do estado de São Paulo <i>Maria da Penha Ramos Oliveira</i>	214
Trabalhando com adolescentes na atenção primária: por uma política de prevenção às DST/aids <i>Kilma Wanderley Lopes</i>	216
Saúde no dique <i>Paula Silveira Malatesta</i>	217
Diagnóstico sobre a integração dos programas de saúde do estado de São Paulo <i>Maria do Carmo Sales Monteiro</i>	219
Nível de conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis e aids entre profissionais do sexo no município de Cuiabá-MT <i>Eleonor Raimundo da Silva</i>	221
Sala da vida <i>Elaine Oliveira Soares</i>	223
Festival de paródias sobre DST/aids: uma maneira criativa de passar informações para os estudantes <i>José Almir Santana</i>	225

O desafio de reorganizar as ações de prevenção numa cidade de 11 milhões de habitantes <i>Gabriela Calazans</i>	226
A importância do diagnóstico no trabalho educativo <i>Neide Gravato da Silva</i>	228
Memória visual na adesão ao tratamento anti-retroviral <i>André Valdemar Vicente</i>	230
Capacitação e intervenção comunitária: os agentes comunitários de saúde na prevenção às DST/aids no centro histórico de Salvador-BA <i>Alice da Silva Ribeiro Firmino</i>	231
O fenômeno da exploração sexual comercial: uma contribuição para visibilidade da prostituição na adolescência <i>Stella Maris Nogueira Botelho Bevilacqua</i>	233
A co-infecção TB/HIV <i>André Luiz de Souza Braga</i>	235
Políticas públicas - iniciativas de prevenção às DST/aids entre usuários de drogas injetáveis no interior do estado de São Paulo <i>Sueli Santos</i>	237
Ética cidadania e redução de danos; a postura do redutor <i>Giovanna Quaglia</i>	239
Estratégias diferenciadas implementadas pelo PRD da Bahia <i>Maria Eugênia Nuñez</i>	240
Exercício de cidadania e prevenção DST/HIV <i>Ricardo Barbosa Martins</i>	241
Avaliação do impacto sobre a transmissão vertical <i>José Ricardo Pio Marins</i>	243

Monitoramento de pacientes, co-infecção pelo HIV <i>Maria Tereza Magalhães Morais</i>	245
Galera - um projeto que investe no protagonismo infantil <i>Estela Márcia Scandola</i>	247
A prática do homossexualismo entre mulheres detentas <i>Annecy Tojeiro Giordani</i>	249
Projeto eros - prevenção para profissionais do sexo masculino de rua <i>Edna Bordon Lopes</i>	251
Projeto sexo e saúde, boa qualidade de vida, um bate papo <i>Semiramis Vedovatto</i>	253
Projeto arco-íris promoção da cidadania e da prevenção <i>Ricardo do Santos</i>	255
Aids prevention study incarcerated male adolescents in a juvenile governmental facility in São Paulo, Brazil <i>Camila Alves Peres</i>	256
Projeto consciência - relato de experiência realizado em Florianópolis nos anos de 1993 a 2001 <i>Luiz Fernando Martins</i>	258
Com.saúde-núcleo local de comunicação em DST/aids através da mídia comunitária <i>Fátima Rocha</i>	260
Testagem sorológica: intervindo no comportamento da comunidade <i>Sueli Queiroz Assumpção</i>	262

Reavaliação da média de internações por aids por pacientes tratados pelo SUS, como indicador da eficácia da terapia anti-retroviral - ARV <i>José Rubens Costalima</i>	264
Perspectivas de redução de danos em Salvador-BA <i>Eliana Ornelas da Silva</i>	266
Grupo de adesão arte de viver: construindo a cidadania nos serviços de saúde <i>Maria Magdala Vasconcelos de Araújo Silva</i>	267
Camisinhas + contracepção de emergência: pesquisa e intervenção numa favela em SP <i>Regina Figueiredo e Milane Pena</i>	269
Adesão ao tratamento - desafios e possibilidades <i>Bela Feiman Sapiertein Silva</i>	271
Sustentabilidade e institucionalização das ações de prevenção às DST/HIV/aids em população específica no município de São José do Rio Preto - SP <i>Maria Inês Spinelli Arantes</i>	273
Redução de danos em São José do Rio Preto <i>Celina Dias e Santos Lazzaro</i>	275
La respuesta no gubernamental al VIH/SIDA en Argentina: su interaccion con el programa nacional de sida entre 1992 - 2000 <i>María Inés Re</i>	276
Gays <i>Wilson Amaral Merege</i>	277
Profissionais da noite <i>Carlos Augusto Galeano</i>	278

Resultados preliminares de um estudo de monitoramento do uso do preservativo feminino no hospital das clínicas de Ribeirão Preto - FMRP - USP <i>Elisabeth Meloni Vieira</i>	279
Projeto noite: uma intervenção entre as profissionais do sexo na cidade de Gravataí - RS <i>Tatiane Cristina da Silva</i>	281
Análise de do perfil da clientela do centro de testagem e aconselhamento de Curitiba, 2000 <i>Maria Rita C. B. Almeida</i>	283
Oferecimento do teste rápido para HIV a 100% das gestantes que chegam às maternidades do Rio Grande <i>Maria da Graça Insaurriaga Jundi</i>	285
Treinamento de implementação da prática de aconselhamento <i>Karina Wolffenbüttel</i>	287
Avaliação dos acidentes profissionais com material biológico <i>Norico Miyagui Misuta</i>	289
Parceria OG/ONG na rua - uma experiência que funciona <i>Marta McBritton</i>	291
Buscando a sustentabilidade das ações de prevenção e assistência às DST/aids junto a caminhoneiros: uma articulação com SEST/SENAT <i>Dreyf de Assis Gonçalves</i>	293
É conversando que a gente se entende e se previne <i>Magda Castro Lopes Gebrim</i>	295
Projeto prevenção às DST/aids para profissionais do sexo feminino <i>Maria Roselly Rodrigues Pinheiro e Cândido</i>	297

Ativismo e liderança uma metodologia na luta contra a aids <i>Solange Rocha</i>	299
Estratégias de sustentabilidade: “Experiência de OG e ONG no espaço do CTA” <i>Ludia Genovese Goulart Mondini</i>	301
Aids e crianças: repensando a prevenção <i>Juliana Sampaio</i>	302
Sobre desejos, direitos e necessidades de mulheres portadoras de HIV <i>Wilza Villela</i>	304
Projeto colméia: educação e prevenção de DST/aids para mulheres - relato de uma experiência <i>Sílvia B. Bellucci</i>	305
PRD-JF, “questão de legitimidade” <i>Wulmar Bastos Júnior</i>	306
Ações de prevenção de DST/aids em unidades do programa de saúde da família <i>Wilza Vieira Villela</i>	307
A importância da educação continuada na adesão ao condom feminino entre mulheres profissionais do sexo - município de Campinas <i>Rosilene Slaviero</i>	309
O futebol como espaço de multiplicação em ações de prevenção às DST/HIV/aids e uso indevido de drogas: uma experiência <i>Wilson Aparecido Silva</i>	311
Perfil sociodemográfico das profissionais do sexo <i>Valterney de Oliveira Morais</i>	313

Proposta de como construir ações de redução de danos na cidade de São Paulo <i>Regina Bueno</i>	315
Aspectos comportamentais observados nos profissionais do sexo em relação ao uso de preservativos e no controle sorológico no Centro de Referência em DST/aids - SP <i>Merciana Tereza Carvalho Vandeveld</i>	316
Contribuições da prática do yoga para a melhoria da qualidade de vida por pacientes infectados pelo HIV <i>Clara Matiko Kuroda</i>	318
Caracterização das práticas sexuais dos bissexuais acompanhados no projeto horizonte: estudo de coorte de homo e bissexuais masculinos - BH/MG <i>Marília Greco</i>	319
Seminários regionais: cidadania e prevenção entre homens que fazem sexo com homens <i>Márcia Giovanetti</i>	321
Discutindo HIV/aids na escola: capacitando multiplicando <i>Stela Maris de Mello Padoim</i>	323
A participação dos gestores na construção de programas regionalizados de prevenção e assistência às DST/HIV/aids em presídios do estado de São Paulo <i>Lígia Rivero Pupo</i>	325
Aconselhamento em DST/HIV para mulheres que fazem sexo com mulheres <i>Mirian Gizele Medeiros Weber</i>	327
Biossegurança e a aids: educação continuada aos profissionais de saúde do município de Nova Iguaçu <i>Paulo Starling Brandão Júnior</i>	328

Parceria entre Organizações Não-Governamentais (ONG) e a universidade: uma análise psicossocial <i>Carlos Roberto de Castro e Silva</i>	330
Estudantes de medicina e suas atitudes em relação à aids <i>Diana de Oliveira Frauches</i>	332
Estudo comparativo entre abordagem sindrômica e resultados etiológicos em mulheres com corrimento vaginal - Fortaleza <i>Maria Dizeny C. Coelho</i>	333
A construção do adolescer masculino e o uso do presertivo <i>Geórgia Sibebe Nogueira da Silva</i>	334
O significado da maternidade para as mulheres detentas e a transmissão vertical das DST/aids <i>Anecy Tojeiro Giordani</i>	336
O modelo do aconselhamento em gestantes identificadas por teste rápido para HIV <i>Rosana Campos da Fonseca</i>	338
A prevenção do HIV/aids entre parceiros estáveis: com a palavra, mulheres vivendo em bairros desfavorecidos de Goiânia - GO <i>Jacqueline Lima</i>	339
Educação continuada em informação e prevenção em HIV/aids <i>Maria Alba Oliveira Silva</i>	341
Preservativo feminino - uma nova estratégia de prevenção <i>Fátima Henriques Leites</i>	343
Estratégias de intervenção na luta contra as DST/aids <i>Sueli Aparecida Diório de Almeida</i>	345
Treinamento em redução de danos <i>Andrea Fernandes</i>	346

Redução da transmissão vertical <i>Alma C. Santander</i>	347
Incentivo à participação popular na luta contra as DST/aids <i>Carla Fabiane Woyciekowski</i>	349
Aids: convivendo com um filme de terror? <i>Gláucia Helena Araújo Russo</i>	351
Projeto adolecer: relato de experiência <i>Elizane Regina Santos Sandor</i>	353
Plano integrado do grupo temático do Un aids em apoio à resposta nacional em DST/HIV/aids <i>Maria Etelvina Reis de Toledo Barros</i>	355
Grupos de risco: o conceito ainda existe - o uso de preservativos masculinos entre jovens universitários da PUC/SP <i>Helena Lima</i>	357
Descentralização da concorrência de projetos de Organizações Não-Governamentais no estado de SP <i>Vilma Cervantes</i>	359
Pôster	
Grupo de gestantes portadoras do HIV <i>Cristiane Hoff da Cunha</i>	363
Perfil comportamental de adolescentes do sexo masculino em conflitos com a lei no município de Fortaleza/Ceará - Brasil, maio, 2001 <i>Rogério Gondim</i>	364
Grupo de ajuda mútua vem viver: uma estratégia de prevenção <i>Débora Telha Ferreira</i>	366

Homossexualidade em tempos de aids - antigos problemas novos olhares <i>José Fernando Petrilli Filho</i>	368
Sidartes - comunicação e arte para a produção gráfica - o projeto de criação do centro de produção gráfica do fórum catarinense das ONG aids <i>Leopoldo Nogueira e Silva</i>	370
Direitos humanos e aids: leitura da imprensa <i>Robson Antônio de Medeiros</i>	372
A construção de parcerias para o desempenho de ações de prevenção - projeto Praia Grande Verdão <i>Regina Maria C. Tellini</i>	374
Adolescente: capacitação é o caminho da prevenção <i>Jorge Luís de Souza Riscado</i>	375
Preservativo feminino e profissionais do sexo no Rio de Janeiro <i>Rosângela Fernandes de Castro</i>	377
Abordagem etnográfica de adolescente e usuários de drogas <i>Verônica De Marchi</i>	378
Mulheres usuárias de drogas: características sociodemográficas, vulnerabilidade para aids <i>Jeane Freitas de Oliveira</i>	379
Proposta de atenção à saúde bucal das crianças expostas ao HIV e das crianças HIV positivas (confirmadas laboratorialmente) <i>Maria Ligia Gerdullo Pin</i>	380
Banco de recursos e idéias informando e ampliando conhecimentos em DST/HIV/aids <i>Maria do Socorro Vasconcelos Lima</i>	382

Grupo terapêutico-educativo a pais de adolescentes usuários do serviço de saúde mental do município de Bauru - SP <i>Valéria Moron Perri Gimenes</i>	384
Co-infecção aids-TB-processo de implantação do tratamento supervisionado para co-infectados no atendimento domiciliar terapêutico <i>Rosilene Maria dos Santos Reigota</i>	386
Intervenção de redução de danos através de atividades de sala de espera <i>Norma Maria Gomes</i>	388
Experiência de uso do preservativo feminino das usuárias do centro de saúde da escola Meireles em Fortaleza - Ceará <i>Elani Graça Ferreira Cavalcante</i>	389
Atendimento em grupo a dependentes químicos objetivando reduzir riscos <i>Eliana Martini dos Santos</i>	391
Estudo nacional de soroprevalência de sífilis entre puérperas, (i) fatores associados à positividade <i>Mark Drew Crosland Guimarães</i>	393
Terapia ocupacional na assistência domiciliar Terapêutica <i>Sônia Regina Fraga Lopes</i>	395
Aspectos epidemiológicos, segundo a ficha de investigação da vigilância aprimorada das DST no ano 1998 - Itajaí - Santa Catarina <i>Juliana Damasceno Sousa</i>	397
Teatro de fontoche: criança inteligente, não usa drogas e nem pega aids <i>Maria Deusany Pereira Matos</i>	398

Projeto para treinamento e capacitação de funcionários das empresas que trabalham como multiplicadores dentro da sua instituição	399
<i>Nádia Jamil Saleh</i>	
Capacitação continuada de profissionais de saúde das multiclinicas de Praia Grande, sobre DST/aids e transmissão vertical no local de trabalho	401
<i>Eliana Zuliaanni Lopes</i>	
Saúde da mulher em uma prisão feminina brasileira	402
<i>Angélica Espinosa Miranda</i>	
Treinamento e aconselhamento para profissionais do pré-natal, um desafio para a equipe do CTA	403
<i>Débora Fontenelle dos Santos</i>	
Análise dos critérios para a não-solicitação de sorologia anti-HIV nos pacientes c/ tuberculose atendidos no hospital universitário Pedro Ernesto - a importância do aconselhamento	405
<i>Terezinha Bitencourt Loja</i>	
Ampliação do preservativo feminino no estado de São Paulo	407
<i>Renato Barboza</i>	
Capacitação de educadores na área de sexualidade infantil e adolescente: relato de uma experiência	409
<i>Viviane Vieira de Freitas</i>	
Da visita íntima à intimidade da visita	411
<i>Márcia de Lima Freitas</i>	
Pessoas vivendo humanização, sensibilização da equipe de saúde visando a adesão do cliente ao tratamento	413
<i>Cristiane Regina Minorello</i>	
Preservativo feminino: estratégia de preservação às DST/aids e gravidez indesejada em uma unidade básica de saúde	415
<i>Eliane Regina Catalano Monteiro</i>	

A conexão sexo e drogas na redução de danos <i>Célia Szterenfeld</i>	417
Rua/prevenção - Gots - grupo de orientação ao trabalhador do sexo masculino (travestis) <i>Silvia Rebellato</i>	419
A consulta de enfermagem ginecológica: uma aliada na prevenção de DST/aids <i>Ana Beatriz Azevedo Queiroz</i>	420
Incidência de vulvovaginites no programa DST/aids em mulheres atendidas no CR/DST/aids, Campos Elíseos <i>Elisabeth Mendes Marques</i>	422
Aconselhamento e testagem sorológica para HIV e sífilis entre profissionais do sexo em Praia Grande <i>Renata Cisneros Felsh Guimarães</i>	424
Migração e aids: obstáculos à prevenção no Nordeste <i>Lígia Regina Sansigolo Kerr Pontes</i>	425
Projeto aids e juventude <i>Andrea Teixeira Matheus</i>	427
Caracterização das mulheres vivendo com HIV que usam camisinha feminina <i>Andrea da Silveira Rossi Iuspa</i>	428
Instituto ou projetos investigações em saúde e desenvolvimento social <i>ISDS - Instituto de Projetos em Saúde e Desenvolvimento</i>	430
Redução de danos entre presos ditos psiquiátricos: características e desafios <i>Omar Alejandro Bravo</i>	431

Universidades: experiência vitoriosa na Universidade de Minas Gerais <i>Sandra Maria Brunini de Souza</i>	432
Entre meninas - prevenção de DST/HIV/aids e gravidez precoce com meninas adolescentes <i>Rosângela de Sena e Silva</i>	434
Sensibilização quanto à problemática social da epidemia HIV/aids e aconselhamento para realização do teste do HIV <i>Sueli Cristina Oliveira Prates Viotto</i>	436
Inserindo o acadêmico de medicina na promoção à saúde do adolescente <i>Rosângela Ziggiotti de Oliveira</i>	438
A institucionalização do abandono social da infância - o olhar de coordenadores sobre as práticas de instituição de atenção a crianças e adolescentes de rua <i>Michella Florência B. Câmara</i>	439
Análise da aplicação aconselhamento pré-teste e pós-teste nos indivíduos que procuram voluntariamente um serviço especializado de aids para testagem anti-HIV <i>Ana Lúcia Lei Munhoz Lima</i>	441
Prevalência de DST em pacientes do SAE de Nova Iguaçu <i>Rosa Maria Domingues de Sá Bittencourt</i>	443
Perfil da sífilis congênita - NI/RJ <i>Vânia Reis Girianelli</i>	444
Projeto Teia <i>Lúcia Maria Xávier de Castro</i>	445
Fatores associados à sorologia HIV positiva entre usuários de um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) no Rio de Janeiro - RJ <i>Rosane Harter Griep</i>	446

Uso do preservativo entre usuários de um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) no Rio de Janeiro <i>Sônia Maria Batista da Silva</i>	447
História de risco em mulheres HIV/SIDA em hospital de doenças tropicais - Araguaína - TO <i>Rosângela do Socorro Pereira do Ribeiro</i>	448
Avaliação e implemento das notificações de DST <i>Ana Cléia Lourenço Freire</i>	449
Prevenção das DST na comunidade do lixão <i>Raimunda Freiras de Oliveira</i>	451
Projeto caminhoneiros <i>Luciano Toledo</i>	452
Profissionais do sexo vinculados às unidades básicas de saúde <i>Renato Villanova Benages</i>	454
Vestindo uma feminina camisinha: limites e possibilidades de uma intervenção psicossocial <i>Maria Juraci de Andrade Dutra</i>	456
Povos e tribos: lutando contra aids <i>Uruana Borges de souza</i>	458
Desenvolvimento de material educativo em DST/aids para a comunidade indígena Munducuru <i>Valney Mara Gomes Conde</i>	459
Conhecimento e prevenção em adolescentes de rua <i>Márcia Lessa Fernandes</i>	460
Contribuição da epidemiologia no aconselhamento para HIV/aids <i>Patrícia Moura da Silva Guercio</i>	462

Mulheres e aids <i>Graziela Osele Ferro Ramos</i>	464
Pesquisa em aids: dificuldades de adesão de indivíduos soronegativos <i>Fernanda Pessolo Santos</i>	465
Conhecer para intervir - perfil das travestis trabalhadoras do sexo em Sergipe <i>Eliana Chagas Silva</i>	467
Enfoque social e proctológico do travesti em Aracaju <i>Mário Vidal</i>	469
Atividades de prevenção extra-muro em DST/aids: uma estratégia para equidade de acesso à informação <i>Maria Irene dos Santos</i>	471
Na rota da prevenção: projeto redução de danos aids - drogas executado pelo Gapa - RG <i>Paulo Neri Rocha Moraes</i>	473
A gestão em parceria de projetos de saúde em DST/aids: a emergência de um estilo gerencial, uma experiência testada <i>Márcio Tadeu Ribeiro Francisco</i>	475
Os usuários usam realmente os preservativos que retiram no serviço de saúde? <i>Dulcinéia Pinto de Toledo</i>	476
Programa de redução de danos-dificuldades facilidades frente à institucionalização <i>Vicença Paula Soares Querrer</i>	477
Analisando as percepções de uma comunidade frente as percepções da aids e do uso abusivo de drogas <i>Daiana Cristina Machado Alves</i>	479

Análise do fluxo de distribuição de preservativos <i>Yone Xavier Felipe</i>	481
Articulação interinstitucional para garantir o direito da criança à prevenção da transmissão vertical <i>Lis Aparecida de Souza Neves</i>	483
O perfil socioeconômico de moradores de rua usuários da casa de passagem recriarte submetidas a teste rápido para sífilis – Determine <i>Bianca Marques Cardoso do Prado</i>	485
Atuação do serviço de odontologia do SAE do município de Rondonópolis <i>Rafael Pessoa Martello de Souza</i>	487
Preservativo feminino, te interessa? <i>Maria Margarida Glad Gonçalves</i>	489
Un dilema en salud mental: burnout y sida <i>Martearena Carmen R.</i>	490
O inegável aumento de sobrevivência das crianças com HIV <i>Luiza H. Matida</i>	491
O comportamento feminino face à prevenção do HIV/aids <i>Maria da Consolação Pitanga de Sousa</i>	493
O PRD de Porto Alegre - RS, o olhar de um redutor usuário de drogas <i>Mirtha Sendic Sudbrack</i>	494
Transmissão vertical do HIV, análise de 29 gestantes acompanhadas no HUPE - Hospital Universitário Pedro Ernesto <i>Valéria Ribeiro Gomes</i>	495

Buscando caminhos seguros: papel educativo do banco de leite materno <i>Valderez Araújo de Lima Ramos</i>	497
DST/aids: comportamento sexual, conhecimentos e representações entre homens que fazem sexo com homens na cidade de Maceió - AL <i>Júlio Daniel e Silva Farias</i>	499
Pessoas vivendo com HIV/aids - casa de apoio <i>Benedito Batista dos Santos</i>	501
Os sentimentos vivenciados pelas mulheres que vivem com HIV/aids: um estudo preliminar <i>Carla Luzia França Araújo</i>	502
Dificuldades de adesão à terapia anti-retroviral a características de cuidadores e crianças atendidas no ambulatório de aids pediátrica do Hospital Infantil N. S. da Glória (HINSG), em Vitória - Espírito Santo <i>Cleide Auxiliadora dos Santos Baratto</i>	503
Aspectos éticos da relação médico/paciente HIV + N HULW <i>Severino Ramos de Lima</i>	505
Quimioprofilaxia pós-exposição por violência sexual <i>Valéria Karina da Rosa</i>	507
Desenvolvimento de RH para ações integradas de atendimento <i>Hélio Pascoal Bianchi</i>	508
Planejamento popular no planejamento das ações de DST/aids <i>Mônica Rocha</i>	509
Sem pena da aids - intervenção na população carcerária feminina <i>Lígia Mara Dolce de Lemos</i>	511

Caracterização do redutor de danos dos projetos de redução de danos do estado de SP <i>Elisabete Paganini</i>	513
Super-homem: sou macho e daí? <i>Rita de Cássia Haiek Kenchian</i>	514
O profissional de saúde e a aids <i>Jorge Chammas</i>	516
Grupo de interface: uma proposta para a sustentabilidade das ações de prevenção DST/aids <i>Danila Paula Carneiro de Oliveira</i>	517
Análise do fluxograma para utilização de quantificação de RNA em crianças nascidas de mães infectadas pelo HIV <i>Bittencourt, R. A. C.</i>	518
Pessoas vivendo com HIV/aids e a sustentabilidade para casa de apoio <i>José Luiz Gomes Pereira Loureiro</i>	520
Parcerias de prazer, saúde e direitos: prevenção de DST/aids entre pessoas que comercializam sexo na cidade de SP <i>Maria Cristina Abbate</i>	522
Avaliação da quantidade da cobertura de pré-natal e da realização de sorologia anti-HIV no município de Bauru - SP <i>Heloísa Ferrari Lombardi</i>	524
PACS/PSF também na luta contra DST/aids <i>Regina Célia Marcondes Nogueira</i>	526
Um olhar sobre as condições de vida e vulnerabilidade social de duas comunidades quilombanas: Ivaporunduva (SP) e Cajueiro (MA) <i>Raquel Souzas</i>	528

Sesi prevenção às DST/aids nas empresas <i>Walkyria Porto Duro</i>	530
Relato de experiência: troca de seringas em ambulatório de DST/aids <i>Joel Coradete Jr.</i>	531
Proposta de capacitação para profissionais do PSF <i>Simone Paes de Melo</i>	532
Redução da vulnerabilidade dos trabalhadores comerciais do sexo através do acesso ao serviço de atenção básica <i>Carla Gianna Luppi</i>	534
Adesão das gestantes à testagem anti-HIV <i>Cilmara Molina</i>	536
O atendimento psicossocial aos portadores de HIV/aids <i>Eliane Veiga Porta</i>	537
Implantação do programa de redução de danos na prevenção <i>Rossana Costacurta</i>	539
Intercorrência clínica: um espaço para aconselhamento em uma coorte de HSH <i>Marco Aurélio de Oliveira Goes</i>	541
Comportamento contraceptivo de mulheres com aids da cidade de Santo André - SP <i>Regina Figueiredo</i>	543
Prevenção das DST/HIV/aids junto às mulheres de baixa renda em Guarujá, São Paulo, Brasil <i>Joana Gonçalves Vieira de Souza</i>	545
Fontes de informação e aprendizado de adolescentes sobre puberdade e sexualidade- parte I <i>D'afonseca L. G.</i>	546

Prevenção das DST/HIV/aids junto à população de HSH <i>Luís Eduardo dos Santos</i>	547
Prevenção de acidentes com material biológico <i>Anacely da Silva Rodrigues</i>	548
Perfil laboratorial para HIV1 e 2 e sífilis nos usuários do CTA de Vitória da Conquista - BA <i>Maria Tereza Magalhães Moraes</i>	550
Teatro de bonecos: uma alternativa para a promoção do uso do preservativo entre jovens <i>Kátia Adriane Rodrigues Ferreira</i>	552
Desenvolvendo atitudes profissionais no cotidiano da prostituição como estratégia de estímulo à autodeterminação e a cidadania dos profissionais do sexo <i>Marcos Renato Benedetti</i>	554
Instituição Av aids, associação de voluntários no apoio aos portadores de aids <i>Alma C. Santander</i>	556
Sol da prevenção <i>Ivone Rodrigues</i>	558
Jovens multiplicadores de informação e saúde/DST/aids <i>Fabiano Lopes Penha</i>	560
Campanha de testagem anônima no dia 1º de dezembro <i>Regina Pimentel Loureiro</i>	562
Acolhendo para a vida <i>Jardete Gomes Barbosa</i>	567
Projeto Dignoite <i>Gabriel Henrique Furquim</i>	566

Aids em debate <i>Carlos Alberto Ebeling Duarte</i>	567
Associação Lar - uma moradia coletiva para pessoas soropositivas para o HIV, construindo um processo participativo de sustentabilidade <i>Elisabete Cintra</i>	569
Impacto da aids e das doenças infecciosas e parasitárias na mortalidade de Fortaleza - Ceará, no período de 1996 a 1999 <i>Mônica Cardoso Façanha</i>	571
Características epidemiológicas dos casos de aids em idosos no estado do RJ <i>Kátia Sanches</i>	572
Previna mulher <i>Maria Roney de Queiroz Leandro</i>	573
Saúde coletiva, a aids on the dental clinical, new paradigmas <i>Mário Alfredo Silveira Miranzi</i>	575
Refazendo caminhos os guarani Mbya e a prevenção das DST/aids <i>Jane Portella</i>	577
Redução de danos uma experiência itinerante na região centro do Rio Grande do Sul <i>Francisco Avelar Bastos</i>	579
Construção de uma rede de apoio municipal para sustentabilidade de desenvolvimento de programas de prevenção às DST/aids <i>Gerônimo Ferreira Vilhanueva</i>	581
O uso de vídeos educativos como estratégia na prevenção da aids em mulheres construindo a cidadania feminina <i>Ludmila Fontenelle Cavalcanti</i>	582

Aconselhamento para o sexo seguro e distribuição de preservativos, experiências do projeto convivência - Hospital Universitário de Brasília <i>Eliane Maria Fleury Seidl</i>	584
Programa de redução de danos: prevenção à aids entre os usuários de drogas injetáveis na cidade de Gravataí - RS <i>Rosa Mayer</i>	586
Silêncios e falas: escolhas e práticas das assistentes sociais frente ao HIV/aids no RN <i>Gláucia Helena Araújo Russo</i>	588
Intervenção comportamental na adoção de práticas de sexo seguro entre profissionais do sexo feminino no bairro do centro histórico - Pelourinho <i>Sandra Regina Mendonça Lemos</i>	590
Sexualidades, formação de multiplicadores nos ambientes de trabalho e carcerário <i>Fábio Lopes Pedro</i>	592
Os signos do afeto - promovendo a prevenção do HIV nas relações afetivas amorosas entre profissionais do sexo <i>Carla Patrícia Gomes de Almeida</i>	594
Prevenção em DST/aids junto a profissionais do sexo feminino em Itanhaém - SP <i>Maria del Mar Perpectua Eiras Rodrigues</i>	595
Implementação de um projeto de redução de danos do município de Ribeirão Preto: uma pesquisa participante <i>Paula Chaves Garducci</i>	596
Mulheres com vida <i>Eliza Ribeiro T. Pereira</i>	598

Sustentabilidade de organização não-governamental <i>Silvia Fernanda de Paula</i>	599
Formação de multiplicadores para prevenção de DST/aids em grupo de adolescentes cumpridores de medidas socioeducativas <i>Mirna Dib Minelli</i>	600
Prevalência de sífilis em moradores de rua numa casa de passagem recriarte em São Paulo <i>Roberto José Carvalho da Silva</i>	601
Negociação do sexo seguro entre travestis e seus parceiros fixos vulnerabilidade e prevenção <i>Alice da Silva Ribeiro Firmino</i>	603
Prevenção também se ensina: construindo uma mentalidade preventiva <i>Silvana Augusto</i>	605
Perfil sociodemográfico de pacientes aconselhados para DST em unidades de referência <i>Maria Alix Leite Araújo</i>	607
Saída a campo PRD - RJ <i>Raquel Carvalho Sol</i>	609
Projeto - comunidade favela Inajar: contribuição à redução da contaminação pelo HIV entre mulheres jovens e adolescentes <i>Carmen Linda Brasiliense Fusco</i>	611
O papel de agentes comunitários de saúde no fortalecimento da rede de prevenção de danos entre usuários de drogas: a experiência de uma parceria distrito sanitário Cabulo Beirú em Salvador <i>Lília Oliveira de Araújo</i>	613

Prevenção às DST/aids na estrada - o caminhoneiro inteligente - Feira de Santana - Bahia <i>Denise Lima Mascarenhas</i>	614
A importância da participação dos soropositivos ao grupo de adesão <i>Silvana Cristina Cardoso Soares</i>	616
É de lei! Assessoria jurídica em direitos humanos <i>Gilberto Ferreira de Araújo</i>	617
Vulnerabilidade: uma experiência com caminhoneiros <i>Vânia Camargo da Costa</i>	618
Projeto Trupe da Saúde <i>José Marmo da Silva</i>	620
Oficinas de Sexualidade para Adolescentes <i>Regina Célia Andreazzi</i>	622
Fatores associados a comportamentos de risco para DST entre mulheres HIV positivas <i>Michel Georges dos Santos el Halal</i>	624
Implementação da oferta da sorologia à vigilância das gestantes HIV positivas e crianças expostas nas unidades básicas de saúde de Fortaleza <i>Maria do Socorro Cavalcante</i>	626
Semeando contra a aids <i>Eliacir Pedrosa da Silva</i>	628
Conhecimentos, atitudes e práticas dos trabalhadores da construção civil de baixa renda/RJ sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST e HIV/aids <i>Mônica Malta</i>	629

Proposta de política de distribuição de preservativo masculino na cidade de São Paulo <i>Anna Luiza de Fátima Pinho Lins Gryschek</i>	631
Projeto água marinha - uma experiência institucional de redução de danos <i>Luciana Oliveira Villarinho Rodrigues</i>	633
Estudo de fatores de risco para uso regular em um serviço público de Minas Gerais <i>Nádyá Maciel Bomtempo</i>	635
Visão preliminar, projeto piloto I - DST e aids, educação, saúde e meio ambiente Povo Paresi - Mato Grosso <i>Rosa Mari Guimarães Godinho de Moraes</i>	637
Adolescer fazendo arte: um olhar diferente para o adolescente <i>Regina Fátima Agra Cardoso</i>	639
Assistência ambulatorial às pessoas com HIV/aids <i>Alexandre Meyer Alves de Lima</i>	640
O ser “velho” e estar com aids uma aproximação ao problema <i>Mariana de Albuquerque Dias Aderaldo</i>	641
De mulher para mulher: sala de conversa exclusiva <i>Juçara Portugal Santiago</i>	642
Monitoramento e avaliação do programa aids/escola <i>Ciomara de Freitas Gonçalves</i>	644
Institucionalização e sustentabilidade das ações <i>Fátima Verônica Teixeira de Lima</i>	646
Malandro sem camisinha não dá - Mato Grosso <i>Luiz Fernando Rogério</i>	648

Estado do Rio Grande do Sul experiência com terapia de resgate <i>João René de Mattos Rodrigues Filho</i>	650
A invisibilidade das instituições de ensino superior de São Paulo nas ações de prevenção às DST/aids <i>Helena Lima</i>	651
Incertezas, dificuldades e desafios: um estudo sobre as mulheres portadoras de HIV/aids em Mossoró – RN <i>Samara da Costa Bandeira de Freitas</i>	652
O grupo temático do UNAIDS no Brasil <i>Naiara Garcia da Costa</i>	654
Material educativo	
Álbum seriado para agentes multiplicadores indígenas <i>Nazira Scaffi</i>	659
Treinamento para balconistas de farmácias privadas prevenção DST aids <i>Joyce Matsuda</i>	660
A peleja de Zeca treponema contra Chico Gonococo <i>Jair Maciel de Figueiredo</i>	661
Usando a criatividade na reorganização de materiais <i>Fátima Regina de Almeida Lima Neves</i>	662
Material educativo para trabalhos de promoção de saúde e prevenção das DST/aids e o uso indevido de drogas <i>Rosalina Carvalho Silva</i>	664
Material educativo de saúde bucal para gestantes, bebê, crianças expostas e infectadas pelo HIV <i>Nildiceli Leite Melo Zanela</i>	666

Estudo nacional de soroprevalência de sífilis entre puérperas: (II) avaliação dos serviços participantes <i>Elisabeth França</i>	668
Cartilha aids e imprensa <i>Márcia Vilella</i>	670
Fazendo prevenção com arte e com afeto: vídeo educativo <i>Jeane Freitas de Oliveira</i>	671
Amor a vida e ações preventivas <i>Alessandro Monte</i>	673
Vídeo: Prevenção à aids na etnia terena <i>Nazira Scaffi</i>	674
A prevenção de DST aids em mulheres de baixa renda a elaboração de cartilhas no processo educativo <i>Margarita Silva Diercks</i>	675
Vídeo vai rolar? <i>Alexandre do Valle Menezes</i>	677
Candomblé saúde e axé <i>Luiz de Barros Mott</i>	678
Programa de rádio- grupo vida socializando informações <i>Maria Elena Girardi</i>	679
Rnp+ no ar <i>Sérgio Amorim</i>	680
Transmissão vertical e aconselhamento em teste rápido intra-parto <i>João de Deus Reck Lima Jr.</i>	681
Agenda jovem - produção de material educativo <i>Rita de Cássia Araújo Alves Mendonça</i>	682

Não seja um “pamonha”, no São João use camisinha <i>José Almir Santana</i>	683
La rosa de los ventos <i>Monica Galeano Velasco</i>	684
Boletim do Fórum Rio - um informativo para comunicação entre as ONG/aids do Estado RJ <i>Roberto Pereira</i>	686

Modalidade

ORAL

NÚCLEOS COMUNITÁRIOS DE PREVENÇÃO: UM SERVIÇO COMUNITÁRIO

Autor: Wanda Lúcia Branco Guimarães

Apresentador: Wanda Lúcia Branco Guimarães

Contato: wanda@cedaps.org.br

Co-autores: Kátia Edmundo; Maria do Socorro Vasconcelos Lima; Ana Paula Baptista; Denildes da Silva; Daniel Becker; Colins - Grajaú Jacarepaguá e Lins; Associação de Mulheres do Morro dos Telégrafos;

Instituição: Cedaps - Centro de Promoção da Saúde

Palavras-chaves: Intervenção Comunitária, Religião, População de Rua

Resumo: A interiorização da temática DST/AIDS no cotidiano de comunidades empobrecidas no Rio de Janeiro é uma necessidade atual do controle da epidemia no Brasil. A população com baixa escolaridade precisa aproximar-se das discussões e informações pertinentes ao HIV/AIDS, para que possa aumentar seus níveis de conhecimento e adoção de práticas preventivas. A implantação de Núcleos Comunitários de Prevenção em sedes de associações comunitárias através dos quais Agentes de Prevenção organizam e desenvolvem atividades desportivas, culturais, encontros educativos, eventos, abordagem de rua, grupos de vizinhos, cartazes em biroscas; visitas domiciliares, vídeos/debates, dentre outras vem demonstrando ser uma estratégia adequada. Utilizamos diferentes estratégias de comunicação para ampliação da informação, partindo da realidade e cultura local. São criados e distribuídos folhetos ilustrativos, imãs para geladeira, cartazes, programas em rádios comunitárias, murais, camisetas temáticas; plantões com orientações e encaminhamentos básicos; camelões educativos, distribuição de preservativos, disponibilidade de materiais educativos para consulta e empréstimo, orientação e aconselhamento, se consolidando como um serviço de referência para população. O projeto Núcleo Comunitário de Prevenção está implantando em 7 Complexos de comunidades no Rio de Janeiro, contando com a atuação de 16 agentes comunitários de prevenção. O estabelecimento de Núcleos no interior das comunidades e a ação cotidiana dos agentes comunitários de prevenção favorece o alcance dos segmentos sociais excluídos e marginais, registrando aumento da busca espontânea de preservativos; crescente cadastro de usuários sistemáticos; mais de 2000 pessoas /ano envolvidas nas atividades. Estamos atualmente em vias de formatação e desenvolvimento de uma pesquisa para descobrir pistas de sustentabilidade deste serviço

comunitário na articulação com o Sistema Único de Saúde (SUS). A experiência nos aponta que projetos de prevenção das DST/AIDS em comunidades empobrecidas devem contemplar a construção compartilhada de caminhos que se articulam e complementam por prevenção e solidariedade. O envolvimento de associações comunitárias na gestão de projetos de prevenção representam um caminho importante no processo de desenvolvimento local e favorecem o surgimento de espaços concretos de promoção de saúde.

DEMOCRATIZANDO A INTERNET - INCLUSÃO SOCIAL E PREVENÇÃO DE DST/AIDS

Autor: Márcia Gomes Mamud

Apresentador: Márcia Gomes Mamud

Contato: crbetinho@bol.com.br

Co-autores: Aparecida G. Rocha de Mendonça; Débora dos Santos; Marcílio Paulon Filho; Rosana Kafka;

Instituição: Associação dos Funcionários do Centro de Referência

Palavras-chaves: Organização não Governamental, Serviços de Prevenção, População em situação de pobreza

Resumo:

Contextualização: Observando que o mundo virtual tem ganho cada vez mais espaço/importância e o pouco ou nenhum acesso que a população atendida na área de abrangência do C.R. (Centro de Referência em DST e AIDS Herbert de Souza - Betinho)-Sapopemba, zona leste da cidade de São Paulo tem, montamos uma home page para possibilitar que pacientes e comunidade envolvida em trabalhos na Unidade possam comunicar-se com outras pessoas envolvidas/preocupadas com a Aids.

Descrição/método: Na home page oferecemos informações sobre DST e AIDS, além de dicas de nutrição para soropositivos ou doentes de AIDS e orientação para quem está cuidando de alguém com AIDS. Oferecemos páginas interativas, onde os internautas sugerem o assunto que será discutido naquele mês, e adolescentes envolvidos em trabalhos com a equipe de prevenção ajudam na elaboração. Respondemos questões sobre DST, AIDS, Sexualidade, Drogas. Envolvermos todos os profissionais e pacientes do C.R., seja convidando-os para escrever matérias, seja solicitando ajuda para as respostas aos e-mails. Nosso próximo passo será montar uma sala dentro do C.R., onde pacientes e comunidade possam além de ter o contato direto com os demais internautas, receberem aulas de informática.

Principais resultados: Há 3 meses no ar, a página foi visitada por 4000 pessoas. A maioria dos que se comunicam conosco estão na faixa de 12 a 19 anos, as dúvidas estão relacionadas a formas de contaminação/sintomas das DST e AIDS, lugares onde realizar o teste anti-HIV, a primeira transa, gravidez, orgasmo. Envolver adolescentes da comunidade na contribuição de material para a página, garante que a linguagem/ assunto alcance nosso público. Para os pacientes, o fato de seus

depoimentos estarem disponíveis ao “mundo”, é algo que os estimula a obterem novas informações sobre medicamento/tratamento e mais do que isso, a repensarem suas próprias vidas ao escutarem-na sendo contadas primeiro por eles mesmos e depois podendo lê-las na home page, receber recados de quem as lê é sempre um momento emocionante. Poder contar tudo o que ocorreu nos últimos anos e o quanto tudo mudou: a forma de ser/pensar/sentir/agir torna possível a percepção do enriquecimento da própria história.

Conclusões: o número de visitantes que entram em nossa página diariamente e o número de e-mails e recados enviados mostram que este é um espaço que merece investimento. Envolver os pacientes do C.R. e os adolescentes da comunidade neste trabalho, mobilizando-os para algo tão diferente das possibilidades do universo em que vivem, colocá-los como protagonistas do trabalho de Prevenção, favorece o auto-cuidado, a auto-proteção. Para os profissionais responsáveis pela montagem/manutenção da página, cada matéria entregue, cada e-mail que chega, é um novo desafio na compreensão dos múltiplos fatores envolvidos na evolução da epidemia. Consideramos a auto-estima positiva fator indispensável no cuidar-se - envolver-se neste projeto, é favorecer que isto ocorra.

CONTINUIDADE DE USO DO PRESERVATIVO FEMININO ENTRE MULHERES DE BAIXA RENDA DE SÃO PAULO

Autor: Suzana Kalckmann

Apresentador: Suzana Kalckmann

Contato: fesuz@uol.com.br

Co-autores: Renato Barboza; Maria Aparecida Moreira;

Instituição: Instituto de Saúde -SES/SP

Palavras-chaves: preservativo feminino, População em situação de Pobreza

Resumo: Programa Municipal iniciou, em 1998, projeto de prevenção para populações em situação de pobreza, nesses locais. Foi realizado o monitoramento da dispensação do PF, em 3 projetos comunitários, por um ano. Objetivando avaliar a sua aceitabilidade em população de baixa renda. Verificar se a alta aceitabilidade inicial do PF, descrita em outros estudos, se mantém. A rede de multiplicadores (30) desses mutirões foi capacitada para incorporar o PF às ações preventivas (oficinas de sexualidade, aconselhamentos, dispensação de preservativos masculinos) que já realizavam. O PF foi disponibilizado através de oficinas, enfatizando a dupla proteção, o manuseio do método, questões de gênero e vivência da sexualidade. As interessadas em experimentar recebiam duas unidades e respondiam a uma ficha. Para as que desejassem continuar o uso, foi disponibilizada uma cota de até 8 PF/mes, completada com o masculino. A cota é liberada após grupos de discussões. Foi estabelecida, cota de 100 mulheres/mês por mês, por projeto. No total, 292 mulheres iniciaram o uso do PF em 2000 (maio, junho, julho). A maioria (92,8%) com parceiro sexual fixo, das quais 83,7% coabitando com eles; 36,1% desenvolvem atividades remuneradas, têm idades entre 15 e 55 anos (média de 31,6 anos); Quanto a escolaridade: analfabeta (2,8%), primário incompleto (27,2%), primário (29,0%), ginásial (21%), colegial (17,6%) e universitário (2,4%); Do total 40,6% era usuária de preservativo masculino, 29,5% de hormonais e 9,3% estavam laqueadas. Vale ressaltar que 12,7% nunca haviam experimentado algum preservativo anteriormente. Aos 90 dias, 80% das mulheres estavam em uso do PF. Aos 240 dias, viu-se que 85,7% das mulheres (250) continuavam participando, delas 39,4% usavam apenas o preservativo masculino, 5,2% só utilizam o preservativo feminino e 43,6% usavam os dois. No total 48,8% das mulheres usavam o preservativo feminino. Houve alta aceitação inicial. E a continuidade de uso entre essas mulheres (baixa

renda, organizadas e vinculadas a movimentos sociais) foi alta, indicando que o acesso ao novo método aumentou, de forma decisiva, a proporção de mulheres que estão se prevenindo. Este trabalho evidenciou que há uma demanda para alternativas de prevenção. Indica também que para a incorporação do preservativo feminino ao cotidiano dessas mulheres é fundamental que se desenvolva espaços onde elas possam ter acesso ao insumo, orientações adequadas, troca de experiências com uma perspectiva de exercício de cidadania.

REPRESENTAÇÕES DE DST E AIDS PARA OS ÍNDIOS TERENA DA CIDADE DE CAMPO GRANDE

Autor: Nazira Scaffi

Apresentador: Nazira Scaffi

Contato: iativa@terra.com.br

Co-autores: Adriano Luis Pardo; Cristina Hebe Scardini; Ivanir Mascarenhas; Robaldo; Viviane Gimenez Paes; Silvia Lopes Otacio;

Instituição: Interativa Projetos e Intervenção

Palavras-chaves: Povos Indígenas

Resumo: O trabalho de prevenção de DST e AIDS entre indígenas tem nuances bastante diferenciados daqueles a que estamos habituados ao tratar de não índios. A assimilação de conceitos novos, a comunicação, a transmissão dos conteúdos relativos às DST e AIDS para os povos indígenas fica bastante dificultada diante da diversidade de concepções, cosmovisão e comportamentos em relação à sexualidade. Estes, ainda poucos estudados, representam obstáculos para a eficácia das ações de prevenção. É praticamente impossível para alguém de outra etnia conhecer e compreender o modo de pensar de um povo, sentir como eles, sem conviver longo tempo no meio deles, no seu cotidiano (Geertz, 1995). Na tentativa de minimizar este problema, o projeto Assumindo as Diferenças Prevenção de AIDS entre índios Terena do MS, está desenvolvendo uma pesquisa qualitativa, utilizando a metodologia de grupos focais, com homens, mulheres e adolescentes, em três grupamentos de indígenas da cidade de Campo Grande. Ainda em fase de execução, as observações preliminares demonstram que o indígena tende a diferenciar o que considera doença de branco daquela que pode acometê-los; os comportamentos de homens, mulheres e jovens, embora residentes na cidade e sob influência da mídia e das religiões tendem a seguir o modelo tradicional, onde a infidelidade não tem o mesmo peso moral da sociedade nacional. Conclui-se, preliminarmente, que a intervenção no contexto interétnico deve valer-se de metodologias que permitam acessar a subjetividade deste povo, tal como o Psicodrama (Moreno, 1992), e que seja desenvolvida de forma participativa a busca de soluções para o problema da epidemia, que considere os valores culturais, fazendo dos próprios indígenas os sujeitos do processo de planejamento e execução das ações de prevenção. Através desta pesquisa pretende-se confirmar a assertiva de que somente os próprios indígenas, devidamente capacitados nos conteúdos referentes às DST e

AIDS, na condição de agentes multiplicadores, utilizando elementos de sua própria cultura, seu idioma e cosmovisão, serão capazes de encontrar argumentos e analogias que possam convencer seus patrícios a refletirem sobre a importância e necessidade de prevenção. Os planejadores de programas de prevenção entre indígenas devem levar em consideração seu modo peculiar de encarar e abordar o problema.

PREVENÇÃO DAS DST E AIDS EM ÁREAS INDÍGENAS BORORO

Autor: Rosa Afonsina Matos Rocha

Apresentador: Rosa Afonsina Matos Rocha

Contato: aids@rondonopolis.mt.gov.br

Co-autores: Irenilda Araújo Bugalho; José Mário da Silva Filho; Maria Conceição Fontoura; Mariuva Valentin Chaves;

Instituição: Fundação Nacional de Saúde

Palavras-chaves: Etnia, Povos Indígenas

Resumo: O povo Bororo, um a população atual de 1.123 índios, vivem no Estado de Mato Grosso em aproximadamente 130.000 hectares de terra, aproximadamente com as cidades, o grau de avanço de integração e o alto consumo de bebida alcoólica, torna o índio Bororo muito vulnerável a contrair qualquer doença, principalmente as doenças sexualmente transmissíveis. O projeto de Prevenção as DST/AIDS, tem como objetivo implantar um programa de informação, prevenção e ações de controle das DST/AIDS nas doze (12) aldeias Bororo, já que foram detectados casos de DST, com percentual de 13,1% de Gardenerella e 18,2% de Gonorréia. A metodologia utilizada é a problematizadora, que parte da valorização do conhecimento prévio do educando e do papel facilitador do instrutor para a construção do conhecimento científico, respeitando as especificidades do grupo. Utilizando recursos pedagógicos como: dramatização, simulação, desenhos, trabalhos de grupo, textos de apoio, debates e audiovisuais. No primeiro momento foram capacitados os multiplicadores, e no segundo momento a equipe formada por servidores da Fundação Nacional de Saúde, Secretaria Municipal de Saúde de Rondonópolis e Secretaria Estadual de Saúde de MT, deslocou para os Postos Indígenas Tadarimana, Gomes Carneiro, Meruri, Sangradouro, Garças e Perigara (faltando apenas o Posto Indígena Piebaga) onde foram realizadas capacitações de Aux. de Enfermagem, Professores do Projeto Tucum, Agentes Indígenas de Saúde, liderança, parteira, cacique e chefe dos Postos indígenas. Foram capacitados quatorze (14) multiplicadores índios, oito (08) parteiras, oito (08) professores, sete (07) chefes de postos indígenas, dez (10) agentes indígenas de saúde, oito (08) aux. de enfermagem, oito (08) caciques e 80% da população Bororo.

Pelo fato do projeto encontrar-se em curso, não temos avaliação final, podemos dizer que já houve mudança parcial nos hábitos de alguns índios

no que refere-se a participação dos idosos nas reuniões, havia preconceito dos mesmos, o uso de preservativo por parte de alguns índios, e cobrança das mulheres índias quanto a distribuição do preservativo feminino.

ANÁLISE DO TRABALHO DESENVOLVIDO NO COAS - CTA BAURU

Autor: Maristela Pastore de Oliveira

Apresentador: Maristela Pastore de Oliveira

Contato: smsbauru@techno.com.br

Co-autores: Mafalda Sparapan; Silvia Cristina Prestupa; Maria de Fátima Ban; Heloisa M M Juncal;

Instituição: Prefeitura Municipal de Bauru - Secretaria Municipal de Saúde - Programa Municipal de DST/AIDS

Palavras-chaves: Aconselhamento, Serviços de Prevenção, População em Geral

Resumo: Avaliar o fluxo de pessoas usuários do COAS/CTA de Bauru desde a sua implantação em agosto de 1995 até abril de 2001 e analisar se a atuação e divulgação do trabalho oferecido está atingindo o público alvo (adultos homens e mulheres, profissionais do sexo, homens que fazem sexo com homens - HSH e universitários).

Descrição: Levantamento estatístico mensal e anual usando como parâmetro: faixa etária, sexo, categorias de risco e procura espontânea à sede do serviço e a participação do usuário pelos trabalhos extra-muro.

Principais Resultados: Com a implantação do COAS/CTA Volante em 1998 e sua afirmação como atividade extra-muro em 1999 percebeu-se que o fluxo de pessoas atendidas na sede do COAS/CTA diminuiu, mas , o aumento estatístico médio final para o ano de 1999 foi significativo , confirmou-se isso em 2000, quando houve queda do total de atendimento diretamente relacionado à queda das atividades extra-muro (COAS/CTA Volante) . Não havendo mudança significativa entre o perfil de pessoas que procuram o serviço em relação a faixa etária, sexo e categoria de risco.

Conclusões: Detectamos que o perfil predominante em relação a idade é entre 20 a 49 anos e sabendo que essa é a faixa etária mais produtiva da sociedade correlacionou-se com a dificuldade de acesso a sede do COAS/CTA devido ao seu atual horário (13h00 às 17h00) de funcionamento e a queda das atividades extra-muro. Diante do exposto pretendemos melhorar a estratégia de divulgação do serviço, de forma a sensibilizar maior número de pessoas sobre a importância e necessidade de orientações corrigem em relação as DST's/Aids. Ampliar horário de funcionamento, facilitando o acesso da população à sede do COAS/

CTA. Promover maior número de atividades extra-muro e ampliar a atuação do COAS/CTA Volante, garantindo assim um trabalho preventivo junto a comunidade, bem como caminhar para a sua sustentabilidade.

CADERNO A: DE ADOLESCENTE PARA ADOLESCENTE -
PREVENÇÃO DE DST/HIV/AIDS COM ADOLESCENTES
USUÁRIOS DE DROGAS E CURIOSOS

Autor: Rosângela de Sena e Silva

Apresentador: Terezinha Vieira Junckes

Contato: casaa@terra.com.br

Co-autores: Vera Regina de Aquino Vieira;

Instituição: CASA - Centro de Assessoria à Adolescência

Palavras-chaves: Adolescentes/ Adulto Jovem, Usuários de Drogas

Resumo:

Contextualização: Em Santa Catarina em julho de 2000 dos 6928 casos de Aids notificados, 2757 eram UDI. Nos municípios da Grande Florianópolis ainda não dispõem de serviços de Atenção a adolescentes usuários de Drogas. Preocupado com esta questão o CASA propõe a implementação de um processo de interação face a face, entre pares, através do Grupo de Adolescentes multiplicadores, a elaboração de um material educativo destinados aos adolescentes usuários de drogas com o objetivo de contribuir com a prevenção de DST/HIV/Aids e Hepatites.

Descrição: Projeto IC- abril a outubro de 2001 - de discussões e informações sobre a prevenção da transmissão do HIV/Aids/DST com adolescentes usuários de drogas e curiosos. O Grupo de adolescentes do CASA, a partir de Oficinas sobre Redução de Danos, elaborará um material educativo a ser disponibilizado aos profissionais de saúde previamente sensibilizados para atendimento aos adolescentes nos serviços de saúde.

Resultados: abril-junho/2001. O projeto é pioneiro em discutir Redução de Danos com Adolescentes na Grande Florianópolis. Estamos em fase de conclusão das oficinas e na produção do material.

Conclusões: Observa-se a necessidade de implantar um PRD com adolescentes.

PROJETO ADOLEGAL - A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO AGENTE DE PREVENÇÃO EM DST/AIDS

Autor: Danielle Ribeiro de Moraes

Apresentador: Danielle Ribeiro de Moraes

Contato: danimoraes@ieg.com.br

Co-autores: Adriana Nascimento; Amilton Junior; Eliane Silva; Flavia Pinto; Juliana Costa; Thiago Calderan;

Instituição: UNICAMP

Palavras-chaves: adolescentes/adultos jovens, educação, sexualidade

Resumo:

Contextualização: O Projeto Adolegal é formado por um grupo multidisciplinar voluntário de alunos de graduação em medicina, médicos residentes e profissionais da área da saúde da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Executa ações de educação em saúde para a prevenção de gravidez na adolescência e das DST/Aids entre o público jovem do município de Campinas-SP. No segundo semestre de 2000, foi constatada alta proporção de gravidez na adolescência entre usuárias de uma unidade básica de saúde (UBS) de Campinas, na qual alunos da UNICAMP têm inserção curricular. Da análise deste indicador de saúde surgiu a proposta de intervenção através de ações de educação em saúde em DST/Aids e sexualidade para adolescentes. Foi então iniciada uma parceria entre médicos residentes e graduandos de medicina, no sentido da construção de autonomia e subjetividade em saúde entre os próprios membros do projeto e também para o público-alvo.

Método: a metodologia utilizada baseia-se na problematização de situações vivenciadas em dinâmicas e da análise qualitativa de material previamente coletado nas escolas que solicitam o trabalho do projeto. A partir dela, dá-se início a um processo de construção de ferramentas pedagógicas (oficinas, material didático-expositivo, material informativo estruturado) que se adequa às necessidades do público-alvo em questão. Além disso, o projeto conta também com um serviço informativo via correio eletrônico.

Principais Resultados: até o momento, pôde-se levar a cabo trabalho de sensibilização dos funcionários da UBS da demanda inicial, com a continuidade do trabalho com adolescentes sendo realizada pelo grupo atual de médicos-residentes. Está sendo realizada a capacitação de alunos da graduação em medicina, bem como sendo viabilizada a aceitação do

Projeto como integrante oficial da formação médica naquela universidade. Foi desenvolvido o site www.geocities.com/adolegal/adolegal.html, através do qual o grupo oferece serviços gratuitos de informação sobre DST/Aids e agendamento para instituições de ensino em Campinas. A partir de junho de 2001, será iniciado o trabalho de campo, que sofrerá avaliação quali-quantitativa.

Conclusões: A integração proporcionada por trabalhos de extensão universitária extra-muros tem a potência de promover a diminuição da incidência de DST e gravidez na adolescência, na medida em que traz para a comunidade um trabalho adequado a realidades específicas. A abordagem deve sempre visar ao desenvolvimento de linguagem apropriada e da construção de autonomia. Um resultado secundário da atividade de extensão é o desenvolvimento da capacidade multiplicadora de prevenção em DST/Aids também entre o público universitário. Este passa a exercitar sua subjetividade, com a formação de profissionais críticos e aproximados da realidade social.

ACONSELHAMENTO EM SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA:
ASSOCIANDO CONTRACEPÇÃO E PREVENÇÃO DE DST/AIDS

Autor: Iara Guerriero

Apresentador: Iara Guerriero

Contato: iarag@uol.com.br

Instituição: Núcleo de estudos para a Prevenção da aids - NEPAI

Palavras-chaves: Gênero, Heterossexuais, Aconselhamento

Resumo:

Contextualização: A epidemia da aids vem se heterossexualizando e atingindo um número cada vez maior de mulheres. No período de 1994-98, a transmissão via heterossexual cresceu 113%, enquanto os casos de exposição homo/bissexual aumentaram em 8,6%. No mesmo período, as notificações de homens cresceram em torno de 10,2%, e houve um aumento de 75,3% entre as mulheres. As concepções de masculinidade e de feminilidade influenciam fortemente a vulnerabilidade, de homens e de mulheres, ao HIV. Gênero é relacional, as características associadas a ser homem e a ser mulher são correlatas e compartilhadas pela sociedade em seu conjunto. Este trabalho apresenta de que maneira concepções de masculinidade podem aumentar ou diminuir a vulnerabilidade, dos homens, ao HIV, e aponta estratégias para a prevenção dirigida à população masculina e feminina.

Método: Análise de transcrições de 10 entrevistas individuais e de 4 oficinas de sexo seguro realizadas com motoristas de ônibus, em local de trabalho, na cidade de São Paulo.

Resultados: Todos os participantes sabiam da epidemia do HIV/AIDS e de que usar camisinha é uma maneira segura de evita-la. Entretanto, nenhum usava camisinha para evitar DST/AIDS. O uso consistente do preservativo está relacionado à contracepção. Estes homens consideram que as mulheres não devem desconfiar da fidelidade do marido, embora considerem que os homens são naturalmente infiéis, e só consideram legítimo que a mulher solicite o uso da camisinha para prevenir gravidez.

Conclusão: Isto aponta a importância de associar contracepção e a prevenção de DST/AIDS, tanto para homens quanto para mulheres. Sugere-se a implantação de ações de Aconselhamento em Saúde Sexual e Reprodutiva nas redes básicas de saúde, bem como a realização destas ações em ambientes predominantemente masculinos, em especial os locais de trabalho.

PREVENIR É MELHOR QUE REMEDIAR? OS SENTIDOS DAS PRÁTICAS SOCIAIS PREVENTIVAS PARA PROFISSIONAIS DE UM SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO E PREVENÇÃO EM DST/AIDS

Autor: Drausio Vicente Camarnado Júnior

Apresentador: Drausio Vicente Camarnado Junior

Contato:drausiojr@ig.com.br

Instituição: Centro de Referência DST/AIDS Campos Eliseos

Palavras-chaves: Serviços de prevenção, Profissionais de saúde

Resumo: A aids impõe-se ao final deste milênio trazendo à tona (des)conhecidos discursos que circulam no imaginário social contemporâneo – o sexo, o sangue e a morte. Para fazer frente à pandemia do século, a prevenção assume papel relevante. A pesquisa desenvolvida tem como objetivo geral o aprofundamento da investigação no campo das práticas sociais preventivas em Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e aids. Para cumprir este propósito, realizou-se a análise das práticas discursivas de profissionais de saúde de um Centro de Referência em DST/Aids, objetivando compreender os possíveis sentidos atribuídos às condutas preventivas preconizadas para às DST/aids. A perspectiva teórica adotada vincula-se à epistemologia construcionista e baseia-se em trabalhos de pesquisadores que, de formas variadas, investigam as práticas discursivas. Esta abordagem busca compreender a produção de sentidos no cotidiano, seus processos de construção e os repertórios em uso que sustentam as relações dialógicas. O procedimento para a coleta de dados envolveu duas etapas: 1- a caracterização do contexto (sócio-dialógico) da unidade de saúde em questão, realizando-se observações do cotidiano, bem como o estudo da documentação do Centro de Referência buscando sua contextualização histórica 2- entrevistas e grupo focal com cinco profissionais de saúde que integram o setor de orientação e prevenção às DST/aids. De maneira geral, as análises evidenciaram que os sentidos atribuídos às práticas preventivas às DST/aids criam diferentes versões que foram sendo produzidas por meio de práticas profissionais ancoradas na concepção multicausal do processo saúde/doença. Os repertórios interpretativos que emergiram foram sintetizados em duas temáticas: o papel da equipe multiprofissional na prevenção às DST/aids e os elementos que lhe dão sustentação. Para os profissionais de saúde, o trabalho de orientação e prevenção às DST/aids é um espaço privilegiado de escuta. Porém, há dois desafios a serem superados, um deles é a dicotomia existente entre

assistência e prevenção e o outro, é o dilema da informação ser ou não elemento suficiente para alterar comportamentos. Dentre os elementos que dão sustentação a essa atividade estão: a formação dos profissionais, a disposição interna para realizarem as atividades, a estruturação e organização institucional e a necessidade de reconhecimento e valorização pessoal e profissional.

RELIGIÃO E AIDS: SEGREDOS E SILÊNCIOS

Autor: Clarissa Andrade Carvalho

Apresentador: CLARISSA ANDRADE CARVALHO

Contato: clarissa@ufs.br

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Palavras-chaves: RELIGIÃO, PESSOAS VIVENDO COM AIDS, PRÁTICAS RELIGIOSAS

Resumo: RELIGIÃO E AIDS: Segredos e silêncios

Contextualização: As respostas religiosas frente à epidemia HIV/AIDS foram tardias. As primeiras manifestações se deram do ponto de vista da moral e, posteriormente, final da década de 80, se estruturou programas de apoio e assistência a populações mais carentes. Entretanto, no tocante às políticas e estratégias de prevenção, estas são incipientes. A partir de maio/99 foi oficializada a integração da Comissão de DST/AIDS à Pastoral da Saúde da CNBB que visava a implementação de uma política de educação preventiva e articulação de ações e orientação unificadas nos trabalhos de assistência.

Metodologia: A temática acima foi discutida durante a realização de uma pesquisa qualitativa que teve por objetivo compreender o viver com AIDS e analisar a influência que as orientações religiosas: católica, protestante, kardecista e afro-brasileira, exercem na construção de significados para o adoecer. No decorrer da pesquisa 4 pessoas com AIDS pertencentes às orientações protestante, kardecista e afro-brasileira, solicitaram debate em grupo sobre a relação Religião e AIDS, para avaliar os elementos que as tornam espaços de preconceito e discriminação. A metodologia utilizada foi o grupo foca com encontros realizados durante 1 mês, totalizando 4 encontros, em que se debateram os temas: cosmologia de cada religiosidade, sexualidade, doença e AIDS.

Resultados: O resultado desta atividade aponta para a dificuldade que as pessoas com AIDS têm em revelar sua soropositividade nos espaços religiosos. Embora freqüentem os cultos, centros espíritas e terreiros, a experiência com a religiosidade é vivida em segredo, em silêncio. Isto porque, nos espaços religiosos faltam informações sobre HIV/AIDS e estes acabam sendo palcos de preconceito e discriminação. Neste sentido, as pessoas com AIDS concluíram ser necessário a estruturação de atividades que se voltem não somente à prevenção do HIV/AIDS mas que esclareçam as formas de transmissão da doença, a convivência com pessoas soropositivas. Sugeriram ainda, a estruturação de programa

de formação de multiplicadores de informação sobre HIV/AIDS tanto para fiéis como lideranças religiosas.

Conclusão: A principal contribuição desta atividade, que deu voz às pessoas com AIDS, diz respeito à necessidade de se considerar, por parte dos órgãos oficiais, as representações/significados culturais que as pessoas com AIDS atribuem a epidemia HIV/AIDS, nas definições das políticas de educação preventiva. São muitas as pessoas com AIDS que, na experiência com a doença, freqüentam instituições religiosas e, em segredo, em silêncio, tecem avaliações sobre as formas com que estas tratam da epidemia HIV/AIDS e sugerem estratégias de intervenção.

PROJETO PRINCESINHA: PROGRAMA DE PREVENÇÃO À S
DST/HIV ENTRE TRABALHADORAS DO SEXO NO INTERIOR
DO AMAZONAS, BRASIL

Autor: Adele Schwartz Benzaken

Apresentador: Adele Schwartz Benzaken

Contato: adele@argo.com.br

Co-autores: Pedrosa, VL; Sardinha, JCG; Camillo A C A L C; Jardim
L F S; Loblein O;

Instituição: Fundação Alfredo da Matta

Palavras-chaves: DST, Assistência, Profissionais do sexo feminino

Resumo:

Contextualização: As profissionais do sexo, pela constante troca de parceiros sexuais (clientes), estão mais susceptíveis a infectar-se pôr patógenos sexualmente transmissíveis do que a população geral. No entanto se fizerem uso consistente de preservativos esta susceptibilidade se reduz e com esta finalidade foi implantado programa de prevenção e assistência entre estas profissionais, no município de Manacapuru, Estado do Amazonas. No presente estudo são apresentados os resultados obtidos pôr este programa, através de levantamento de frequência das diferentes DST entre a população alvo comparando-se com os dados existentes da população geral.

Método: Foram incluídas no estudo, no período de maio de 1999 a abril de 2001 todas as profissionais do sexo que compareceram na sede do projeto Princesinha encaminhadas pelas agentes multiplicadoras do referido projeto e foram realizados, independentemente da sintomatologia, VDRL, sorologia anti-HIV, cultura para gonococos em meio de Thayer-Martin modificado, exame a fresco e bacterioscopia de corrimento vaginal, além da colpocitologia oncótica. Foram relacionadas a idade, diagnóstico sindrômico, diagnóstico etiológico, resultados de sorologia anti-HIV, percentual de retorno e de pessoas assintomáticas. Os resultados obtidos ram comparados com as notificações de casos novos de DST atendidas nas unidades básicas do município no mesmo período.

Resultados: No período do estudo foram atendidas 197 profissionais sexo, sendo que destas 146 (74,1%) apresentavam sinais e/ou sintomas de DST e foram notificadas. A síndrome do corrimento vaginal representou 136(93,1%) dos casos notificados sendo 24,6% Candidíase, 21,9% Trichomoníase e 74% Vaginose Bacteriana, enquanto que a cervicite gonocócica representou 17,1% e a cervicite

pôr clamídia 6,8%. Entre mulheres da população em geral a frequência da síndrome do corrimento vaginal foi de 72,6% e o corrimento cervical de 17,1%.

Conclusões: As profissionais do sexo tem o mesmo risco para desenvolverem uma DST quando comparadas com as mulheres da população geral é, possivelmente, reflexo do programa de assistência e prevenção, além do repasse e estímulo ao uso de preservativos entre elas.

GARANTINDO A ACESSIBILIDADE AO PRESERVATIVO MASCULINO

Autor: Walkíria da Silva Zacheu

Apresentador: Walkíria da Silva Zacheu

Contato: coasmaua@ig.com.br

Instituição: Ambulatório de Infectologia e COAS de Mauá - SP

Palavras-chaves: Políticas públicas, População em geral, Preservativo masculino

Resumo: Em 1991, Carlos, 18 anos, UDI, relata à psicóloga, ter relação sexual sem condon com sua namorada, que não sabia ser ele soropositivo para HIV. Sensibilizado quanto ao risco de gravidez não planejada, de contaminar a namorada e de recontaminar-se, vem à sessão seguinte e refere ter decidido usar condon; porém, estava desempregado não tendo como obtê-los. Na Unidade Básica de Saúde – UBS, soube que só a namorada poderia retirar condon e se participasse do Grupo de Planejamento Familiar ou houvesse um pedido do ginecologista. A namorada corria o risco de ser vista no grupo por vizinhos que saberiam que ela não era mais virgem. Este relato, gerou a liberação de condons às pessoas com HIV/AIDS. Em 1994, com a mudança de partido político, a nova equipe da Secretaria da Saúde, apesar de sensibilizada com o aumento de casos, não podia garantir os condons para o Programa de Aids. Em reunião com o representante da área de logística do Programa Estadual de DST/Aids foi firmado contrato de dispensa de 4 mil condons/mês para serem distribuído à população em geral, independente de sexo, idade ou estado civil. Este foi o primeiro convênio estabelecido diretamente com um município. As cotas de condons foram definidas por faixa etária e perfil populacional, segundo pesquisa realizada em todas as UBS's. Reuniões com diretores e profissionais de enfermagem foram realizadas para estabelecer o fluxo e proporcionar educação continuada, abordando risco epidemiológico, preconceito dos técnicos, sigilo, ética, postura e local para entrega de condon com orientação. Diante da ausência de material didático, criou-se um folheto de bolso sobre DST/Aids. Em 1997 com a nova gestão, a educação continuada foi reduzida. O fornecimento dos condons nas UBSs permanece porém, ainda hoje existem relatos de profissionais que não compreendem a importância do acesso ao preservativo. Atualmente, distribui-se sessenta mil preservativos/mês, vinte mil fornecidos pelo Prog. Est. I de DST/Aids e quarenta mil adquiridos pela Pref. de Mauá. Cota ainda

insuficiente para as necessidades reais da população. Atualmente Mauá está em 50º lugar em casos notificados de Aids no Brasil. Nos últimos três anos houve uma estabilização de casos novos de HIV e AIDS no município. O acesso ao condon promovido pelo Município, certamente contribuiu para a estabilização. Esta iniciativa reforça a eficácia dos investimentos feitos pelas três esferas de governo para a população usar condon e ressalta o que ainda há por fazer para este acesso ser efetivo, como por exemplo, a redução de taxas de impostos e a conversão em item de cesta básica do trabalhador.

UTILIZAÇÃO DE “AMIGOS TERAPÊUTICOS” COMO UMA ESTRATÉGIA DE ADESÃO

Autor: Regina Maria C. Tellini

Apresentador: REGINA MARIA C. TELLINI

Contato: tellini@unimes.com.br / coordpg@ig.com.br

Co-autores: Souza, Michel Indalécio; Ferreira, Etianne Edísia; Lopes, Eliana Zulianni;

Instituição: Secretaria de Saúde Pública - CM DST/AIDS de Praia Grande

Palavras-chaves: ASSISTÊNCIA, ADESÃO

Resumo: Face à dificuldade em se conseguir correta aderência ao tratamento, por parte dos portadores de Aids usuários do Serviço de Assistência Especializada de Praia Grande, foi desenvolvida como estratégia de adesão: a criação dos “Amigos Terapêuticos”, após treinamento e capacitação de voluntários e familiares.

Descrição: Realização de treinamento abordando os temas: HIV/Aids, infecção e formas de transmissão; biossegurança; medicamentos; administração de medicamentos, formas de cuidar; aspectos psicológicos, entre outros. Foram identificados três cuidadores e selecionados os pacientes a serem acompanhados, além das estratégias a serem utilizadas no contato inicial. Realizadas reciclagens continuadas com temas específicos, tais como: aconselhamento, ética, a morte e o morrer, cuidados de enfermagem, aspectos psicológicos, a importância do lazer, etc.. Foi estruturado um plano de visitas semanais, onde os Amigos Terapêuticos desenvolvem atividades de apoio nos domicílios dos pacientes acamados e das puérperas, levando apoio a uns, prestando auxílio como cuidadores a outros e às futuras mães, servindo como importantes elos de ligação com o serviço, principalmente para a adesão ao tratamento Antirretroviral e ao protocolo ACTG076. Para o desenvolvimento do trabalho, os cuidadores recebem supervisões técnico - psicológicas semanais propiciando espaço de discussão e reflexão em busca de soluções aos problemas surgidos no transcorrer das visitas.

Resultados: Após um ano da implantação do projeto, notamos que o acompanhamento domiciliar do paciente doente de aids e puérperas soropositivas e seus bebês, através as visitas semanais dos cuidadores, propiciaram a melhoria nas inter-relações familiares dos assistidos, a partir da desconstrução dos preconceitos, quebra das barreiras institucionais com melhoria no vínculo usuário/serviço e aumento da auto-

estima dos usuários assistidos.

Conclusões: O papel do cuidador mostra-se um forte aliado da equipe de assistência e como tal deve merecer especial atenção. Sua atuação contribui na transformação da consciência, atitude e comportamento, na educação, na saúde e cidadania dos pacientes e seus familiares.

EXPERIÊNCIA DO USO DE PRESERVATIVO FEMININO DOS
USUÁRIOS DO CENTRO DE SAÚDE ESCOLA MEIRELES -
FORTALEZA/CEARÁ

Autor: Elani Graça Ferreira Cavalcante

Apresentador: ELANI GRAÇA FERREIRA CAVALCANTE

Contato: elanigf@hotmail.com

Co-autores: FRANCISCA MÁRCIA MOURÃO PEREIRA;

Instituição: CENTRO DE SAÚDE ESCOLA MEIRELES

Palavras-chaves: PRESERVATIVO FEMININO, EDUCAÇÃO,
ADESÃO

Resumo: O crescente aumento da AIDS em mulheres, aponta para a necessidade de ações mais efetivas no controle da transmissão sexual do HIV, hoje sua principal forma de transmissão. Na perspectiva de aumentar nas mulheres a prática do sexo protegido, foi lançado e ofertado recentemente pelo Ministério da Saúde, o preservativo feminino. Ainda que, grande parte dos estudos realizados tenha mostrado resultados favoráveis, a aceitabilidade do preservativo feminino só será aferida, frente a estudos realizados com população junto a qual se deseja implantar seu uso. Dentro deste contexto, o presente estudo objetiva descrever a experiência de uso do preservativo feminino em mulheres atendidas do Centro de Saúde Meireles. O estudo contou inicialmente com 135 mulheres que aceitaram experimentar o preservativo feminino, após participarem de uma sessão educativa de apresentação do método. Em seguida foi realizada uma entrevista, onde foram ofertados 4 preservativos femininos e 4 masculinos e aplicado um questionário composto de 2 fases; a primeira contendo dados pessoais, vida sexual, uso de contraceptivos, etc. A segunda fase, respondida após 30 dias por ocasião do retorno, onde 72 mulheres relataram suas impressões de uso.

Resultados: Considerando múltiplas respostas, os motivos mais citados para experimentar foram: desejo de prevenir DST (58%), curiosidade (53%), alternativa contraceptiva (44%). Entre as 62 mulheres que usaram, 61% quis continuar usando, e relataram que 53% dos parceiros gostaram. Para as mulheres, os motivos de manter o uso foram: evitar doenças e gravidez (48%), porque ambos não gostam da masculina (24%), mais seguro (16%). Para os homens: porque não gostam da masculina (18%), não aperta o pênis (15%) e não precisam usar a dele (15%). As queixas mais frequentes das mulheres foram: manuseio difícil (58%), tira a espontaneidade (31%) e aparência feia (23%), enquanto as dos homens

foram: ser estranha e artificial (60%), muito incômoda para a mulher (12%) e dependendo da posição atrapalha (12%).

Conclusão: O estudo mostrou que a maioria das mulheres (61%) foram favoráveis ao uso do novo método e a importância de envolver os parceiros nas sessões de introdução e apresentação do novo método, e ainda, que o preservativo feminino uma vez ofertado junto com o masculino, amplia o poder de negociação do casal ao mesmo tempo que aumenta a prática de sexo protegido, estratégia importante do Ministério da Saúde na redução do número de casos de AIDS, principalmente em mulheres.

AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTO, ATITUDES E PRÁTICAS
RELACIONADAS ÀS DST/AIDS DE ADOLESCENTES EM
ESCOLAS DE COLATINA/ES

Autor: Fauze Gazel

Apresentador: Elizatete Pires Yamaguti

Contato: sanus@intercol.com.br

Co-autores: Elizatete Pires Yamaguti; Ana Paula Buriani Lima; Notier de Menezes; Gabriel Antonio Torres Pinto; Sandra Fagundes Moreira-Silva;

Instituição: Santa Casa de Misericórdia de Colatina/ES

Palavras-chaves: Adolescentes/Adultos jovens, Educação, DST

Resumo: Cada vez mais se reconhece a necessidade de educação sexual compondo o currículo das escolas, incluindo crianças até a puberdade. Esforços do Ministério da Saúde em conjunto com o Ministério da Educação tem levado propostas e material para uma política pública de Prevenção das DST/Aids nas escolas. No Espírito Santo, 39% do total acumulado de casos de Aids, até Abril/01, estavam situados na faixa etária de 20-30 anos, com provável contaminação durante a adolescência. Objetivos: Identificar conhecimentos e comportamentos referentes à prevenção de DST/Aids de adolescentes de escolas públicas e privadas em Colatina, município do interior do estado do Espírito Santo.

Metodologia: Os dados foram obtidos a partir de questionário individual, anônimo e preenchimento espontâneo, com perguntas sobre conhecimentos e comportamentos diante às DST/Aids, aplicado, aleatoriamente, a uma população amostral de adolescentes de ambos os sexos, 10 a 20 anos, de todas as 13 escolas (11 públicas e 02 particulares) de Colatina-ES, out/00 a mar/01.

Resultados: Entregues 750 questionários, devolvidos 705, 124 (17,6%) alunos de escolas privadas e 581 (82,4%) de escolas públicas. Não houve diferença entre sexos, e a idade média foi de 14,73 anos(2,04). Com relação aos meios de transmissão da doença os alunos das escolas públicas tinham menor conhecimento que os das particulares, a diferença foi estatisticamente significativa ($p < 0,05$) nas seguintes questões: 20% afirmou não pegar Aids em relações heterossexuais e nem em relações sexuais sem preservativos, 18,5% usando drogas injetáveis e 17% através da gravidez. Além de 18,5% afirmar que se pega Aids em sanitários e 10% pelo beijo/abraço. 25% dos alunos já havia iniciado a vida sexual, e a idade média deste início era menor entre alunos das escolas públicas

(14,,2) (p=0,01), mas 45,5% relatou não ter usado preservativo na última relação sexual, e quanto a isto não houve diferença entre os grupos. Contudo a maioria destes adolescentes entre os dois grupos respondeu NÃO à pergunta: Você acha possível se contaminar?

Conclusões: Os dados demonstraram o pouco preparo sobre prevenção em DST/Aids dos adolescentes do município. Verificou-se que o nível de conhecimento dos mesmos em relação aos aspectos teóricos da Aids foi baixo. E esta desinformação foi mais evidente entre alunos das escolas públicas. Observou-se também que 1/4 dos adolescentes já havia iniciado vida sexual e cada vez mais jovens, principalmente nas escolas públicas. Metade deles relatou não ter usado preservativo na última relação sexual, em ambos os tipos de escolas. Concluiu-se que há necessidade de implementação de processo educativo sobre as DST/Aids nas escolas estudadas, e que o ensino da educação sexual deve iniciar-se o mais precoce, quando a maioria dos jovens ainda não iniciou atividade sexual e poderia se beneficiar das informações, reduzindo o risco de infectar pelo HIV.

PRD - SOLIDÁRIO

Autor: Marcelo Araújo Campos

Apresentador: Rodneia Nogueira Duarte

Contato: rodneiand@zipmail.com.br

Instituição: Grupo Solidariedade do Estado de Minas Gerais

Palavras-chaves: Redução de Danos, Usuários de Drogas, Marketing

Resumo:

Contextualização: Este projeto visa contribuir para diminuição da incidência de HIV/AIDS e outras doenças causadas por agentes transmissíveis por sexo e partilha de equipamentos usados no preparo e consumo de drogas injetáveis entre UDI e usuário de crack, seus contatos sexuais e filhos (as) nas regionais leste e centro-sul de Belo Horizonte-MG.

Descrição/Métodos: Serão reforçados componentes do seu patrimônio pessoal (acesso a informação e material de prevenção kit de redução de danos: água destilada, swab com álcool, seringa, potinho, preservativos masculino e femininos) e do seu patrimônio coletivo apropriação dos servidores de saúde pública para auto cuidado. Para isto serão expandidos contatos com UDI e usuários de crack detectados via sua rede de relações pessoais nos bairros onde residem e nos serviços de saúde, por membros da equipe do projeto ditos redutores que serão em número de 6, alguns deles moradores locais, buscando relação para oferecimento de equipamentos de proteção, recolhimento de materiais usados e incentivando os a se testarem e buscarem tratamento quando indicado, bem como para seus contatos sexuais e filhos (as). Serão contatados UDI das regionais leste e centro-sul. Paralelamente aos trabalhos com o público alvo primário (UDI, UC, seus contatos sexuais e prole - cerca de 200 pessoas), serão conduzidas atividades de marketing social de proposta de redução de danos junto ao público alvo secundário (comunidade dos bairros envolvidos, novamente seus líderes e representantes, escolas, igrejas, ONGs, Postos de Saúde e outras organizações locais) através de distribuição de material informativo/educativo e encontros para palestras e debates, construindo legitimidade social para a proposta e para o trabalho de campo. Serão atingidas 300 pessoas possíveis disseminadoras da proposta. Nesta fase do projeto foram feitos contatos nas três comunidades, iniciaram-se as primeiras trocas de seringa e os debates sobre redução de danos, distribuído material informativo, dos agentes comunitários de saúde em parceria

com o projeto BH SUS e as discussões do questionário a ser aplicado em parceria com o projeto Ajude Brasil da FM-UFMG.

Principais Resultados: Como principal resultado temos a aceitação da comunidade aos trabalhos. Foram contatadas de 30 a 45 profissionais do sexo, sendo 2 homens, em sua maioria usuários de crack, 12 usuários de drogas portadores do HIV e realizadas as primeiras trocas de seringa ainda não contabilizadas.

Conclusões: As intervenções iniciadas em março, mostram que a comunidade sensibilizada e informada pode ser uma grande aliada dos projetos de redução de danos. Para acessar os usuários é preciso estabelecer uma relação de confiança não só com a comunidade mas principalmente com os UDI e UC. É importante também sensibilizar os servidores de saúde para atenderem os usuários e seus familiares sem preconceitos e dentro da proposta de redução de danos.

AS AÇÕES DO PROGRAMA MUNICIPAL DE DST/HIV/AIDS NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA - BAHIA

Autor: Denise Lima Mascarenhas

Apresentador: Denise Lima Mascarenhas

Contato: denise.mascarenhas@ig.com.br

Co-autores: Valterney de Oliveira Morais; Fabrícia Rocha Cavalcanti; Joelma Dantas de Souza; Rosa Tereza C. Leite; Roberta Souza R. Ferraz;

Instituição: Programa Municipal DST/AIDS de Feira de Santana-Ba

Palavras-chaves: Políticas Públicas, Descentralização

Resumo:

Contextualização: O Programa Municipal DST/AIDS foi implantado em Feira de Santana -Ba em Agosto de 1999 sendo uma das estratégias de descentralização das Políticas Públicas Brasileiras na atenção às DST/AIDS com o intuito de se trabalhar na promoção, prevenção e assistência a estes agravos, de acordo com a realidade de cada município.

Descrição/Método: O Programa Municipal DST/AIDS é formado de: uma coordenadora, um enfermeiro, uma secretária, um assistente financeiro e um motorista; realiza suas ações num Centro Municipal de Assistência às DST/AIDS; bem como, trabalhos Extra Muro com populações específicas: profissionais do sexo, soro positivo, caminhoneiros e população em geral.

Principais Resultados: Desde Agosto de 1999 até o presente ano já foram realizadas 80 palestras com 51714 pessoas informadas em DST/AIDS; foi criado o Grupo Multiplicador de Vida (GMV) só com Adolescentes Multiplicadores; foram cadastrados 15 Prostíbulos com 130 Profissionais do Sexo Treinadas; 495 motoristas de caminhão informados em DST/AIDS; 18 Enfermeiros do PACS treinados; criação do Laboratório Municipal de Referência para DST/AIDS; 22 Líderes Comunitários atuando enquanto atores sociais na prevenção em suas comunidades; 27 Professores Treinados; apoio ao GAIH(Grupo de Ação e Integração Homossexual) e a APROFS (Associação das Prostitutas Feirenses), 07 unidades de saúde cadastradas para atendimento em DST/AIDS e realização do Treinamento para Profissionais de Saúde na prevenção da Transmissão Vertical do HIV e da Sífilis.

Conclusões: O Programa Municipal DST/AIDS vem executando ações de acordo às vertentes: Intervenção comportamental, mobilidade social e intersectorialidade das políticas; desta forma diminuindo os casos de

DST/AIDS e melhorando as ações operacionais no Município. Tal Programa reflete a factibilidade que existe no combate às DST quando se acredita e, principalmente, se executa ações fidedignas a realidade.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A INTRODUÇÃO DO PRESERVATIVO FEMININO EM TRABALHO COM COMUNIDADES

Autor: Ana Rosa Garcia dos Santos

Apresentador: Ana Rosa Garcia dos Santos

Contato: anyca@zipmail.com.br

Instituição: SECRETARIA MUNICIPAL DE AÇÃO SOCIAL E CIDADANIA

Palavras-chaves: MULHERES, PRESERVATIVOS FEMININOS, POLÍTICAS PÚBLICAS.

Resumo:

Contextualização: A partir de um treinamento realizado pelo CTAPT (Centro de Testagem e Aconselhamento Prevenção e tratamento), destinados às seções da Secretaria Municipal de Ação Social e Cidadania, refletimos sobre a necessidade de realizarmos um trabalho de parceria e deste criamos o Projeto Plantão Vida. Que tem como um de seus objetivos específicos, trabalhar a mulher sobre a importância do uso do preservativo e a aceitação do preservativo feminino.

Descrição/Método: Este projeto acontece uma vez ao mês, com duração de três horas, por uma estagiária de Serviço Social, na comunidade Barreira do João Guarda no município de Guarujá.

Ele consiste num atendimento individual, onde são passadas informações e dada orientações sobre os mais variados assuntos referentes as DST/AIDS(Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS). Também é feito um cadastro de cada usuário, a distribuição de preservativos masculinos, feminino e material educativo. Nossos próximos passos serão, a criação de Agentes Comunitários e também a realização de um trabalho grupal, abordando assuntos referentes aos temas antes do atendimento individual.

Principais Resultados: É importante ressaltar que atingimos 24 mulheres das 28 cadastradas na retirada do preservativo feminino, o que demonstra uma grande aceitação. Através dos cadastros, pudemos perceber um número significativo de procura nos meses subsequentes ao Plantão Vida. Existem cerca de 2000 moradores nesta comunidade, um número que não podemos considerar exato devido à rotatividade desta população, estatisticamente foram cadastradas 34 pessoas, na faixa etária de 13 a 47 anos, no período de novembro a janeiro de 2001. Entre eles 06 homens e 28 mulheres, cada pessoa podia retirar 12 preservativos masculinos e/ou 08 femininos, somando em média um total de mais de 450 preservativos mensais.

Conclusões: Concluimos que esse resultado partiu de um ponto primordial para um trabalho que requer muita sensibilidade e dedicação. Este está interligado ao vínculo criado entre técnico e usuária, favorecendo uma mudança e a conscientização das mulheres. Durante os encontros percebemos um envolvimento por parte da população, possibilitando uma troca significativa e, com isso, dando-nos uma perspectiva para a criação de Agentes Comunitários.

MASCULINIDADE NORDESTINA E EDUCAÇÃO PREVENTIVA

Autor: Alarcon Agra do Ó

Apresentador: Alarcon Agra do Ó

Contato: alarcon_agra@uol.com.br

Co-autores: Shirleyde Alves dos Santos; Fabrício José Pimenta Araújo;

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Palavras-chaves: gênero, homens, educação

Resumo: O trabalho aqui relatado consiste numa reflexão acerca de questões colocadas pela problemática da masculinidade nordestina face à AIDS. Essa pesquisa está sendo realizada como parte de uma série de atividades preparatórias para o estabelecimento de uma política permanente de prevenção às DSTs/AIDS no âmbito do Centro de Humanidades (CH) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Os nossos pressupostos são: o vínculo entre o alastramento da epidemia e a experiência de relações assimétricas de gênero; o caráter autoritário e conservador dos códigos de masculinidade operados na constituição da identidade nordestina; a importância de se pensar tais questões no movimento de construção de estratégias de educação preventiva, entendida aqui como um arranjo curricular, ou seja, como um artefato social e culturalmente elaborado, que entre outras coisas cristaliza e produz relações de gênero. Imaginamos revisar não somente a bibliografia acerca da constituição da identidade masculina no nordeste (em especial os trabalhos do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior), a fim de que possamos delimitar as condições históricas de possibilidade da experiência da masculinidade na nossa região, como também os estudos sobre a problemática das relações de gênero, na sua interface com as questões da AIDS. Paralelamente a isso executaremos pesquisas de campo com nosso público alvo (alunos do CH da UFPB). O trabalho ainda se encontra em andamento; no entanto, já é possível apresentar alguns dados. A revisão bibliográfica tem nos informado acerca da complexa rede de práticas históricas que, desde o início do século XX, contribuíram para a instituição de uma imagem de nordestino composta mediante a operação de referências masculinas isso não se dando, no entanto, de maneira linear nem no tempo nem no espaço). Temos nos colocado, por outro lado, frente à realidade do crescimento da AIDS em grupos cuja sociabilidade é menos porosa a questionamentos acerca da suporta naturalidade dos códigos de gênero. Uma investigação inicial com um grupo restrito de alunos (concluintes das licenciaturas do CH)

apontou, por sua vez, para a cristalização de modelos identitários construídos a partir da polarização masculino X feminino, aí naturalizada. Dado o momento em que nossa reflexão se encontra, apenas podemos apontar conclusões parciais e provisórias. Se pensarmos a operação de práticas de educação preventiva em uma sociedade composta a partir de códigos de gênero naturalizados e masculinizados, não será difícil imaginar que nosso sucesso vai depender, certamente, da consideração de tais especificidades. Os homens nordestinos, para falar através de um exemplo, não assumirão os valores da educação preventiva, a não ser que estes lhes cheguem transcritos de forma legível, nos quadros de sua experiência singular de gênero, como, aliás, já há muito tempo sinalizam, por exemplo, os trabalhos da organização não governamental pernambucana PAPAÍ.

ENCARCERANDO A AIDS E RESGATANDO A CIDADANIA

Autor: Emely Gonçalves Silva

Apresentador: Emely Gonçalves Silva

Contato: aids.carcere@ig.com.br

Co-autores: Cláudia Peres Monteiro; Fabiane dos Santos Pereira; Jéssica Nívia Avamileno; Valdirene Aparecida Pires; Marcos Alexandre Franco;

Instituição: Penitenciária Nilton Silva - Franco da Rocha

Palavras-chaves: DST, Exclusão Social, Populações Confinadas

Resumo: CURSO DE CAPACITAÇÃO DE MULTIPLICADORES DE INFORMAÇÕES EM DST/AIDS

Contextualização: Após capacitação do GAPA/SP, implantamos um programa de prevenção das DST/AIDS, tendo em vista os casos notificados no Centro de Saúde da penitenciária, e a estimativa de casos dentro do sistema carcerário (aproxim. 10%). Outro fator relevante para a implantação do programa, são as visitas íntimas e os relacionamentos sexuais entre os presos, que constituem situações de risco, caso aconteçam sem as medidas preventivas conhecidas. O projeto foi elaborado pelas Estagiárias e Psiquiatra, autores mencionados acima, apresentado para a diretoria, aprovado, tendo início em 08/01/00.

Descrição/Método: O projeto foi elaborado com atividades e discussões selecionadas de acordo com as características específicas do público alvo. A população carcerária da Penitenciária Nilton Silva, possui 950 presos aproximadamente, divididos em 03 Raios (pavilhões). O curso é composto por 05 dias (aos sábados) com uma carga horária de 3 horas por dia, onde cada dia tem um tema específico, com dinâmicas, dramatizações, distribuição de material informativo e preservativo, e atividades grupais, que proporcionam discussões e reflexões sobre o tema do dia, e que estão diretamente ligadas à DST/AIDS. Ao término de cada grupo, é fornecido certificado de participação. Os grupos são formados por 25 à 30 presos aproximadamente. O trabalho foi iniciado no Raio III, com as lideranças internas. No ano de 2000, participaram do curso, a população do Raio III, neste ano, iniciaram o curso a população do Raio II, e futuramente, pretendemos expandir esse projeto para outras unidades prisionais.

Principais Resultados: Durante o ano de 2000, capacitamos 200 presos do Raio III. Neste ano, já capacitamos 40 presos do Raio II, e temos mais 120 inscritos para os próximos grupos. - Aumento de interessados

em participar do curso, considerando que a participação é voluntária.

- O 1º grupo do Raio II, percebendo a importância do curso, tiveram a iniciativa de fazer a divulgação dentro do raio, através de cartazes.

- Aumento nos atendimentos ambulatoriais da Enfermaria, por motivo de DST/AIDS. - Cartas escritas e enviadas pelos presos, sobre a relação do curso com suas vidas. - Apresentação do trabalho no Fórum/2000 - Rio de Janeiro. - Em 2001, recebemos da iniciativa privada, incentivo financeiro para a manutenção do projeto.

Conclusões: Constatamos a carência de informações do público alvo sobre as DST/AIDS, onde buscamos através do curso, minimizar essa deficiência, objetivando a prevenção e conscientização dessa problemática. O tema DST/AIDS, funciona como um pano de fundo para discutir questões familiares e emocionais, valorização da auto-estima e busca pela qualidade de vida.

REDE DE ASSOCIAÇÃO DE MULHERES NA LUTA CONTRA A AIDS

Autor: Kátia Maria Braga Edmundo

Apresentador: Kátia Maria Braga Edmundo

Contato: katia@cedaps.org.br

Co-autores: Wanda Lúcia Branco Guimarães; Maria do Socorro Vasconcelos Lima; Daniel Becker; Ana Paula Baptista; Denildes da Silva; Rita Canela; Danielle Bitencourt; Dreyfus Health Foundation

Instituição: Cedaps - Centro de Promoção da Saúde

Palavras-chaves: População de rua, Mulheres

Resumo: As associações de mulheres do Rio de Janeiro são organizações comunitárias que nascem em busca de soluções para problemas que afligem mais diretamente as mulheres no cotidiano das favelas e bairros de periferia. Direitos básicos, creches, apoio alimentar fazem parte de suas pautas de lutas. Representam nas comunidades um movimento de superação e de enfrentamento dos desafios sociais. Crescem em números e fortalecem suas ações na representação comunitária e na busca por recursos para enfrentamento de suas problemáticas. Como encontram-se mais ligadas as famílias percebem claramente as demandas relativas a causa da aids. Mobilizam-se então por encontrar recursos para prover cestas básicas, e apoiar famílias de sua comunidade afetadas pela epidemia, preocupam-se com os jovens, cada vez mais envolvidos com violência, desemprego, saída prematura da escola, gravidez, dentre outras questões intimamente ligadas a pobreza e a problemática social que afeta nosso país. Para dinamizar a potencialidade da ação destas mulheres organizadas em suas associações o programa Comunicse Consultoria Comunitária em Saúde/Educação (DST/AIDS) implementado pelo CEDAPS Centro de Promoção da Saúde desenvolveu o projeto Rede de Associação de Mulheres na Luta Contra a Aids objetivando reunir estas associações e assessorar a implementação de suas ações. Tem como eixo estruturante a metodologia Construção Compartilhada de Soluções em Saúde/PSBH pertencente a Dreyfus Health Foundation, uma fundação americana que implementa programas em cerca de 24 países com uma crescente rede de projetos sociais a que apóia e divulga. Trata-se de uma metodologia dinâmica que mobiliza recursos e habilidades individuais sistematizando-as, lhes configurando um caráter de ação: “o primeiro passo rumo a mil milhas”..A partir dos planos de ação originados em um seminário

específico, um grupo de Consultores Comunitários(graduandos capacitados) acompanha os planos, oferecendo apoio técnico e recursos de acordo com as necessidades da atividade prática. Estas associações reúnem-se mensalmente, se capacitam para gestão de suas ações e alimentam uma “rede viva” de soluções criativas e inclusivas para a causa da aids e suas diferentes interfaces. O programa Comunicse implementado junto as associações de mulheres e de moradores tem resultados bastante positivos e evidencia uma realidade nas favelas do Rio de Janeiro, uma vida que pulsa e busca soluções durante todo o tempo. Neste sentido organizamos o evento Fala Comunidade em que as associações expõem suas conquistas e fortalecem a rede da qual fazem parte. Este evento destina-se a divulgar as diferentes e inovadoras estratégias que o movimento popular encontra para falar de prevenção, apoio e solidariedade. Dar voz as comunidades abre caminho para um diálogo entre poder público, universidade, ong e movimento popular na luta contra a aids e suas causas mais profundas, chegando perto das situações que mais refletem a vulnerabilidade da população.

GRUPOS DE ADOLESCENTES MULTIPLICADORES DE PREVENÇÃO

Autor: Rossana Costacurta

Apresentador: Rossana Costacurta

Contato: coordenacaocvel@unimidia.com.br

Co-autores: Maria da Glória de Oliveira Joanico;

Instituição: Prefeitura Municipal de Cascavel/Coordenação Municipal

Palavras-chaves: Adolescentes/Adultos Jovens, Educação, Treinamento

Resumo: Os dados epidemiológicos têm apontado uma crescente juvenilização da epidemia de HIV/AIDS decorrentes da transmissão sexual e do uso de drogas. Por isso, o Núcleo Regional de Educação e a Coordenação Municipal de DST/Aids de Cascavel/PR iniciaram um projeto de intervenção junto a esta população. Foram realizadas oficinas com 17 Escolas Públicas Estaduais, num total de 239 jovens treinados, que passaram a realizar oficinas com alunos, professores e com a comunidade. Para retroalimentar os adolescentes houve em 2000, 4 encontros onde cada grupo escolheu um nome para identificá-los: Colégio Polivalente: APPA – Alunos Polivalentes na Prevenção Aids/DST; Colégio Santa Cruz: JEMA – Juventude Esperta Multiplicadores em Ação; Colégio Cataratas: Viva a vida sem risco de perde-la; Colégio Olivo Fracaro: JOFAVI – Jovens a Favor da Vida; Colégio Consolata: MECADI – Movimento Estudantil Contra AIDS e Drogas; Colégio Interlagos: Preconceito Zero; e outros. Houve também: Dança Circular para energizar, Elaboração do plano de ação, palestra sobre os dados epidemiológicos, Sensibilização feita pelos grupos “A gente é gente, a Gente é vida” e “Pegue essa Onda, e vem ser Cidadão”, dinâmica: Uma Lenda (solidariedade), do cumprimento, da performance rítmica e relato de experiências pelas Escolas, entre outras. Da reunião dos grupos formou-se o Grupo JOSEVI (Jovens a Serviço da Vida), com o objetivo de: Propiciar aos jovens espaços de discussão e debate a respeito de como viver bem a sua sexualidade, prevenindo-se e estando menos sujeito aos riscos de DST e AIDS; sensibilizar as pessoas quanto ao seu preconceito com os portadores do HIV, doente de Aids, e demais marginalizados; fortalecer parcerias com organizações governamentais e não governamentais para elaboração de campanhas informativas, captação de recursos, ampliação das discussões. Em novembro 2000, no Encontro Paranaense de Protagonismo Juvenil em Faxinal do Céu/

PR, houve a apresentação de 60 Projetos de Ensino. O grupo JOSEVI classificou-se em 2º lugar (10 premiados), ganharam R\$ 2.000,00 (utilizado para compra de equipamentos e material educativo para as oficinas) e certificado de Honra ao Mérito. Dezembro do mesmo ano recebeu medalha e diploma de Mérito Educacional da Secretaria de Educação e Governo do Estado. Constatou-se a necessidade da constante retroalimentação de informações e dinâmicas para o fortalecimento do grupo. Em 2001 realizamos um Seminário e oficina de aprofundamento, o grupo receberá novos cursos e fará oficinas nas 20 escolas que solicitaram a Sensibilização em DST/AIDS.

PREVALÊNCIA DE INFECÇÃO POR HIV E DST EM PROFISSIONAIS

Autor: Júlio César Vidal Verdi

Apresentador: Laurindo Januário da Silveira

Contato: verdi@mbox1.ufsc.br

Co-autores: Jane Borges Teixeira; Suzana Wainstein; Sandra Chr;
Sandra Kristakis;

Instituição: Ambulatório de DST/Aids - Secretaria Municipal de Saúde

Palavras-chaves: DST

Resumo: Foram avaliadas as profissionais do sexo atendidas no ambulatório de referência para DST/Aids da secretaria municipal de saúde de Florianópolis/SC durante o ano de 2000, com a finalidade de levantar nesta população, a prevalência de infecção por HIV e outras doenças de transmissão sexual. Os resultados apontaram 8,75% de profissionais contaminadas pelo HIV e 62,5% de prevalência de outras DSTs, as quais são também apresentadas no trabalho.

GERENCIAMENTO FINANCEIRO DE APLICAÇÃO DE 100%
RECURSO E 96% RENDIMENTO POA II

Autor: Dulceneia Ribeiro Netto

Apresentador: Dulcenéia Ribeiro Netto

Contato: dstaids@vetorialnet.com.br

Co-autores: Maria da Graça Insauriaga Jundi;

Instituição: Secretaria Municipal de Saúde de Rio Grande

Palavras-chaves: Planejamento, Operacionalização Financeira,

Resumo: Dado a operacionalização financeira demonstrada no desenvolvimento do Projeto Aids II, o que proporcionou a utilização total do recurso devidamente, nos propormos a compartilhar esta experiência afim de incentivar novos Municípios participantes do referido convênio.

A metodologia utilizada para dinamização do processo se faz mediante ao conhecimento e acesso a Lei Orgânica do Município e a Lei 4320/64 que rege a Administração Financeira e Contábil das Administrações Públicas com a finalidade de cumprir as normas do BIRD (Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento e o Ministério da Saúde sem comprometimento as entidades. A partir da previsão de aquisições e solicitações de serviços, estipulados pelo setor de Planejamento baseados na matriz de programação aprovada, foram realizados Shopping (comparação de preços) diretriz do BIRD, respeitando a lei 8666/93 foi possível aquisição de insumos e serviços com menor preço, proporcionando assim novas aquisições para atender o programa de acordo com suas necessidades, com menor custo e não deixando cair a qualidade do insumo ou serviço. Concluimos que a execução do financeira do convênio se deu em 100% do recurso recebido e 96% de aplicação do rendimento no mercado financeiro deste modo configurando uma otimização de 105,99% utilizado.

INÉDITA ESTRATÉGIA DE REDUÇÃO DE DANOS PARA USUÁRIOS DE CRACK

Autor: Luciana Oliveira Villarinho Rodrigues

Apresentador: Luciana Villarinho

Contato: luvillarinho@uol.com.br

Co-autores: Adelaide Bouçós; Neide Gravato;

Instituição: Programa Municipal de DST/Aids/Hepatite de Santos

Palavras-chaves: Redução de Danos, usuário de droga, outros

Resumo:

Contextualização: Santos, cidade litorânea do estado de São Paulo, durante 8 anos apresentou a mais alta incidência de casos de Aids no país, sendo o uso de drogas injetáveis responsável direta ou indiretamente por cerca de 50% das notificações. Apesar de existir vontade política para a implantação das estratégias de R. D. desde 89, o município foi impedido juridicamente de desenvolver tais ações durante 10 anos. Após a aprovação da Lei Estadual do Dep. Paulo Teixeira em 98, foi possível implantar integralmente o projeto. O panorama da cidade no entanto havia mudado, tendo diminuído consideravelmente o uso de injetável, dando lugar ao crack como a principal droga consumida.

Descrição/modelo: Através de um financiamento do M. S. e UNDCP foi possível criar estratégias específicas para usuários de crack. Inicialmente, um grupo de travestis usuários de crack e que possuíam bom vínculo com a coordenação do projeto, colaborou testando 5 tipos de filtros diferentes. Foram realizadas várias oficinas até se definir 1 tipo de filtro que poderia ser distribuído pela equipe, constituída por 6

reduzidores de danos e duas coordenadoras, todos treinados para atuar em campo junto à população alvo.

Principais resultados: Em 10 meses de projeto(julho/00- abril/01), foi possível cadastrar: 354 usuários de crack, 90 usuários de outras drogas, 14 UDI; distribuir: 21.368 preservativos, 1.681 folder, 862 filtros, 225 seringas; realizar: 116 encaminhamentos de saúde e 141 grupos informativos.

Conclusão: Os filtros são um importante insumo para a aproximação com os usuários de crack, que até então não tinham nada que pudesse ajudá-los na prevenção das doenças respiratórias, hepatite e outras de via sanguínea. O principal problema levantado pelos usuários é o receio do filtro causar a perda do efeito da droga. No entanto, seu uso prova concretamente ao usuário todas as impurezas que ficam retidas no filtro auxiliando na sua aceitação. Ainda não foi possível avaliar os resultados, no entanto aqueles que aderiram ao uso do filtro referem melhora do quadro respiratório(menos tosse e cansaço) e redução de consumo. Como se trata de uma experiência inédita, houve dificuldade na obtenção de filtros, pois apenas uma empresa produz tal insumo no Brasil, necessitando de criatividade da equipe e dos colaboradores.

REDUÇÃO DE DANOS COMO POSSIBILIDADE DE PREVENÇÃO COM AS POPULAÇÕES VULNERÁVEIS

Autor: Vilma Carmona Gonçalves

Apresentador: Vilma Carmona Gonçalves

Instituição: Conjunto Hospitalar de Sorocaba

Palavras-chaves: UDI, exclusão social, redução de danos

Resumo:

Contextualização: O programa de redução de danos de Sorocaba iniciou em 1997, com objetivo de intervir junto aos UDIs, índice de soroprevalência de 47.03%. Direcionando suas atividades de intervenção para áreas de tráfico e consumo, foram elencadas 11 áreas de intervenção. Na região central concentrava-se grande número de profissionais de sexo, travestis e michês. Nas demais áreas cruzavam tráfico, cenas de uso, boates casas de prostituição- com clientes do município e região.

Descrição\métodos: As estratégias de campo com os redutores de danos caminharam conjuntamente para estas populações, pois avaliou a presença de UDIs, com entrega de kits e preservativos. No decorrer dos anos ocorreram alterações no perfil dos usuários, muitos debilitados pela droga e/ou sorologia positiva, abandono da via injetável, bem como a presença maciça do crack. Desta forma dificultando o acesso e identificação dos UDIs. Podemos afirmar a interrupção do que se acreditava existir, as redes de usuários, como forma de acessar a cadeia e suas redes de consumo e de sociabilidade.

Principais resultados: Paralelamente as ações de intervenção junto aos UDIs, as populações mais visíveis (profissionais do sexo e travestis) emergem das áreas dos redutores, capitalizando as atenções de prevenção. A realidade destas populações com relação a repressão policial, a existência de apenas um COAS para distribuição de preservativos, a inexistência de referência para as DST, para aqueles que não são HIV+, atraíram as atenções da equipe. Diante deste quadro real, explicitando a vulnerabilidade, a equipe deparou-se com as seguintes indagações: - Aceitamos o desafio de trabalhar com todas as populações vulneráveis respondendo às intervenções das DST/AIDS?

- Temos fôlego?

- Como objetivar as ações de redução de danos para os UDIs sem se deparar com as demandas das populações vulneráveis?

- Como diferenciar UDIs e Uds das demais populações, como algo próprio, identificável e excludente?

Conclusão: As respostas ainda estão em construção, mas podemos apontar caminhos mais claros. Em conjunto com a Coordenação de Estadual de DST/AIDS de São Paulo iniciamos trabalho de sensibilização e estratégias voltadas diretamente para os profissionais do sexo, travestis e miches e ainda o deslocamento de uma redutora de danos para estas áreas, relacionando com o trabalho junto aos UDIs. A articulação com Unidade Básica de Saúde (UBS) em bairros de intervenção para os UDIs, atuando em plantões, com reuniões de sensibilização para os riscos às DSTs, oferta de preservativos, oficina de sexo seguro e distribuição de kits. Complementando as ações, visando aproximar os usuários, seus amigos e parcerias sexuais aos serviços de saúde integral e inserindo a saúde pública nas intervenções de redução de danos. Desta forma a redução de danos ampliou as intervenções de prevenção para outras populações vulneráveis, incluindo nas atenções voltadas para os UDIs.

MUDANÇA DE HÁBITO

Autor: Rosângela Maria Velasque Braz

Apresentador: Rosângela Maria Velasque Braz

Contato: dstaids@vetorialnet.com.br

Co-autores: Gicelle Rocha; Eunice Barros; Zeli Nunes;

Instituição: Programa de Agentes Comunitários de Saúde - Secretaria Municipal de Saúde Rio Grande (PACS)

Palavras-chaves: Mulheres, População em Situação de Pobreza, Prevenção

Resumo: Sendo orientação à prevenção a principal função do agente comunitário, em suas visitas domiciliares, desenvolvemos uma maneira agradável de atingir a população alvo de nosso projeto, que seriam mulheres em situação de pobreza, esposas e filhas de pescadores que vivem na praia, mulheres analfabetas em sua maioria, que vivem em seu próprio mundo as vezes alheias a vulnerabilidade a que estão expostas, sem auto-estima diante de si e de suas numerosas famílias no mais completo desconhecimento de métodos de prevenção, que passa de mãe para filha. Vislumbramos com esse trabalho a possibilidade de sensibilização, prevenção a DST/AIDS e discutirmos muitos temas importantes, bem como proporcionar saúde mental, lazer e troca de experiências. Com essas mulheres foram desenvolvidas oficinas de prevenção sobre auto-estima, conhecimento do corpo, sexualidade, gravidez, métodos contraceptivos, DST/AIDS, drogas, preconceito, sexo seguro, através de vídeos, palestras e folder e depoimentos, ao mesmo tempo que eram confeccionados por elas colchas de retalhos, cestos de jornal e saquinhos de sachê bordados. No projeto até agora participaram 45 mulheres de 13 a 50 anos, em três grupos subsequentes de 15 mulheres. O material para os trabalhos manuais foram adquiridos gratuitamente no comércio local. Os encontros acontecem na igreja da comunidade uma vez por semana num total de 8 encontros para cada grupo. A presença das mulheres nas oficinas ficou em torno de 80 %, onde 60% se cadastraram para receber preservativo mensal, a auto-estima mostra sensível melhora, 10 % delas ingressaram no movimento de alfabetização (MOVA), 20% demonstrou interesse em fazer a testagem para HIV e foram encaminhadas e 100 % das participantes levaram para casa o que produziram num total de 18 colchas de retalhos, 26 cestos de jornal, e 56 saquinhos de sachê. O objetivo principal do projeto foi alcançado em 80 %, onde as mulheres se mostram conscientes dos riscos que correm se não adotarem novas práticas de prevenção e, principalmente quanto ao uso do preservativo e que podem evitar desde uma gravidez indesejada até uma DST ou AIDS.

A CRIANÇA COM AIDS NO ESPAÇO SOCIAL EM QUE VIVE

Autor: Eloina Santana Alves

Apresentador: Eloina Santana Alves

Contato: crescer@ufba.br

Co-autores: Climene Laura de Camargo; Maristela Pina dos Santos La Torre; Marinalva Dias Quirino; Noélia Oliveira Dias dos Santos; Sônia Lorena Soeiro Argollo Fernandes;

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

Palavras-chaves: Criança convivendo com Aids

Resumo: Com a feminilização da AIDS crescente em nosso meio, a criança tem sido a maior vítima dessa epidemia, tanto em relação a situação de portadora quanto em relação à orfandade, pois mulheres vítimas da AIDS, morrem em maior número na fase de reprodução e produtividade econômica. No estado da Bahia o número de crianças com AIDS vem crescendo e o atendimento se dá a nível hospitalar, quando apresenta infecções oportunistas, a nível ambulatorial para acompanhamento da criança e família e a nível social (?) quando o binômio abandonado pela família e/ou a orfandade bate-lhe à porta, refugiam-se em casas de apoio. Buscando entender a problemática vivenciada pela criança soropositiva e com AIDS, este estudo teve como objetivo analisar o dia-a-dia da criança com AIDS, considerando o contexto social onde vive: a casa, a vizinhança, a escola e o ambulatório onde faz tratamento. Com base em estudos epidemiológicos e, através de uma abordagem qualitativa, foram definidos os atores sociais, onze crianças em idade escolar em tratamento de AIDS, de ambos os sexos, procedentes da capital e do interior do Estado da Bahia. Os materiais foram coletados a partir de entrevista semi-estruturada e prontuários. Foi utilizada a Análise de Conteúdo para abstrair categorias a partir das falas dos atores. Esta análise permitiu explicitar que o cotidiano das crianças deste estudo, nos diferentes contextos em que vive, compreende brincar, cuidar da saúde, trabalhar e meditar. De modo geral, conclui-se que elas vivem socialmente integradas e sem prejuízos aparentes no seu crescimento e desenvolvimento e que o brincar, é uma característica inerente à criança quer seja ela portadora de alguma patologia ou não. Quanto ao cuidar da saúde, categoria elaborada a partir da expressão tomo remédio evidenciada nas falas desses atores, traduz uma singularidade que faz parte do dia-a-dia da criança com AIDS.

CASAIS SOROCONCORDANTES E SORODISCORDANTES:
UMA ESTRATÉGIA DE ACONSELHAMENTO COM EQUIPE
MULTIDISCIPLINAR

Autor: Débora Fontenelle dos Santos

Apresentador: Débora Fontenelle dos Santos

Contato: dfontenelle@openlink.com.br

Co-autores: Machado A; Silveira LMC; Fonseca AC; Sales R;
Nogueira FE; Vieira V; Rocha C;

Instituição: Hospital Universitário Pedro Ernesto - Universidade do
Estado do Rio de Janeiro

Palavras-chaves: Aconselhamento, Adesão, Modelo de Atenção de
Saúde

Resumo:

Contextualização: Entendendo o adoecimento como um processo que envolve fatores biopsicossociais, os médicos do Ambulatório de Medicina Integral do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE/UERJ) optaram por desenvolver uma abordagem multidisciplinar em parceria com a Disciplina de Psicologia Médica e Serviço Social. O acompanhamento de casais soroconcordantes e sorodiscordantes pressupõe uma prática sistemática e dinâmica de aconselhamento. A equipe formada por médico, psicólogo, residentes e internos de Medicina tem desenvolvido a prática de atendimento conjunto durante as consultas ambulatoriais.

Descrição: O atendimento de sete casais envolvidos e afetados por questões inerentes à infecção pelo HIV suscitou na equipe a necessidade de aprofundar e refletir sobre aspectos relacionados à sexualidade, suporte familiar e prevenção primária e secundária. Sendo assim, constatou-se a importância de instituir a consulta conjunta como mais uma abordagem para o atendimento destes casais. Principais Resultados: Durante o aconselhamento realizado nas consultas conjuntas foram observados vários aspectos que não se restringem à infecção pelo HIV propriamente dita. A valorização da história e experiência de cada casal facilitou a apreensão de sua singularidade. Entre outros aspectos, foram percebidos a melhora da adesão ao tratamento como um todo, o suporte para a comunicação da soropositividade aos familiares e a conscientização da importância da prevenção primária e secundária. Este trabalho descreve a experiência da equipe multidisciplinar no atendimento de casais frente ao processo saúde-doença, evidenciando as estratégias adotadas em respeito à dinâmica de funcionamento de cada casal.

Conclusões: A prática de aconselhamento instituída de forma sistemática e dinâmica através de consulta conjunta ambulatorial é um facilitador no acompanhamento de casais afetados pelo HIV. No ambiente universitário oferece uma alternativa assistencial ao modelo hegemônico. Entre a equipe promove troca de papéis e coesão. E para os pacientes favorece o acolhimento, vínculo e suporte; fundamentais para o sucesso do processo terapêutico.

REPENSANDO A PREVENÇÃO EM UM PAÍS PLURIÉTNICO E PLURICULTURAL

Autor: Iná Meirelles de Souza

Apresentador: Iná Meireles de Souza

Contato: meireles@uol.com.br

Co-autores: Fontenelle D S; Pacheco, MCA; Loja TB; Lima CXBS; Caetano R;

Instituição: Núcleo de Epidemiologia do Hospital Universitário Pedro Ernesto - UERJ

Palavras-chaves: Religião, Intervenção Comunitária, Aconselhamento

Resumo: Construir metodologia de treinamento de agentes multiplicadores de prevenção/promoção de saúde em DST/Aids em terreiros de candomblé do estado do Rio de Janeiro.

Descrição/Método: Análise de casos de pacientes portadores de HIV/Aids atendidos no Hospital Universitário Pedro Ernesto/Universidade do Estado do Rio de Janeiro participantes do candomblé. Revisão bibliográfica de textos sobre a cultura afro-brasileira e de textos onde características culturais e religiosas em que foram utilizadas para dotar comunidades de conhecimento e instrumentos de prevenção. Identificação de grupos de candomblé e centros culturais afro localizados no estado do Rio de Janeiro. Contatos e entrevistas com lideranças do candomblé para avaliar a sensibilidade e aceitação de trabalho sistemático de aconselhamento e prevenção de DST/Aids no interior das casas de santo.

Principais Resultados: Elaboração de anteprojeto de treinamento de agentes multiplicadores de prevenção/promoção de saúde em DST/Aids nas comunidades de candomblé.

Conclusão: Assim como não existe apenas uma epidemia, também devemos considerar que existem múltiplas maneiras de entender a prevenção e mesmo de viver com HIV/Aids. O Brasil é um país pluri-étnico e pluricultural. O discurso hegemônico ignora a existência das várias falas e modos de pensar e viver de grande parte da população. O mesmo tem acontecido em relação às campanhas institucionais de prevenção em DST/Aids. O sucesso da prevenção da qual depende a prevenção da epidemia só será alcançado através do conhecimento e convencimento das medidas a serem adotadas por parte das populações atingidas. Isto só será obtido com a descentralização de busca de métodos e linguagens próprios para as comunidades que compõem a diversidade da população brasileira.

O MAL-ESTAR DA AIDS ENTRE AS ÍNDIAS TERENA - UM ESTUDO DE CASO

Autor: Léia Teixeira Lacerda

Apresentador: Léia Teixeira Lacerda

Contato: nleialacerda@uol.com.br

Instituição: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Palavras-chaves: Mulheres, Povos Indígenas, Saúde Mental

Resumo:

Introdução: Seria mesmo a Cultura Terena tão diferente da Cultura do não-índio? Falamos não-índio procurando envolver o branco, o negro, o mestiço, o outro... que se relaciona como o índio Terena. Os Terena vivenciam uma proximidade muito grande com o universo do 'outro' e nem por isso deixam de ser índios. E não é necessariamente a proximidade ou o distanciamento do mundo do 'civilizado' que garante a identidade indígena deste ou daquele povo. Afinal, o que será mesmo ser índio, branco, negro ou mestiço? Não seria apenas o humano, reconstruindo os seus valores a partir da relação que se estabelece com um sujeito diferente da tribo a qual pertence?

Contextualização: A partir desta relação com o 'outro' é que procuramos refletir a respeito das Oficinas de Orientação do Programa de Prevenção às DSTs/AIDS, realizadas na Aldeia Terena Limão Verde, em Aquidauana - MS - 1998. A questão que levantamos a partir desta reflexão é: índias e não-índias são semelhantes ou dissemelhantes em relação ao comportamento sexual de risco? Pelo menos no que se refere à contaminação pelo vírus HIV, elas se mostraram bem próximas, já que é muito alta a prevalência de contágio na população brasileira.

Descrição/Método: Trabalhamos com grupos mulheres, casadas, com vida sexual ativa. Escolhemos 04 (quatro) mulheres, tomando como critério o índice de frequência às Oficinas de Orientação, realizadas na Aldeia, que permitiram o prévio conhecimento dos sujeitos e o estabelecimento do rapport. Assim pudemos verificar as condições intelectuais e emocionais destas índias, para serem submetidas à entrevista, após o esclarecimento da pesquisa e o consentimento das mesmas para este procedimento. Trata-se de um Estudo de Caso a partir de entrevistas semi-dirigidas. Investigando qual o entendimento e a compreensão que os sujeitos têm a respeito da AIDS, para então caracterizar e discutir o comportamento sexual de risco diante da prevenção ao HIV, para as Terena.

Resultados e conclusões preliminares: Utilizou-se para a compreensão dessa questão o referencial teórico da realidade psíquica freudiana. Através do conceito de realidade psíquica, Freud criou a possibilidade de uma articulação teórica entre subjetivo e social capaz de abordar a tensão que reveste o mal estar que a AIDS tem provocado inclusive entre as índias Terena. Pela análise dos discursos das índias a AIDS desperta os fantasmas mais primitivos do ser humano. Pensar a respeito faz com que o sujeito associe a sexualidade a algo proibido e perigoso. É também o momento que o sujeito passa a vivenciar os sentimentos mais hostis e destrutivos da condição humana. Da mesma forma da mulher não-índia a mulher Terena também não tem como se proteger do HIV porque não tem argumentos psíquicos suficientes para esta proteção. Acaba cedendo às imposições do companheiro e, sobretudo às imposições do seu próprio desejo, deixando o envolvimento afetivo nortear e comandar os seus atos e o mais secreto dos desejos.

PROJETO DE IGUAL PARA IGUAL - PROTAGONISMO JUVENIL E EDUCADORES - CIDADÃOS NA CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES DE GÊNERO IGUALITÁRIOS E NA PROMOÇÃO DE UMA SEXUALIDADE MAIS SEGURA E CONSCIENTE

Autor: Daniel Raviolo

Apresentador: Elisângela Albuquerque - Comunicação e Cultura

Contato: faleconosco@comcultura.org.br

Co-autores: Elisângela Albuquerque - Comunicação e Cultura; Cícera Andrade - Comunicação e Cultura;

Instituição: Comunicação e Cultura

Palavras-chaves: adolescência/adulto jovem, comunicação, educação

Resumo: A ONG Comunicação e Cultura atua, desde 1994, junto a grupos de jovens do Ceará, sobretudo no contexto de escolas públicas, realizando um trabalho educativo por meio do apoio à publicação dos jornais estudantis que eles editam. Em 1996, lançamos o Projeto De Igual Para Igual, que capacita e organiza adolescentes, com idade acima de 13 anos, para realizarem atividades de mobilização social, visando à construção de novas relações de gênero e a promoção de uma sexualidade mais segura. O projeto surgiu a partir do interesse dos editores e leitores por assuntos referentes à sexualidade, associado ao nosso objetivo de capacitar os jovens para melhor utilizarem os jornais como ferramenta de mobilização social. Nossa ação tem como base o conceito de protagonismo juvenil, que propõe uma mudança de paradigma na maneira da sociedade ver o jovem, passando a identificá-lo como um cidadão pleno, capaz de gerar soluções para os problemas sociais. O trabalho de educação entre pares permite o diálogo entre adolescentes, respeitando seus próprios códigos e linguagens, com a liberdade e autonomia que tanto desejam. As ações desenvolvidas pelos jovens ativam os mecanismos de identificação e formação coletiva de opiniões, favorecendo a adoção de comportamentos necessários para a redução da vulnerabilidade, tanto no que diz respeito à gravidez, DST e HIV/AIDS, como relacionada à violência de gênero. Os jornais publicados regularmente pelos jovens e com ampla aceitação entre os leitores, fornecem excelentes condições para garantir a recorrência da mensagem e a empatia do leitor com o meio de comunicação. Além disso, os jovens realizam outras atividades de mobilização social (fixação de cartazes, oficinas, projeção de vídeos, distribuição de panfletos, etc). Esses jovens contam com a participação de educadores voluntários que atuam como co-responsáveis no desenvolvimento de ações protagônicas,

comprometidas com a transformação social. Em 2000, o projeto atuou junto a 101 grupos de jovens de 23 municípios do Ceará, incluindo Fortaleza e toda a Região Metropolitana. Ao todo, 652 jovens participaram da produção dos jornais, com 248 edições e uma tiragem total de 312.500 exemplares. Eles escolheram a pauta, redigiram as matérias, realizaram a programação visual e distribuíram as publicações entre seus colegas e vizinhança. Esses jovens também promoveram 141 atividades de mobilização social. As ações do projeto foram realizadas para um público estimado de 127.268 pessoas. Nossa meta até o final do ano 2002 é ampliar o projeto para 300 grupos de jovens no estado do Ceará. O projeto atenta para um horizonte mais amplo que a prevenção. As atividades de educação entre pares produzem significativas repercussões na auto-estima dos jovens, que, a partir da intervenção em diferentes contextos, criam redes de solidariedade e compromisso, articulam crescimento individual e coletivo, tornando-se mais facilmente cidadãos conscientes do seu papel social.

TRABALHO DE CAMPO NA PREVENÇÃO DE DST/AIDS ENTRE
USUÁRIOS DE DROGAS E NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES
DE ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Autor: Fabiana Cunha Oliveira

Apresentador: Daniela Cardoso Santos

Contato: babby_nauta@bol.com.br

Co-autores: Daniela Cardoso Santos; Jeane Freitas de Oliveira; Tarcísio de Matos Andrade; Lilian Oliveira de Araújo; Marco Manso Cerqueira; Mariza Saba Cardoso Pereira;

Instituição: Universidade Federal da Bahia

Palavras-chaves: prevenção, usuários de drogas, enfermagem

Resumo:

Introdução: As DST/aids atingem milhares de indivíduos em todo o mundo, tornando-se um problema de saúde pública mundial. Os usuários de drogas, principalmente na forma injetável, estão mais vulneráveis a contrair doenças infecto-contagiosas como HIV, hepatites e as DSTs. Programas de intervenção com vistas à prevenção e assistência a população usuária de drogas torna-se fundamental para o controle das DSTs/Aids. O objetivo deste trabalho é relatar a experiência vivenciada pelas autoras junto a um projeto desenvolvido pelo Programa de Redução de Danos PRD, do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas CETAD/UFBa.

Descrição/Metodologia: Como integrantes da equipe técnica que desenvolvem o Projeto Pontos Móveis, desde agosto de 1999, as autoras utilizaram-se da observação participante, registrando em caderno de campo as percepções apreendidas sobre o trabalho desenvolvido. As atividades são realizadas em três comunidades de dois bairros de Salvador-Ba, caracterizadas pelo alto consumo e tráfico de drogas, em visitas semanais, através de um veículo equipado adequadamente.

Principais resultados: A clientela é composta por adultos, adolescentes, crianças e idosos, muitos dos quais usuários de drogas. A confiança e o respeito conquistados pela equipe vem contribuindo para o aumento de atendimentos, que nos últimos seis meses duplicou em relação ao período anterior, superando as estimativas. As atividades realizadas têm sempre caráter educativo, havendo troca de informações sobre as DST/aids, distribuição de preservativos com orientação e demonstração para o uso correto, trocas de seringas e encaminhamentos para assistência a serviços de saúde. As autoras tem observado que o número de mulheres atendidas vem crescendo progressivamente, inclusive algumas delas

assumindo a condição de usuária de drogas e portadoras de DST.

Conclusão: A participação neste projeto tem permitido que o contato direto com usuários de drogas, reformule as representações com relação aos mesmos. A experiência do trabalho em comunidade tem possibilitado direcionar as atividades de acordo com as necessidades, linguagem, e a realidade da população, proporcionando uma nova visão com relação ao cuidar de enfermagem um cuidar voltado para prevenção. Desta forma as autoras entendem que há necessidade de inclusão de questões relacionadas ao uso de drogas no ensino de enfermagem.

EXPERIÊNCIAS NO ATENDIMENTO PEDIÁTRICO - SAE PRAIA GRANDE - SP

Autor: Michel Idalécio de Souza

Apresentador: Michel Idalecio de Souza

Contato: tellini@umines.com.br

Co-autores: Gibbons; A.S; Zampieri; C.P; Lopes; E.L; Tellini; R M C

Instituição: Prefeitura da Estância Balneário da Praia Grande

Palavras-chaves: Peditria SAE, Adesão

Resumo:

Contextualização: A cidade de Praia Grande é o 15º município em incidência de aids no país. Até 1998 a cidade não contava com um Serviço Especializado para o tratamento e acompanhamento de crianças portadoras do vírus HIV/AIDS, que eram encaminhadas aos serviços de outras cidades, dificultando o tratamento e acompanhamento dos casos.

Descrição: Pensando na qualidade do atendimento, a unidade foi adaptada ganhando uma brinquedoteca e playground, consultório pediátrico e consultório psicossocial. Após 2 anos o SAE está com 43 crianças matriculadas, com 12 em acompanhamento, 14 em tratamento, 14 em Alta, 2 solicitaram transferencia e 1 óbito. De todas gestantes acompanhadas no pré-natal, nenhuma soroconverteu até o presente momento. Dos casos de Aids, 11 vieram transferidas de outros serviços e 4 com diagnóstico após adoecimento. As famílias recebem atenção total, com atendimento multidisciplinar, são realizados grupos com pais e cuidadores, em alguns momentos tendo a participação de gestantes em acompanhamento. Observamos nenhum caso de abandono e uma maior participação dos familiares no serviço.

Conclusões: Com boa acolhida é possível tornar o atendimento agradável, os possibilitando melhor adesão ao tratamento e serviço, favorecendo o controle da transmissão.

SEXUALIDAIDS- PERGUNTAS E RESPOSTAS: ORIENTAÇÕES
SOBRE SEXUALIDADE E PREVENÇÃO DA INFECÇÃO POR
HIV, E OUTRAS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS
NA COMUNIDADE DA REGIÃO CENTRAL DO ESTADO - RS

Autor: Fábio Lopes Pedro

Apresentador: Fábio Lopes Pedro

Contato: babo@loja.net

Co-autores: André Luiz Kersting Corrêa; Fúria Gargano; Fábio Pascotto de Oliveira; Jorge Luiz Aristimunha Junior; Lázaro Elizom Rolim; Luiz Carlos Paul; Raquel Cristine Spohr; Thiele do Prado Geller

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria

Palavras-chaves: Educação, Sexualidade, Prevenção

Resumo:

Contextualização: Em agosto de 2000, após a Feira das Profissões, acadêmicos de Medicina e Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) resolveram se empenhar em um tipo especial de atividade. Durante tal feira perceberam a falta de informação dos adolescentes quanto à sexualidade. Ao ministrar uma palestra, o resultado foi tão bom que atualmente já realizam atividades com mais de 20 mil pessoas. Percebemos que somos da mesma faixa etária, e que isso facilita o nosso contato com os jovens. Debates assuntos polêmicos de forma aberta em cinco módulos: sexualidade, HIV e AIDS, DST's; planejamento familiar; uso indevido de drogas. Isso permite uma educação global sobre saúde do adolescente. Todas as atividades são voluntárias, não remuneradas, sendo coordenadas pelos próprios alunos sob orientação de professores da UFSM.

Metodologia: As atividades integram oficinas à avaliação dos participantes através de protocolos de pesquisa, os quais avaliam o perfil sócio-econômico, o conhecimento e comportamento sexual em duas etapas, a primeira antes (pré-teste) e a segunda ao final das atividades (pós-teste). Todos recebem um vale-camisinha codificado por um número de senha que é transcrito para os protocolos permitindo comparação dos dados prévios com os posteriores às atividades. Além disso, todo protocolo possui um espaço aberto para que o aluno faça as perguntas por escrito, e sem identificação nominal evita o constrangimento da pergunta em público. Todas as perguntas são respondidas de forma escrita e publicadas no mural da escola de forma que o aluno verifique sua resposta pelo seu número de senha. Com tal cartão, todos são

encaminhados ao Centro de Orientação e Apoio Sorológico COAS, onde poderão fazer testagem anti-HIV e para sífilis, e receber 15 preservativos por mês, tudo de forma gratuita e anônima. Resultados: em 2001 já foram aplicados mais de 5000 mil pré-testes, sendo respondidas mais de 2300 perguntas dos escolares. O movimento no COAS triplicou, aumentando a testagem e a distribuição de preservativos. As atividades desenvolvidas em mais de 32 escolas de 12 cidades da região central de Santa Maria estão em andamento com aproximadamente 20 mil escolares e universitários, além de pais, professores, e a comunidade em geral. **Conclusões:** Após desenvolver mais de 300 palestras em menos de um ano, verificamos que um trabalho que vise educação sexual deve ser realizado com acompanhamento dos escolares, não podendo ser restrito a palestras esporádicas. A única forma de se mudar um comportamento é reiterando informações até que o aluno tome consciência das práticas adequadas para sua boa saúde. Para isso as atividades devem ser criativas, em uma linguagem que o jovem compreenda, e nada melhor que outro jovem universitário para tal. Assim é gratificante expor que vamos buscar aprimorar nossa prática, trocando idéias de forma aberta com as pessoas, para que possamos continuar nessa luta, onde todos somos os vencedores.

INTERVENÇÕES JUNTO A MULHERES DE BAIXA RENDA DE SÃO PAULO

Autor: Maria Aparecida Fernandes

Apresentador: Vânia Edilene Saletti

Contato: aids.sjrp@empro.com.br

Co-autores: Maria Aparecida Fernandes; Vânia Edilene Saletti;

Instituição: Programa Municipal DST/AIDS - S.J. Rio Preto-SP

Palavras-chaves: Mulheres, Serviços de Prevenção, Organizações não-governamentais

Resumo: No Ano de 995 observou-se um aumento significativo na incidência de contaminação pelo vírus HIV/AIDS e DST em mulheres de faixa etária entre 20 e 34 anos, com baixo nível de escolaridade e donas de casa, levando a um conseqüente aumento no número de casos da doença em crianças, em função da transmissão vertical. Diante dessa situação, criou-se a demanda de se fazer um programa específico visando atender às peculiaridades desta população, tendo como objetivo principal a redução do número de transmissão do vírus HIV/AIDS e DST em mulheres de baixa renda. As ações são desenvolvidas por agentes de saúde supervisionadas pela equipe técnica. São realizadas oficinas junto à comunidade em locais de fácil acesso, como centros sociais, residências, fábricas e UBS (unidades de saúde) através dos grupos de gestantes e papa-nicolau, que após o treinamento no CTA/COAS com os profissionais da saúde de nível médio e superior, visando sensibilizar e capacitar no aconselhamento em DST/AIDS, favoreceu uma maior inserção. As oficinas são feitas através de 4 encontros semanais com duração de 2 horas, onde são dadas informações teóricas sobre DST, HIV, redução de danos, práticas sexuais seguras e, eventualmente, outros relacionados à saúde da mulher. No último encontro é distribuído um kit personalizado contendo preservativo masculino e feminino, material informativo, juntamente com cartão de encaminhamento para a realização do teste anti-HIV (mulher e parceiro) no CTA/COAS.

ADOLESCENTES ESTAGIÁRIOS E INICIAÇÃO SEXUAL

Autor: Ely de Campos

Apresentador: Magali Olivi

Contato: ecampos@uem.com.br

Co-autores: Magali Olivi; Berenice Pelizza Vier Botti; Sueli Orioli; Izaura Feit; João Carlos Araújo RG: 7602000-0 SSP;

Instituição: Universidade Estadual de Maringá

Palavras-chaves: Adolescente, DSTs/AIDS, Prevenção

Resumo:

Contextualização: O presente estudo foi realizado entre 116 adolescentes estagiários de ambos o sexo, que desenvolvem atividades nos diferentes setores da UEM, por 4 horas diárias de trabalho e recebem sua remuneração em forma de bolsa trabalho. Para sua contratação estabeleceu-se como norma interna, a partir de 2000, a idade de 16 anos completos, estar regularmente matriculado e freqüentando a escola formal. Adota-se como critério interno que 60% dos adolescentes sejam filhos de servidores e 40% da comunidade externa. No processo admissional é solicitado exames laboratoriais, consulta médica. No Ambulatório Médico, uma equipe multiprofissional desenvolve trabalhos de promoção à saúde, orientam sobre normas institucionais e rotinas internas, na tentativa de oferecer aos adolescentes acesso aos serviços de saúde de forma especial.

Objetivos: Caracterizar os adolescentes estagiários da UEM, através de um questionário, o início da atividade sexual, idade, o uso de preservativos na primeira transa, o parceiro (a) da primeira relação, o método contraceptivo utilizado na primeira relação e o método utilizado atualmente. Identificar as pessoas que mais orientam os adolescentes quanto ao uso de métodos contraceptivos, e as pessoas com quem mais conversam sobre assuntos sexuais.

Material e Métodos: O material utilizado foi (116) questionários previamente preenchidos pelos adolescentes, no período de março a maio de 2001. Destes foram selecionadas as questões que identificassem as seguintes variáveis; sexo, idade, início da atividade sexual, uso do método contraceptivo na primeira relação, o (a) parceiro (a), se atualmente têm relação sexual, se faz uso de algum método, quem orientou e com quem conversam sobre assuntos sexuais.

Resultados: Dos 116 questionários respondidos, 68,1 % são do sexo masculino, 31,8% do sexo feminino. Ao identificar a idade da primeira relação entre os adolescentes do sexo masculino 48% responderam que não tiveram relação, 53% que tiveram, destes 78,5 % usaram método contraceptivo, 17% não usaram nenhum método, 4,7% não responderam. Entre as adolescentes 75,6% responderam que não iniciaram atividade sexual, 10,8% responderam que sim, destas 75% usaram método contraceptivo e 2,3% não fizeram uso de método. Em ambos o sexo, dos 46 adolescentes que tiveram atividade sexual, a primeira relação ocorreu entre 14 a 16 anos.

Conclusão: Estudos relativos à saúde reprodutiva dos adolescentes, apontam que nesta faixa etária, estes iniciam atividade sexual sem proteção correndo o risco da gravidez e das DSTs/AIDS. No entanto, os dados apontam que nesta população estudada, entre os adolescentes de ambos os sexos o uso de método contraceptivos em sua primeira relação sexual estava presente e 78,5% desta população. Este fato sugere que os trabalhos de orientação desenvolvido neste serviço, tem contribuído para o desenvolvimento de práticas sexuais seguras.

ADESÃO À TERAPÊUTICA ANTI-RETROVIRAL EM UM PRESÍDIO REGIONAL DE ITAJAÍ - SC

Autor: Marília de Fátima Vieira de Oliveira

Apresentador: Evely Marlene Pereira Koller

Contato: irituia@matrix.com.br

Co-autores: KOLLER, Marlene Pereira; SILVA, Fabiana da; GUERRA, Carin;

Instituição: Universidade do Vale do Itajaí UNIVALI

Palavras-chaves: Terapia anti-retroviral, Adesão, População confinada

Resumo: A adesão a terapêutica anti-retroviral (ARV) é parte do programa de atenção integral à saúde da população do presídio regional de Itajaí - SC. Este serviço está implantado desde 1996 sendo que em dez/2000 o serviço foi ampliado de ambulatório para hospital dia através de uma parceria com o Ministério da Saúde, Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria de Justiça e Universidade do Vale do Itajaí. Dentre as atividades que o programa desenvolve, está inserida a medicação assistida visando proporcionar melhores condições à população confinada para a adesão ao tratamento com a terapia ARV. O estudo teve como objetivo caracterizar entre esta população, os fatores que interferem na adesão ao tratamento com ARV. Procedeu-se a coleta de dados através de formulários contendo perguntas abertas e fechadas direcionadas a todos os detentos soropositivos usuários de ARV. Estes dados foram coletados diretamente com a população em foco e preenchido pelas pesquisadoras do estudo, sendo analisado quantitativamente através de quadros descritivos. A análise dos resultados revelou que os fatores que interferem na adesão ao tratamento são multifatoriais, destacando-se: a falta de conhecimento sobre a ação dos ARV no organismo; o conhecimento sobre os motivos que os levaram a iniciar o uso de ARV; os efeitos colaterais e seu manejo, bem como o espaço físico e a dificuldade de adquirir determinados alimentos em horários específicos e ainda o desconhecimento sobre os efeitos maléficos da interrupção no uso dos medicamentos. Concluímos que o serviço ambulatorial do presídio influencia direta e positivamente na adesão à terapêutica ARV, bem como os multiplicadores detentos que complementam o trabalho da equipe de saúde local.

ISTO TAMBÉM É PREVENÇÃO!

Autor: Jair Brandão de Moura Filho

Apresentador: Jair Brandão de Moura Filho

Contato: jairbrandão@bol.com.br

Co-autores: Cláudio José dos Santos; Domingos Fallé Moreira; Jussara Rocha Koury;

Instituição: Balangandãs Artes

Palavras-chaves: Pessoas vivendo com HIV e Aids, Exclusão Social, Direitos Humanos

Resumo: Em Pernambuco, 4.628 casos de pessoas com HIV/AIDS foram notificados até fevereiro de 2001. Recife ocupa a posição de segundo lugar em índice de desemprego do país. Se este é o quando referente à mão-de-obra sadia, o que ocorre com a população portadora do HIV/AIDS? Os componentes do nosso Grupo têm pouca ou quase nenhuma possibilidade de integração no mercado de trabalho, seja por suas dificuldades, seja pela discriminação da sociedade. Se, por um lado, necessitamos de uma renda que garanta uma melhor qualidade de vida, por outro, a própria debilidade física não permite uma maior inserção no trabalho. Tal quadro nos impulsionou a constituir o BALANGANDÃS ARTES formado exclusivamente por soropositivos e assessorados pela ASAS e pelo CEAS Urbano ; PE, duas ONG's. Sem dinheiro, decidimos contribuir com R\$ 1,00/mês, planejamos e realizamos bingos com prêmios doados, para constituirmos um mínimo fundo de caixa. Participamos de uma oficina de máscaras em papel machê, em janeiro de 2000. Produzimos e vendemos 60 (sessenta) máscaras. Durante o ano fizemos uma oficina de bijuterias. Para diversificar as nossas atividades estabelecemos visitas sistemáticas a outros grupos que também lutam pela sobrevivência com qualidade de vida. Para evitar a centralização de poder e de informações, participamos de uma Capacitação onde foram abordados temas sobre Autogestão, Administração e Comercialização. Realizaremos um workshop sobre a globalização, participaremos do Seminário de Crédito Popular e da FEIRATUDO, evento que conta com a participação de produtores de todo o Estado. Carnaval 2001. Máscaras: o importante é saber usar sem disfarçar a realidade. Assim foi a campanha para este ano. Através da Primeira Dama da Cidade do Recife, Sra. Luzia Jeanne, conseguimos espaço para comercializar as máscaras nos cinco Shoppings de Recife e em Caruaru, além do Baile Municipal. O esquema de produção foi montado a partir de nossas

potencialidades e respeitando os nossos limites físicos. O resultado das vendas, um acréscimo na ordem de 148,5%, possibilitando rendimentos de acordo com o estabelecido, aumentando em 82% nosso capital. Este tipo de atividade eleva a nossa auto-estima. Como consequência, o nosso sistema imunológico fica estável e quase não acontece incidência de doenças oportunistas. Nossos exames de rotina ficam normais, conseguimos tomar o coquetel e nos alimentarmos bem. Sentimo-nos dentro da sociedade, o que diminui a discriminação. Não nos sentimos excluídos nem coitadinhos. Sentimo-nos com vontade de vencer os obstáculos. Sabemos que estamos todos juntos não apenas por causa do nosso problema, mas, sobretudo, com um só objetivo: trabalhar com responsabilidade e respeito aos nossos limites, o que nos dá a liberdade de vivermos como somos. Vislumbramos a possibilidade de complementar o nosso salário sem estresse, sem depressão. Estamos vivos! Isto, também, é prevenção!

HIV/AIDS: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA DOENÇA E AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

Autor: RONALDO EFIGENIO DE OLIVEIRA

Apresentador: RONALDO EFIGENIO DE OLIVEIRA

Contato: ronaldoefigenio@yahoo.com.br

Instituição: HOSPITAL UNIVERSITÁRIO/UFJF

Palavras-chaves: Exclusão social, Pessoas vivendo com AIDS

Resumo: HIV/AIDS: a representação social da doença e as estratégias de seguir a vida. O presente trabalho tem por objetivo resgatar/identificar as representações sociais apresentadas pelos portadores de HIV/AIDS tem em relação à doença assim como as formas de enfrentamento dela no cotidiano, a partir da análise das falas daqueles atendidos no serviço de Doenças Infecto-Parasitárias - DIP, do Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora - HU/UFJF. A proposta consistiu em articular os aspectos relacionados à compreensão do que o sujeito tem sobre a sua doença com o discurso oficial, visando à identificação da maneira pela qual ele - balizado por esses conhecimentos - dá continuidade a sua vida. Neste estudo utilizou-se um levantamento de dados nos prontuários de 58 portadores de HIV/AIDS internados e/ou acompanhados no ambulatório de HU/UFJF. Foi realizada, ainda, uma pesquisa qualitativa, através de entrevista semi-estruturada com 05 deles, tendo como norte orientador os pressupostos da pesquisa-ação. Buscou-se, assim, o seu envolvimento no processo de produção da pesquisa, mediante a participação nas discussões sobre a problemática do HIV/AIDS e na busca de estratégias de enfrentamento das questões. Esse estratagema possibilitou uma maior proximidade entre o profissional e o usuário, levando a uma maior autonomia e liberdade de ação dos sujeitos frente às questões propostas. Os resultados apontam para uma construção sobre a representação social que transcende ao discurso oficial/científico. As representações sociais são influenciadas mais fortemente pela experiência de vida e senso comum do que pelo discurso oficial/científico. As interpretações apresentam matizes que remetem a posicionamentos variados em relação ao HIV/AIDS e ao seu enfrentamento. tal constatação aponta para possíveis mudanças nas formas de abordagem e a necessidade de se avaliar certas práticas interventivas do profissional de saúde (na prevenção, controle e tratamento do HIV/AIDS) que desconsideram as representações sociais do portador de HIV/AIDS frente à doença e a sua maneira de seguir a vida.

PROPOSTA DE ASSISTÊNCIA ODONTOLÓGICA A PACIENTES
HIV POSITIVOS (ATENÇÃO ESPECIAL A GESTANTES)

Autor: Régia Luzia Zanata

Apresentador: Régia Luzia Zanata

Contato: regiazanata@yahoo.com smsbauru@techno.com.br

Co-autores: Maria Ligia Gerdulho Pin; Nildiceli Leite Melo Zanella;
Ana Aída Lins do Valle; Nilton Paulo Lira Baro; Sueli Yamanse; Elizabeth
Rodrigues; Eliane Regina Catalano Mnteiro;

Instituição: Prefeitura Municipal de Bauru - Secretaria Municipal de
Saúde - Programa de Saúde Bucal e DST/AIDS

Palavras-chaves: Modelo de Atenção à Saúde, Serviços de Prevenção,
Pessoas Vivendo com HIV e AIDS

Resumo: Contextualização: Os pacientes portadores do vírus HIV são
freqüentemente discriminados nos serviços de atendimento odontológico,
o que os leva a negligenciar suas necessidades de tratamento, que são
crescentes com a evolução da síndrome de imunodeficiência.

Descrição/Método: Na cidade de Bauru iniciou-se um programa de
assistência odontológica diferenciada a pacientes HIV-positivos, estando
o serviço odontológico integrado ao atendimento médico/ambulatorial
dos pacientes que procuram a Seção de Moléstias Infecciosas Serviço
de Assistência Especializada (SAE). O número de usuários é crescente
e, em grande parte o serviço atinge uma população de baixa renda e já
com manifestações da doença, requerendo uma atenção curativa rápida
e eficaz, com um número mínimo de sessões de retorno e realizada
através de procedimentos clínicos pouco invasivos. Preconizou-se
portanto um modelo de atendimento integral do indivíduo, de forma que
completada a intervenção odontológica inicial o paciente seja capaz de
manter sua saúde bucal através das orientações recebidas. A parte
educativa/preventiva do programa é desenvolvida através de palestras,
material impresso, distribuição de escova, pasta e fio dental, escovação
dentária supervisionada e aplicação periódicas de agentes antimicrobianos
como flúor e clorexidina. Enfatiza-se a educação das gestantes, por se
acreditar em seu potencial de agente multiplicador das orientações
recebidas, buscando-se atingir a prevenção primária de seu filho através
do estabelecimento de hábitos adequados e pela interrupção da
transmissibilidade de microrganismos cariogênicos da mãe para o bebê.
As necessidades de tratamento imediatas dos pacientes são solucionadas
através da adequação bucal que consiste na eliminação de focos

infeciosos locais através de exodontias, curativos endodônticos, curetagens periodontais, profilaxias, remoção de tecido cariado e selamento das cavidades com cimento de ionômero de vidro (Técnica restauradora atraumática ART).

Principais resultados: Desde o início do programa foram atendidos 214 pacientes, envolvendo grupos de adultos, crianças e bebês. O número médio de retornos das pessoas agendadas foi reduzido de 07 para 03, o que é conveniente tanto para o paciente o qual muitas vezes fica impossibilitado de dar continuidade ao tratamento odontológico devido aos freqüentes surtos de melhora e piora do seu estado de saúde, como para o serviço prestador que atende um número maior de pacientes, sem prejuízo da qualidade do atendimento oferecido.

Conclusões: Concluimos que este tipo de intervenção tem mostrado excelentes resultados para a população em estudo pois, as necessidades são supridas em menor tempo do que o exigido pelo tratamento convencional.

PREVALÊNCIA DE COMPORTAMENTOS DE RISCO PARA DST/
HIV E AUTOPERCEPÇÃO DE VULNERABILIDADE EM
MULHERES DE PELOTAS, RS

Autor: Mariângela Freitas da Silveira

Apresentador: Mariângela Freitas da Silveira

Contato: maris.sul@terra.com.br

Co-autores: Jorge U Beria; Elaine Tomasi; Bernardo L Horta;

Instituição: SAE-Universidade Federal de Pelotas

Palavras-chaves: Mulheres, Vulnerabilidade, Risco

Resumo:

Contextualização: O risco de DST/HIV é cada vez maior entre as mulheres, e, para planejar intervenções preventivas, é importante conhecer: a auto-percepção de vulnerabilidade e a prevalência de comportamentos de risco. Objetivos do trabalho: caracterizar a percepção de vulnerabilidade para DST/HIV em mulheres entre 15 a 49 anos de idade; medir a prevalência de alguns comportamentos de risco relatados para DST/HIV nesta população; e comparar a percepção de vulnerabilidade e os comportamentos de risco, conforme características demográficas e socioeconômicas.

Métodos: Estudo transversal de base populacional, com população alvo de mulheres de 15 a 49 anos de idade que já haviam iniciado atividade sexual. A amostra requerida para um nível de confiança de 95% e um poder de 80% era de 1390 mulheres com relato de atividade sexual; houve 65 perdas e recusas (3,5%); 1543 mulheres foram entrevistadas, em 48 setores censitários da cidade de Pelotas sorteados sistematicamente. Em cada setor eram entrevistados 44 domicílios. Eram realizados: questionário familiar, questionário individual e questionário confidencial, auto-aplicado. Foi realizado controle de qualidade. Na análise foram utilizados os programas EPI-Info 6.0, SPSS 8.0, e Stata 6.0. Na análise da percepção de vulnerabilidade utilizou-se o teste de qui-quadrado, análise de variância e teste de interação.

Principais Resultados: Alguns resultados do estudo foram: 18% das mulheres achavam possível ou muito possível adquirir uma DST ou HIV; mais de 40% se encontravam no grupo de maior risco; 47% tinha iniciado a vida sexual antes dos 18 anos; 3% de sexo anal na última relação; o uso de preservativos na última relação foi de 28%; e 7% haviam tido 2 ou mais parceiros nos últimos 3 meses. A sensibilidade da autopercepção foi de 40,7% e a especificidade foi de 67,3%.

Conclusões: A maior parte das mulheres apresentam 1 ou 2 comportamentos de risco; os comportamentos mais comuns são o início precoce da atividade sexual, o não uso de preservativos e uso de álcool/drogas pelo parceiro; a auto-percepção de vulnerabilidade não é um bom indicador do nível de risco. As mulheres não identificam corretamente seu nível de risco; as campanhas educativas devem levar isto em conta.

REDUÇÃO DE DANOS: ESTUDO DOS DISCURSOS OFICIAIS SOBRE A PREVENÇÃO DA AIDS

Autor: Sabrina Iara Tomaz

Apresentador: Sabrina Iara Tomaz

Contato: sabrinatomaz@zipmail.com.br

Co-autores: Hajahuna Aparecida Borges da Silva; Schirley Maiara Bento;

Instituição: Secretaria da Saúde-Programa DST/Aids

Palavras-chaves: Redução de Danos, Risco, UDIs

Resumo: O presente trabalho teve por objetivo caracterizar nos discursos oficiais de um programa de redução danos no Estado de Santa Catarina, qual a filosofia de ação, as ações implementadas e os benefícios e problemas apontados. A pesquisa realizada foi do tipo qualitativa, de caráter exploratório e documental, com a análise do projeto que originou o programa em Santa Catarina, o primeiro relatório nacional de avaliação de projetos de redução de danos do Ministério da Saúde e alguns relatórios mensais do programa em Santa Catarina. A análise metodológica seguiu o modelo de LEFRÉVE, LEFRÉVE & TEXEIRA (2000) do Discurso do Sujeito Coletivo, que nos forneceu como dados para reflexão os seguintes resultados: 1. O PRD se justifica em função do alto índice de UDIs soropositivos em Santa Catarina, a facilidade de obtenção de drogas, o baixo custo de implantação do PRD, e exemplos positivos de outros países; 2. A filosofia de ação do PRD brasileiro é diferenciada em alguns aspectos do PRD internacional; 3. A metodologia adotada é adequada mas em alguns aspectos pode ser mais esclarecidas, utilizando ainda mais outras citações bibliográficas de apoio; 4. As ações implementadas ressaltam o conhecimento das comunidades assistidas, inserção nestas comunidades, capacitação dos profissionais envolvidos, orientação educativa, distribuição de material e avaliação contante do serviço; 5. Os problemas apontados referem-se à questões relacionadas ao contexto individual e coletivo, onde se sobressaem: mudanças comportamentais lentas dos UDIs e a expansão do tráfico em Santa Catarina; 6. Finalmente, como benefícios, sobressai a diminuição da soroprevalência entre UDIs, o que demonstra que o PRD é um programa muito viável, segundo a análise realizada.

REDUZINDO DANOS NA COMUNIDADE: UMA PARCERIA ENTRE O PRD E O PACS

Autor: Mônica Coutinho

Apresentador: Mônica Coutinho

Contato: monica-coutinho@usa.net

Co-autores: Eugenia Nunez; Tarcisio Matos Andrade;

Instituição: Programa de Redução de Danos - PRD/Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas - CETAD/UFBA

Palavras-chaves: Profissionais do Sexo Feminino

Resumo: Estudos epidemiológicos realizados pelo Programa de Redução de Danos do CETAD/UFBA, registraram o consumo intenso de drogas em cerca de 50 bairros da cidade de Salvador-Ba, apontando a necessidade de ampliação das ações. Daí a criação de uma parceria com o PACS - Programa de Agentes Comunitários de Saúde dessa cidade. Foi celebrado um convênio entre a UFBA e a SMS (Secretaria Municipal de Saúde) com apoio da CN/DST/AIDS-MS para ampliar as ações do PRD utilizando a abordagem do PACS que prioriza a inserção comunitária do Agente que mora na área de atuação. Houve a capacitação de 40 enfermeiras do PACS; seleção de 4 distritos sanitários com 20 bairros no total; treinamento em serviço de profissionais de saúde e 213 Agentes; sensibilização dos segmentos e instituições existentes nesses bairros; além da supervisão técnica do PRD e acompanhamento das ações implementadas. Houve a implementação de novos pontos fixos em Postos de Saúde e Assoc. comunitárias; distribuição de 25.835 preservativos masculinos e 507 femininos; troca de 25.835 seringas usadas por novas e realizados 816 encaminhamentos médico/psicológico/hospitalares para os serviços de retaguarda do PRD.

ACONSELHAMENTO EM DST/AIDS: UMA PERSPECTIVA COMUNITÁRIA

Autor: Carlos André Passarelli

Apresentador: Carlos André Passarelli

Contato: passarelli@ax.apc.org

Co-autores: Juan Carlos de la Concepción Raxach; Ivia Maksud; Luís Felipe Rios; Vagner de Almeida;

Instituição: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS

Palavras-chaves: aconselhamento (1), organizações não-governamentais (37), pessoas vivendo com HIV/AIDS (38)

Resumo:

Contextualização: Os primeiros anos da epidemia foram marcados pelo pânico com relação a uma doença desconhecida e as primeiras respostas sociais ao problema foram dadas pelos grupos mais atingidos. Nos casos americano e europeu, o movimento homossexual e pessoas envolvidas nas questões relativas ao tratamento da dependência química já possuíam estruturas e serviços de aconselhamento voltados para essas populações e, principalmente, comandadas pelos atores diretamente implicados. No entanto, com o processo de industrialização da AIDS, o aconselhamento passa a ser visto somente em sua dimensão técnica, e começa a fazer parte das atribuições dos profissionais que atuam nos serviços de atenção e testagem, assumindo moldes parecidos ao atendimento psicológico, individualizado e com finalidades estritamente terapêuticas. Valorizado em sua dimensão técnica, o aconselhamento vai sendo despido de seu potencial político, que foi muito enfatizado nas décadas de 60 e 70, quando esta prática teve grande importância na formação dos grupos de contracultura. Atualmente, a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) está executando três atividades onde o aconselhamento tem um papel fundamental: oficinas de sexualidade para homens que fazem sexo com homens (HSH), oficinas de adesão para pessoas soropositivas e reuniões com casais sorodiscordantes. Este trabalho pretende avaliar o aconselhamento realizado nestas atividades e refletir sobre os rumos desta prática na perspectiva das organizações comunitárias.

Descrição: Este trabalho vem sendo construído a partir da realização semanal de oficinas com pares sorodiscordantes e pessoas soropositivas. Uma revisão bibliográfica sobre aconselhamento permitiu levantar o histórico desta prática, no Brasil e no mundo. Os temas que servem de

recorte para a análise dos resultados são: melhoria na adesão ao tratamento antiretroviral e aspectos psicossociais da experiência de casais sorodiscordantes.

Principais Resultados: Levantamento histórico do aconselhamento no Brasil e identificação de ONG que realizam esta prática; definição de uma estratégia de abordagem para grupos (aconselhamento coletivo) e para casais (aconselhamento de casal) e levantamento dos aspectos afetivos que interferem na dinâmica dos casais sorodiscordantes.

Conclusões: Da mesma forma que o aconselhamento é a possibilidade de colocar nas mãos da pessoa o controle sobre a sua saúde e sua doença, ele também pode ser uma oportunidade para que ela reconheça que não está sozinha nesta tarefa, ou seja, que para conquistar uma saúde plena ela deve se apoiar em seus pares, suas parcerias, amigos e nas instituições sociais. Dito de outra forma, o aconselhamento pode ser um instrumento eficaz na compreensão de que a cidadania só se constrói no espírito da solidariedade e de que esta só se sustenta por meio de ações concretas e coletivas. Esta é a dimensão política do aconselhamento, emudecida durante muito tempo pelo discurso asséptico da técnica.

PREVENÇÃO DAS DST/AIDS EM POPULAÇÕES EMPOBRECIDAS ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Autor: Angélica Ferreira Fonseca

Apresentador: Angélica Ferreira Fonseca

Contato: angel@fiocruz.br

Co-autores: Valeria Saraceni; Margarete Perez; Sérgio Aquino; Rita Ferreira; Vitória Vellozo;

Instituição: Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro

Palavras-chaves: Populações em situação de pobreza, Planejamento, Mobilização social

Resumo:

Contextualização: O processo de pauperização da Aids tem sido observado assumindo como indicador de nível socio-econômico o grau de instrução informado nas fichas de notificação epidemiológica. No município do Rio de Janeiro identifica-se claramente o aumento de casos com primeiro grau de escolaridade, além de discreta elevação da proporção de casos entre analfabetos. Esta constatação tem orientado a formulação de estratégias de prevenção que visam promover a adoção de práticas de redução de risco, focalizando as populações empobrecidas.

Descrição: Foram estabelecidos dois eixos principais de atuação: a) apoio financeiro aos projetos a serem desenvolvidos por serviços de saúde através de ações extra-muros; b) implementação de projetos comunitários a partir da tripla articulação: ONGs (Médicos Sem Fronteira e CEDAPS) lideranças de entidades comunitárias e serviços de saúde.

Resultados: Em relação ao primeiro eixo de propostas, contamos atualmente com quinze projetos em curso, dos dezenove iniciados. Destes, dez projetos priorizam ações voltadas à prevenção das DST/AIDS entre adolescentes. Cinco projetos desenvolvem-se a partir da articulação com lideranças comunitárias, sem definição de um subgrupo específico.

Das propostas relacionadas a tríade comunidade-serviço-ONG, contamos com 29 comunidades com projetos locais em curso, sendo as estratégias fundamentais a dispensação regular de preservativos à população cadastrada e o trabalho educativo em eventos culturais/esportivos realizados na comunidade.

Conclusões: Considerando os dois eixos de ação, observamos maior regularidade naquelas desenvolvidas a partir da integração direta com lideranças comunitárias. As estratégias implementadas têm sido

amplamente aceitas pelas comunidades, observando-se a manutenção da relação formal com as instituições que desenvolvem o acompanhamento dos projetos. A demanda por preservativos é crescente assim como o cadastramento de beneficiados. Contudo, é fundamental a definição de dados fundamentais de coleta regular e concomitante composição de indicadores que possibilitem a avaliação sistemática e consistente das ações.

AVALIAÇÃO DA PREVENÇÃO DA SÍFILIS CONGÊNITA

Autor: Vânia Reis Girianelli

Apresentador: Vânia Reis Girianelli

Contato: vaniarg@ig.com.br ou petirene@uol.com.br

Co-autores: Maria Irene dos Santos;

Instituição: Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro

Palavras-chaves: Avaliação (08), Transmissão Vertical (63),

Resumo:

Contextualização: A incidência de sífilis congênita no município do Rio de Janeiro vem crescendo anualmente, provavelmente devido as melhorias no diagnóstico e notificação. No entanto, mais de 70% dos casos notificados as mães tiveram acesso à assistência pré-natal. Diante deste quadro, o município do Rio de Janeiro iniciou em 1999 Campanhas anuais de Prevenção da Sífilis Congênita. Visando avaliar o impacto dessas campanhas, foi realizado um estudo com objetivo de identificar a evolução dos determinantes desta enfermidade nos últimos três anos na Unidade Integrada de Saúde Herculano Pinheiro (UISHP), maternidade que vem apresentando o maior número de notificações de sífilis congênita.

Descrição/Método: Foi realizado estudo descritivo, entre mulheres que tiveram desfecho gestacional na UISHP, no período de janeiro a junho dos anos de 1999 (período pré-campanha) a 2001*. Foram elegíveis para o estudo as gestantes que apresentaram VDRL reativo no parto e realizaram pelo menos três consultas no pré-natal. Estas mulheres foram entrevistadas e analisados os respectivos prontuários e cartão da gestante, de forma a avaliar a efetividade da assistência no pré-natal. Seus conceitos foram classificados como sífilis congênita, segundo critério proposto pelo Ministério da Saúde.

Principais Resultados: Foram admitidas na maternidade da UISHP 7.811 gestantes no período estudado*. Destas 4,4% apresentaram VDRL reativo, sendo que 62,7% (215/343) realizaram pelo menos três consultas no pré-natal. A assistência pré-natal foi efetiva em apenas 25,1% (54/215) dos casos. Dentre os determinantes da sífilis congênita destaca-se a falta de adesão dos profissionais de saúde ao protocolo de assistência preconizado pelo Ministério da Saúde (45,3%), sendo a prescrição inadequada responsável por 21,7% dos casos. No entanto, houve uma melhora neste indicador em 35,1% após as campanhas realizadas. Já as barreiras operacionais (indisponibilidade e atraso de exames, medicamentos e etc.) foram responsáveis por 14,3% dos casos, com

uma piora de 19,7% após as campanhas.

Conclusões: Os indicadores considerados apontam uma melhora ainda muito discreta na efetividade da assistência pré-natal quanto à prevenção da sífilis congênita, considerando os investimentos em campanhas e capacitação dos profissionais de saúde. A implantação de uma investigação direcionada à identificação dos determinantes da inefetividade da assistência pré-natal é uma ferramenta fundamental para o nível local buscar corrigir as distorções detectadas. Vale ressaltar que as falhas observadas geram alto custo em tratamento e internação, e reduzem o número de leitos obstétricos disponíveis, onerando direta ou indiretamente todos os cidadãos.

* Dados parciais até abril de 2001.

PERCEÇÃO E (DES) CONHECIMENTO MASCULINO SOBRE
O PRESERVATIVO FEMININO- UMA EXPERIÊNCIA JUNTO A
CLIENTES DE PROFISSIONAIS DO SEXO EM BH/MG

Autor: Roberto Chateaubriand Domingues

Apresentador: Roberto Chateaubriand Domingues

Contato: gapamg@skynet.com.br

Co-autores: Maria Ines Pinto Vieira; Rozeli da Silva; Jaqueline Souza Candido;

Instituição: Grupo de Apoio e Prevenção a AIDS do Estado de Minas

Palavras-chaves: Preservativo feminino, Profissionais do sexo feminino, Homens

Resumo: O preservativo feminino ainda não é um insumo de prevenção apropriado pelos clientes de profissionais do sexo, embora elas componham o grupo de mulheres eleitas para receber o preservativo feminino através de recursos públicos. Através de levantamento realizado pelo GAPA-MG, daqueles 100 homens entrevistados que relataram conhecer e utilizado o preservativo 37% relataram tê-lo feito há pelo menos um ano atrás, sugerindo descontinuidade do uso. Essa hipótese ganha maior força se levarmos em consideração que 66% não voltou a utilizar e 63% deles disseram ter como motivação de uso a curiosidade. 53,8% dos homens entrevistados não conheciam o preservativo feminino, nem mesmo tinham conhecimento acerca de sua existência 53% dos homens transaram a primeira vez utilizando o insumo com parceira fixa embora 51% apontem a profissional do sexo como sendo o público-alvo preferencial para uso deste tipo de proteção, já que 68% acredita ser função do preservativo feminino proteger contra as DST e AIDS. A discrepância apresentada se dá em função da desconfiança que os homens apresentam com relação a reutilização do preservativo, dizendo que só confiariam o seu uso quando a parceira é conhecida. 9% dos entrevistados afirmaram que não voltariam a utilizar o preservativo e 65% apresentam preferência pelo uso do preservativo masculino. Consideramos importante avaliar com maior profundidade a indiferença relatada (22,0%) que pode tanto estar relacionada à ausência de preocupação com o sexo protegido quanto pode apontar para questões relacionadas ao próprio preservativo feminino. Nesse sentido observa-se que mesmo considerando o preservativo feminino um assunto de mulheres (95% afirmam que quem deve saber usar é a mulher e apenas 11% admitem que o homem dever ter consigo essa alternativa na hora

da transa, apenas 38% dos entrevistados que já haviam tido experiência com o preservativo feminino possuíam camisinha masculina no ato da entrevista e 86,5% daqueles que não conheciam o preservativo carregava consigo a sua própria camisinha). A questão da desconfiança acerca da reutilização do preservativo feminino revela uma questão fundamental quando o trabalho envolve profissionais do sexo 29% dos homens relataram explicitamente essa preocupação. A fantasia de que um outro homem poderia ter penetrado esta mulher anteriormente e a possibilidade de contato com o esperma de outro cliente pode significar um empecilho na construção do preservativo feminino como uma alternativa de proteção para esse segmento social.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: GRUPO DE CUIDADORES -
ATENDIMENTO DOMICILIAR TERAPÊUTICO - CAMPINAS

Autor: Dulce Helena Ferramola

Apresentador: Dulce Helena Ferramola

Contato: rissi@nutecnet.com.br

Co-autores: Rosilene Slaveiro; Ivanete Gomes de Carvalho Silva;

Instituição: Prefeitura Municipal de Campinas - Secretaria de Saúde

Palavras-chaves: Saúde Mental, Educação

Resumo:

Contextualização: Na experiência de 2 anos com cuidadores de pacientes em internação domiciliar, portadores de HIV/AIDS no Município de Campinas, constatou-se que a família permanecia isolada, sem contar com qualquer tipo de apoio, sobrecarregadas com as novas atribuições, e não se permitindo cuidar das próprias necessidades. A equipe levanta a hipótese de que um espaço de discussão poderia beneficiar os cuidadores para tratar de suas demandas. **Descrição:** Registros escritos do histórico do grupo, que teve início em 1998, com reuniões mensais, coordenado por um Profissional de Saúde Mental e um Auxiliar de Enfermagem, com duração de 2 horas. **Lições Aprendidas:** A apresentação mostrará a trajetória dos encontros, seus objetivos e suas transformações até a presente data, apontando para a importância de um suporte psico-social aos cuidadores e familiares, com consequente melhoria na qualidade de vida e resgate da cidadania.

PROBLEMAS ANTIGOS, DILEMAS CONTEMPORANÊOS: A EDUCAÇÃO ANTI-AIDS NO BRASIL

Autor: João Bôsco Hora Góis

Apresentador: João Bôsco Hora Góis

Contato: jbhg@uol.com.br

Instituição: Universidade Federal Fluminense

Palavras-chaves: Educação, Organização não Governamental, Risco

Resumo:

Contextualização: O perfil geral da epidemia de HIV/AIDS hoje e sua incidência particular sobre setores policarenciados da nossa população, coloca a necessidade de avaliarmos permanentemente as ações voltadas para a sua contenção. Neste domínio, especial atenção deve ser dada ao campo da educação. Objetivando contribuir para esse processo de avaliação elegemos o estudo da história do discurso e das ações educacionais anti-AIDS desenvolvidas pelas ONGs cariocas que atuam neste setor em um dado período de tempo (1985-1998). Ao fazê-lo buscamos identificar os pontos de estrangulamento a serem superados e as dimensões mais produtivas a serem reforçadas.

Método: O estudo foi realizado a partir de um amplo conjunto de fontes primárias (boletins, cartazes, brochuras, vídeos, depoimentos, etc.) as quais foram submetidas a análise temática e de conteúdo.

Principais Resultados: As ONGs propunham uma educação contra a AIDS que constituía tanto uma medida sanitária quanto a defesa de um princípio político o da liberdade das múltiplas expressões do desejo sexual. Partindo deste princípio elas desenvolveram práticas educativas que tinham na camisinha um componente central. Tais práticas e as idéias que lhes eram subjacentes podem ser agrupadas em duas fases. Na primeira fase, que chamamos de campanhista, a ênfase situava-se na distribuição maciça e indiferenciada de informação relativa às formas de infecção e aos métodos de prevenção e no esforço de universalizar o acesso ao preservativo de borracha. Subjacente a essas posições estava a certeza de que o acesso à informação levaria diretamente a mudanças comportamentais no campo sexual. A segunda fase, aqui denominada focalista, resultou do esforço delas em superar vários dos limites do campanhismo. Caracterizou-se por trabalhos dirigidos a grupos sociais submetidos a formas de exclusão social e econômica que comprometiam suas possibilidades de defender-se do HIV. Teórica e metodologicamente mais sofisticada, essa perspectiva não superou algumas características

da fase anterior, em particular a idéia de responsabilidade individual e a associação direta entre conhecimento racional e práticas sexuais seguras.

Conclusões: O estudo concluiu que na adoção a-crítica das noções de razão e comportamento racional situaram-se os principais entraves da proposta educacional das ONGs/AIDS. Nisto reside também parte das dificuldades que elas ainda hoje enfrentam em redesenhar ações educativas novas e desligarem-se de velhos modelos já criticados por elas próprias. Concluiu também que, apesar das críticas ainda a serem formuladas sobre os seus trabalhos educacionais, elas constituem a fonte principal do que melhor tem sido feito nesta esfera.

UM OLHAR DA POLÍTICA PÚBLICA DE REDUÇÃO DE DANOS
SOB OS PRINCÍPIOS DA DESCENTRALIZAÇÃO,
INTERSETORIALIDADE E SUSTENTABILIDADE - RELAÇÃO DE
UMA EXPERIÊNCIA - PORTO ALEGRE/RS

Autor: Mirtha Sendic Sudbrack

Apresentador: Elisa Diniz Costa Lessa Pesa

Contato: mirtha@gd4.prefpoa.com.br

Co-autores: Elisa Diniz Costa Lessa Pesa; Márcia Rejane Colombo;

Instituição: Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre

Palavras-chaves: Direitos humanos, Políticas Públicas, Redução de Danos

Resumo:

Contextualização: Porto Alegre conta com um Programa de Redução de Danos associado ao uso de drogas injetáveis desde 1996, através da Secretaria Municipal de Saúde. É um dos mais importantes e atuantes programas do gênero do país. Tem buscado construir ações de promoção e proteção da saúde entre os indivíduos que fazem uso de drogas injetáveis, a partir de uma relação de respeito e de valorização dos direitos dos usuários, considerando que 32% dos novos casos de Aids na cidade estão relacionados ao uso de drogas injetáveis. No entanto, a nossa grande dificuldade através destes anos, tem sido articular as ações desenvolvidas com outras políticas sociais públicas executadas pelo governo local. Educação, Assistência Social, Direitos Humanos e a própria Saúde Mental da Secretaria da Saúde, têm tido dificuldade para desenvolver ações conjuntas com o PRD (Programa de Redução de Danos).

Descrição Método: O programa desenvolve ações diversas como: sensibilização da rede de saúde, atividades de campo onde acessa os usuários na “cena de uso” e ações educativo-preventivas junto às comunidades. A partir do 2º semestre de 2000 começaram a se realizar esforços para articular essas ações com outras desenvolvidas pelos Centros Comunitários de Assistência Social, escolas municipais, comissão de direitos humanos, rede descentralizada de Saúde Mental e outros programas de Redução de Danos da região metropolitana e de ONG/Aids.

Principais Resultados: Os resultados até agora obtidos, embora parciais, são de extrema importância. Os diferentes parceiros acessados têm se tornado verdadeiros colaboradores na luta contra a epidemia da

Aids através das ações de prevenção com usuários de drogas injetáveis-UDI (32% dos novos casos de Aids na cidade estão relacionados com esta população), compreendendo finalmente a importância de um programa desta natureza.

Conclusões: O PRD de Porto Alegre, está, gradativamente se qualificando graças a estas novas ações desenvolvidas. Até agora temos obtidos algumas lições: a) É indispensável descentralizar urgentemente as ações de RD para poder combater a epidemia entre os UDI; b)Essa descentralização será qualificada sempre que envolva os diferentes setores do governo e da sociedade civil; c) A proposta de que as ONG possam assumir este trabalho com maior qualidade passa pela necessidade de construção de uma agenda séria de sustentabilidade.

INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL EM DST/AIDS JUNTO À POPULAÇÃO

Autor: Christiana Nogueira

Apresentador: Christiana Nogueira

Contato: christiana@saude.ce.gov.br

Co-autores: Irlene Gurgel do Amaral; Telma Alves Martins; Márcia Lessa Fernandes; Maria Salete Leite de Sousa;

Instituição: Secretaria de Saúde do Estado do Ceará

Palavras-chaves: Populações confinadas

Resumo:

Introdução: Este projeto que iniciou em 1995, é parte de um trabalho de parceria realizado entre a Secretaria de Saúde do Ceará e Secretaria de Justiça do Ceará, com o apoio financeiro da Coordenação Nacional de DST/AIDS - Ministério da Saúde.

Objetivo: Promover as Ações de Prevenção e Controle de DST/AIDS junto a população carcerária do Ceará, visando reduzir os riscos de disseminação das doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS.

Metodologia: As atividades do Projeto incluem a formação de agentes multiplicadores entre os profissionais de saúde das penitenciárias (auxiliares de enfermagem), agentes penitenciários, presidiários e monitores (presidiários). São realizadas oficinas sobre noções básicas em DST/AIDS, sexualidade (auto estima e sexo seguro), teste anti-HIV, higiene corporal e elaboração e produção de materiais educativos dirigidos a esta população. O trabalho educativo utiliza a estratégia de educação dos pares e distribuição de materiais educativos e preservativos pelos presidiários multiplicadores, supervisionados pelos coordenadores do projeto.

Resultado: O trabalho abrange 07 presídios no Ceará, sendo 4 em Fortaleza, 01 no município de Amanari e 01 em Juazeiro do Norte e 01 no Crato. A população carcerária beneficiada com o Projeto é cerca de 1.885 pessoas, sendo 1.785 homens e 100 mulheres. Durante o período de 95 a maio de 2000 foram realizadas 20 oficinas, 04 seminários e 180.000 preservativos masculinos distribuídos. Foram treinados 122 multiplicadores, sendo 107 homens e 15 mulheres. Alguns materiais educativos (cartazes e camisetas) foram criados pelos próprios presidiários. Um vídeo educativo adaptado a realidade da penitenciária foi produzido durante o projeto. As mulheres do presídio feminino participaram de oficinas de teatro e produziram uma peça educativa,

que está sendo apresentada em eventos destinados a população carcerária.

Discussão: O trabalho educativo realizado tem sido fundamental para a disseminação destes conteúdos educativos, principalmente porque envolve o próprio presidiário como agente multiplicador. A remissão da pena de 01 dia por cada 03 dias trabalhados, tem estimulado a participação dos presidiários. A implantação de atendimento para o diagnóstico das DST no Hospital Penal Professor Otávio Lobo e no Presídio Auri Moura (penitenciária feminina) facilitou o acesso desta população ao atendimento médico, anteriormente dificultado pelo grande aparato que requer o atendimento do preso na rede básica de saúde.

Conclusão: Apesar de algumas dificuldades ainda enfrentadas pela equipe de saúde para realização deste trabalho com a população carcerária, temos tido grandes avanços o que nos estimula a ampliação do trabalho para todo o Sistema Penitenciário do Ceará.

PREVENÇÃO E CONTROLE DE DST E AIDS NAS FORÇAS ARMADAS

Autor: Christiana Nogueira

Apresentador: Christiana Nogueira

Contato: christiana@saude.ce.gov.br

Co-autores: Telma Alves Martins;

Instituição: Secretaria de Saúde do Estado

Palavras-chaves: Forças Armadas

Resumo:

Introdução: A partir de um projeto de cooperação técnica entre a Coordenação Nacional de DST/AIDS e o exército brasileiro, a Secretaria de Saúde do Ceará iniciou em janeiro de 2000 trabalho de parceria com o exército, para um trabalho de prevenção junto a 08 corporações militares.

Objetivo: Implantar ações de prevenção junto a população em geral (conscritos), seu efetivo temporário (recrutas) e profissionais militares e seus familiares.

Metodologia: inicialmente oficiais militares participaram de um treinamento promovido pela coordenação, visando a formação dos multiplicadores estaduais. Em seguida a coordenação estadual de DST/AIDS enviou correspondência a direção médica da 10ª Região Militar, que indicou seus representantes para participar dos treinamentos estaduais. As estratégias utilizadas nas capacitações dos profissionais militares foram as oficinas e seminários.

Resultados: De janeiro a maio de 2000 foram formados 20 multiplicadores (sargentos) das seguintes corporações: Hospital Geral do Exército, Parque de Manutenção/10, 10ª Grupo de Artilharia de Combate, Colégio Militar de Fortaleza, 10ª Cia de Guarda, Cia Comando, 10ª Região Militar e 23º Batalhão de Caçadores. A Secretaria de Saúde / Coordenação Estadual de DST/AIDS realizou 4 palestras para 60 militares, totalizando 240 pessoas informadas sobre prevenção e transmissão de DST/AIDS, ética e epidemiologia. Os multiplicadores treinados estão desenvolvendo palestras dentro de suas corporações. Foi produzido como material educativo para subsidiar as intervenções um folder específico cujo título é Esteja sempre de prontidão para se proteger das DST/AIDS.

Discussão: O trabalho educativo em curso tem mostrado sua viabilidade e um bom alcance de metas. Temos evidenciado o interesse das

autoridades militares pela realização do projeto nas diversas corporações, porém o desenvolvimento de uma metodologia mais dinâmica tem sido dificultada pelas diretrizes e normas, que ocupa grande parte do dia dos militares, faltando-lhes tempo para as tarefas educativas. Mesmo assim observa-se um grande interesse dos multiplicadores e oficiais médicos em desenvolver o trabalho o qual se propuseram.

Conclusão: O trabalho em curso necessita ser ampliado para os conscritos, por se tratar de uma população de adolescentes, carentes de informações e por isso bastante vulneráveis à DST/AIDS. Esta ampliação de cobertura se dará a partir de julho de 2000.

APRENDENDO COM...GRAVIDEZ PÓS-SOROPOSITIVIDADE

Autor: Margit Mager Maske

Apresentador: Margit Mager Maske

Contato: margitmm@bol.com.br

Co-autores: Rosilda Mendes;

Instituição: Centro Regional de Saúde/Maringá - Ambulatório DST

Palavras-chaves: Mulheres, Assistência, Pessoas vivendo com HIV/AIDS

Resumo:

Contextualização: Em decorrência de mulheres atendidas no ambulatório DST/AIDS de Maringá-PR terem engravidado, sabidamente HIV reativas mesmo orientadas sobre prevenção, houve a preocupação quanto ao despreparo e impacto que isto causava a equipe que as acompanhava em seu atendimento mediante suposições de que: este bebê poderia ser reativo, sujeito a orfandade e talvez o parceiro ter sido infectado, quando pares discordantes. O reflexo disto era um sentimento de impotência do profissional frente ao quadro com a sensação de que as orientações não haviam sido feitas adequadamente ou que as atitudes eram inadequadas para tratar com a questão.

Descrição/método: A abordagem foi feita pela enfermagem quando do atendimento mensal no qual as pacientes faziam relato verbal onde puderam ser analisados seus objetivos de vida, motivações e angústias diante do quadro atual da infecção, inclusive relacionando a pré e pós introdução da profilaxia para gestantes. O comportamento de colegas no atendimento a gestantes soropositivas e as diversas reações demonstradas pela paciente, levou a equipe a reflexão quanto ao proceder. Em andamento está a elaboração de um projeto de pesquisa no qual esperamos responder questões sobre as motivações da paciente para a gravidez.

Principais resultados: Observou-se a mudança de comportamento da equipe após o relato de algumas pacientes quanto a: 1-minimização do sentimento de impotência; 2-visualização da paciente em seu contexto para além do ambiente de sua assistência; 3-respeito pelas suas opções e direitos; 4-mudanças no acolhimento e acompanhamento pelo serviço sem causar impacto; 5-conscientização de estar investindo num ser em formação, independente da sorologia que vier a ser obtida; 6-aumento da segurança e afinidade entre paciente e equipe e 7-parte destas mudanças estão relacionadas com a introdução da profilaxia, causando

maior confiança da paciente em suas decisões.

Conclusões: Ao observarmos muitas destas pacientes já com seus filhos, alguns HIV não-reativos, constatamos que o vínculo formado entre as pacientes e equipe tornou-se gratificante, aprimorando sua atuação, na qual hoje, está incluído o não julgamento das escolhas da paciente mas ouvir e respeitar suas decisões. Esta modificação na forma de atuação fortalece a paciente para o enfrentamento diante da AIDS, o sentimento de que o serviço está sendo útil para as pacientes e que as orientações não devem ser encaradas como normas ou leis, e sim, como possibilidade de poder optar, foi outro aprendizado que otimizou o serviço por nós prestado. Enfim, não devemos esquecer que muitas vezes esta gravidez poderá estar confirmando identidades e um desejo de viver plenamente. O projeto de vida e do Outro, e o serviço deve ser um continente para que o Outro realize seu projeto.

INTERVENÇÃO DE PREVENÇÃO NAS DST/AIDS: COMUNIDADES INDÍGENAS DO WAI-WAI E MUNDUCURUS

Autor: Vera Canto Bertagnoli

Apresentador: Vera Canto Bertagnoli

Contato: felabin@netsan.com.br, fesperan@ax.apc.org

Co-autores: Valney Mara Gomes Conde;

Instituição: FUNDAÇÃO ESPERANÇA

Palavras-chaves: Povos indígenas, Educação,

Resumo: 1Bertagnoli, V.C., 2Conde, V.M.G. 1Coordenadora e a 2Assistente do Projeto de prevenção de DST/AIDS nas comunidades Indígenas Mundurucus e Wai-Wai no Oeste do Pará, Fundação Esperança - Ministério da Saúde. Santarém-PA

Introdução: Na guerra global contra as DST/AIDS, a prevenção e notificação têm um importante e visível papel. AIDS é uma doença sem cura. Espalha-se como resultado do comportamento pessoal, alguns relacionados por pessoas como imoral e outros como ilegal. Embora avanços já foram conseguidos para prevenir as DST/AIDS e principalmente no Brasil, programas de prevenção ainda lutam com algumas dificuldades. Isto porque o comportamento sexual é essencialmente determinístico e individualístico.

Estudos refletem uma evolução no pensamento epidemiológico - abrindo a perspectiva individual para incluir o social, econômico e político no contexto das infecções pelas DST/AIDS. Esta evolução tem em grande parte, resultado da ênfase nos programas de prevenção. Conceptualizar o comportamento sexual humano, a analogia com clima e tempo é útil. Nesta analogia os parâmetros gerais de comportamento sexual estabelecido sob as influências de biologia e cultura representa o clima que geralmente fica relativamente estável para cada indivíduo. Os elementos do clima sexual pode incluir preferências, atitudes, importância e percepção para DST/AIDS e o senso de eficácia pessoal. Dentro deste clima o tempo de cada indivíduo numa certa circunstância não é necessariamente predeterminado. Este momento pode ser influenciado por fatores imensuráveis e não antecipados. As ações de prevenção junto as comunidades indígenas Wai-Wai e Mundurucus localizadas no Oeste do Pará é uma das prioridades do Ministério da Saúde- CN-DST/AIDS. O isolamento geográfico, a falta de informação, o contato crescente com a cidade, inclusive com comunidades estrangeiras transformam as aldeias em regiões de alto risco dentro do contexto

DST/AIDS. Estudos apontam que para tornar as ações de prevenção eficazes deve-se focalizar as mensagens no risco do comportamento sexual e não nos grupos de risco. Com esta visão, a metodologia utilizada para desenvolver os materiais informativos para treinamento junto aos indígenas foi dividida em varias etapas. Primeiro usou-se a técnica de grupos focais para melhor conhecer a cultura, o comportamento sexual e o conhecimento existente quanto as DST/AIDS junto às comunidades indígenas. Em seguida, aplicou-se a técnica da pesquisa rápida para determinar o índice das doenças transmissíveis. Com o entendimento da linguagem, da cultura, das diferenças de cada tribo, e do índice das DST passou-se a desenvolver o material educativo. Material que integra os programas de saúde oferecidos, as paisagens da comunidade e a maneira em que o comportamento sexual é vivido e experienciado pelas tribos.

COMO PENSAR MOMENTO DA COMUNICAÇÃO DE RESULTADO SOROLÓGICO PARA O HIV SOB A ÓTICA WINNICOTTIANA?

Autor: Diva Maria Faleiros Camargo Moreno

Apresentador: Diva Maria Faleiros Camargo Moreno

Contato: dmfcem@usp.br

Co-autores: Prof. Dr. Alberto Olavo Advincula Reis;

Instituição: COAS Pirituba/Perus (Programa Municipal de Prevenção DST/AIDS SP, Mestrado da Fac. De Saúde Pública da USP, Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Sociedade da PUC/SP

Palavras-chaves: Aconselhamento, Saúde Mental

Resumo:

Contextualização: Este trabalho baseia-se na prática cotidiana no atendimento a usuários em um Centro de Testagem Anônima em São Paulo, especialmente no que se refere à comunicação do resultado do teste sorológico para o HIV. O objetivo é fazer uma aproximação entre o papel do aconselhador frente ao resultado HIV Positivo e o impacto do mesmo sobre o indivíduo que o recebe, associados à reflexão a partir de algumas noções da teoria do psicanalista D.W. Winnicott.

Descrição/Método: A partir do contato com os artigos winnicottianos: A cura (1970) e o conceito de indivíduo saudável (1967), várias conexões foram sendo estabelecidas entre essa abordagem teórica e o momento da comunicação do diagnóstico, permitindo uma melhor compreensão do mesmo e das formas de se lidar com a angústia decorrente dele.

Principais resultados: Tratando-se de um atendimento ocasional, sem a criação de vínculos longos e/ou duradouros, não se tem muito tempo para estar com o usuário. Antagonicamente, o espaço desta consulta adquire uma dimensão que não tem tamanho, não se restringe ao tempo físico, cronológico. Resta ao profissional e ao usuário, a apropriação desse tempo em toda a sua amplitude e, dando a ele uma maior qualidade e importância. Essa situação é muitas vezes considerada como traumática (no sentido Winnicottiano), pois ela pode quebrar a continuidade da existência do indivíduo, dependendo de como ela se processa. Ressalta-se o autor denomina confronto clínico, lembrando que isso remete o profissional aos seus limites enquanto ser humano cuidando de seus semelhantes.

Conclusões: A aids coloca o profissional diretamente nesse confronto clínico, exigindo-lhe que saia do lugar de curador para ocupar o lugar de

cuidador. O profissional responsável pela comunicação, sob essa ótica, torna-se presença plena de significado, buscando dar ao indivíduo sustentação, apoio, confiança. Essa forma de realizar a tarefa de comunicar o diagnóstico sorológico pode contribuir para a manutenção e/ou restituição de um estilo de vida saudável.

O CENTRO DO RIO GRANDE DO SUL TEM BARRACA QUE LEVA CHIMARRÃO E INFORMAÇÃO

Autor: Martha Souza Cezimba

Apresentador: Martha Souza Cezimbra

Contato: cis@sm.conex.com.br

Co-autores: Núbia Medianeira Pereira da Silva; Francisco Avelar Bastos;

Instituição: Consórcio Intermunicipal de Saúde da Região Centro do Rio Grande do Sul

Palavras-chaves: População em Geral, DST, Preservativos Masculinos

Resumo: A estratégia de formação de consórcios administrativos, dentro do Sistema Único de Saúde - SUS, está prevista na Lei infraconstitucional 8080/90. O Consórcio Intermunicipal de Saúde é uma experiência de descentralização do SUS, através do enfrentamento de dificuldades por meio de uma estrutura de base pública, contando com elementos privados. Os vários momentos vividos pelo Consórcio Intermunicipal de Saúde da Região Centro do Estado RS - CIS atestam a sua importância regional, iniciada na área ambulatorial e passada, por força das alterações na oferta de serviços hospitalares na região, a atuar também no atendimento hospitalar através do Hospital Universitário de Santa Maria - HUSM. Estabelecida uma boa relação com os diferentes atores, num cenário de dificuldades para o atendimento das principais carências sociais da população regional, o CIS começa a constituir-se em importante estrutura para os assuntos de saúde da Região. Atualmente, desenvolve ações em urgência e emergência nas áreas de Traumatologia e Neurologia junto ao HUSM em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde, de atendimento ambulatorial especializado, através do Projeto de Prevenção do Câncer de Mama, do Projeto de Prevenção à AIDS e da oferta de exames laboratoriais. O CIS, foi criado em 1993, e desde então, vem trabalhando e se aperfeiçoando no desenvolvimento de suas ações. O CIS, que tem sua sede no município de Santa Maria/RS, conta com um universo de trinta e sete municípios consorciados e uma população de mais de seiscentos mil habitantes. Visando facilitar a distribuição de materiais informativos e preservativos (que são utilizados em eventos), aos municípios consorciados, montamos a Barraca da Prevenção também é Lugar de Chimarrão. Através de profissionais das Secretarias Municipais de Saúde e Educação, treinados para prestarem informações sobre DST/Aids à população em geral, a Barraca da Prevenção também

é Lugar de Chimarrão, é utilizada como local onde as pessoas possam buscar informações e tirar dúvidas sobre o tema. Na Barraca, também são distribuídos produtos locais, como por exemplo pipoca, milho-verde, frutas da estação, sucos, etc, como forma de atrair as pessoas ao local, a fim de facilitar a forma de abordagem. Com a barraca de prevenção, é disponibilizado kit contendo o seguinte material: Dois álbuns seriados sobre DST/Aids Fitas de vídeo sobre prevenção. Cinco modelos diferentes de folders. Três diferentes modelos de cartazes. Preservativos masculinos Um modelo pélvico masculino. Preservativo feminino para demonstração Um jogo zig-zags. Uma cuia, uma bomba, uma térmica e erva mate. Uma barraca. Veja listagem de alguns municípios consorciados que já utilizaram a barraca:

MUNICÍPIO N ° DE VEZES

1. AGUDO 02
2. ARROIO DO TIGRE 03
3. CAÇAPAVA DO SUL 01
4. CACEQUI 02
6. DILERMANDO DE AGUIAR 01
7. DONA FRANCISCA 01
8. ESTRELA VELHA 01
11. IBARAMA 02
13. IVORÁ 01
14. JAGUARI 02
15. JARI 01
16. JULIO DE CASTILHOS 01
17. MATA 01
18. NOVA ESPERANÇA DO SUL 01
21. PARAÍSO DO SUL 01
22. PINHAL GRANDE 02
23. QUEVEDOS 01
24. RESTINGA SECA 05
25. SANTA MARIA 13
29. SÃO MARTINHO DA SERRA 01
30. SÃO PEDRO DO SUL 02
32. SÃO VICENTE DO SUL 02
34. SOBRADINHO 02
35. TOROPI 02

PROJETO VIVA: PREVENÇÃO ÀS DST/AIDS - FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Autor: Margeli Brand

Apresentador: MARGELI BRAND

Contato: projetoviva@bol.com.br

Co-autores: MIRIAM IZOLINA PADOIN DALLA ROSA;

Instituição: UNEMAT - UNIVERSIDADE DE MATO GROSSO - CAMPUS SINOP

Palavras-chaves: DST, EDUCAÇÃO, TREINAMENTO

Resumo:

Contextualização: O exercício da docência no ensino superior possibilita uma leitura das condições de formação dos acadêmicos, futuros professores, futuros educadores, os quais possuem como tarefa principal: interagir com o alunado e prepará-los como cidadãos conscientes de sua realidade social e instrumentalizá-los para o trabalho, para o convívio em sociedade. Entretanto, para isso é preciso que estes acadêmicos estejam eles próprios preparados, capacitados e dispostos a praticar estas ações na vida escolar. Infelizmente, o que se constata é a uma ausência quase total de informações e de uma postura conscientizada dos agentes da educação, de Sinop (MT) e região, no que se refere a sexualidade como fator presente no processo de educação, e, mais precisamente, quanto as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), a Síndrome da Imunidade Deficiente Adquirida (AIDS) e sua relação com o uso indiscriminado de drogas lícitas e ilícitas. Portanto, torna-se imprescindível treinar estes agentes da educação, através de esclarecimento, conscientização e a sensibilização acerca destes temas, para a construção de uma sociedade que não seja norteadas pelo preconceito e pela discriminação. Situação esta que dificulta cada vez mais o estabelecimento da confiança entre as pessoas, o que por sua vez influencia negativamente na relação de ensino aprendizagem e na construção da cidadania.

Metodologia: Cursos de Formação com 40horas/aula; uma equipe de três Psicólogas; uma Ginecologista e uma Assistente Social; conteúdo trabalhado através de fundamentação teórica sobre os temas citados; Dinâmicas de Grupo; Vivências; Documentários; e Assessoria(pós curso) nas sedes das escolas onde os cursistas trabalham.

Resultados: 160 professores treinados durante a primeira etapa do Projeto Viva (ago1999 à jun2000); 31 escolas do município de Sinop-

MT e 34 escolas de 12 municípios da região, atingidas pelo Treinamento aos cursistas. Na Segunda etapa espera-se atingir igual número de escolas e manter a Assessoria, para que o êxito se dê pela continuidade e pelo alastramento das informações e da conscientização da importância de formar “cidadãos mais humanos” além de fortalecer a luta para a prevenção as DSTs e a AIDS.

Conclusões: Mais do que ensinar é preciso sensibilizar os agentes educadores, e transformá-los em multiplicadores, pois eles tem acesso direto a uma porcentagem considerável da população, e além disso, eles possuem um papel importantíssimo, o poder de ensinar, através do desenvolvimento de valores, de idéias, de conteúdos. Entretanto, vencer a desinformação, o preconceito e a discriminação que envolvem as DSTs, o portador do vírus AIV e a AIDS, e sua relação com o uso de Drogas, bem como perceber a sexualidade como elemento presente no processo de educação é um empreendimento que conduz a uma reconstrução dos valores éticos e morais dos seres humanos. É uma conquista que passa a ser vivida, é uma postura a ser exercitada diariamente, e não apenas um assunto aprendido!

TERÇAS TRANSGRESSIVAS: VULNERABILIDADE, HSH E ESTRATÉGIAS DE AÇÃO FRENTE À EPIDEMIA DO HIV/AIDS

Autor: Luís Felipe Rios

Apresentador: Luís Felipe Rios

Contato: fipo@bol.com.br

Co-autores: Vagner Almeida; Josias Freitas;

Instituição: ABIA

Palavras-chaves: Homens que fazem sexo com homens, Vulnerabilidade, Mobilização Social

Resumo: Nossa proposta nesta comunicação é de refletir sobre o nosso fazer nas Terças Transgressivas oficinas de teatro expressionista e discussões sobre a realidade social dos homens que fazem sexo com homens na cidade do Rio de Janeiro. Terças feiras, 18:30 horas, os rapazes começam a chegar. A diversidade é claramente presente: origens regionais, étnicas, pertencimentos de classe, posicionamentos de gênero, e, se formos caminhando para a esfera do mundo privado, também os gostos na cama. Semanalmente comparecem de 12 a 18 rapazes, alguns mais dispostos a falar de suas vidas, outros mais tímidos muitas vezes, timidez condicionada pela falta de oportunidade, de terem vez e voz para falar, para protagonizar suas próprias vidas. A condução dos encontros é norteada pela perspectiva do Teatro Expressionista: o ator deve tirar de dentro dele próprio os sentimentos e modos de expressão para compor o personagem. Cada um protagoniza o vir-a-ser homossexual no Rio de Janeiro. A proposta é possibilitar o desvelamento das experiências de cada um que cada um, ao seu tempo, tome a voz e compartilhe com todos o drama de sua vida. Que as diversas histórias possam servir como material de e para o labor, para que, em conjunto os facilitadores e a platéia examinem e dissequem as diferentes linhas de desigualdade que fazem com que os sujeitos atuem de forma a reforçá-las, muitas vezes sendo colocados em contextos de vulnerabilidade.

O objetivo maior é que, a partir deste processo analítico, se possa chegar a uma síntese, construída coletivamente, em que o sujeito seja menos objeto das perversas forças sociais e mais agente na construção de sua trajetória de vida estamos aqui seguindo, ao nosso modo e com as ferramentas que dispomos, a proposta Freiriana de conscientização, a Pedagogia do Oprimido e da Esperança, ou para os que preferirem o anglicismo: possibilitar empowerment. Concebendo a vulnerabilidade dos HSH ao HIV/AIDS como ponta de ice berg, sintoma de uma situação

maior de opressão, nossa perspectiva de ação têm como uma de suas finalidades promover o reconhecimento coletivo, a percepção pelos participantes de afinidades fazer sexo com o mesmo sexo que os coloca a todos em um mesmo barco de opressão e desigualdade sociais, independentemente da enorme diversidade de posicionamentos sociais e culturais que os singulariza. Neste sentido, mobiliza-los em prol de ações por avanços na ampliação dos direitos sexuais e no reconhecimento de suas cidadanias. Por tudo isso, o transgredir das terças assume para o coletivo que participa das reuniões o sentido de alargamento dos limites sócio-culturais: ação militante em prol do Movimento Social da AIDS, que, no caso em apreço, só se cumpre mobilizando os participantes a ações coletivas (barrar a epidemia), mesmo que experienciadas, em um certo âmbito, a nível individual (usar a camisinha).

HOMOSSEXUALIDADE, JUVENTUDE E VULNERABILIDADE:
PREVENÇÃO DE HIV/AIDS PARA JOVENS HSH DE CLASSES
POPULARES DO RIO DE JANEIRO

Autor: Vagner Almeida

Apresentador: Vagner Almeida

Contato: vavabrasil@ax.apc.org

Co-autores: Luís Felipe Rios; Josias da Silva Freitas;

Instituição: ABIA-Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS.

Palavras-chaves: Adolescentes/Adultos Jovens, Homens que fazem sexo com homens, vulnerabilidade

Resumo: O projeto tem por objetivo conscientizar o público de jovens HSH em situação de extrema vulnerabilidade (pela interação e sinergia de diversos fatores estruturais como pobreza, raça, gênero, opressão sexual) sobre a situação em que se encontram frente a epidemia do HIV/AIDS e capacitá-los para adotar práticas de sexo seguro e responder aos diversos fatores que criam vulnerabilidade. Este objetivo geral se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

1) promover a prática de sexo seguro e informação sobre DST e HIV/AIDS; 2) desenvolver a auto-estima dos jovens 3) trabalhar questões gerais sobre (homo)sexualidade, identidade(s) e cidadania; 4) incentivar a formação de sujeitos sexuais capazes de desenvolver relação consciente e negociada com as normas da cultura para os gêneros e para a atividade sexual, conhecedoras e informadas de como ter acesso aos meios materiais (p.e.: camisinha) e aos serviços para garantir o cuidado de saúde de qualidade e para fazer escolhas sexuais; 5) oferecer opções de carreiras profissionais aos jovens; 6) viabilizar replicação de experiências semelhantes dirigidas a esta população específica através da produção e distribuição de um Manual de Oficinas e vídeo educativo. Afim de viabilizar a realização de tais objetivos desenvolvemos as seguintes Atividades: oficinas regulares semanais de teatro expressionista; oficinas regulares semanais de sexo seguro; cursos de capacitação profissional; produção e distribuição de material educativo; produção de um manual de oficinas; produção de um vídeo educativo. Estas atividades buscam não somente trabalhar o sexo seguro, mas também refletir sobre o contexto mais amplo da vida da pessoa e questões relacionadas a vulnerabilidade, fomentando a criação de espaços seguros que ofereçam apoio perante a sociedade, permitindo a mobilização coletiva. Em síntese, buscam refletir com os jovens sobre os fatores

estruturais que causam a vulnerabilidade e coletivamente encontrar estratégias para vencê-la.

Em linhas gerais já estamos alcançando alguns resultados: a) disseminação de informações sobre sexo seguro e HIV/AIDS e direitos sexuais, adequadas à população alvo; b) formação de sujeitos sexuais, ou seja, pessoas capazes, entre outras coisas, de desenvolver relação consciente e negociada com as normas da cultura para os gêneros e para a atividade sexual e operacionaliza-los para responder às diversas vulnerabilidades, sobretudo ao HIV/AIDS; c) publicação de materiais educativos (Manual do Multiplicador e Passaporte para o Futuro) que oferecem estratégias e subsídios para a multiplicação de ações semelhantes. O fazer no projeto tem apontado que a construção da de uma cultura do sexo seguro entre os jovens só se concretizará via a conscientização dos jovens dos fatores que interditam as suas cidadanias plenas e mobilizá-los a ações coletivas rumo a conquista de direitos sexuais e a uma excelente qualidade de vida.

O TRABALHO DE CAMPO DO REDUTOR DE DANOS: ESTRATÉGIAS E LIMITES

Autor: Marco Manso Cerqueira Silva

Apresentador: Marco Manso Cerqueira Silva

Contato: marco.manso@usa.net

Instituição: CETAD-CENTRO DE ESTUDOS E TERAPIA DO ABUSO DE DROGAS

Palavras-chaves: Profissionais do sexo feminino,

Resumo:

Contextualização: No início da década de 90, com a disseminação da AIDS entre Usuários de drogas injetáveis (UDI), o CETAD/UFBA percebeu a necessidade de desenvolver atividades extra muro para atender os UD. Daí a implantação do 1º programa oficial de troca de seringas do Brasil, conhecido como Programa de Redução-PRD. Esse programa conta com a participação de UD e ex UD atuando como Redutores de Danos. A prática cotidiana dos redutores e a capacitação teórica constante oferecida pelo PRD, referenciaram a elaboração do presente trabalho que tem como objetivo fornecer informações básicas para atuação de redutores de danos, fundamentalmente, orientações voltadas para a abertura de novas áreas de trabalho.

Descrição/Método: O exercício diário do trabalho de campo permitiu a constatação de elementos importante que contribuem para o desempenho do trabalho de RD: o processo de conquista e confiança dos UD; a necessidade de conhecimento da linguagem utilizada pelos UD (códigos e gírias); o perfil e a importância do papel do redutor; os limites e objetivos do trabalho de redução de danos e, finalmente, a incorporação pelo redutor dos próprios princípios e práticas que ele tenta ensinar aos usuários, ou seja, como ele reduz seus próprios danos.

Principais Resultados: A criação do vínculo entre redutor e o UD é decorrente da confiança que é conquistada lentamente; o conhecimento da linguagem facilita e/ou garante o acesso aos UD; os limites impostos pelo trabalho se respaldam na postura do redutor que está atrelada aos objetivos do trabalho; com o tempo os redutores aprendem no campo que redução de danos é uma lição de vida, o que facilita a multiplicação desse aprendizado junto a população alvo do PRD.

Conclusão: a expectativa é de que a divulgação desses dados possam contribuir com instituições e profissionais que desenvolvem atividades nessa área, pois se baseiam na experiência e aprendizado da prática cotidiana de um redutor de danos.

TESTAGEM SOROLÓGICA: COM OU SEM ACONSELHAMENTO PRÉ-TESTE?

Autor: Nízia Machado Lima

Apresentador: Nízia Machado Lima

Contato: rmimessi@netvale.com.br

Co-autores: Ana Maria Pereira; Jaime Anbinder; Vera Mimessi;

Instituição: COAS / CTA - Centro de Orientação e Aconselhamento

Palavras-chaves: Aconselhamento, Serviços de prevenção, Testagem

Resumo:

Contextualização: Mostrar a importância do Aconselhamento pré-teste para o retorno de pacientes que realizaram o teste Anti-HIV.

Descrição: O COAS/CTA (Centro de Orientação e Aconselhamento Sorológico / Centro de Testagem e Aconselhamento) de São José dos Campos foi convidado a participar do evento do Dia Internacional de Luta contra AIDS de 2000, onde diversos setores e ONGs ligados à AIDS estariam sensibilizando a população em praça pública através de sócio-drama, cartazes, distribuição de preventivos, teatro, etc. A nossa participação, em circunstância inédita, foi desenvolvida num ônibus adaptado e limitou-se a coleta de sangue e agendamento para retorno do resultado no COAS/CTA após 15 dias. Foi colhido o sangue de 40 pessoas que manifestaram interesse espontâneo e que receberam uma senha numérica resguardando o anonimato.

Principais resultados: Das 40 pessoas que colheram sangue, somente 17 (21,25%) retornaram para resultado até maio de 2001. No período de um ano o índice de retorno no COAS/CTA foi de 85,2% o que nos chamou a atenção, levando-nos a investigar as possíveis causas. Recentemente o COAS/CTA foi convidado a participar de um outro evento - o Dia Mundial da Saúde da Mulher - nos moldes do evento anterior. Os índices obtidos serão avaliados e acrescentados a este trabalho posteriormente.

Conclusões: A falta de preparação dos pacientes através de um Aconselhamento pré-teste, foi o fator que diferenciou o trabalho desenvolvido nos dois momentos. Sentimentos, atitudes e valores ligados ao exame e à AIDS não foram trabalhados no evento, o que é feito sistematicamente no COAS/CTA. A experiência mostrou a importância do Aconselhamento pré-teste garantindo que as pessoas retornem ao Serviço e se beneficiem do resultado do exame em termos da prevenção, controle e aderência ao tratamento. A perspectiva de transferir o trabalho

do COAS/CTA para as Unidades Básicas de Saúde (UBSs) sem a garantia de condições necessárias para o Aconselhamento e Confidencialidade, caso venha a ocorrer, comprometerá seriamente o trabalho que vem sendo desenvolvido. Faz-se necessário garantir a sustentabilidade do COAS/CTA e o implemento das suas ações.

AValiação dos atendimentos de acidentes de trabalho atendidos num ambulatório de DST/AIDS

Autor: Francisco de Assis Silva Gomes

Apresentador: Francisco de Assis Silva Gomes

Contato: axxs@uol.com.br

Co-autores: Claudia Regina Maluf Pontin; Márcia dos Santos; Taíssa Grotta Ragazzo; Valéria Correia de Almeida;

Instituição: AMDA - AMBULATÓRIO MUNICIPAL DE DST/AIDS

Palavras-chaves: Profissionais de saúde, Risco

Resumo: O AMDA- Ambulatório Municipal de DST/HIV

até outubro de 2000 era o centro de referência para todos os acidentes com material biológico na cidade de Campinas/SP, servindo também a municípios vizinhos. Após a implementação do Teste rápido para detecção do HIV, o AMDA passou a atender somente àqueles em que a fonte tinha resultado positivo para infecção pelo HIV no teste rápido, uma vez que os outros com fonte negativa passaram a ser acompanhados na própria unidade de saúde. Este é um estudo descritivo com análise a partir de dados colhidos nas fichas de investigação para acidentes com material biológico atendidas no AMDA no ano 2000. De um total de 1.057 novos casos atendidos, cerca de 300 foram devido a acidente com material biológico. Deste total, 45% ocorreram em mulheres. Em relação a categoria profissional mais exposta, destacam-se, entre os homens, os auxiliares de enfermagem (30%) seguido dos médicos (25,5%) e pelos profissionais de limpeza (7%). Entre as mulheres, a categoria com maior número de casos foi a das auxiliares de enfermagem (55%) seguida pelas técnicas em enfermagem (15%) e médicas (11%). Em relação as exposições, a grande maioria foi do tipo percutânea sendo o recapamento de agulhas a principal situação de risco que motivou o acidente. Em menos de 50% dos casos foi prescrito a quimioprofilaxia para o HIV. Observou-se um número alto de profissionais que abandonaram o acompanhamento. O profissional de saúde assim como outros profissionais vulneráveis a acidentes com material biológico, desconhecem, geralmente, os riscos a que estão expostos, negligenciando, assim, as precauções e os cuidados básicos necessários para evitar tais acidentes o que faz necessário um treinamento periódico e uma supervisão adequada visando a sensibilização destes profissionais quanto a precaução de tais acidentes.

PREVENÇÃO DA AIDS COM ADOLESCENTES DA ROCINHA: UMA AVALIAÇÃO

Autor: Murilo Peixoto da Mota

Apresentador: Murilo Peixoto da Mota

Contato: mpmota@vento.com.br

Co-autores: Silvia Dantas; Simone Martins;

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro

Palavras-chaves: adolescente, avaliação, intervenção comunitária

Resumo: Criado em 1996 com o objetivo de formar adolescentes como multiplicadores de informação a partir de uma metodologia lúdica, o programa utiliza a linguagem do teatro e as vivências cotidianas apresentadas pelos jovens para contextualizar suas vulnerabilidades em torno das DSTs/Aids. Após quase cinco anos de atividades foi possível desenvolver uma pesquisa de avaliação dos êxitos do programa. A partir de uma metodologia qualitativa com uso de entrevista estruturada, foram entrevistados: jovens participantes, líderes comunitários, agentes envolvidos no programa. A pesquisa possibilitou relativizar os êxitos levando-se em conta níveis de informação, práticas sexuais, uso do preservativo e relações de gênero. A partir dos depoimentos podemos destacar que os objetivos do programa foram sendo alcançados gradativamente ao longo dos anos e que durante o processo de implantação, a metodologia utilizada foi capaz de elevar a baixo auto estima dos jovens potencializando-os à construção de uma cidadania sexual situando-os num contexto de menor vulnerável aos riscos das DSTs/Aids. Como resultados da pesquisa de avaliação podemos destacar que um dos principais êxitos alcançados pelo programa foi proporcionar auto estima, cidadania e a formação de líderes comunitários. A partir das análises das entrevistas foram possíveis detectar que os jovens participantes, entraram para o programa motivados por um sentimento de busca do que fazer, para ocupar o tempo e ver o que acontece, geralmente jovens fora da escola e sem estímulo diante de seu mundo; após participarem das atividades passaram a dar a “volta por cima”, mudando seu comportamento, sua linguagem, retornando para a escola, criando vínculo com novos amigos, desenvolvendo uma rede de amizade em torno de um ideal apontado pelo programa como sendo a bandeira da prevenção e solidariedade, aspectos que consideramos demonstrar os êxitos do programa. Além disso, pudemos perceber nas entrevistas, que o programa possibilitou mudanças significativas na conduta do jovem frente ao seu mundo, possibilitou a consciência crítica e política diante das contradições de sua vida sexual, fazendo do teatro e das atividades culturais uma possibilidade alternativa profissional.

COMPETÊNCIA TÉCNICA NA PREVENÇÃO DO HIV/ AIDS:VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO

Autor: Gilson de Vasconcelos Torres

Apresentador: Gilson de Vasconcelos Torres

Contato: gvt@ufrnet.br

Co-autores: Márcia Caron Ruffino;

Instituição: UFRN

Palavras-chaves: Profissionais de saúde, Avaliação,

Resumo: O estudo teve como objetivo construir e validar um instrumento para mensurar a competência técnica na prevenção do HIV/Aids nas ações educativas desenvolvidas pelo enfermeiro nas unidades básicas de saúde (UBS) que foi utilizado na Tese de Doutorado da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. As etapas percorridas para a construção e testagem da fidedignidade do instrumento, foram: elaboração de itens relacionados a competência técnica na prevenção do HIV/Aids; aplicação do instrumento numa amostra de 30 enfermeiros de diferentes instituições hospitalares e de ensino. O instrumento apresentou um nível satisfatório, no que se refere à estabilidade, homogeneidade e reprodutibilidade.

PROJETO ARPÃO: PARTICIPAÇÃO, COMUNICAÇÃO E PREVENÇÃO ENTRE DETENTOS

Autor: Liandro Lidner

Apresentador: LIANDRO LINDNER

Contato: llindner@terra.com.br

Co-autores: MIRTHA DELIA SENDIC SUDBRACK; RICARDO DE SOUZA KUCHENBECKER;

Instituição: COORDENAÇÃO MUNICIPAL DE AIDS-SECRETARIA MUNICIPAL

Palavras-chaves: Presídios, Prevenção, Comunicação

Resumo: O Projeto Arpão se desenvolve no Presídio Central de Porto Alegre, maior casa prisional do Rio Grande do Sul, que abriga cerca de 2 mil homens divididos em sete galerias. Não existem dados sólidos sobre o nível de infecção pelo hiv entre a população mas estima-se que ela gire em torno de 15%. O presídio se caracteriza por ser uma casa intermediária entre penas longas (cumpridas em outras casa do sistema) e penas curtas(cumprida por delitos menores enquanto se espera julgamento. O projeto se divide em duas etapas. Na primeira cada galeria indica um representante para participar de um conjunto de cinco oficinas abordando temas relacionados com hiv/aids: aspectos clinicos e psicosociais, drogas e aids, sexualidades e direitos humanos. Num segundo momento estes multiplicadores escrevem, recolhem e ajudam a escolher materias que serão publicados em jornal de circulação interna destinado a todos os detentos. A cada edição o grupo é renovado. Os multiplicadores tornam-se pólos de informação e de reivindicações não somente na área de saúde, como na de direitos humanos. Verificou-se que os detentos possuem maior confiança nas informações passadas pelos colegas e a necessidade de se investir mais no acesso dos detentos aos sistemas de saúde.Com a intenção de ampliar o raio de ação do projeto passaram a ser ministradas oficinas para os funcionários civis e militares do presídio. Além disto algumas atividades atingiram os familiares e visitantes, e em breve atividades nas filas serão empreendidas.

PREVENÇÃO DE DST/AIDS PARA HOMENS NO SETOR MATERNO- INFANTIL

Autor: Jorge Lyra da Fonseca

Apresentador: Luciana Souza Leão

Contato: papai@hotmail.com.br

Co-autores: LUCIANA SOUZA LEÃO; AUGUSTO CRISÓSTOMO; CLÁUDIO PEDROSA; MOISÉS BARRETO;

Instituição: Programa Papai

Palavras-chaves: MODELOS DE ATENÇÃO À SAÚDE, HOMENS

Resumo: Jorge Lyra da Fonseca; Luciana Souza Leão; Augusto Crisóstomo; Cláudio Pedrosa; Moisés Barreto.

As ações de prevenção e orientação no combate à transmissão das DST/Aids, geralmente se inserem no campo das discussões sobre sexualidade e se excluem do campo da saúde reprodutiva. Apesar de indicativos da disseminação do HIV entre mulheres donas de casa, que declaram manter relações exclusivamente com o parceiro, a Aids ainda não foi assimilada como um tema da saúde reprodutiva. Soma-se a essas considerações o fato de que os modelos de masculinidade e paternidade disponíveis, sempre associados à figura de força, virilidade e indestrutibilidade, faz dos homens pais um grupo pouco sensível ao uso da camisinha e, por consequência, vulnerável à contaminação. Este trabalho pretende oferecer uma reflexão a partir de uma experiência de intervenção realizada com pais do setor materno-infantil do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco, discutindo as possibilidades de associar temáticas de prevenção em saúde sexual às de saúde reprodutiva e planejamento familiar. Ao longo da intervenção pudemos perceber que a maior parte dos homens não se identifica com as mensagens das campanhas de prevenção e não associa prevenção de DST/Aids a planejamento familiar, além de resistirem ao uso da camisinha. Embora considerem que a prevenção é uma responsabilidade do pai enquanto provedor de segurança. Podemos concluir que, apesar do sexo e da reprodução serem aspectos distintos da vida humana, as ações de orientação sobre prevenção de DST/Aids não precisam estar dissociadas da discussão sobre saúde reprodutiva. Assim, pretendemos e constatamos a importância de implementar ações efetivas e transformadoras, considerando a inclusão dos homens nos espaços instituídos para esses temas como o setor materno infantil.

MOMENTO ATUAL DO PROJETO DE REDUÇÃO DE DANOS DE BRASÍLIA

Autor: Aline de Melo Soares

Apresentador: ALINE DE MELO SOARES

Co-autores: VICENÇA PAULA SOARES QUERRER; CECÍLIA DE FARIA FRANCO;

Instituição: SECRETARIA DE SAÚDE DO DF

Palavras-chaves: REDUÇÃO DE DANOS

Resumo:

Contextualização: O Projeto de Redução de Danos do Distrito Federal PRD/DF iniciou suas ações em janeiro de 1999. Apesar de inúmeras dificuldades administrativas e burocráticas, que prejudicam seu andamento, hoje atua em três campos diferentes no DF Taguatinga, Cruzeiro (Cidades Satélites) e CONIC (Centro Comercial e de Diversões no Plano Piloto). As ações em Redução de Danos se fazem necessárias no DF, pois 14,5 % dos casos de AIDS (dados de 1999 a outubro de 2000) estão associados ao uso de drogas injetáveis UDI, correspondendo à terceira maior categoria de transmissão.

Descrição: O PRD/DF é vinculado à Gerência de DST/AIDS da Secretaria de Estado de Saúde do DF, com sede no Centro de Saúde nº 11 de Brasília. É desenvolvido através de atividades de campo, quando são distribuídos materiais de prevenção à disseminação do HIV e outras doenças de transmissão sanguínea e sexual (seringas, kits, preservativos, folhetos educativos). Além das atividades de orientação/prevenção em DST/AIDS são feitos encaminhamentos diversos. O trabalho se dá em locais de passagem, com uma população flutuante, composta em sua maioria por profissionais do sexo. As ações preventivas tem um enfoque importante em relação às práticas sexuais, embora observe-se entre estas pessoas um grande uso de drogas, inclusive sob forma injetável. Atualmente a equipe é composta por três técnicos, dois redutores de danos e um auxiliar de enfermagem (voluntário).

Resultados: Entre janeiro de 2000 e abril de 2001 foram distribuídos 19011 preservativos, 9087 folders, 1026 kits (com duas seringas cada), 1990 seringas, e no mês de abril 210 preservativos femininos. Há 120 pessoas cadastradas no projeto, que recebem material semanalmente ou sempre que são contactadas, sendo 105 profissionais do sexo, 63 usuários de drogas e 15 UDI. Já foram acessados 42 UDI desde o início do projeto.

Conclusão: Apesar das dificuldades observa-se uma evolução no trabalho desenvolvido pelo PRD/DF, comprovado pelo aumento progressivo no número de UDI acessados. A principal questão levantada no momento seria: Como desenvolver um trabalho específico para os UDI quando os mesmos se encontram diluídos entre uma população maior, caracterizada por profissionais do sexo?

REDUÇÃO DE DANOS: UMA PROPOSTA DE QUALIDADE DE VIDA

Autor: Janice Maria Moreira Gomes

Apresentador: Janice Maria Moreira Gomes

Contato: smsbauru@techno.com.br

Co-autores: Eliana Martini dos Santos; Eliane Regina Catalano Monteiro;

Instituição: Prefeitura Municipal de Bauru - Secretaria Municipal de Saúde

Palavras-chaves: Saúde Mental, Redução de Danos, Usuários de Drogas

Resumo:

Contextualização: A saúde mental vem ao longo dos anos modificando a sua história, convertendo a doença mental em saúde mental; deslocando o contexto hospitalar, manicomial, crônico, há mais de 100 anos, para a existência de portadores de sofrimento psíquico. Assim também, a dependência química se insere nesse processo, visto que os usuários de drogas sempre foram discriminados pela sociedade, sendo vítimas de preconceitos de difícil superação. É dentro essa linha de pensamento que, a equipe técnica da Divisão de Saúde Mental da Secretaria Municipal da Saúde de Bauru, vem atuando com os dependentes químicos. Desenvolvendo programas alternativos às internações em hospitais psiquiátricos e ainda, em virtude da vulnerabilidade dos usuários de drogas frente as DST/AIDS, implantando o PRD - Programa de Redução de Danos como estratégia de atendimento e acolhimento.

Descrição e Método: Considerando a dificuldade de acesso aos usuários de drogas, utilizou-se o vínculo já existente entre os pacientes do programa de dependência química, para inseri-los na comunidade como agentes multiplicadores das informações referentes ao DST/AIDS. Para tanto, são realizados grupos de aconselhamento e sensibilização, oficinas de sexualidade e dinâmica de grupo, abordando métodos e técnicas de utilização de preservativo e drogas injetáveis; sempre sob o postulado do princípio do PRD, de não manter a abstinência total como único objetivo e transmitindo informações pertinentes sobre prevenção, adoção de práticas seguras e consolidação de ações que possibilitam uma atenção centrada nas necessidades dos Uds, respeitando suas individualidades e o estilo de vida de cada um. As atividades constituem uma construção na mudança de comportamento dessa população

vulnerável. Esse trabalho, denominado Qualidade de Vida, teve início em agosto de 1999 e vem sendo realizado por uma equipe formada com Terapeuta Ocupacional, Psicóloga, Assistente Social, Enfermeira e Psiquiatra.

Principais Resultados: No período compreendido entre 1988 e 1999, a abordagem ao paciente dependente químico preconizava a abstinência total. A partir de agosto de 1999, depois de inserido o PRD com suas estratégias, observou-se aumento na confiança da relação paciente-instituição; melhora nos vínculos com os terapeutas e incremento da frequência nos grupos de apoio. Com a inserção do PRD, a implementação do programa de dependentes químicos da Divisão de Saúde Mental, proporcionou um avanço no tratamento dos Usuários de Drogas, associado a uma sensível diminuição no risco de contaminação pelo vírus HIV/AIDS.

Conclusão: A aceitação e o emprego das estratégias do Programa de Redução de Danos por profissionais da saúde mental, leva a crer que a disseminação e o alastramento do vírus entre os Uds, podem ser sensivelmente atenuados.

EXPERIÊNCIA DO MUNICÍPIO DE BAURU : CAPACITAÇÃO DE SAÚDE PARA ATUAREM NA PREVENÇÃO DAS DST/AIDS, JUNTO A ADOLESCENTES

Autor: Maria Cecília Lopes Sgavioli

Apresentador: Maria Cecília Lopes Sgavioli

Contato: smsbauru@techno.com.br

Co-autores: Paulo Roberto Graça Abiuzzi; Rosilene Maria dos Santos Reigota; Eliane Regina Catalano Monteiro;

Instituição: Prefeitura Municipal de Bauru - Programa Municipal de DST/AIDS

Palavras-chaves: Adolescentes/Adulto jovem, Sexualidade, Crianças

Resumo:

Contextualização: Bauru, município com aproximadamente 315.835 habitantes. Possui Programas Municipais de DST/Aids e Agentes Comunitários de Saúde implantados. Visando a institucionalização e sustentabilidade das ações de prevenção das DST/Aids junto à população, implementar através dos agentes comunitários de saúde (ACS) a estratégia de orientação e aconselhamento de DST/Aids a alunos de ensino fundamental e médio de duas escolas municipais. Descrição/

Métodos: Para o desenvolvimento dessas ações foram capacitados, através do Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), agentes comunitários de saúde (ACS) para realizarem atividades educativas junto às escolas municipais localizadas na área de abrangência das 2 unidades que possuem o programa implantado. Os enfermeiros foram preparados para realizarem supervisão e acompanhamento das atividades desenvolvidas pelos agentes. Houve disponibilização de material técnico-educativo sobre doenças sexualmente transmissíveis e Aids, planejamento familiar, métodos contraceptivos, sexualidade e gravidez na adolescência, permitindo esclarecimentos sobre sexualidade, mitos e uso de preservativos como opção de proteção.

Resultados: Vinte e dois agentes comunitários receberam treinamento, dos Quais 11, vinculados ao Núcleo de Saúde do Jardim Godoy, atuaram junto a aproximadamente 2100 adolescentes entre 11 e 17 anos, matriculados em 2 escolas municipais. Os demais ACS, vinculados ao Núcleo de Saúde Jaraguá estão mantendo contato com as escolas dos bairros adjacentes para darem início às atividades no 2º semestre 2001. No 1º semestre de 2001, observou-se através dos agendamentos no Núcleo de Saúde do Jardim Godoy e contato com coordenadores das escolas envolvidas, a redução do número de adolescentes grávidas.

Conclusões: O estabelecimento de vínculo dos Agentes Comunitários de Saúde com a população da área de abrangência do programa, favoreceu o desenvolvimento de ações de prevenção das DST/Aids e gravidez na adolescência. É fundamental que a instituição invista em educação continuada destes agentes, para a implementação dessas ações junto à comunidade.

PROGRAMA MÉDICO DA FAMÍLIA EM MANAUS,
AMAZONAS: INQUÉRITO C.C AP. COMO INSTRUMENTO DE
PLANEJAMENTO PARA IMPLANTAÇÃO DE UM PROGRAMA
DE DST

Autor: José Carlos Gomes Sardinha

Apresentador: José Carlos Gomes Sardinha

Contato: sardinha@manausnet.com.br

Co-autores: Monteiro, A. S; Benzaken, A. S; Pedroza, V; Castro, F;

Instituição: Fundação Alfredo da Matta

Palavras-chaves: DST, Intervenção Comunitária, Planejamento

Resumo:

Contextualização: O Programa Médico da Família - PMF do Município de Manaus começou a ser implantado em Março de 1999. Em Maio de 2001 contava com 160 casas de saúde, cada uma com equipes compostas de médico, enfermeiro e 7 agentes comunitários de saúde, cobrindo 70% da população da cidade. Para construção da linha de base visando intervenção comunitária na problemática de DST em sua área de abrangência foi aplicado um inquérito sobre Conhecimentos, Crenças, Atitudes e Práticas Sexuais (C.C.A P.).

Método: Estudo descritivo, quali Quantitativo, transversal, randomizado, abrangendo o universo da área de cobertura do PMF do Município de Manaus- Amazonas. Para nível de significância de 5% foram realizadas 1281 entrevistas, por 160 agentes comunitários de saúde coordenados por 19 supervisores de campo. Foram incluídos 1 indivíduo de cada sexo, na faixa etária de 30 a 49 anos, para cada casa sorteada. O questionário elaborado foi utilizado inicialmente para estudo piloto e capacitação dos pesquisadores de campo e finalmente aplicado no decorrer de 4 semanas em Fevereiro de 2001. Para tabulação e análise de dados utilizou-se o software epinfo.

Principais Resultados: Os principais resultados obtidos contrastam fortemente com idéias e valores que se considerava certos até então, Dentre estes a iniciação sexual não ocorre tão precocemente como se supunha. Não se observou variação significativa de parceiros Sexuais, a magnitude das DST não se revelou tão alta e pacientes sintomáticos de DST não procuram prioritariamente os balcões de farmácia, mas as unidades públicas de saúde. A grande maioria dos entrevistados reconhece o preservativo de látex como a principal medida preventiva e não consideram seu preço alto. A baixa utilização de preservativos

detectados relaciona-se principalmente a desinformação e não erotização do seu uso.

Conclusões: Detectou-se existência de condições favoráveis para o planejamento e implantação de um Programa de controle impactante em DST /HIV e Aids, consubstanciadas em : 1. População informada e sensibilizada para buscar os serviços públicos; 2. Magnitude não tão elevada das DST como se esperava, o que torna o momento de intervenção mais propício para impactar a disseminação do HIV; 3. Possibilidade de elevação do uso do preservativo por revisão da estratégia de marketing social de sua utilização.

REORGANIZANDO SOB A ÓTICA DA MUDANÇA DA EPIDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA

Autor: Júlio César Barroso Pacca

Apresentador: Maria do Carmo Monteiro

Contato: jcpacca@terra.com.br

Co-autores: Maria Clara Gianna - CEDST/AIDS; Artur Kalichamn - CEDST/AIDS; Renato Barboza - CEDST/AIDS; Ligia Pupo - CEDST/AIDS; Maria da Penha Oliveira - CEDST/AIDS; Nina Laurindo - CEDST/AIDS; Maria do Carmo Monteiro - CEDST/AIDS; Luiza Matida - CEDST/AIDS

Instituição: Coordenação Estadual DST/AIDS - SP

Palavras-chaves: 40. Políticas públicas, 39. Planejamento,

Resumo: As atividades de prevenção da C.E. DST/aids-SP tiveram início em 1983. Desde então, houve diversas transformações na organização do trabalho, na complexidade de ações e de atribuições. Estas vêm ao encontro das alterações que o perfil da epidemia tem apresentado. Podemos dividir este processo em quatro fases. Entre os anos de 1983 e 1987, não havia uma equipe organizada especificamente para desenvolver ações de prevenção, sendo esta baseada na divulgação de informações. De 1988 a 1993, estabeleceu-se uma equipe própria, com ações centradas na formação de profissionais para atuação nos serviços de saúde. O modelo de ação não se altera frente à fase anterior; entretanto, já se evidenciam tentativas localizadas de desenvolver ações com profissionais do sexo, usuários de drogas injetáveis e travestis. Entre 1994 e 1999 a área de Prevenção e Treinamento consolida sua atribuição, enquanto organismo promotor de políticas públicas, diretrizes e estratégias em prevenção para o estado de São Paulo. A partir de então, o trabalho passou a se organizar sob prioridades populacionais, com o desenvolvimento de estratégias voltadas às características socioculturais de cada segmento populacional, obtidas a partir de modelos tecnológicos desenvolvidos num determinado sítio. Há uma mudança paradigmática na ótica da intervenção, na qual se privilegia grupos com fração de risco atribuível mais significativa para reduzir a transmissão do HIV e de outras DST. A partir de 2000, há nova alteração de estrutura, com objetivo de focalizar as ações na gestão de programas de prevenção efetivamente instalados nos serviços de saúde e outros equipamentos sociais. A Área de Prevenção passa a contar com 3 equipes de trabalho: grupos mais vulneráveis (UDI, população de rua, profissionais do sexo,

travestis, homens que fazem sexo com homens), populações em instituições (população prisional, crianças institucionalizadas, população de menor poder aquisitivo em local de trabalho) e atenção básica (rede básica de saúde, mulheres, gestantes e crianças). Há assessorias na articulação com ONG's, planejamento e comunicação social; e o serviço de Disque DST/aids. Nesta nova estrutura, reduz-se os chamados donos de projeto, abrindo-se assim a perspectiva dos diversos trabalhos poderem ser absorvidos e enfrentados por toda a equipe. As atividades passam a ser orientadas para a descentralização de ações de prevenção para o âmbito municipal, de modo a garantir ações contextualizadas e articuladas com diferentes instituições públicas e privadas locais, promovendo sua factibilidade e impacto; a articulação com organizações sociais que atuem junto a grupos e populações mais vulneráveis, construindo redes de prevenção; o desenvolvimento de estratégias que garantam a sustentabilidade técnica, política e financeira das ações de prevenção.

PROJETO SOMOS

Autor: Toni Reis

Apresentador: Toni Reis

Contato: tonidavid@avalon.sul.com.br

Co-autores: D Harrad; C Nascimento; M Cerqueira; E Ribeiro; M Prado;

Instituição: Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis

Palavras-chaves: Homens que fazem Sexo com Homens, Direitos Humanos

Resumo:

Contextualização: A população de Homens que fazem Sexo com Homens (HSH) tem sido uma das mais afetadas pela epidemia da Aids no Brasil e em 1993, quando do início do trabalho dos autores, representavam 37% dos casos cumulativos de Aids. A partir de 1994, vários dos autores participaram do Comitê Assessor HSH da Coordenação Nacional (CN) de DST e Aids. De 1994 a 1998, foram várias as tentativas deste Comitê de elaborar um projeto nacional para prevenção com HSH, sem porém chegar à sua implementação. Neste período de 5 anos, apenas um total de em torno de 30 projetos de ONG para HSH foram aprovados nas concorrências daquela Coordenação. Destacou-se como principal fator desse baixo índice a falta de capacidade técnica das ONG de HSH. Assim, a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT), em parceria com a CN-DST/Aids, desenvolveu o projeto Somos, implementado em 1999.

Descrição/Método: No primeiro ano do projeto, foram identificadas 4 ONG de HSH em regiões do país com índice elevado de casos de Aids, tendo infra-estrutura já existente adequada para atuar como “Centro Regional de Capacitação e Assessoria” (CCA). Os 4 CCA localizavam-se nas cidades de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba. A ABGLT manteve a coordenação geral do projeto. Como passo inicial, foi realizado um treinamento nacional com a coordenação dos 4 CCA para subsequente reprodução com pelo menos 6 grupos incipientes em cada região geográfica. Nos treinamentos regionais cada grupo incipiente elaborou seu próprio projeto de intervenção com a população local de HSH. No decorrer do ano, cada grupo incipiente recebeu 2 visitas de acompanhamento pela coordenação de seu respectivo CCA e ao final do ano, cada CCA realizou um Encontro de Avaliação.

Principais Resultados: Esperava-se ter 16 instituições desenvolvendo ações específicas de prevenção às DST/Aids junto a HSH em 10 estados brasileiros. Ao final do primeiro ano, havia 25 instituições com projetos em andamento, e mais 18 instituições / pessoas com o potencial de estar desenvolvendo este tipo de projeto futuramente. Das 25 instituições com projetos em andamento, 17 tiveram um total de 24 projetos aprovados nas concorrências da CN-DST/Aids dos anos 1999 e 2000.

Conclusões: O sucesso inicial do projeto Somos encontra-se no seu enfoque regionalizado e direcionado, permitindo a multiplicação de informações e o acompanhamento in loco, visando motivar os grupos incipientes, proporcionar orientação técnica quanto ao processo de intervenção e também apoiar no processo de articulação de parcerias locais de sustentabilidade para o projeto.

ADOLESCENTE EM MOÇAMBIQUE: ESTUDO DE SUA VULNERABILIDADE: DESENVOLVENDO MATERIAIS DE PREVENÇÃO PARA ADOLESCENTES FORA DA ESCOLA DE MOÇAMBIQUE

Autor: Júlio César Barroso Pacca

Apresentador: Aida Mohamed

Contato: jcpacca@terra.com.br

Co-autores: Aida Mohamed - Ministério da Saúde de Moçambique;

Instituição: CN-DST/AIDS/Brasil

Palavras-chaves: 03. Adolescentes/Adultos Jovens, 66. Vulnerabilidade

Resumo:

Descrição: com projeção de mais de 100 mil casos novos/ano de AIDS e 160 mil novas infecções/ano em Moçambique, atingindo principalmente a população jovem (43% dos novos casos são entre adolescentes), a doença poderá causar um impacto não só nos indicadores sociais como também na força produtiva do país. Há a necessidade de se conhecer os determinantes da vulnerabilidade destes jovens para orientar as ações preventivas a serem desencadeadas.

Método: Primeiramente, foram realizadas três oficinas com jovens de 15 a 20 anos de idade, objetivando conhecer algumas categorias empíricas que foram aprofundadas a posteriori durante a realização de grupos focais. Para estes grupos focais, e conforme os resultados obtidos nas três oficinas pré-realizadas, foram investigados os seguintes pontos: 1) percepção de risco; 2) dificuldades de uso de preservativos na primeira relação sexual; 3) conceito de fidelidade e confiança ; 4) tolerância e discriminação.

Resultados: Os resultados aqui apresentados se referem à análise de discurso dos produtos obtidos das oficinas e grupos focais, em categorias explicativas: 1) Ideologia de Gênero, no qual a rapariga apresenta maior vulnerabilidade frente a sua posição passiva nas questões sexuais; 2) Relação de Fidelidade e Confiança, em que o sistema de confiança/desconfiança e fidelidade/infidelidade dificulta a adoção do preservativo nas relações consideradas fixas; 3) primeira relação sexual, surgindo um mito de que durante a primeira relação sexual da mulher não há riscos de gravidez ou infecção por AIDS; 4) fatalismo, no qual SIDA ocupa no imaginário social a posição de doença dizimadora, levando os jovens não conseguirem apresentar sequer uma alternativa possível ou

otimista frente a sua disseminação no país; 5) preconceito em relação aos já infectados, o que os afasta daqueles já atingidos; 6) falta de informações básicas sobre AIDS; e 7) crença de que AIDS só atinge aos grupos já estigmatizados por seu comportamento.

Conclusões: As questões de gênero demarcam parte das relações de confiança e fidelidade, assim como na atribuição de comportamentos desviantes femininos na transmissão de AIDS e outras desgraças. O fatalismo catastrófico está associado provavelmente ao modo como o AIDS tem sido tratado pelas respostas governamentais e não-governamentais, no que se refere à estrutura de comunicação adotada. Isto pode levar a tal medo que coloque o indivíduo numa posição de defesa e, por vezes, de negação da doença. Como se aquilo, até porque é fatal, ligado ao desvio, afetando práticas e atitudes tradicionais nas relações amorosas (como a primeira relação sexual), enfim não pudesse ter nada a ver com ele. Isto por vezes acaba levando a comportamentos preconceituosos que aliados à falta de informação impossibilitam um avanço em direção a práticas mais seguras.

DISQUE-AIDS: UMA LINHA PARA A PREVENÇÃO

Autor: Thânia Regina F. Arruda

Apresentador: Thânia Regina F. Arruda

Contato: gapadf@terra.com.br

Co-autores: Priscila Dantas Barbosa;

Instituição: Grupo de Apoio à Prevenção da aids do DF - GAPA/DF

Palavras-chaves: 02 - Serviços de prevenção, 44 - População em geral,

Resumo: O Disque-Aids é um projeto que surgiu a partir da necessidade de um trabalho mais eficaz e sistemático de prevenção em DST/Aids, confidencial e anônimo, através do qual a população do Distrito Federal e entorno tivesse acesso a informações seguras e corretas sobre o tema da Aids, além de esclarecimentos sobre questões jurídicas relacionadas a soropositividade. Assim, o projeto tem por objetivo esclarecer dúvidas relativas a DST/Aids junto a população do DF e entorno através de atendimento telefônico sigiloso, disponível diariamente, realizado na sede da instituição. Conta com o trabalho de 15 voluntários capacitados especificamente para o atendimento. Atualmente, o número do Disque-Aids é referência em todo DF para questões relacionadas a Aids (tanto prevenção como assistência). São recebidas mensalmente 100 ligações em média; o Disque-Aids é uma das principais formas de ligação da instituição com a comunidade, através do qual os outros trabalhos realizados pelo GAPA/DF também se tornam conhecidos.

PROJETO: REDUÇÃO DE DANOS AIDS/ DROGAS

Autor: Ana Luiza Nunes

Apresentador: Maritza Costa Moraes

Contato: nunes@vetorialnet.com.br

Co-autores: Maritza Costa Moraes; Paulo Ricardo Nunes;

Instituição: GAPA-RG

Palavras-chaves: Usuários de drogas, DST, Redução de danos

Resumo: O PROJETO REDUÇÃO DE DANOS AIDS/DROGAS teve início em jun/99 no município de Rio Grande- RS com Usuários de Drogas Injetáveis UDIs. Nesta época o município encontrava-se em 6o lugar em taxa de crescimento dos casos de AIDS no estado. Dos 450 casos de AIDS notificados em nossa cidade, 25% correspondiam aos UDIs que direta ou indiretamente são responsáveis pela transmissão do vírus HIV/AIDS. O projeto visa reduzir a disseminação do HIV e de outras doenças de transmissão parenteral entre os Usuários de Drogas Injetáveis UDIs e deste para outros segmentos da população através de medidas de redução de danos relacionadas ao consumo injetável de drogas e práticas sexuais. Atualmente, contamos com a participação de 10 agentes redutores de danos, selecionados entre as populações-alvo das 9 comunidades onde esse se desenvolve. Os agentes redutores são capacitados e treinados pela equipe técnica do GAPA RG, A. REDE (Associação Gaúcha de Redutores de Danos) e ABORDA (Associação Brasileira de Redução de Danos) e SMS/CMDST/AIDS através de oficinas, palestras, saídas de campo. O trabalho junto às comunidades-alvo, num primeiro momento, visa divulgar o projeto pela abordagem direta através da distribuição de preservativos, folders explicativos e identificar os UDIs. A partir desta, começa o trabalho de troca de seringas com a entrega do KIT REDUÇÃO DE DANOS. Com a formação da rede de UDIs sensibilizados com a redução de danos, é oferecida testagem anti-HIV e assistência à estes, através das Unidade Sanitárias de Referência - SMS/CMDST/AIDS e Hospital Universitário/FURG. De acordo com o banco de dados do projeto foram obtidos até abril/01 os seguintes resultados: Quanto ao n.º de UDIs vinculados: 252 Quanto ao n.º seringas distribuídas: 28.003 seringas Quanto ao n.º seringas trocadas descartex: 15.577 seringas (56%) Quanto ao sexo: masc.: 223 (89%) UDIs; fem.: 26 (10%) UDIs; travestis: 3 (1%) UDIs Quanto ao companheiro fixo: sim: 66 (26%) UDIs; não: 186 (74%) UDIs Quanto ao morar sozinho: sim: 64 (25%) UDIs; não: 188 (75%) UDIs

Quanto a escolaridade: 206 (82%) UDIs não possuem ensino fundamental completo Quanto a idade/droga injetável: 13 à 25 anos: 235 (93%) UDIs Quanto ao teste HIV: sim: 115 (46%) UDIs; não: 137 (54%) UDIs

Lições aprendidas: As áreas onde o projeto está sendo executado começam a dar sinais de maior consciência em relação ao não compartilhamento de seringas entre os UDIs, pois com o incentivo do Projeto Redução de Danos e de seus redutores, estes conseguiram dar mais valor as suas vidas, buscando apoio junto a equipe nos momentos mais difíceis. Este trabalho contribuiu para que o município caísse, segundo o boletim epidemiológico, de 6o para 8o lugar na taxa de crescimento dos casos de AIDS no estado.

PREVENÇÃO: AMPLIAÇÃO DA OFERTA E NECESSIDADE DE UM NOVO ARRANJO INSTITUCIONAL

Autor: VITÓRIA RÉGIA OSÓRIO VELLOZO

Apresentador: VITÓRIA RÉGIA OSÓRIO VELLOZO

Contato: vvellozo@uninet.com.br

Co-autores: CRUZ, MARLY; FONSECA, ANGELICA; SARACENI, VALERIA; DUROVNI, BETINA;

Instituição: SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE/RJ

Palavras-chaves: MODELOS DE ATENÇÃO À SAÚDE, ORGANIZAÇÃO DE SERVIÇOS, PRESERVATIVOS MASCULINO

Resumo: A oferta de preservativos na rede básica de saúde, assim como, o subsídio ao trabalho desenvolvido por diversas ONG, no município do Rio de Janeiro, têm por referência obrigatória a apresentação de projetos educativos à CDT/GDT/SMS-RJ, que vem buscando atender um conjunto diversificado de propostas na área de prevenção. Os dados sobre a dispensação regular de preservativos apontam a ampliação significativa da oferta de preservativos na rede municipal de saúde, a partir de 1995. Atualmente, são mais de 100 unidades de saúde de diferentes portes, distribuídas por todas as Áreas de Planejamento, cerca de 50 ONG e, aproximadamente, 20 associações comunitárias desenvolvendo algum trabalho na área de prevenção. A dispensação passou de 25 mil preservativos/mês em 1996, para cerca de 500 mil/mês no 1º semestre de 2001. Este crescimento significativo implicou na criação de um banco de dados, capaz de subsidiar um diagnóstico da oferta neste campo. O desafio atual é a partir do mapeamento das ações desenvolvidas, identificar os principais problemas, mensurar dados de cobertura, discutir a adequação das propostas ao perfil epidemiológico das populações atingidas, aprofundar o debate sobre as metodologias utilizadas, implementar estratégias de monitoramento e de avaliação adequadas às experiências locais. Os resultados parciais apontam a fragmentação e superposição das ações, a necessidade de capacitação dos trabalhadores envolvidos e de incremento das relações das instituições não governamentais com as nossas unidades de saúde localizadas em áreas comuns de atuação, a fim de conferir maior convergência de ações e sustentabilidade ao trabalho de ambos os grupos. Este esforço de sistematização e de análise se constitui o eixo fundamental para balizar o re-planejamento das ações; a reformulação das cotas de preservativos, se necessário; a qualificação e a sistematização das ações desenvolvidas nesta área.

PROGRAMA DE REDUÇÃO DE DANO-DF- INFLUÊNCIA DAS
CARACTERÍSTICAS DO CAMPO NO DESENVOLVIMENTO DE
SUAS AÇÕES

Autor: Cecília de Faria Franco

Apresentador: Cecília de Faria Franco

Contato: monegrao@unb.br

Co-autores: Aline de Melo Soares; Vicença Paula Soares Querrer;

Instituição: Secretaria do Estado de Saúde-DF

Palavras-chaves: Redução de Danos, Usuário de Drogas Injetáveis,

Resumo: O PROJETO DE REDUÇÃO DE DANOS DO DF-PRD/DF(projeto de prevenção de DST / AIDS entre usuários de drogas injetáveis) iniciou suas atividades em janeiro de 1999. Apesar de ser um projeto institucionalizado, aprovado pelo Ministério da Saúde e com verba própria para sua execução, lidamos com muitos entraves administrativos e burocráticos para sua execução. Mesmo assim, temos conseguido atuar em três diferentes campos no DF Taguatinga e Cruzeiro, cidades satélites e no Plano Piloto, num centro comercial e de diversões noturnas. Se comparado a projetos semelhantes desenvolvidos em outros estados, percebemos algumas particularidades que parecem caracterizar o PRD DF. Por indicação de UDIs usuários de drogas injetáveis clientes dos programas de tratamento de aids, definimos como área de atuação para os campos de trabalho locais caracterizados, predominantemente, como locais de passagem e não comunidades previamente estabelecidas. Decorrente desta escolha, cuja expectativa era estar mais facilmente abordando UDIs, passamos a manter contato com populações extremamente flutuantes, sujeitas a interferências externas que podem, num determinado momento, obrigá-las a se deslocarem para outras áreas. Falamos aqui predominantemente sobre a ação da polícia. São freqüentadores de bares, boates, sinucas e um número significativo de profissionais do sexo. Por esta razão, as ações de prevenção às DST / AIDS têm tido um enfoque importante em relação às práticas sexuais; e a solicitação de preservativos é grande. Entre as pessoas abordadas nestes locais, observa-se o uso freqüente de drogas, inclusive sob forma injetável. Até novembro de 2000, o trabalho de campo foi registrado apenas sob forma de relatório de campo, onde eram anotados os contatos significativos, as percepções dos técnicos e o quantitativo de material utilizado. A partir de dezembro, passou-se a fazer um cadastramento dos clientes mais assíduos com os quais já houvesse sido estabelecido

algum tipo de vínculo. Com os dados cadastrados, levantou-se um diagnóstico mais preciso do perfil desta clientela e as estratégias de atuação passaram a ser traçadas de acordo com a demanda encontrada. Contamos, até o momento com 42 UDIs acessados e, dos 100 clientes cadastrados, 105 são profissionais de sexo, 63 são usuários de drogas, 15 são UDIs e 25 têm clientes UDI. Constata-se, portanto, um número significativo de UDIs cadastrados ou acessados, direta ou indiretamente. Torna-se importante, então, criar formas de ação diante das dificuldades encontradas num campo com as características acima descritas para ser possível estabelecer um maior vínculo com a população alvo do projeto usuários de drogas injetáveis.

PRODUÇÃO SOBRE TECNOLOGIA EDUCACIONAL E HIV/AIDS

Autor: Eliane Portes Vargas

Apresentador: Marly Cruz

Contato: epvargas@ioc.fiocruz.br

Co-autores: Simone Monteiro; Marly Cruz;

Instituição: Fundação Oswaldo Cruz

Palavras-chaves: Educação, Comunicação, Avaliação

Resumo: No Brasil, grande parcela dos recursos materiais, técnicos e financeiros da CN-DST e Aids são direcionados às políticas preventivas, constituídas de ações de Informação, Educação e Comunicação que se apoiam na produção e uso dos chamados materiais educativos. Objetiva-se refletir sobre a produção acadêmica e publicações referentes à 'tecnologia educacional' aplicada à saúde, especialmente o uso dos materiais educativos sobre HIV/Aids e temas afins, a partir de uma análise da produção bibliográfica. Método: A revisão bibliográfica baseou-se nos levantamentos: bases de dados (BIREME: Medline e LILACS); bibliotecas (ENSP/FIOCRUZ e ECO/UFRJ); Anais (6 Congressos de Saúde Coletiva e HIV/Aids, 1997-2000); publicações de divulgação científica (boletins, catálogos) e contatos com pesquisadores (NUTES/CCS/UFRJ e NESSA/UERJ).

Resultados: As análises acerca do desenvolvimento e uso de materiais educativos ainda são pontuais, por vezes, limitadas à sistematização de listagens, das publicações editadas. Os artigos científicos são escassos, todavia identificou-se que tal temática foi abordada em 50 resumos nos Anais citados. A análise dos resumos indicou: 1) diversas denominações e tipos de materiais que se voltam para: contextos de saúde (local e central) e do ensino escolar; adolescentes, população em geral, profissionais de educação/saúde e mulheres; 2) que grande parte dos produtores e usuários desconhecem o alcance dos materiais devido à reduzida sistematização (quantitativa ou qualitativa) dos resultados do seu uso; 3) que as concepções teóricas que apoiam a elaboração e/ou avaliação do material encontram-se pouco explícitas; 4) parte expressiva de seus autores são profissionais inseridos em contextos de intervenção.

Conclusões: A percepção de que os materiais educativos são elementos facilitadores da prática educativa/pedagógica em saúde é recorrente. Essa valorização parece não ser acompanhada de uma problematização dos pressupostos que informam o seu desenvolvimento

e uso, embora existam algumas iniciativas nesta direção no campo da saúde. As reflexões sobre tecnologia educacional são predominantes nas áreas da educação e de comunicação e os conceitos originados nessas áreas são aplicados ao campo da saúde sem uma análise dos problemas advindos dessa incorporação. As ações e investigações de tecnologias educacionais aplicadas à saúde devem enfrentar alguns desafios. Dentre eles, avançar teoricamente nas análises sobre a produção e uso de materiais educativos e suas relações com as concepções educativas preventivas, que as norteiam. Concebendo tais materiais como produtos culturais e de comunicação, propõe-se como via de análise a compreensão de que no uso de tecnologias educacionais estão implicados em seus conteúdos e/ou formas os elementos estruturantes da identidade social (estratificação social, idade, gênero, etc.). Tal perspectiva visa iluminar pesquisas e intervenções educativas em saúde.

PRESERVATIVO FEMININO: UMA NOVA ESTRATÉGIA NA PREVENÇÃO DAS DST/HIV. A EXPERIÊNCIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Autor: Margarete de Paiva Simões Ferreira

Apresentador: Margarete de Paiva Simões Ferreira

Contato: Idorileo@globocom

Co-autores: Sonia Maria Lacerda; Rosbina Nunez; Ana Maria Troiano;

Instituição: Assessoria de DST/AIDS da SES-RJ

Palavras-chaves: Mulheres, Preservativos Feminino

Resumo:

Contextualização: Até 31/10/00, o Estado do RJ possuía 27.741 casos de aids em adultos. Destes, 76,9% são do sexo masculino e 23,6% do sexo feminino, acompanhando a tendência nacional de feminização da epidemia. Em junho de 2000, o Estado do Rio de Janeiro realizou o primeiro treinamento de capacitação para a distribuição do preservativo feminino, entendendo que este insumo é um elemento importante e fundamental para ampliar e qualificar as ações educativas direcionadas às mulheres, especialmente para aquelas em situação de maior vulnerabilidade social.

Descrição: Este insumo está direcionado para mulheres que vivem com HIV ou parceiras, trabalhadoras do sexo, mulheres vítimas de violência, mulheres usuárias de drogas ou parceiras, mulheres com DST e mulheres em situação de pobreza. A dimensão de gênero deve estar incluída nas ações educativas a serem implementadas junto com a distribuição mensal e os treinamentos realizados orientaram para a realização de ações grupais e individuais. Obrigatoriamente todas as mulheres são orientadas sobre a colocação deste insumo, passando por um período de experimentação prévio.

Resultados: O Estado do RJ já realizou quatro treinamentos e três encontros de avaliação, contemplando as SMS de mais de 25 Municípios, dois serviços estaduais para usuários de drogas, um estadual para adolescentes, três ONG de trabalhadoras do sexo e profissionais do sistema prisional. Considerando as planilhas de prestação de contas de junho/2000 à março de 2000, 26.395 preservativos femininos foram distribuídos para mais de 4.500 mulheres. Considerando as planilhas de apenas 15 localidades, que possuem informações qualitativas, em março de 2001, 656 mulheres estavam aderidas, enquanto 129 desistiram do uso. Nestas localidades podemos observar o aumento gradativo do

número de mulheres aderidas.

Conclusões: Nos serviços de saúde, os locais onde o trabalho educativo tem ocorrido de forma mais sistemática, tem obtido maior número de adesões. As ONG de trabalhadoras do sexo perdem algumas das mulheres que realizaram experimentação pois as mesmas não são encontradas na segunda visita. Os ambulatórios especializados em HIV/aids parecem obter mais adesões que os demais. Alguns locais têm incluído ações direcionadas aos homens, parceiros, o que é fundamental para pensarmos na possibilidade de relações de gênero mais igualitárias. Os profissionais de saúde têm demandado treinamento mais aprofundado em questões sobre sexualidade/gênero/empoderamento.

ASSESSORIA EM ORIENTAÇÃO SEXUAL: UMA MUDANÇA DE POSTURA

Autor: Joseilton Brito de Freitas

Apresentador: Joseilton Brito de Freitas

Contato: gav-cg@uol.com.br

Co-autores: Dioneide Matias do Nascimento; Ednalva Pontes Carrier; Ana Cláudia da Silva Sobral; Márcia Leite de Andrade; Edna Negreiros Dutra;

Instituição: Grupo de Apoio à Vida - GAV

Palavras-chaves: Educação, sexualidade e vulnerabilidade

Resumo: A discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de ensino fundamental e médio tem se intensificado a partir da década de setenta, por ser considerado importante na formação geral do indivíduo. A retomada contemporânea dessa questão deu-se juntamente com os movimentos sociais que se aprofundam com a abertura política, a repensar sobre o papel da escola e dos conteúdos por ela trabalhados. A partir de meados dos anos de 80, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou devido à preocupação dos educadores com o grande crescimento da gravidez não planejada e com o risco da infecção pelo HIV/AIDS. Tendo em vista a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais que prevê a implementação de programas em orientação sexual, enquanto tema transversal, nas escolas e, face a inexistência de assessorias em Orientação Sexual nas escolas públicas da Paraíba, o GAV - Grupo de Apoio à Vida, através do Projeto “Assessoria em Orientação Sexual e desenvolvimento de Políticas Preventivas contra a Incidência do HIV/AIDS e outras DST”, vem realizando atendimentos internos e externos à comunidade escolar, palestras formativas e informativas, oficinas temáticas, Mini-Cursos para Habilitação de Profissionais de Educação e apresentações teatrais sobre as diversas questões que envolvem a sexualidade humana, tais como: corpo, relações de gênero, prevenção às DST/AIDS, Direitos Humanos e drogas. Observou-se um maior engajamento dos profissionais de educação perante às necessidades dos educandos, aumento da demanda de materiais educativos sobre prevenção e preservativos e aumento da procura de profissionais especializados em orientação sexual. Assim, percebe-se que a implantação de programas em Orientação Sexual nas Escolas é necessidade premente para consecução dos objetivos das ações preventivas em relação às DST/AIDS.

A VIA JUDICIAL PARA GARANTIA DE DIREITOS: A
CONQUISTA DOS BENEFÍCIOS PREVIDENCIÁRIOS EM
CAMPINA GRANDE - PB

Autor: Marcos Firmino de Queiroz

Apresentador: Robson Antão de Medeiros

Contato: gav-cg@uol.com.br

Co-autores: Maio Spellman Quirino de Farias; Ivoneide Lucena Pereira;

Instituição: Grupo de Apoio à Vida - GAV

Palavras-chaves: Direitos Humanos, Portador de Deficiência,

Resumo: Na Paraíba, a AIDS, assim como em todo o Brasil, vêm sofrendo um processo de pauperização, ao atingir cada vez mais as populações de baixa renda e/ou que vivem em condições de miséria. Sabe-se que, com o advento da Constituição Federal de 1988, foi garantido aos portadores de deficiência que não podiam suprir sua própria sobrevivência, um Salário Mínimo mensal independente de contribuições para Previdência Social. Todavia, o INSS, vem reiteradamente negando os pedidos de benefício aos portadores de HIV/AIDS, por CONCLUSÃO MÉDICA CONTRÁRIA. Em Campina Grande, através do projeto Direitos Humanos e Saúde Mental em HIV/AIDS, executado pelo Grupo de Apoio à Vida, foram ingressadas ações em face do INSS, na Justiça Federal local, no intuito de garantir o direito constitucional supra referido. Como resultado, foram concedidas diversas antecipações de tutela aos portadores que prontamente passaram a receber o benefício do Amparo Social. Segundo o entendimento expresso nas decisões, o poder regulamentador que restringia o conceito de deficiência e estabelecia critérios rígidos para obtenção do benefício é inconstitucional pois restringe um direito, extrapolando, assim, o âmbito do poder regulamentador da Lei. Conclui-se, por um lado, que o conceito de deficiência, assim como expresso constitucionalmente, abrange o indivíduo do portador de HIV/AIDS e, por outro, que a procura da tutela jurisdicional tem se mostrado como meio eficiente para fazer frente à burocracia e ao legalismo estatal quando excessivos e supressores de direitos individuais.

PREVENÇÃO DE DST/AIDS COM HOMENS EM SITUAÇÃO DE POBREZA

Autor: Pedro Fransisco Guedes do Nascimento

Apresentador: Pedro Fransisco Guedes do Nascimento

Contato: papai@hotmail.com.br

Co-autores: Nadjanara Vieira; Kaliani Rocha; João Bosco; Tiago Ribeiro;

Instituição: Programa Papai

Palavras-chaves: Homens, População em situação de pobreza,

Resumo: Estudos realizados pelo Programa Papai, com homens residentes no bairro de Alberto Maia, área em situação de extrema pobreza do município de Camaragibe/PE, demonstraram uma reprodução por estes homens de um modelo de masculinidade ;auto-destrutivo, em que a noção de auto-cuidado não faz parte das práticas cotidianas, o que evidencia a vulnerabilidade destes homens às DST/aids. Estamos atuando no sentido de alertar para esta vulnerabilidade, informando sobre formas de infecção e prevenção através das seguintes atividades: visitas domiciliares com distribuição de camisinha e discussão de temas afins; oficinas quinzenais; atividades focais de amplo impacto realizadas para a comunidade em geral; intervenção em espaços informais de sociabilidade masculina, tais como bares, rodas de conversa e jogos, entre outros. Também estamos desenvolvendo atividades junto a profissionais de saúde, educação e ação social que atuam nesta comunidade, buscando promover a sensibilização destes para essa temática, bem como os estimulando a envolverem os homens nas atividades do projeto através de curso integrado e oficinas de capacitação em saúde, sexualidade e direitos reprodutivos voltados para estes profissionais; além do acompanhamento das visitas domiciliares realizadas pelas profissionais da Unidade de Saúde da Família, incentivando uma maior atenção das profissionais às necessidades e expectativas dos homens, visando envolvê-los tanto nas atividades do Programa de Saúde da Família/Programa de Agentes Comunitários de Saúde, como em nossas oficinas temáticas, estimulando também a realização do teste anti-HIV. Temos visto que apesar do Programa ser voltado ao atendimento materno-infantil, estamos percebendo o interesse das profissionais de saúde para a participação masculina nas questões de saúde sexual e reprodutiva, através da disposição para a discussão e a viabilização de trabalhos de nossa equipe em espaços e atividades do

serviço de saúde. O desenvolvimento do trabalho nos tem reafirmado a importância de ações que envolvam os homens em questões tradicionalmente voltadas para as mulheres. Assim sendo, pretendemos ampliar nossas atividades, para que haja esta participação masculina. Desta maneira também acreditamos estar contribuindo para a promoção da equidade de gênero e estaremos ampliando o conhecimento desta população sobre saúde sexual e reprodutiva, com vistas à redução da infecção pelo HIV/aids e outras DST, tanto para esses homens como para seus/suas parceiros/as.

CONVIVENDO COM A DIFERENÇA: DINÂMICA RELACIONAL DE CASAIS SORODISCORDANTES PARA HIV/AIDS

Autor: Larissa Polejack

Apresentador: Larissa Polejack

Contato: polejack@persocom.com.br

Co-autores: Liana Fortunato Costa;

Instituição: Universidade de Brasília - Hospital Universitário

Palavras-chaves: Pessoas vivendo com HIV e Aids, Heterossexuais, Assistência

Resumo:

Contextualização: Desde sua descoberta, através a detecção do HIV, a AIDS vem apresentando inúmeros desafios para os profissionais de saúde na compreensão das suas várias implicações. Levando-se em conta que houve grandes mudanças na Epidemia a partir dos anti-retrovirais que têm possibilitado maior qualidade de vida aos portadores do HIV/Aids, um dos desafios que se coloca no presente é compreender o impacto da Aids nas relações conjugais, especialmente em casais sorodiferentes. Diante disso, o presente trabalho, fruto de dissertação de mestrado, visa propor uma forma de conhecer a realidade e a dinâmica relacional de casais sorodiscordantes para a HIV/Aids tendo como referenciais a Teoria Sistêmica e o Psicodrama a fim de propor ações de prevenção e assistência específicas para esta população.

Descrição/Método: Para tanto, optou-se pela realização de pesquisa qualitativa através do estudo de caso de três casais com sorologias diferentes para HIV/Aids utilizando a entrevista semi-estruturada e montagem de escultura como formas de coleta de dados. Para análise dos dados optou-se pela Epistemologia Qualitativa buscando-se indicadores nas falas dos casais que subsidiassem a construção do conhecimento sobre a realidade vivenciada numa perspectiva sistêmica e psicodramática.

Principais Resultados: O conhecimento construído aponta para temas comuns à realidade dos casais sorodiferentes tais como: a relação com os serviços de saúde, a relação com as famílias de origem e com a soropositividade. Pode-se ainda destacar que a convivência com sorodiscordância traz impactos para a relação conjugal e os casais desenvolvem estratégias distintas de enfrentamento desta realidade (compartilhando a doença, competindo pelo cuidado, silenciando à doença) e tais estratégias afetam diretamente a prevenção e a adesão

ao tratamento. Percebe-se ainda a carência de um espaço de saúde para escuta e atendimento destes casais bem como a necessidade de criação de atividades específicas que contemplem a realidade apresentada pela sorodiferença.

Conclusões: A proposta mostrou-se adequada ao objetivo inicial e abriu a possibilidade de aplicação em serviços de saúde afim de subsidiar ações específicas (Grupos de multicasais, oficinas temáticas, terapia de casal) mais efetivas para viver e conviver com a sorodiferença para HIV/Aids.

TRANSMISSÃO MATERNO-INFANTIL DO HIV: UMA REDUÇÃO FACTÍVEL

Autor: Luiza H. Matida

Apresentador: Luiza H. Matida

Contato: lmatida@uol.com.br

Co-autores: Shirley Duarte Miranda; Maria Clara Gianna;

Instituição: Coordenação Estadual de DST/AIDS de São Paulo

Palavras-chaves: Transmissão Vertical, Políticas Públicas, Planejamento

Resumo: O crescimento da epidemia de AIDS entre as mulheres levou, ao aumento do número de casos em crianças. De 2.649 casos notificados em menores de 13 anos no estado de São Paulo (ESP), 2.146 (81%) são por transmissão materno-infantil (TMI). A mulher gestante soropositiva tem à sua disposição, o Protocolo ACTG 076 e o acesso a outras condutas que visam diminuir sua carga viral, fator importante na definição da taxa de TMI. A zidovudina (AZT) cápsula está disponível no ESP desde 1990, o AZT xarope desde 1994 e o AZT injetável desde 1996. O aconselhamento e a pesquisa do HIV a estas mulheres são recomendados desde 1996, por resolução do Secretário de Saúde do ESP. O folheto Informe ao Médico, é enviado a todos os médicos do Estado, em 1997, enfatiza esta recomendação. Observa-se, entretanto, que o consumo de AZT injetável, não é o esperado teoricamente. Se no ESP ocorrem cerca de 700.000 partos/ano (SEADE, 1998) e a estimativa de gestantes portadoras do HIV é de 0,6%, presumem-se 4.200 partos destas gestantes no ESP/ano. Entretanto, somente 1668 (23,8%) gestantes consumiram AZT injetável durante o parto em 1997 e em 1998, 2604 (62%).

Metodologia: Implementar atividades para a redução da TMI do HIV priorizando 36 municípios que possuem cerca de 90% dos casos notificados do ESP. Propõe-se: execução de ações voltadas à gestante, e principalmente à mulher na faixa etária reprodutiva; sensibilização/conscientização dos profissionais de saúde e da população em geral; sensibilização dos líderes dos sistemas público e privado de saúde para facilitar o acesso a um ágil diagnóstico e respectiva terapêutica, quando necessários.

Resultados: Uma avaliação preliminar mostra: -que em alguns serviços de atendimento pediátrico especializado, cerca de 60% das crianças expostas ao HIV tiveram acesso ao protocolo 076 completo; -neste momento, os 30 municípios envolvidos oferecem a pesquisa do HIV ‘a

gestante, seja por acesso direto nas Unidades Básicas de Saúde seja com referência para centros especializados; -parceria com as Sociedades de Pediatria e de Tocoginecologia na organização de treinamentos e veiculação de informações; -o PEDST/Aids vem tentando uma parceria efetiva com o Programa da Saúde da Mulher para alcançar não só a gestante mas a mulher, principalmente na sua faixa etária reprodutiva; - o PEDST/Aids-SP assumiu o compromisso de entender a TMI como uma possibilidade de focar não só o HIV mas também a Sífilis Congênita, pois os momentos das medidas de controle são praticamente similares.

Conclusões: A redução da TMI do HIV é factível com a execução das medidas de controle já divulgadas, mas o desejável, seria a prevenção no seu sentido amplo, pois assim teríamos não somente a redução mas, a eliminação da transmissão materno-infantil do HIV.

PREVENÇÃO, DROGAS E AIDS: DESDOBRAMENTOS DA AVALIAÇÃO

Autor: Simone Monteiro

Apresentador: Simone Monteiro

Contato: msimone@ioc.fiocruz.br ou smonteiro@ax.apc.org

Co-autores: Eliane Portes Vargas; Sandra Rebello;

Instituição: Fundação Oswaldo Cruz (LEAS/Biologia/IOC)

Palavras-chaves: Educação, Avaliação, Adolescentes

Resumo: Dada a relevância da percepção do usuário na avaliação do alcance das mensagens veiculadas em recursos educativos, realizou-se a avaliação de um jogo sobre o uso indevido de drogas, o Jogo da Onda (Fiocruz/Consultor), com 62 alunos da rede pública de ensino do Rio de Janeiro. Trata-se de um jogo com cartas organizadas em perguntas e respostas sobre conceito e leis de drogas (i)lícitas e situações associadas ao uso de substâncias psicoativas (Aids, família, sexo, pressão social, dentre outros). Os resultados do estudo revelou: 1) a percepção de estudantes sobre temas do jogo; 2) que o material gera aprendizagem e promove o diálogo sobre experiências relacionadas ao uso de drogas; 3) que alguns assuntos não enfatizados no jogo deveriam ser incorporados ao material. A partir dessas evidências e da revisão bibliográfica foram desenvolvidos novos conteúdos. Método: A criação dos novos conteúdos envolveu: 1) elaboração de 60 cartas novas, com base na opinião dos alunos; 2) testagem das novas cartas, com 50 alunos da rede pública e privada do Rio, a partir da observação do uso do jogo e aplicação de questionário; 3) revisão dos conteúdos por especialistas. As novas cartas criadas foram editadas e distribuídas para os alunos e profissionais envolvidos na testagem e integrarão as novas edições do jogo. Resultados: A avaliação do Jogo da Onda permitiu identificar a visão do usuário, isto é alunos, sobre os temas abordados no material. Observou-se que a iniciação do jovem no consumo de substâncias psicoativas está relacionada a diversos fatores como: curiosidade em experimentar; vulnerabilidade à pressão social; desconhecimento dos efeitos das drogas; fácil acesso às mesmas; não reconhecimento de que o consumo, mesmo descontínuo, pode levar à dependência química. Colabora ainda para a experimentação a escassez de um diálogo franco em casa e no colégio. Outro aspecto relevante da avaliação refere-se à motivação para o uso do jogo e a introdução de novas questões no material, sugeridas pelos alunos, relativas à: DST, masturbação, aborto, fidelidade conjugal,

homossexualismo, amor, métodos contraceptivos, gravidez, diferenças entre homens e mulheres. Tal perspectiva assinala a necessidade de se contemplar nas estratégias de prevenção as interfaces entre DST/Aids, drogas, sexualidade, saúde reprodutiva e relações de gênero. Conclusões: A avaliação de um jogo educativo, centrada no ponto de vista do usuário, permite a sua adequação e aperfeiçoamento. Compreende-se que as tecnologias educacionais aplicadas à saúde, que encontram-se relacionadas à noção de materiais educativos, podem subsidiar programas preventivos, mediante o estímulo à reflexão e interlocução sobre problemas da atualidade como a epidemia de AIDS, a gravidez não planejada, o uso de drogas, entre outras. Pondera-se que tal enfoque deve ser integrado e não deve perder de vista a diversidade das experiências e valores dos grupos para os quais os recursos se destinam.

PROJETO BEM-ME-QUER. PREVENÇÃO DAS DST/AIDS COM
PROFISSIONAIS DO SEXO DE SANTO ANDRÉ

Autor: Sérgio Flávio Barbosa

Apresentador: Sérgio Flávio Barbosa

Contato: onto@bol.com.br

Co-autores: Rosana Voltoline; Ana Teresa Rodriguez Viso;

Instituição: COAS DE SANTO ANDRÉ

Palavras-chaves: Profissionais do sexo feminino, Travestis,
Organização de serviços

Resumo:

Contextualização: O baixo número de profissionais do sexo (femininos e travestis) que utilizam a Unidade de Referência da cidade de Santo André suscitou a preocupação com os mesmos. O projeto tem por objetivo estimular a procura pelo serviço de saúde do município para prevenção e tratamento das DST/Aids e formar associações desses profissionais.

Método: Abordagem dos travestis e profissionais do sexo feminino nas ruas e nos estabelecimentos específicos do seu trabalho. A seqüência utilizada foi a apresentação da equipe técnica e dos objetivos do projeto, formação de vínculo através da discussão sobre DST/aids e cidadania e posterior fomentação para formação de grupo entre estas categorias. Não foi utilizada a distribuição de preservativos como estratégia de aproximação.

Principais resultados: Observamos um aumento de procura por preservativos na Unidade de Referência, uma divulgação do projeto entre os próprios profissionais, maior receptividade com a equipe e interesse de discussão sobre Aids e outros temas sobre cidadania.

Conclusão: Apesar do projeto estar em andamento, pudemos constatar que os profissionais da Unidade de Saúde não estão preparados para lidar com a nossa população-alvo.

OFICINA DE PREVENÇÃO ÀS DST/AIDS JUNTO À POPULAÇÃO ADULTA DE RUA

Autor: Tânia Maria da Silva Pacheco

Apresentador: Tânia Maria da Silva Pacheco

Contato: dstaids@vetorialnet.com.br

Instituição: Secretaria Mun. de Saúde - Prefeitura Municipal de Rio Grande - RS - Sociedade Riograndina de Auxílio aos Necessitados - SORAN

Palavras-chaves: População de Rua, Exclusão Social, Educação

Resumo: Nos propomos com este projeto a trabalhar a prevenção em DST/AIDS com a população adulta de rua de nossa cidade que é abrigada no albergue São Pedro da SORAN, esta instituição atende o cidadão desprovido de moradia e de vínculos familiares. Entendemos assim que trata-se de uma população bastante vulnerável ao problema DST/AIDS, com a qual desenvolvemos oficinas de sensibilização para a prevenção com encontros uma vez por semana, onde abordamos os seguintes aspectos: auto-estima, preconceito, sexualidade, reflexão sobre sentimentos de perda, informação sobre DST/AIDS e modos de transmissão, é oferecido também oportunidade contacto com grupos de auto-ajuda e oferta de testagem do HIV. Conseguiu-se trabalhar até o momento com dois grupos em épocas subsequentes, com média de 13 participante em cada um, cuja adesão é espontânea. O albergue tem capacidade para 40 pessoas com as seguintes características: oscilação entre população ocupante (uns permanecendo por muito tempo, outros apenas pernoitando por uma noite) e casos de demência, onde fica impossibilitada a participação na oficina. A assiduidade nas oficinas gira em torno de 70%, com 45% dos participantes optando pelo conhecimento do estado sorológico e ingressando efetivamente no programa de distribuição de preservativo, embora haja uma opção do uso do preservativo por 80% deles, porém como a população é flutuante, este nº acaba se perdendo. Trata-se de um grupo de extrema vulnerabilidade devido a situação de exclusão social, onde procuramos levá-los um direito de cidadania que é a educação em saúde e a oportunidade deles próprios trocarem suas experiências.

BIBLIOGRAFIA- Novos Paradigmas, cultura e subjetividade, Dora Fried Schnitman, Artes Médicas, Porto Alegre, 1996.

ALIMENTAÇÃO CORRETA TAMBÉM É PREVENÇÃO. ESTUDO REALIZADO

Autor: Marta da Cunha Pereira

Apresentador: Marta da Cunha Pereira

Contato: martadcunha@globo.com

Co-autores: Helga Fuchs Piloto; Janete Aparecida da Costa; Elenice M. Morales Campos; Celia Maria da Silva Amorim; Rita Helena Bueno Pinheiro; Juliana Siqueira Peccin;

Instituição: Centro de Referência em DST/AIDS Campos Elíseos

Palavras-chaves: Crianças, Diagnóstico, Pessoas vivendo com HIV/AIDS

Resumo: “Alimentação Correta também é prevenção”

Estudo realizado com crianças de 0 a 2 anos, filhos de mães vivendo com HIV/AIDS, atendidas em Centros de Referência de DST/AIDS do Município de São Paulo. Os aspectos nutricionais dos indivíduos infectados pelo HIV devem merecer mais atenção. As abordagens terapêuticas e profiláticas dos quadros infecciosos são feitas com rigor no entanto, o aspecto nutricional fica em segundo plano. Pouco se conhece a respeito das necessidades nutricionais das crianças filhos de mulheres vivendo com HIV/AIDS que são acompanhadas em ambulatório. O desconhecimento do perfil nutricional destas crianças despertou o interesse do Grupo de Nutricionistas do Município de São Paulo que estudam Nutrição e Aids (GENA) na realização deste estudo. Foram avaliadas 337 crianças, no período de agosto de 2000 a março de 2001 em treze Centros de Referência em DST/AIDS do Município de São Paulo. Esta análise foi feita através da aplicação de um questionário, com informações sobre o histórico da criança, padrão alimentar e dados antropométricos. A evolução dos dados antropométricos foi verificada em outras duas consultas. Os resultados da avaliação nutricional antropométrica, fazem parte de um estudo ainda em andamento. Verificou-se que 12,2 % das crianças foram amamentadas ao seio. Em uma amostragem de 324 questionários 16,7%, nasceram com peso inferior a 2.500 Kg e grande parte da amostra fez uma ou mais introduções inadequadas de alimentos. O estudo mostra que algumas crianças foram amamentadas, o que demonstra falhas nas orientações de prevenção. O baixo peso ao nascer, por prematuridade ou retardo de crescimento intrauterino, representa uma condição de risco para esta população o que deve ser levado em conta no estabelecimento de atendimento e

condutas para gestante e crianças nessa faixa etária. Em caso de introduções alimentares inadequadas foi feita a orientação pertinente, visando educação nutricional, o que possibilitou ao profissional nutricionista intervenção direta e precoce. A partir desse estudo pode-se confirmar a importância e a necessidade de atendimento nutricional, com enfoque preventivo e a realização de novas investigações que visem melhor qualidade de vida.

A SUBJETIVIDADE DO PROFISSIONAL DE SAÚDE COMO DETERMINANTE DA QUALIDADE DE ATENDIMENTO

Autor: Sônia E. Prado Garcia

Apresentador: Sônia Prado Garcia

Contato: soniapradowgarcia@ig.com.br

Instituição: Centro de Referência e Treinamento em DST/HIV/AIDS

Palavras-chaves: aconselhamento, transmissão vertical, profissionais de saúde

Resumo:

Contextualização: As recorrentes demandas das mulheres HIV positivas desencadeiam nos profissionais de saúde sentimentos que os levam a tomar atitudes que refletem seus próprios valores morais, suas crenças, e sentimentos pessoais, em detrimento dos desejos, necessidades, valores e crenças dessas mulheres, comprometendo a qualidade de atendimento e da própria organização do serviço oferecido.

Metodologia: Utilização de técnica de dramatização para desencadear reflexão sobre o tema: mulheres HIV positivas que desejam engravidar. Esta técnica vem sendo utilizada há alguns anos em atividades de aconselhamento, em treinamento para equipes multidisciplinares de todo Brasil, através do Treinamento de Gerenciamento para Implementação de Serviços de Assistência Especializada SAE em DST/HIV/AIDS, promovido pela CN/DST/AIDS e executado pela equipe do CRT/DST/AIDS do programa Estadual de S.P.

Principais resultados: Ao refletirem sobre suas condutas, os profissionais de saúde se conscientizam sobre as implicações das mesmas na relação profissional/paciente, tornando-se mais cuidadosos, passando a considerar e respeitar a autonomia das pacientes atendidas. Esta mudança na conduta também facilita o surgimento de atitudes imparciais, permitindo uma ampliação da escuta e a reflexão conjunta com a paciente sobre as consequências de suas escolhas. Além disso, também permite a identificação de necessidades que implicam na reestruturação da organização dos serviços.

Conclusões: Pouca atenção é dada a um dos aspectos cruciais e determinantes da qualidade do aconselhamento, que está relacionado à subjetividade de quem aconselha. Treinamentos e manuais de aconselhamento que contemplem esse aspecto, além do incentivo a discussão de caso em equipe multidisciplinar nas unidades e supervisão externa são algumas sugestões que permitem contemplar essa variável.

RELAÇÕES DE GÊNERO, DIREITOS REPRODUTIVOS E PREVENÇÃO EM DST/AIDS ENTRE JOVENS E ADOLESCENTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO NO RN (BRASIL)

Autor: Vanderlan Francisco da Silva

Apresentador: Vanderlan Francisco da Silva

Contato: vanderlansilva@uol.com.br

Co-autores: Ailton Siqueira; Edmilson Lopes Júnior; Francisco Vanderlei de Lima; Gláucia Helena Russo.

Instituição: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Palavras-chaves: Adolescentes, Educação, Gênero

Resumo: Fruto de uma pesquisa que vem sendo realizada junto a estudantes da rede pública de ensino, nosso trabalho parte da constatação da ausência de um planejamento sobre a temática transversal da sexualidade na rede pública de ensino do RN que, aliada aos constantes casos de gravidez indesejada, bem como ao preocupante surgimento de casos de DST/AIDS entre membros deste seguimento, cria um cenário onde o espaço institucional do universo escolar não tem se constituído enquanto um palco relevante para discussão de questões como direitos reprodutivos, relações de gênero e prevenção em DST/AIDS.

Método: Temos desenvolvido nossa pesquisa através de entrevistas com jovens e adolescentes em quatro cidades pólos de Rio Grande do Norte (Mossoró, Apodi, Pau dos Ferros e Açu), bem como através de conversas com professores, com o intuito de apreender quais as principais dificuldades e facilidades sentidas por estes na abordagem de tais discussões, ao mesmo tempo em que procuramos apreender e interpretar as percepções e ações daqueles no tocante a mesma temática.

Principais resultados: Realizada a primeira etapa da pesquisa, temos procurado contribuir para a legitimação de um espaço de discussões nas escolas de ensino médio, mediante a socialização dos resultados parciais da pesquisa, por meio de seminários com professores e alunos, assim como com a publicação de um jornal informativo.

Conclusão: A escola é um universo relacional de múltiplos discursos e práticas sociais, onde os mais variados seguimentos sociais tem se feito representar. Nesse sentido, temos procurado investigar como os sujeitos sociais, ai atuantes, tem procurado lidar com a sexualidade, e como, concomitantemente, tem contribuído para uma democratização do saber coletivo, particularmente no tocante às relações de gênero, direitos reprodutivos e DST/AIDS.

VOLUNTARIADO JOVEM NA PREVENÇÃO DA AIDS E SAÚDE REPRODUTIVA

Autor: Rita de Cássia Araújo Alves Mendonça

Apresentador: Rita de Cássia Araújo Alves Mendonça

Contato: rita@samnet.com.br

Co-autores: Edileuza de Medeiros; Ildete Mendes; Tarcísio Moura; Rosa Magda; Margarida Simplício; Marluce Ribeiro; Bernadete Roque;

Instituição: Canto Jovem

Palavras-chaves: adolescência, educação, sexualidade

Resumo: O Projeto do Voluntariado Jovem, construindo a Paz é uma estratégia de intervenção socio-educativa junto aos adolescentes no estado do Rio Grande do Norte, buscando fortalecer a rede de protagonistas juvenis e voluntariado jovem na construção de uma cultura de paz e não violência. A principal atividade é a realização do Encontro Estadual de Adolescentes, reunido 30 municípios e 600 jovens representantes dos grupos que atuam com proposta de promoção da educação, saúde e ação social na escola, na família e na comunidade. Ao definir uma metodologia para servir como aporte dos nossos objetivos, recorreremos aos estudos e práticas consolidadas de Antônio Carlos Gomes Costa, fundamentado na Teoria do Protagonismo Juvenil, e de Vilma de Sousa, sobre o Voluntariado Jovem. Ao mesmo tempo em que, as propostas de Paulo Freire, da Pedagogia Libertadora e da Educação para a cidadania, onde a preocupação de formar cidadãos capazes de participar solidariamente da construção de uma sociedade mais justa e democrática está no cerne da educação participativa. Após 03 anos de atividades com o jovens, os resultados deste Projeto pode ser percebido pelo aumento da demanda de jovens e educadores para adesão ao projeto, como também pela capacidade de reflexão e de interpretação da realidade social entre os jovens, a melhoria na auto-estima, confiança em si mesmo e iniciativa, assertividade na tomada de decisão e escolha, trabalhar em grupo e fortalecer parcerias entre jovens e adultos, possibilitando reduzir a vulnerabilidade frente à AIDS/DST, violência e drogas.

PREVENÇÃO DAS INFECÇÕES DE TRANSMISSÃO SEXUAL EM UMA COORTE DE PROFISSIONAIS DO SEXO MASCULINO

Autor: João Luiz Grandi

Apresentador: João Luiz Grandi

Contato: jlgrandi@uol.com.br

Co-autores: Cristiane Goncalves Meireles da Silva; Maria Aparecida da Silva; Samuel Gohman; Maria Cecília Palhares;

Instituição: Centro de Referência e Treinamento DST/AIDS

Palavras-chaves: Profissional Masculino do Sexo, Travesti, HIV

Resumo:

Contextualização: Evidências epidemiológicas e comportamentais apontam o grupo de Trabalhadores Masculinos do Sexo MS, como um dos mais vulneráveis para a aquisição de infecções sexualmente transmissíveis. Do grupo de TMS, os travestis por se constituírem no elo de transmissão para grupos heterossexuais, necessitam, para a incorporação de práticas mais seguras, de espaços de discussão contínuas em ambiente favorável e acolhedor.

Métodos: Em 1992, nas dependências do Centro de Referência e Treinamento DST/AIDS foi iniciado um estudo longitudinal com trabalhadores masculinos do sexo, para além de identificar as características sócio-demográficas e comportamentais, determinar os riscos para infecção por HIV, Sífilis e Hepatite B e C. O recrutamento foi realizado pelos próprios pares na área metropolitana da cidade de São Paulo. Questionário padronizado e coleta de sangue são realizadas simultaneamente no ingresso do indivíduo no estudo. As ações de prevenção incluem aconselhamento específico para a população alvo, enfocando prioritariamente DST/HIV, práticas de sexo mais seguro, abuso de drogas, uso de hormônios e silicone, ente outros assuntos ligados à prostituição. A intervenção é realizada quinzenalmente onde além do aconselhamento é distribuído 30 preservativos e gel lubrificante.

Resultados: Foram analisados 643 travestis, acompanhados no período de 1992-2000. A prevalência do HIV foi de 38,5%, ao longo do tempo, esta taxa decresceu de 61,7% em 92 até 25% em 95-98, subindo para 45% em 99-2000. A evolução da Sífilis se manteve bastante próxima de 60% em 92 para cerca de 40% em 2000. A prevalência da Hepatite B subiu de de 52,3% em 1998 para 63,2% em 2000. A prevalência da

Hepatite C manteve-se igualmente elevada, passando de 3,9% em 1998 para 14,5% em 2000. Na co-infecção, ressaltamos que dos 19 casos de HVC, 16 (84,2%) estão associados com HVB, dos quais (68,4%) são portadores do HIV.

Conclusão: Uma estratégia de vital importância para o controle das infecções de transmissão sexual é o estabelecimento de locais de atendimentos que garantam não somente tratamento imediato, mas acolhimento sistemático e contínuo com distribuição gratuita de preservativos. Neste estudo, tivemos a oportunidade de criar um destes espaços, em que propostas de intervenção educativa foram desenvolvidas, além de abrir uma porta de entrada ao sistema de saúde a um grupo totalmente excluído.

CONHECENDO O ARCO ÍRIS EM SANTOS- PESQUISA

Autor: Regina Maria Lacerda

Contato: paty@fractal.com.br

Co-autores: Neide Gravato; Alcino Golegã; Maurício Rebouças; Ron Stall; Norman Hearst;

Instituição: ASPPE Associação Santista de Pesquisa Prevenção

Palavras-chaves: Homens que fazem sexo com homens, Vulnerabilidade

Resumo:

Contextualização: Apesar da importância da população HSH, no contexto da transmissão do HIV na cidade de Santos, nenhum projeto de prevenção para esse segmento foi desenvolvido.

Descrição/método: Um estudo transversal no período de janeiro a maio/2000, com 278 HSH, para conhecer essa população, sua especificidade sócio cultural e o contexto em que acontece o risco p/a infecção pelo HIV.

Resultados: Constatou-se que 64% tinham entre 21 -30 anos, 63% pagam aluguel. 25% tinham curso superior, sendo que 43% tinham renda entre 4 e 8 salários mínimos nacionais. Em relação a descoberta do desejo sexual, observou-se que: e 16% na pré adolescência e 70% na adolescência o desejo sexual por outros homens, sendo que para 36% da amostra esse momento foi conflituoso e para 35% foi muito confuso. 35% referem que a descoberta do desejo ocorreu junto com a iniciação sexual. 85% dos entrevistados não conversou com ninguém da família sobre a descoberta e 46% das famílias não aceitaram a decisão. 33% referiram parceria fixa* nos últimos 6 meses, sendo que 50% referem até 10 parceiros, 42% fizeram sexo na última semana, 79% com até 3 parceiros casuais, 97% referem não ter dificuldade em propor o uso com parceiros casuais, 70% referem uso de preservativo com parceiro casual, 78% para sexo anal, 14% para sexo oral. Dos que referiram uso de preservativo no sexo anal 6% informaram que o rompeu de 1 a 4 vezes nos últimos 6 meses. Para o não uso do preservativo, 70% dizem conhecer/confiar no parceiro ;44% só praticam sexo oral; 60% referem não usar por estarem apaixonados, 42% dizem que o parceiro parecia saudável. 13 % dos entrevistados referem uso de álcool, 5% cocaína e 3% maconha.

Conclusão: A mudança de rumo que a epidemia vem apresentando, tende a desfocar a atenção que convergiu para o grupo de HSH, buscando

a desvinculação da AIDS da homossexualidade . Apesar dos dados epidemiológicos evidenciarem uma tendência a estabilização entre HSH, ainda são poucas as propostas de prevenção destinadas à esse grupo. Esse estudo expressa a grande vulnerabilidade principalmente entre os mais jovens, que sofrem com a descoberta do desejo, a indiferença e discriminação do núcleo familiar. Os projetos de educação sexual não abordam a homossexualidade e esses jovens não tem condições de conversar com ninguém, estimulando que eles mantenham-se na clandestinidade. O desenvolvimento de falsos comportamentos preventivos torna-se um agravante as práticas seguras, mostrando a fragilidade da questão do sexo mais seguro. Esse estudo reforça o elo que deve existir entre a pesquisa e a intervenção, de como essa pode e deve vir fundamentada por dados obtidos junto a população em que se pretende investir. A pesquisa orienta para o investimento na discussão da auto estima, dos direitos de cidadania, da discussão da sexualidade em vários níveis, para a criação de espaços não só entre os HSH , mas junto a sociedade para que o ARCO ÍRIS possa vir a brilhar de forma plena em nossa cidade.

DIAGNÓSTICO SITUACIONAL DAS REGIONAIS DE SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO

Autor: Maria da Penha Ramos Oliveira

Apresentador: Maria do Carmo Sales Monteiro

Contato: penha@crt.saude.sp.gov.br

Co-autores: Carolina Rosa Pedro de Barros; Eunice Nakamura; Maria Clara Gianna; Maria do Carmo Sales Monteiro; Mariângela G. Bortolo da Cruz; Mariliza Henrique da Silva; Paulo Rogério Cordeiro da Silva; Tania Regina Correia de Souza

Instituição: Coordenação Estadual de DST/Aids

Palavras-chaves: Diagnóstico, Organização de serviços, Planejamento

Resumo:

Contextualização: Considerando que é um importante desafio incorporar a integralidade das ações assistenciais e preventivas nas práticas de saúde, e sendo a atenção básica o ponto de partida para o atendimento à saúde pública, faz-se necessário o fortalecimento do intercâmbio entre os programas de saúde existentes nos Municípios e no Estado e a rede de atenção básica.

Descrição/método: A fim de ampliar as ações de prevenção e assistência em DST/AIDS, integrando os Programas de DST/AIDS, Saúde da Família, Saúde da Mulher e Saúde da Criança, foi elaborado um instrumento de pesquisa que retratasse o diagnóstico situacional das Direções Regionais do Estado de São Paulo em relação aos programas citados, cujos dados seriam apresentados na oficina para integração destes. A primeira parte do questionário constou de dados referentes a DIR: como ocorre o processo de decisão de prioridades para o atendimento às DST/HIV/AIDS, a relação do programa de DST/AIDS com os demais programas, além de informações sobre recursos assistenciais e humanos. Com relação aos Municípios pertencentes a cada DIR, as informações se referiam à: tipo de gestão de cada município bem como número de equipes de PACS/PSF implantadas em cada município e ações estratégicas no âmbito da Prevenção, Assistência, Vigilância Epidemiológica das DST/HIV/AIDS. Considerando o grande número de municípios em cada região a DIR deveria escolher alguns municípios que melhor representassem a região de acordo com tabela proposta no instrumento.

Conclusão: A elaboração do questionário envolveu os coordenadores dos diferentes programas e o seu preenchimento mobilizou os

interlocutores desses programas nas suas DIR. O levantamento desses dados fez com que alguns interlocutores se deparassem com o fato de que conhecem pouco sobre a situação de sua região, o que nos remete a pensar numa estratégia de supervisão mais constante. Os informes atualizados irão nos dar subsídios para traçar estratégias de implementação e implantação de ações integradas em assistência e prevenção às DST/AIDS na atenção básica.

TRABALHANDO COM ADOLESCENTES NA ATENÇÃO
PRIMÁRIA: POR UMA POLÍTICA DE PREVENÇÃO ÀS DST/AIDS

Autor: Kilma Wanderley Lopes

Apresentador: Kilma Wanderley Lopes

Contato: mrferrer@zaz.com.br

Co-autores: Maria Rocineide Ferreira da Silva;

Instituição: SMDS/SER 3

Palavras-chaves: adolescente, serviços de prevenção, intervenção comunitária

Resumo: A questão da saúde do adolescente definitivamente precisa entrar na pauta dos trabalhos em saúde comunitária, é necessária uma definição de políticas públicas que contemplem essa clientela. Com os objetivos de: influenciar na descoberta das possibilidades que o adolescente tem, contribuindo para que sua vivência nessa etapa de vida aconteça de forma saudável; Contribuir para o exercício da cidadania, discutindo questões, inerentes ao cotidiano de vida destes adolescentes; Reduzir através desse processo a contaminação de adolescentes pelas DST e AIDS na sua comunidade, nós enfermeira e médica da equipe 5 do PSF idealizamos a proposta e começamos a implementá-la. Método: Inicialmente formamos um grupo de adolescentes de 10 a 13 anos residentes na favela do Bubu adistrito a Unidade Básica da Família Meton de Alencar situada na periferia de Fortaleza. Fizemos uma reunião com seus cuidadores explicando o objetivo do trabalho a ser desenvolvido e a partir daí, começamos uma série de encontros semanais onde se trabalharam os temas(adolescência, família, valores, afetos, DSTs/AIDS) . Para facilitar o processo de aprendizagem utilizamos dinâmicas de grupo, oficinas de colagem, vídeo-debate possibilitando a compreensão . Resultados: Ao longo desse período já identificamos mudanças de atitudes. Os adolescentes verbalizam de forma significativa suas necessidades e sentimentos, através das elaborações(pinturas, cartazes, composições) além de procurarem mais os profissionais na Unidade de Saúde. Conclusões: Em meio a realização desse trabalho, identificamos a importância de desenvolver técnicas apropriadas para abordagem do adolescente. Sair da unidade de saúde indo ao seu encontro na comunidade fortalecendo o vínculo, facilitou a adesão desses adolescentes a vivência em grupo e da importância da promoção de sua saúde bem como de sua comunidade, já que como cidadãos e cidadãs temos essa responsabilidade.

SAÚDE NO DIQUE

Autor: Paula Silveira Malatesta

Apresentador: Paula Silveira Malatesta

Contato: iepasede@atribuna.com.br

Co-autores: Elisa Megumi Yoshida;

Instituição: IEPAS - Instituto de Estudos e Pesquisas em Aids

Palavras-chaves: vulnerabilidade, população em situação de pobreza, intervenção comunitária

Resumo:

Contextualização: o Projeto “Saúde no Dique” tem por objetivo principal desenvolver ações de prevenção às DST/aids, Hepatites e Drogas, realizadas na favela do Dique da Vila Gilda, no município de Santos – SP. De modo geral, a população se encontra em situação de vulnerabilidade devido ao pouco acesso a informação, complexidade cultural, baixo índice de escolaridade e qualificação profissional, alto índice excluídos do mercado formal ou desempregados, baixa renda.

Descrição e método: O projeto conta com um programa de treinamento da equipe de trabalho e estratégia para alcançar a população: sensibilização de lideranças e entidades locais, capacitação de agentes multiplicadores da comunidade e a realização de eventos culturais e participativos, que facilitam a transmissão de informações, considerando-se os antecedentes sociais, culturais e a própria linguagem desta comunidade. A equipe vem se utilizando de recursos, tais como: teatro de rua, oficinas de artes plásticas e musicais, sessões de filmes didáticos e discussões temáticas. Com estes objetivos, realizamos atividades que promovem a conscientização sobre o tema e mudanças de comportamento na população. O projeto é desenvolvido com os segmentos representativos desta população (lideranças e a comunidade) e instituições. As atividades vem sendo efetuadas no próprio local, utilizando equipamentos do entorno ou espaços comuns. Durante a operacionalização das oficinas, selecionamos monitores (ambos os sexos) da própria comunidade para integrar a equipe. Com essas ações, estabelecemos uma rede permanente e operante para informar, aconselhar, fornecer material educativo e camisinhas gratuitamente e, ainda, encaminhar a população para os serviços de saúde existentes. Realizamos o gerenciamento permanente do projeto com supervisões periódicas com os monitores/ agentes multiplicadores e lideranças, visitas a campo e reuniões semanais da equipe institucional.

Principais resultados: Trata-se de trabalho ainda em desenvolvimento pelo IEPAS(ONG),financiado pelo Ministério da Saúde e parceira com equipamentos locais. As oficinas vem obtendo boa receptividade; a colaboração da comunidade na divulgação dos eventos; aumento da conscientização sobre comportamentos de risco e a necessidade de uso de preservativos nas relações sexuais de forma correta. A equipe constatou também a necessidade de intervenção preventiva com adolescentes, tendo sido realizados encontros voltados para a demanda. Paralelamente, a equipe procedeu grupos de encontro de aconselhamento para mulheres realizados nas próprias casas.

Conclusão: Diante do acima exposto e dos resultados obtidos pela equipe, somos de parecer que a intervenção comunitária, com enfoque participativo, vem garantindo a adesão da população e dos multiplicadores sociais para dar prosseguimento e sustentabilidade ao projeto.

DIAGNÓSTICO SOBRE A INTEGRAÇÃO DOS PROGRAMAS DE SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO

Autor: Maria do Carmo Sales Monteiro

Apresentador: Maria do Carmo Sales Monteiro

Contato: mcarmo@crt.saude.sp.gov.br

Co-autores: Ione Akemi Guibu; Maria Clara Gianna; Maria Cristina Megid; Maria Cristina Turazzi; Maria Filomena Cermichiaro Aoki; Maria da Penha Ramos Oliveira; Paulo Rogério Cordeiro da Silva; Rosicler A. Viegas Di Lorenzo

Instituição: Coordenação Estadual de DST/Aids do Estado de São Paulo

Palavras-chaves: Diagnóstico

Resumo:

Contextualização: Considerando a concepção do SUS sobre integralidade e o importante desafio de se incorporar esta concepção as práticas de saúde a Coordenação Estadual do Programa de DST/AIDS elaborou um documento preliminar Ações de Prevenção e Assistência às DST/AIDS na Rede de Atenção Básica à Saúde do Estado de São Paulo com o objetivo de iniciar uma ampla discussão destas ações no nível central da Secretaria de Saúde envolvendo Coordenação Estadual do Programa de DST/AIDS, do PACS/PSF e da Saúde da Mulher, Criança e Adolescente. Durante este processo decidiu-se realizar um diagnóstico da situação das Direções Regionais de Saúde do Estado e municípios quanto a integração das diversas Áreas Programáticas para subsidiar as discussões do texto preliminar que descreve diretrizes e propõe ações principalmente para a rede básica.

Metodologia: O levantamento foi realizado de dezembro de 2000 a abril de 2001 através de um questionário composto de 05 questões abertas e enviado aos interlocutores das 24 Direções Regionais do Estado. Recebemos 62 questionários: 23 representando DIR; 39 representando municípios. Os questionários foram analisados segundo as características da amostra e conforme o responsável pelo preenchimento considerando a maior frequência das respostas segundo as categorias: Existência de interlocução exclusiva ou não, ações realizadas em conjunto, facilidades e dificuldades para a integração e satisfação ou não com relacionamento com a DIR e município.

Resultado: 1- As dificuldades que mais apareceram se referem ao entrosamento, comunicação, planejamento, trabalho em equipe e integração entre as diversas atividades, quer sejam em nível de DIR, destas com os municípios e mesmo dentro destes últimos;

2- Foram apontadas questões como falta de compromisso das direções e dos profissionais, falta de diretrizes;

3- Problemas quanto a organização dos serviços, diversificação das estruturas destes serviços nos diferentes municípios, falta de articulação com relação a referência e contra-referência nos diversos níveis;

4- Quanto aos recursos humanos foram referidos os principais aspectos: equipe reduzida, pessoal não qualificado, falta de treinamento e/ou reciclagem, interlocutores não exclusivos, jornadas diferentes entre os mesmos;

5- Com relação aos recursos materiais/ financeiros, foram apontados falta de viaturas, de equipamentos de informática etc.;

6- Em alguns locais, considerou-se como facilidades, a predisposição para trabalhos em conjunto, existência de colegiado integrado, proximidade física dos serviços.

Conclusão: Com base no resultado deste questionário elaboramos oficinas entre os gerentes, coordenadores e interlocutores dos programas envolvidos e os pólos de capacitação para discutir e aprofundar o documento preliminar e estabelecer estratégias para a construção de um modelo de ações integradas de atenção à saúde, no que se refere às DST/AIDS.

NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E AIDS ENTRE PROFISSIONAIS DO SEXO NO MUNICÍPIO DE CUIABÁ-MT

Autor: Eleonor Raimundo da Silva

Apresentador: Eleonor Raimundo da Silva

Contato: eleonor@inter-fox.com.br

Co-autores: Leocarlos Cartaxo Moreira; Fábio Luis Tiel; Israel Silveira Paniago; Yuri Ribeiro dos Santos;

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso - Hospital Universitário Júlio Muller

Palavras-chaves: DST, Profissionais do Sexo Feminino, Mulheres

Resumo: Grande parte das notificações dos casos de AIDS até 1984 referem-se aos homo/bissexuais masculino 74%, como subcategoria de exposição de maior importância país. Progressivamente a sua participação vêm se reduzindo, tendo atingido em 1996/97, apenas 24%. O aumento de casos de AIDS entre os heterossexuais, faz-se acompanhar de uma expressiva inserção das mulheres no quadro epidemiológico, constatada na redução da razão de 23 homens para 1 mulher em 1984, para 3:1 em 1996/97. Foi a partir da análise destes dados que os autores desta pesquisa decidiram investigar o tema em foco no município de Cuiabá/MT. Outro fato determinante, foi a identificação do aumento do número de pontos de encontros de travestis, gays e garotas de programas na cidade de Cuiabá/MT, associada a uma franca expansão de abertura de boates e casa noturnas, as quais veiculavam um grande volume de propagandas e anúncios em jornais de grande circulação na capital. A presente pesquisa teve como objetivos investigar a acumulação de conhecimentos e a prática de prevenção de DST/AIDS das “profissionais do sexo” na cidade de Cuiabá, identificar o nível de conhecimento sobre as características (sinais e sintomas de DST/AIDS), correlacionar o domínio de entre as práticas de relação sexual e transmissão/contágio das DST/AIDS e identificar os métodos de prevenção das DST/AIDS conhecidos e os que são usados pelas “profissionais do sexo”. Trata-se de uma pesquisa quantitativa descritiva, em que se procurou explorar a acumulação de conhecimentos destas mulheres acerca das DST/AIDS e sua prevenção. Como sujeito da pesquisa foram considerados as mulheres residentes na cidade de Cuiabá/MT que trabalham como profissionais do sexo e que anunciam seus serviços e telefones por meio de jornais em circulação nesta cidade. A coleta de dados foi realizada

em Cuiabá/MT no período de 05/07 a 11/08/99 e se deu em locais pré-estabelecidos por contatos telefônicos, onde os sujeitos da pesquisa foram orientados e solicitados a preencherem um instrumento de coleta de dados sob a supervisão dos autores do estudo. Das 30 profissionais contactadas para participarem da pesquisa, 17 preencheram o instrumento de coleta de dados que constituiu-se de um questionário contendo 15 questões abertas e fechadas com perguntas relacionadas ao objeto da pesquisa. Os sujeitos da pesquisa foram divididos em três grupos distintos a saber: Mulheres que trabalham em locais fixos como casas noturnas e saunas, mulheres que anunciam a oferta dos serviços através da colocação de anúncio nos jornais e as que trabalham no período noturno em alguns pontos específicos de determinadas ruas da cidade. Concluiu-se com este trabalho que a grande maioria das “Profissionais do Sexo” tem apenas conhecimentos superficiais sobre as DST/AIDS e apresentam muitas dúvidas e desconhecimento sobre as formas de contágio/transmissão e não dão muito importância para os métodos de prevenção.

SALA DA VIDA

Autor: Elaine Oliveira Soares

Apresentador: Elaine Oliveira Soares

Contato: acmua@ig.com.br

Co-autores: Ana Carla Vidal Teixeira; Vera Beatriz Alves; Fernanada Abreu da Rosa; Maria Conceição Silva Amaro; Cynthia Maria Carvalho; Daniele Roberta Paz; Luana Cristina Castro da Silva;

Instituição: Associação Cultural de Mulheres Negras - ACMUA

Palavras-chaves: Vulnerabilidade

Resumo: A vulnerabilidade a que está exposta a mulher e principalmente a mulher negra frente à epidemia da AIDS, fazem-se necessárias intervenções educativas que considerem a especificidades inerentes a condição feminina e negra. Pesquisas que vem sendo desenvolvidas no Brasil e nos Estados Unidos vêm demonstrando que o racismo é um fator gerador de doenças ou de agravamento das mesmas, bem como o fator de incidência sobre as taxas de mortalidade da população. A vulnerabilidade das mulheres negras está profundamente vinculada ao lugar ocupado por essas mulheres na sociedade, ou seja, longe do acesso aos bens de serviço. Ainda que os programas de prevenção da Aids no Brasil possam ser considerados entre os melhores do mundo, não conseguem reverter a feminização da epidemia e muito menos a redução entre as mulheres negras, as mais pobres e mais vulneráveis, o que faz pensar também na etnização da epidemia.

O presente projeto Sala da Vida propõe utilizar espaços até então subaproveitados como locais de atendimento a comunidade de baixa renda; à mulheres em situação de risco, violência, inclusive sexual. Elas são acolhidas no momento da espera pelo atendimento, por mulheres integrantes e capacitadas pela ACMUA, que realizam orientação, sobre as DST/AIDS e encaminham quando necessário e ou conforme a vontade das mulheres para testagem e aconselhamento. A Sala da Vida, conta com apoio de vídeo, televisão, fitas educativas e folder.

A adesão ao Projeto foi além do esperado, a procura para que a ACMUA implementasse este projeto em outros lugares, fez com que nós buscássemos recursos do Ministério da Saúde para implementação deste trabalho em mais 03 locais. Caminhos foram abertos, parcerias foram feitas com a CTA Caio Fernando Abreu, Política Estadual de DST/AIDS –RS, Conselho Municipal dos Direitos da Mulher –POA, Centro Comunitário da Restinga - POA, Casa Africana Ilê Asê Ogum Onira,

na cidade de Santa Maria e o Centro Comunitário Vila Luiza na cidade de Passo Fundo. A avaliação feita pelo Serviço Jurídico Daniella Perez do COMDIM, é que: após a intervenção na Sala da Vida pelas agentes de saúde; as mulheres percebem e declaram que formas como a negação pelo companheiro ao uso do preservativo, como também de não aceitar que a mulher somente queira ter relações sexuais mediante o uso do preservativo é uma das muitas formas de violência, percebem a importância do reconhecimento e direito ao corpo. Grupo de mulheres para o uso do preservativo feminino está sendo formado, oficinas estão sendo realizadas, novos assuntos para os módulos de capacitação estão sendo levantados e uma aproximação institucional se consolida. A troca de experiências, os esforços somados, a transparência dos objetivos comuns, o respeito às diferenças e o reconhecimento da mulher como educadora e educanda de 1º qualidade, demonstram que as DST/AIDS bem como à discriminação racial à violência em sua essência podem e devem ser minimizados em ações que possam ter sua continuidade garantida.

FESTIVAL DE PARÓ DIAS SOBRE DST/AIDS: UMA MANEIRA CRIATIVA DE PASSAR INFORMAÇÕES PARA OS ESTUDANTES

Autor: José Almir Santana

Apresentador: José Almir Santana

Contato: jalmirs@infonet.com.br

Co-autores: Mônica Rocha; Lígia Mara; Conceição Costa;

Instituição: Secretaria de Estado da Saúde de Sergipe/Secretaria de Estado de Educação

Palavras-chaves: Adolescentes/Adultos/Jovens, Educação,

Resumo:

Contextualização: Dificuldade de levar informações sobre as DST / aids aos jovens de forma participativa e com linguagem de fácil entendimento.

Descrição/Método: O Festival de paródias já se constitui no principal evento do Dia Primeiro de Dezembro. Utilizando muita criatividade e humor, os próprios estudantes da rede pública e privada lançaram paródias de músicas conhecidas, destacando principalmente as DST, o uso de camisinhas e o combate ao preconceito e discriminação.

Resultados: Foram inscritas 43 escolas da capital e interior de Sergipe. Sessenta alunos tiveram participação direta na elaboração e apresentação das músicas, acompanhadas de coreografia e muita criatividade. Foram pré-selecionadas quinze paródias. As cinco primeiras foram premiadas. As melhores músicas foram exibidas no Bloco da Prevenção, no Pré-Caju (carnaval fora de época).

Conclusões: O festival de Paródias proporciona grande participação do público estudantil e de toda comunidade escolar, na prevenção das DST / aids. A criatividade é um instrumento muito importante para passar informações aos jovens. Devido ao grande sucesso, o festival será ampliado.

O DESAFIO DE REORGANIZAR AS AÇÕES DE PREVENÇÃO NUMA CIDADE DE 11 MILHÕES DE HABITANTES

Autor: Gabriela Calazans

Apresentador: Gabriela Calazans

Contato: gabrielac@sms.prodam.sp.gov.br

Co-autores: Maria Cristina Abbate; Regina Bueno; Daniela Piconez; Fábio Mesquita; Giselda Turienzo; Anna Luiza Gryscek; Paulo Antonini;

Instituição: Programa Municipal de DST/AIDS/Secretaria Municipal

Palavras-chaves: Políticas públicas, Planejamento

Resumo:Contextualização: O Programa de DST/AIDS do Município de São Paulo (PM DST/AIDS) esteve nos últimos anos fora do Sistema Único de Saúde (SUS), tendo, a maioria de seus serviços, surgido nesta fase.

Descrição/Método: Em diagnóstico que visava identificar e reorganizar as ações de prevenção foram realizadas visitas aos serviços do PM DST/AIDS, bem como reuniões com todas as equipes de Prevenção, contatos com ONG e com os níveis nacional e estadual do sistema de controle de DST/AIDS.

Principais Resultados: Observou-se muito trabalho e pouco impacto das ações, caracterizadas por realização sob demanda de outras instituições e pelo pequeno planejamento ativo das equipes. Apesar do grande envolvimento das equipes, encontrou-se pouco suporte para suas ações, grande desarticulação entre os diversos serviços e com a Coordenação. As ações de prevenção eram principalmente endereçadas a populações de menor risco, usualmente vinculadas a escolas e empresas.

Conclusões: Visando a reorganização das ações preventivas, no contexto da reintegração da Cidade ao SUS, foram estabelecidos os seguintes objetivos: 1) priorizar o desenvolvimento de projetos dirigidos a populações de risco acrescido, de acordo com as vocações assistenciais dos serviços e orientados por planejamento ativo dos serviços; 2) fortalecer o nível local de governo; 3) fortalecer articulações com ONG e organizações da sociedade civil; 4) desenvolver iniciativas de prevenção em diferentes mídias de massas; 5) articular os diversos níveis de atenção à saúde e suas diferentes responsabilidades no âmbito da prevenção. Na articulação de diferentes responsabilidades, no contexto do SUS, compreende-se que cabe à ação direta do PM DST/AIDS o desenvolvimento de ações de prevenção voltadas a populações de risco acrescido (entre eles:

profissionais do sexo, HSH, UDI e adolescentes em situação de risco social), bem como o suporte técnico às ações desenvolvidas na rede básica e em escolas. Concebe-se que, para atingir tais objetivos, é necessário envolver de forma participativa as diversas equipes de prevenção dos serviços no desenvolvimento de projetos, estabelecendo espaços de troca entre os serviços, a Coordenação, ONG, universidades e outros eventuais parceiros, assim como estimular a constituição de redes de retaguarda assistencial dirigidas às populações de risco acrescido para DST/HIV, tradicionalmente marginalizadas da atenção à saúde. Tais ações visam garantir a descentralização e a sustentabilidade das ações de prevenção desenvolvidas na Cidade.

A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO NO TRABALHO EDUCATIVO

Autor: Neide Gravato da Silva

Apresentador: NEIDE GRAVATO DA SILVA

Contato: asppe@fractal.com.br

Co-autores: *Programa Municipal de DST AIDS e Hepatite Secreta;
Espaço Meninas - Secretaria Municipal de Ação ; Nara Kely Zanqueta Lopes*; Gislaine Calejon Savoy*; Cristiane Tigre*; Lívia Ferreira,; Valéria Boreli; Maurício Carlos Rebouças**

Instituição: Programa Municipal de DST/Aids

Palavras-chaves: trabalhadores do sexo, travestis,

Resumo:

Contextualização: A cidade de Santos tem o maior porto da América Latina recebendo centenas de marinheiros de diversos locais do Brasil e do mundo. Esta situação transformou a cidade num grande atrativo para o comércio do sexo, principalmente na zona portuária que historicamente concentrou inúmeras boates, bordeis e night clubs. Com o advento da AIDS e a alta incidência do HIV na cidade a região ficou estigmatizada passando por um processo de deterioração.

Descrição: Em 1993 o Programa municipal de DST AIDS e Hepatite iniciou o Projeto de Intervenção educativa com trabalhadores do sexo realizando um censo (modelo Sentinel Site) onde foram encontrados 1200 trabalhadores em atividade. Desde esta época vimos realizando visitas semanais aos locais de prostituição , grupos, oficinas distribuição de preservativo e material educativo através de agentes de prevenção (psicólogos e assistentes sociais) treinados .Após privatização do porto vimos observando uma diminuição do comércio do sexo na cidade, surgindo a necessidade de realizar um novo censo. Foram recrutados agentes de diversos projetos ,capacitados e criou-se instrumentos para contagem noturna, segundo padrão do censo anterior, optamos em realizar o mesmo em data próxima ao dia de pagamento devido ao aumento de clientes neste período , a diferença entre o primeiro censo e o segundo foi decorrente do vínculo estabelecido com a população o que nos permitiu uma abordagem mais personalizada solicitando nome idade e local de procedência, diminuindo os riscos de duplicidade além de incluir as agências de scort girl.

Resultados: Foram encontrados 517 trabalhadores em idade de 16 a 69 anos sendo que 40% estavam na faixa de 22 a 30 anos e 14 (3%) eram menores de 18 anos 363(70%) eram moradores de Santos.

Conclusão: O diagnóstico situacional é um importante instrumento para conhecimento da população a ser trabalhada, no entanto a observação cotidiana no campo permite perceber as mudanças e o momento de realizar novos diagnósticos, assim como, adaptar os modelos de intervenção e o perfil da equipe.

MEMÓRIA VISUAL NA ADESÃO AO TRATAMENTO ANTI-RETROVIRAL

Autor: André Valdemar Vicente

Apresentador: André Valdemar Vicente

Contato: andrvcent@aol.com

Co-autores: Ana Betriz Pazinato; Rosangela Soares Siviero; Sergio d'Ávila; Valéria Karina da Rosa; Nemora Trenago Barcellos;

Instituição: Coordenação Estadual de DST/AIDS do Rio Grande do Sul

Palavras-chaves: Adesão, Terapia anti-retroviral, Assistência

Resumo: Com o trabalho de dispensação realizado diariamente no Ambulatório de Dermatologia Sanitária da Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul, constatamos a dificuldade que alguns pacientes demonstravam no reconhecimento dos medicamentos e suas administrações. Diante da dificuldade da adesão ao tratamento constatado por pacientes em memorizar o nome dos medicamentos, a farmácia do local passou a utilizar o método de Memória Visual para orientar o paciente quanto a forma, tamanho e cor apresentado pelos medicamentos observando cada laboratório fabricante. No momento da dispensação, o paciente ainda recebe informações sobre as tomadas, horários, alimentação e acondicionamento dos medicamentos. O método de Memória Visual está sendo utilizado também nos grupos de Adesão ao Tratamento e nos consultórios médicos. A implantação desse método de serviço trouxe resultados positivos na Adesão ao Tratamento, uma vez que o paciente, fora do consultório, pode orientar-se e contar com o apoio de uma equipe qualificada para esclarecimento de dúvidas e outras informações pertinentes. Apesar do pouco tempo de implantação do método de Memória Visual, pode-se perceber que os pacientes avaliados tem retornado ao Dispensador nas datas previstas diferente de quando supostamente administravam erradamente os medicamentos.

CAPACITAÇÃO E INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA OS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE NA PREVENÇÃO ÀS DST/AIDS NO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR-BA

Autor: Alice da Silva Ribeiro Firmino

Apresentador: Alice da Silva Ribeiro Firmino

Contato: Alicefirmino@bol.com.br

Co-autores: Sandra Regina Mendonça Lemos; Josué da Silva Santana; Humberto Costa;

Instituição: Secretaria Municipal de Saúde Distrito Sanitário

Palavras-chaves: Intervenção Comunitária, Educação, Vulnerabilidade

Resumo:

Contextualização: Dados epidemiológicos apontam o aumento da incidência de AIDS na região Nordeste. O Centro Histórico de Salvador indica dados de vulnerabilidade à doença por apresentar os seguintes aspectos sociais : crianças e adolescentes na rua, profissionais do sexo masculino e feminino,usuários de substâncias psicoativas (SPAs) e portadores de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) - população bastante marginalizada. É nesse contexto que estão inseridos 12 Agentes Comunitários de Saúde (ACS) que sentiram a necessidade de um curso de capacitação para melhoria da abordagem e encaminhamentos dessa população às unidades de referência, em respeito à sua identidade e formas de expressão.

Descrição/Método: 1.Reunião e levantamento das principais dificuldades dos ACS no trabalho com a comunidade.

2.Discussão e apresentação da solicitação do curso à coordenação do Distrito Sanitário do Centro Histórico que ofereceu a infraestrutura para realização do trabalho. 3.Elaboração de um programa de capacitação com carga horária de 40 h. 4.Proposta de reciclagem e avaliação a cada três ou quatro meses. Foi utilizada a metodologia teórico - vivencial, com explanação teórica, oficinas com dinâmicas de grupo, mostra de video, avaliação de material educativo e reflexão sobre a prática dos ACS. Técnicos envolvidos : Assistentes Sociais, Psicóloga, Odontólogo e Enfermeiro.

Resultados: 1.Avaliação positiva em relação ao curso : Conteúdo da oficina (85%), carga horária (80%), técnicas utilizadas pelos facilitadores (85%), material didático utilizado (72,5%).

2.Formação de agentes multiplicadores motivados.

3.Inserção dos ACS nos programas elaborados no planejamento anual

de atividades da unidade em 2001, com ênfase nos trabalhos extra - muro. 4. Abertura de novas frentes de trabalho de prevenção.

5. Maior Envolvimento e troca de experiências entre os técnicos da unidade e os ACS.

Conclusão: Os aspectos sociais de vulnerabilidade às DST/AIDS torna indispensável uma ação mais incisiva de práticas in loco (áreas contempladas pelo PACS - Programa de Agentes Comunitários de Saúde) e de políticas de saúde mais condizente com as necessidades sentidas pela população. Acreditando nisso é que a parceria com os ACS vem mostrando novas perspectivas de intervenção na comunidade. Portanto, a instrumentalização teórico - metodológica desses profissionais é fundamental.

O FENÔMENO DA EXPLORAÇÃO SEXUAL COMERCIAL: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA VISIBILIDADE DA PROSTITUIÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

Autor: Stella Maris Nogueira Botelho Bevilacqua

Apresentador: Stella Maris Nogueira Botelho Bevilacqua

Contato: betas@netsite.com.br

Co-autores: Profa. Dra. Maria das Graças Bonfim de Carvalho;

Instituição: EERP-USP e Núcleo de Prevenção Redução de Danos

Palavras-chaves: Adolescentes/adulta jovem, Profissionais do sexo feminino, Violência

Resumo:

Contextualização: A presente pesquisa vem sendo realizada em 3 bairros da zona norte de Ribeirão Preto, com adultas jovens profissionais do sexo e faz parte de um Projeto Temático FAPESP, com o subprojeto IV Prostituição de adolescentes. A Exploração Sexual Comercial se define como uma prática que envolve troca de dinheiro com/ou favores entre um usuário um intermediário/aliciador/agente e outros que obtém lucro com a compra e venda do uso do corpo das crianças e dos adolescentes, como se fosse uma mercadoria. A gravidade e a compreensão das suas dimensões perpassam pela violação dos direitos humanos, cidadania e do Estatuto da Criança e do Adolescente. A visibilidade do fenômeno deve ser dimensionado não apenas por dados estatísticos, e sim considerá-lo como um agravo pela natureza em si do problema. Suas causas estão associadas a diversos fatores, podendo destacar a pobreza, a desigualdade, a relação de gênero e poder, entre outros. Com relação ao sexo, embora vitimize meninos, observamos que a criança /adolescente/mulher se apresenta como a vítima mais freqüente. A exclusão social da escola, do acesso ao consumo, ao trabalho e à saúde, se insere na privação de conhecimentos e informações sobre a própria sexualidade, tornando-as mais vulneráveis às diversas formas de violência, contaminação pelas DST/Aids e o uso/abuso/tráfico de drogas.

Descrição/Método: Optamos pelo método da abordagem qualitativa, utilizando como técnica de coleta de dados a observação participante (OP), através de relatórios com o registro das observações e informações espontâneas no trabalho de campo, com adultas jovens profissionais do sexo que se inseriram precocemente na prostituição. A OP propicia ao pesquisador participar do cotidiano natural dos sujeitos, descobrindo e

interpretando acontecimentos, bem como o comportamento e a organização do grupo.

Principais resultados: Na análise parcial dos dados, relacionamos as evidências contidas nas declarações espontâneas e as interpretações das observações que realizamos junto ao grupo de adultas jovens profissionais do sexo. Identificamos a frequência de acontecimentos relacionados às diversas formas de violência, que acometem a vida individual e grupal. Outro aspecto relevante, está no abandono precoce da estrutura familiar e da escola, legitimando a ruptura de vínculos tão importantes para o seu desenvolvimento. Como consequência, adultas jovens inseridas precocemente na prostituição, vulneráveis às práticas sexuais coercitivas e persuasivas, violação do direito à convivência familiar, alterando o processo de formação da identidade e dificultando se estabelecerem como sujeitos de direito.

Conclusões: Os resultados parciais apontam para: implementação de políticas sociais, de saúde e educacionais que melhorem as condições de vida das famílias e de toda a rede de interação social, proporcionando conhecimentos e informações sobre o fenômeno, diminuindo as situações de vulnerabilidade individual e grupal.

A CO-INFECÇÃO TB/HIV

Autor: André Luiz de Souza Braga

Apresentador: André Luiz de Souza Braga

Contato: covig@nitnet.com.br

Co-autores: Ana Lúcia Eppinghaus; Ciléia Moreira Pinto; Fátima Rocha; Fernando Cesar Ranzeiro de Bragança; Helyett Coelho Siqueira dos Santos; Lúcia de Fátima Carvalho Barbosa; Sueli da Silva Costa; Teresa D'Andrea

Instituição: Fundação Municipal de Saúde de Niterói (FMS)

Palavras-chaves: Pessoas vivendo com HIV e Aids., População em situação de pobreza., Outros

Resumo:

Contextualização: a tecnologia e os recursos disponíveis, as ações desenvolvidas e os avanços no conhecimento da tuberculose (TB) não têm sido suficientes para seu controle, levando a Organização Mundial da Saúde a declará-la uma emergência mundial. O impacto que a infecção pelo HIV pode causar sobre a epidemiologia da TB em uma determinada população envolve diversos fatores, entre eles: a prevalência do HIV e sua tendência; a prevalência da infecção pelo *Micobacterium tuberculosis* e sua tendência; o risco de os infectados (HIV/TB) desenvolverem tuberculose; a taxa de detecção de casos, de cura, de abandono de tratamento de bacilíferos, a taxa de recaída da tuberculose em pessoas infectadas ou não pelo HIV.

Objetivo/Método: analisar as características clínicas e epidemiológicas da TB em pessoas vivendo com HIV/AIDS, atendidas no Município de Niterói (RJ). Foram estudadas as notificações de tuberculose encaminhadas à Fundação Municipal de Saúde, no período de 1995 a 2001 (até 31/05/01).

Principais resultados: das 5523 notificações, em 3773 (68,3%) não foram realizados exames laboratoriais para a detecção do HIV; 506 (9,2%) foram negativos e 475 (8,6%) eram soropositivos. Do total de pacientes portadores de HIV/AIDS, 279 (58,7%) eram residentes em Niterói. Somente 27,2% (129) apresentaram baciloscopia do escarro positiva. As radiografias de tórax revelaram imagem suspeita em 72,8% (346) dos casos. A forma pulmonar foi a mais frequente (54,5%), seguida pela extrapulmonar (25,9%). Em 18,1% dos pacientes houve associação das duas formas clínicas. Entre as extrapulmonares, predominaram os quadros ganglionares periféricos (21,9%), pleurais (4,8%) e miliares

(4,2%). Foram identificados comunicantes em apenas 20,2% dos casos. O teste tuberculínico foi não reator em 54 casos (11,4%), reator fraco em 8 (1,7%) e reator forte em 35 (7,4%); não foi realizado em 73,5% das notificações. Cerca de 2/3 dos pacientes (311) eram virgens de tratamento específico; 85 (17,9%) fizeram tratamento anterior; destes, 6,5% informaram cura e 11,4%, abandono.

Conclusões: A tuberculose ainda representa um grave problema de saúde pública que ressurgue como conseqüência do empobrecimento da população, da desestruturação dos serviços de saúde, da AIDS e dos movimentos migratórios, entre outras questões. O quadro clínico e bacteriológico das pessoas portadoras do HIV tem importância epidemiológica significativa. É fundamental destacar o valor do comprometimento dos profissionais de saúde com as principais medidas preventivas e de controle padronizadas: ações educativas integradas; vacinação BCG; procura efetiva de casos; quimioprofilaxia; tratamento adequado; registro, consolidação e análise dos dados por todos os níveis do sistema de saúde.

POLÍTICAS PÚBLICAS - INICIATIVAS DE PREVENÇÃO ÀS DST/
AIDS ENTRE USUÁRIOS DE DROGAS INJETÁVEIS NO
INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Autor: Sueli Santos

Apresentador: Sueli Santos

Contato: suelias@crt.saude.sp.gov.br

Co-autores: Caio Westin; Milena Prado de Mello; Cristiane Gonçalves;
Joseja Laurindo; Marcia Giovanetti;

Instituição: Coordenação Estadual de DST/AIDS - SP

Palavras-chaves: Modelo de Atenção, Usuários de Drogas, Redução
de Danos

Resumo:

Introdução: A Gerência de Prevenção da Coordenação Estadual de DST/AIDS- SP, coordena as ações preventivas no Estado. Dentre os seus núcleos está o Núcleo de Atenção às Populações mais Vulneráveis. Estas ações são dirigidas às populações mais vulneráveis às DST/AIDS que contemplam os/as profissionais do sexo, usuários de drogas, homens que fazem sexo com homens e travestis. Estas populações tem características comuns que as vulnerabilizam, como a exclusão e marginalidade social, questões de cidadania e direitos humanos, sempre permeando as estratégias de prevenção e um trabalho de campo.

Objetivo: Expandir as ações de prevenção às DST/AIDS em populações mais vulneráveis em 15 municípios considerados prioritários na implantação de ações preventivas.

Proposta/Desafio: São municípios considerados prioritários pois enfrentam um evidente preconceito por parte dos profissionais de saúde e da comunidade em trabalharem com esta população, sua importância na epidemiologia do estado de São Paulo bem como o baixo nível de recursos humanos e financeiros por parte dos serviços municipais de saúde. Atualmente as ações da Coordenação Estadual estão voltadas a usuários de drogas injetáveis ou não, que permeiam outras populações mais vulneráveis.

Resultados: Até o momento, foram realizada três visitas a tres municipios considerados prioritários. Até o final do mês de Agosto, estão agendadas sete novas visitas,(sete municípios) e até o final do ano, estão previstas outras cinco. Esperamos desta forma, obter uma avaliação das ações de prevenção no estado de São Paulo, as quais nortearão as estratégias de investimento da Cooredenação Estadual. Tais avaliações será de suma

importância não somente para esta Coordenação, de nível central, mas principalmente para as Divisões Regionais de Saúde (DIRs), que foram estrategicamente envolvidas em todas as fases do processo, priorizando seus municípios. Tais avaliações serão relatadas oficialmente e entregues às DIRs e seus municípios, embasando o processo de implantação e implementação das ações a serem desenvolvidas na região. Estes relatórios são realizados logo após o término de cada visita que dura em média cinco dias por região ou município estratégico.

ÉTICA CIDADANIA E REDUÇÃO DE DANOS; A POSTURA DO REDUTOR

Autor: Giovanna Quaglia

Apresentador: Giovanna e Domiciano

Contato: giovanna@undcp.org.br

Co-autores: Domiciano Siqueira;

Instituição: ABORDA

Palavras-chaves: Direitos Humanos, Redução de danos,

Resumo: Quando falamos de redução de danos temos que ter em mente a que postura ética estamos nos referindo. A ética consiste essencialmente num juízo sobre nossa ação. A consciência ética é nossa capacidade de reconhecer no outro nossa própria humanidade. É por isso que falar de ética é falar da efetivação dos direitos humanos e do exercício da cidadania. Porém ao se falar ética cometemos um erro generalizador, devemos aqui adotar a postura de uma ética. Quando falo uma ética estou trazendo a tona a reflexão de qual é o norteador das atitudes de redução de danos. Qual a ética desse trabalho? A redução de danos orienta a execução de ações para a prevenção das conseqüências danosas à saúde que decorrem do uso de drogas, sem necessariamente diminuir na oferta ou no consumo, caracterizando-se como uma estratégia típica de saúde pública, particularmente importante para o controle da epidemia da aids e das hepatites. É no âmbito dessa definição que devemos pensar qual é a ética que orienta o trabalho do redutor de danos e do redutor. A consciência ética em RD permite-nos pensar que a pessoa que faz uso de drogas é antes de mais nada um ser humano e um cidadão, assim essa pessoa deve ser vista de forma a ser incluída na sociedade. Assim devemos ter uma postura discriminatória e não segregativa., ou seja, devemos lembrar que os direitos e deveres são iguais para todos., mas isso não elimina as diferenças individuais e grupais das pessoas. Ao trabalharmos com usuários de drogas injetáveis devemos pensar em direitos, deveres e privilégios para esse grupo de pessoas de forma que possam usufruir das respostas sociais e de saúde que tenham por objetivo reduzir tanto o consumo de drogas quanto os danos sociais e de saúde decorrentes dos diferentes usos das diversas drogas. O presente trabalho apresentará os resultados de duas oficinas de Ética e Redução de Danos conduzidas nos treinamentos de redutores de danos no Brasil pela ABORDA nas cidades de Foz do Iguaçu e em São Paulo. Partindo dos trabalhos do grupo, dos comentários e falas dos redutores treinados foi contruído um perfil de qual seria a conduta ética do redutor de danos no campo.

ESTRATÉGIAS DIFERENCIADAS IMPLEMENTADAS PELO PRD DA BAHIA

Autor: Maria Eugênia Nuñez

Apresentador: Maria Eugênia Nuñez

Contato: eugeniaanunez@usa.net

Co-autores: Coutinho, Monica; Andrade, Tarcísio;

Instituição: Programa de Redução de Danos- PRD/CETAD

Palavras-chaves: Redução de Danos

Resumo: O PRD na Bahia, desde a sua origem em 1995, sempre se caracterizou por um intenso trabalho junto à comunidade de UD e comunidade em geral, valorizado pela importante figura do Agente de Saúde, capacitados moradores do bairro onde atuam, elo entre a comunidade de UD e as instituições. Se estabeleceram pontos fixos de trocas de seringas nas próprias casa destes agentes de saúde, onde se realizam reuniões noturnos com a comunidade de UD, se estabelecem vínculos com instituições comunitárias, hoje convertidos em pontos fixos de trocas de seringas. A troca de seringas sempre foi entendida por nós como a estratégia que dá maior visibilidade a RD, porém não a única. O vínculo com UD vai muito além da troca de seringa, é um vínculo que estabelece uma escuta que possibilita o respeito e a confiança pelo sujeito o usuário na sua dimensão global, atendendo a seus aspectos médicos, sociais e subjetivos. Estabelecemos o trabalho em rede articulando parceria com outras instituições que servem de retaguarda no tratamento e à assistência do UD. Nestes 06 anos outras abordagens foram implementadas tais como: Cinema na Rua, Projeto de Saúde Reprodutiva entre Mulheres, Parceria com o PACS (Programa de Agentes Comunitários), Ambulatório à Usuários de Anabolizantes e Usuários de Crack , Projeto Pontos Móveis de Prevenção, Oficina de Redução de Danos na Clínica do CETAD, etc. O trabalho de redução em sintonia com as demandas da comunidade exige continuamente por parte do programa mudança e ampliação dessas estratégias.

EXERCÍCIO DE CIDADANIA E PREVENÇÃO DST/HIV

Autor: Ricardo Barbosa Martins

Apresentador: Ricardo Barbosa Martins

Contato: ricmart@usp.br

Co-autores: Cristiane G. Meireles da Silva;

Instituição: Centro de Referência em DST/HIV/AIDS

Palavras-chaves: Homens que fazem sexo com homens, Exclusão social, sexualidade

Resumo:

Contextualização: Este trabalho foi realizado a partir da experiência com grupo de homens que fazem sexo com homens que pertencem, como voluntários, a um estudo de coorte sobre prevalência e incidência de HIV PROJETO BELA VISTA CRT/DST/AIDS da Secretaria de Saúde de SP. Neste, além da rotina de exame clínico, coleta de sangue e entrevistas sócio-comportamentais, oferece-se aos voluntários uma atividade de grupo que acontece quinzenalmente. A participação na atividade é livre caracterizando um grupo aberto, no qual se discute a cada encontro, um tema previamente proposto e definido por um cronograma semestral. Ao assumir a coordenação dessas atividades (há dois anos), mantive a proposta inicial em coordenar a atividade mantendo as discussões centradas na fala dos componentes. Esta tendência de funcionamento do grupo foi considerada e dimensionada metodologicamente, visto que o grupo nos pareceu ávido para ser escutado dentro dos temas propostos.

Metodologia: A atividade de grupo acontece quinzenalmente, com temas determinados, tais como, identidade, família, relacionamento, ansiedade frente ao HIV, etc. No início de cada atividade o grupo se apresenta. O desencadeamento da atividade pode se dar ou pela apresentação do tema ou pela exibição de um filme. O grupo é estimulado a falar como se sente envolvido pelo tema em questão, como se sentem envolvidos por ele. O coordenador executa um papel de escuta ativa do processo grupal que se estabelece naquele único encontro, trazendo o tema próximo da discussão, comunicando ao grupo, sempre que possível, suas principais características frente ao tema, sintetizando as proposições e conclusões.

Resultados: Apesar de se tratar de um grupo aberto, havendo variação das pessoas que frequentam as atividades, nota-se que as atividades assumem papéis bastante específicos e variados nos participantes.

Observa-se desde um simples convívio com seus pares semelhantes, até aqueles que verbalizam ter encontrado alguma organização de sua experiência frente às dos outros.

Conclusões: O fenômeno da AIDS trouxe à tona comportamentos sexuais, muitas vezes ainda não apresentados na vida cotidiana e familiar. Eis a situação da população HSH que abordamos. Falar de Aids e prevenção para esta população, torna-se necessário recuperar aspectos da existência, muitas vezes dolorosa, da sexualidade exercida como condição marginal, erro moral e desvio. O estigma da Aids sobre a população HSH recoloca as condições existenciais, silenciosas, agora sob a luz do adoecer. Esta experiência mostra o quanto é imprescindível, ao falar de Aids ou prevenção, para esta população, considerar as condições onde a sexualidade tem sido exercida. Sem esta passagem é difícil pensarmos em estratégia de ensino; não saberíamos dizer qual dor poderia ser mais aguda a da exclusão ou do risco de adoecer.

AValiação DO IMPACTO SOBRE A TRANSMISSÃO VERTICAL

Autor: José Ricardo Pio Marins

Apresentador: José Ricardo Pio Marins

Contato: dstaids@terra.com.br

Co-autores: Maria José de Souza; Vitor Lippi; Miriam Ap.O.Fernandes; Maria de Fatima L.V.Mendonça; Ivone F.R.Gongora; Rosane Loures Vicentino; Enilda Reis Fogaça;

Instituição: Prefeitura Municipal de Sorocaba

Palavras-chaves: 66

Resumo:

Contextualização: A evolução da epidemia da AIDS no Brasil, tem sido marcada pelo rápido aumento do número de casos em mulheres e por conseqüência, aumento da ocorrência da infecção em crianças. Devido a estes aspectos e a falta de acesso aos testes diagnósticos o número de mulheres em idade reprodutiva que desconhecem seu status sorológico é elevado (0,32% a 0,5% no Brasil), fato que determina a manutenção da alta incidência da Transmissão Materno Infantil (TMI) no país. Para enfrentar esta realidade o Programa de Aids de Sorocaba (500.000 hab.), começou em 97 a oferecer o teste voluntário anti HIV para todas gestantes no serviços do município. Considerando a grande redução da TMI através do uso do ACTG 0076, a disponibilidade de serviço pré-natal com ampla cobertura no município; a disponibilidade de maternidades públicas; e o fato da intervenção na gestação ser a única oportunidade de afastar a infecção por HIV, definiu-se a factibilidade da implantação de um projeto municipal que possibilitasse avaliar o impacto na redução dos casos de AIDS pediátrico.

Metodologia: 1 – Disponibilidade de testes anti-HIV nas 26 unidades básicas de saúde; 2 – Disponibilidade de testes rápidos nas maternidades públicas; 3 – Controle em impresso próprio do número de gestantes testadas e do número de testes anti-HIV realizado nas unidades de saúde. 4 – Realização de pré-natal especializado e puerpério na Clínica Municipal de DST/AIDS. 5 – Realização do Protocolo ACTG 0076. 6 – Seguimento das crianças expostas ao HIV com pediatra treinada na Clínica Municipal de DST/AIDS.

Resultados: Foram realizados 5.838 pré-natais e 5.994 testes anti-HIV totalizando 100% de cobertura. Identificou-se 38 gestantes como HIV positivas (0,6%). O número esperado de crianças infectadas no município

seria de 11 crianças. Com a intervenção dentre 28 mulheres que fizeram ACTG, apenas 1 criança tornou-se positiva (3,7%) e as demais que não fizeram, 1 criança soroconverteu (10%), definindo 5,2% de prevalência e 82% de redução da TMI.

Conclusão: É totalmente possível disponibilizar o teste anti-HIV para gestantes na rede e as mulheres não se recusam a fazer o teste. A gestação é o momento para intervir na única oportunidade de evitar infecções por HIV, já em curso. O custo benefício da experiência mostra-se vantajoso e percebe-se que a continuidade da existência da AIDS pediátrica depende mais da definição de uma política de saúde do que do agente etiológico da infecção.

MONITORAMENTO DE PACIENTES CO-INFECÇÃO PELO HIV

Autor: Maria Tereza Magalhães Morais

Apresentador: Maria Tereza Magalhães Morais

Contato: dst@pmvc.com.br

Co-autores: Lygia Matos Barreto de Castro; Priscilla D B Infante; Eloisa F Norbert da Silva; Janete Abreu;

Instituição: Centro de Referência em DST AIDS

Palavras-chaves: Terapia Anti-retroviral, Pessoas Vivendo com HIV AIDS, Diagnósticos

Resumo:

Contextualização: A infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) vem sendo avaliado, além dos parâmetros clínicos, pelos parâmetros laboratoriais através da contagem de linfócitos T CD4+ e da Carga Viral com apreciável valor prognóstico determinando o início e a mudança da terapia anti-retroviral (ARV). Analisou-se neste trabalho os resultados da contagem CD4+ e da Carga Viral dos pacientes infectados pelo HIV acompanhados no Centro de Referência em DST/AIDS, participante da Rede de Laboratório de CD4 e Carga Viral do Ministério da Saúde, no período de outubro de 2000 a maio de 2001.

Descrição e método: Entre outubro de 2000 e maio de 2001, 227 pacientes fizeram exames de carga viral do HIV-1 pela metodologia NASBA (Núcleoic Acid Sequence Basic Amplification-Organon Teknika), e 289, Contagem de Linfócitos T CD4 + CD8 por Citometria de Fluxo Facs Count (Becton Dickinson). Durante este período, 42 pacientes retornaram ao serviço para realizar um 2º teste e 1 pacientes fez 3 determinações. O tempo médio entre o 1º teste e o subsequente foi de 4,5 meses.

Principais resultados: Observou-se grande variação nos níveis de Carga Viral. Dos pacientes avaliados 19 (8,37%) apresentaram queda de Carga Viral; 14(6,17%) apresentaram nível de Carga Viral inferior a 40 cópias por ml (limite inferior de detecção do teste);14 (6,17%) mantiveram a Carga Viral inferior a 40 cópias;11 (4,84%) não apresentaram alterações significativas de Carga Viral; 8 (3,52%) apresentaram aumento da Carga Viral e 54 (23,8%) realizaram o teste pela 1º vez com a finalidade de iniciar tratamento.

A contagem de Linfócitos CD4 + CD8 + mostrou também uma grande variação dos resultados, sendo que apenas 14 (4,84%) dos pacientes apresentaram CD4 + em níveis normais.

Conclusões: A redução da viremia observada em 8,37% dos pacientes a níveis indetectáveis é a meta atual do tratamento de todos os pacientes infectados pelo HIV-1, sendo o emprego da Carga Viral de grande valor, e que associada a contagem de CD4 + e CD8 + ajudam a monitorar o paciente determinando o início ou a alteração da terapia ARV.

No grupo de pacientes sem tratamento e que fizeram estes exames pela 1ª vez 31(57,4%) tiveram Carga Viral superiores a 10.001 e 23% tiveram Carga Viral inferior a 10.000.

GALERA - UM PROJETO QUE INVESTE NO PROTAGONISMO INFANTIL

Autor: Estela Márcia Scandola

Apresentador: Estela Márcia Scandola

Contato: ibiss.co@enersulnet.com.br

Instituição: Instituto Brasileiro de Inovações pró -Sociedade

Palavras-chaves: Adolescente, Educação, Sexualidade

Resumo: Em 1998, o IBISS desenvolveu no Bairro Zé Pereira o Projeto Previna Mulher e as usuárias deste reivindicaram um trabalho com a mesma metodologia com suas filhas, pois muitas estavam ficando grávidas; ao procurarmos a escola, professores e direção acataram a solicitação da comunidade, cuja demanda maior era por não conseguirem lidar com a precocidade da atividade sexual, incluindo várias situações no interior da própria escola e, de outro lado, mulheres do Clube de Mães e técnicos do IBISS já haviam identificado na comunidade, muitos casos de exploração sexual, bem como a presença de vários moradores doentes de AIDS. Mesmo com tantas e diferentes demandas, não havia nenhuma iniciativa para um trabalho comunitário. Surge o Previna Menina. É um projeto de intervenção social que desenvolve pesquisas permanentemente, cujo alvo são criança e adolescentes, trabalhando suas vulnerabilidades e construindo seu processo de autonomia. É um projeto que tem público-alvo primário crianças e adolescentes e público secundário construído constantemente a partir das necessidades apresentadas pelos grupos e, nesses anos de desenvolvimento, já envolveu as famílias, professores, direção de escolas, lideranças comunitárias e operadores do direito da infância e juventude. Novas demandas foram detectadas e atualmente o projeto está construído para trabalhar meninas, meninos e meninas em conjunto, diferentes faixas etárias a partir de 9 anos constituindo-se, atualmente, no PREVINA GALERA.

Descrição do método: Por acreditar na capacidade de desenvolvimento do protagonismo, o projeto trabalha com a problematização da realidade vivida pelas crianças e adolescentes, adaptando suas técnicas para cada idade atingida, mas tendo sempre como procedimento atividades lúdicas, integrativas com a família e a escola e capacitação para a busca dos seus direitos. São realizadas oficinas com as crianças, famílias, educadores e lideranças comunitárias e visitas de cidadania aos principais órgãos dos direitos da criança e adolescente como Conselho Tutelar, Unidade de Saúde, Delegacia da Mulher ou outro que for demandado.

As visitas são precedidas de capacitação básica sobre trânsito, em parceria com o **detranzinho**. Como o projeto pode ser adaptado a diferentes grupos infanto-juvenis, já foi executado com adolescentes trabalhadores e vitimizados pela violência sexual.

Principais resultados: Dado o seu alto impacto junto à comunidade escolar e às famílias, levantados sempre por pesquisas de campo através de entrevistas e questionários, o Projeto foi agraciado pelo Prêmio Roche de Incentivo às ONGs- 1999 e tem se constituído em uma referência para capacitação de recursos humanos que visam o trabalho com a infância e a adolescência, sexualidade, aumento do volume de informações para todos os destinatários, melhoria do diálogo nas famílias e na escola, visibilidade da metodologia de educação sexual participando de vários programas de televisão sobre o tema, melhoria das relações familiares, educacionais e institucionais.

Conclusões: O projeto constitui-se num grande fórum de debates sobre as adversidades do exercício da sexualidade precoce e com riscos e a metodologia de educação sexual. É um projeto de fácil execução e grande impacto desde que a escola seja assistida por profissionais capacitados. O trabalho de primar pelo desenvolvimento da autonomia, solidariedade, cidadania e defesa dos seus direitos efetivamente constrói protagonismo infanto-juvenil.

A PRÁTICA DO HOMOSSEXUALISMO ENTRE MULHERES DETENTAS

Autor: Annecy Tojeiro Giordani

Apresentador: Annecy Tojeiro Giordani

Contato: annecy@eerp.usp.br

Co-autores: Sonia Maria Vilela Bueno;

Instituição: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP

Palavras-chaves: Mulheres, Lésbicas, Populações confinadas

Resumo: É comum o homossexualismo em como cadeias e penitenciárias. O homossexualismo não é doença, mas, quanto à vulnerabilidade as DST/aids, deve ser considerado, também as práticas homossexuais femininas, pois a presença de sangue menstrual ou traumatismos possivelmente decorrentes da relação sexual, potencializam os riscos de infecção pelo HIV e DST. Objetivamos correlacionar práticas homossexuais entre detentas à transmissão do HIV e DST, através de sangue contaminado e secreções sexuais, orientando nossos sujeitos a comportamentos favoráveis a autoproteção e de suas parceiras na cadeia e fora dela. Trabalhamos 16 detentas, (06) heterossexuais e (10) homossexuais, entre 18 e 34 anos, maioria mãe, solteira, baixo nível de escolaridade, traficante, vivendo numa cadeia feminina no interior paulista. Desenvolvemos uma pesquisa-ação humanista e qualitativa, atendendo aos preceitos éticos e o rigor científico. Aplicamos questionário aberto, gravado em fitas K-7 com transcrição das falas e a devida autorização por escrito dos sujeitos. A maioria, acha a aids e as DST doenças atemorizantes, que levam a morte, e embora dêem importância a prevenção, elas não se previnem nas relações homossexuais na cadeia. Fora da cadeia, a prevenção também é falha e não freqüente com seus parceiros(as) sexuais. A maioria das homossexuais entrevistadas, refere opção consciente e espontânea. Há entre os sujeitos homossexuais, detenta soropositiva ao HIV. Entre as heterossexuais, o preconceito é mínimo, convivendo bem com a prática do homossexualismo na cadeia. Fidelidade é valorizada e cobrada entre os casais e o ciúme gera brigas. Há cumplicidade entre as detentas e a carceragem, que finge não ver, talvez, pelo difícil controle da prática do homossexualismo na prisão. Um número significativo de mulheres homossexuais, já se relacionou com homens antes da prisão, ou se relacionarão quando em liberdade, com homens e mulheres. A reincidência no crime e na detenção, favorece a transmissão e a troca de parceiros. Muitos destes futuros casos também

compartilharão o uso de drogas injetáveis, serão parceiros(as) no tráfico e em outros crimes, reforçando a vulnerabilidade destas mulheres à infecção das DST, HIV-aids transmitidas pelas vias sanguínea e sexual.

PROJETO EROS - PREVENÇÃO PARA PROFISSIONAIS DO SEXO MASCULINO DE RUA

Autor: Edna Bordon Lopes

Apresentador: Edna Bordon Lopes

Contato: ibiss.co@enersulnet.com.br

Instituição: Instituto Brasileiro de Inovações Pró Sociedade Saúde

Palavras-chaves: Travestis, Profissionais do Sexo Masculino, profissionais do sexo feminino

Resumo:

Contextualização: O projeto Eros- Prevenção para profissionais do sexo masculino de rua, teve início em 1995 após várias denúncias de assassinatos de travestis. A preocupação era saber se tais assassinatos teriam alguma ligação com a propagação do vírus HIV. Deu-se início uma observação que durou 35 dias.

Descrição/Método: Em 1997 teve início a Proposta de Trabalho de Prevenção com profissionais do sexo masculino de rua, cujo objetivo era traçar perfil da clientela direto e indireto e incentivar a organização do grupo. Os encontros entre o público e a equipe se davam durante a noite num trailer (onde o pessoal fazia lanche e bebia) através de uma parceria entre o projeto e o dono do trailer, o mesmo local que posteriormente se tornou posto de troca de vale-preservativos. No ano de 1999 desenvolveu-se um trabalho sistemático com os profissionais do sexo nos diversos pontos de prostituição. Neste ano houve a inclusão de Garotos e garotas de Programa. Inicialmente a proposta era de se trabalhar apenas com os garotos que fazem programa, porém por se tratar de um grupo de difícil acesso, iniciamos os primeiros contatos com as garotas. A proposta de continuidade que trabalhamos desde outubro de 2000, objetiva reduzir a incidência de HIV/AIDS através de um trabalho sistemático, atendendo o público objetivo não apenas nas ruas, mas com oficinas de capacitação para travestis, homens e mulheres que fazem programa nas ruas e população frequentadora dos bares (postos de distribuição e preservativos).

Principais resultados: Durante o período trabalhado com os profissionais do Sexo de Rua na cidade de Campo Grande, sempre tivemos como proposta institucional a construção de vínculos. O IBISS-CO é referência tanto para os profissionais do sexo, como para universidades e outras entidades governamentais ou não governamentais para assuntos relacionados aos direitos, à saúde, a segurança e outros que envolvem a prostituição com cafetagem e o narcotráfico, que

interligam diversas cidades do país e alguns países vizinhos, como Colômbia e Paraguai sendo esse um público de alta rotatividade. Por conta do Projeto Eros, existe hoje uma Associação das Travestis de Mato Grosso do sul, com 30 associados. Foi possível a elaboração do Projeto Direito de ter Direitos, que trata os direitos dos portadores dos vírus HIV, trabalhos de pesquisas das universidades, encaminhamento de jovens e adolescentes a cursos profissionalizantes, participação de uma travesti no Encontro Nacional de Crianças e Adolescentes vítimas de Exploração Sexual Recife/ PE, Participação de três travestis no VIII ENTLAIDS Encontro de Travestis e Liberados- Cabo Frio /R, Parceria com a Coordenação Municipal de DST/AIDS de 1º de maio à 31 de dezembro de 2000. Através do contato direto nas ruas durante o período noturno, fazemos os encaminhamentos aos serviços de referência para tratamento e/ou diagnóstico de DST/AIDS.

Conclusão: Asseguramos através dos relatos feitos pelos profissionais do sexo a adesão ao uso do preservativo com seus clientes. Desde o seu início o projeto produziu um vídeo da pesquisa de observação; vídeo sobre a realidade dos HMR, Folders, Fotos, Cartilha Educativa, Album seriado, mapa de entidades e contatos, método de trabalho da experiência desenvolvida, cadastro mínimo dos homossexuais masculinos de rua e adesivo auto colante.

PROJETO SEXO E SAÚDE BOA QUALIDADE DE VIDA UM BATE PAPO

Autor: Semiramis Vedovatto

Apresentador: Adhemar Cabelo

Contato: semiramis@bol.com.br

Palavras-chaves: Adolescentes /Adultos/Jovens, Comunicação, Educação

Resumo:

Contextualização: O presente projeto de produção de material informativo, surgiu de uma demanda da Escola, do uso racional e pedagógico dos computadores e da necessidade de aprofundar temática Sexualidade (DST/AIDS) sentida pelos professores da área de Biologia, devido a ocorrências na escola (gravidez na adolescência)

Descrição/Método: Primeiro passo foi explicar a idéia aos professores a idéia de explorar diferentes recursos de mídia (inclusive Internet) para tratarmos a questão. Publicamos anúncio revista NOVA ESCOLA buscando parcerias para troca de trabalho e assim surgiu a idéia de em sala usando matérias da FOLHA TEEN, discutir alguns assuntos, levantar dúvidas(feitas de forma anônima e, pedaços de papel depositados numa urna) e em sala de bate papo (INTERNET) leva-las até o profissional (conectado na cidade da Lapa) para responder. Participaram alunos do 2º e 3º colegial, de ambos os sexos (aproximadamente 50 alunos), foram realizados 4 encontros(1 vez por semana) e contamos com a participação de outras escolas da região.. Após a realização do bate papo (não havia identificação), retomar as questões em sala de aula, para montagem de novos textos, gráficos e aprofundamentos das questões.

Principais Resultados: O uso de novas tecnologias mostrou-se eficiente e motivou a participação dos alunos, inclusive daqueles considerados mais tímidos/apáticos/indisciplinados. Nota-se que apesar de estarem imersos na informação, os jovens ainda desconhecem o funcionamento de seu corpo pois 40% das questões giram em torno de anatomia e funcionamento do corpo, 30% das questões versam sobre métodos contraceptivos,20 % das questões sobre DST/AIDS e 10 % das questões versam sobre o que chamamos de Etiqueta Sexual e Preferências Sexuais. O fato de não haver identificação nas perguntas também foi outro atrativo, pois perde-se o medo de expor-se, devido a garantia do anônimo. As dúvidas não respondidas on-line foram respondidas depois via email. Deste trabalho nasceram textos elaborados

pelos alunos, gráficos, informativos, cartazes, charges, uma HP (www.ondanet.com.br/sexoesaude) e uma peça teatral: “Você não dorme mais na minha cama”, de autoria do aluno Marcelo, um monólogo sobre SIDA a louca.

Conclusões: Através deste uso racional da mídia eletrônica conseguimos fazer com que os alunos repensassem nas suas decisões, no tocante a sexo e aids no seu cotidiano da vida moderna. Alertá-los dos perigos de que os cercam, e capacitá-los para o enfrentamento da vida real. Buscar o aís profundo “ eu “, usar a sua liberdade em prol de uma vida jovem e saudável, sem traumas, preconceitos e sem sentimento de culpa. Incitando-o em sua vida particular, no mais íntimo da sua jovialidade, procurar ajudá-lo no seu conhecimento sobre sexo e suas nuances, assumindo sua vida sexual de forma mais segura e apropriada. Notamos uma sala de aula mais motivada e interessada, professores envolvidos mais comprmissados, inclusive professores de outras áreas de conhecimento.

PROJETO ARCO-ÍRIS-PROMOÇÃO DA CIDADANIA E DA PREVENÇÃO

Autor: Ricardo do Santos

Apresentador: Ricardo do Santos

Contato: gadahsh@terra.com.br

Co-autores: Júlio César Figueiredo Caetano;

Instituição: Gada Grupo de Amparo ao Doente de AIDS - Brasil .P

Palavras-chaves: Prevenção às DST/AIDS, Cidadania, Parceria com as UBS's e outros

Resumo: O Projeto Arco-Íris, executado pelo GADA – Grupo de Amparo ao Doente de AIDS em parceria com o Programa Municipal e Coordenação Nacional DST/AIDS – MS, vêm desenvolvendo ações de prevenção às DST/AIDS junto 210 homossexuais masculinos e seus parceiros sexuais da periferia do município de São José do Rio Preto-SP, objetivando reduzir o índice de infecção às DST/AIDS e estimular o exercício da cidadania desta população, através da promoção de ações educativas e preventivas. Garantir o acesso e a melhoria da qualidade da assistência às DST/AIDS na rede pública municipal; Sensibilizar a sociedade em geral para as questões das violações dos direitos humanos dos homossexuais; As ações deste projeto são desenvolvidas através de trabalhos em pares por agentes moradores, que tem como atividades; - Visitas residenciais diárias aos participantes; -Realização de sessões de aconselhamento em DST/HIV/AIDS, Redução de danos, Demonstração e verificação do uso correto do preservativo masculino;- encaminhamento para testagem sorológica em HIV/Sífilis no CTA/COAS e outros encaminhamento para as Unidades Básicas de Saúde; -Oficinas de sexo seguro e Cidadania para os homossexuais e seus parceiros;- Distribuição de cota de preservativo masculino e kits de redução de danos;- Elaboração, confecção e distribuição de materiais educativos e de prevenção às DST/AIDS;-Reuniões de Grupo de Ajuda Mútua sobre cidadania e direitos humanos;-Sensibilização dos profissionais de saúde das Unidades Básicas e visitas de integração realizadas pelos agentes à estas Unidades.Esperamos o empoderamento dos homossexuais, uma maior mobilização política e humana para o enfrentamento das frequentes violações dos direitos humanos a que são submetidos. Facilitar um maior acesso aos serviços de saúde e diagnósticos. E estimamos um aumento no relato de práticas de sexo protegido, e estabelecer uma rede de distribuição do preservativo masculino e um aumento na auto-estima

AIDS PREVENTION STUDY INCARCERATED MALE
ADOLESCENTS IN A JUVENILE GOVERNMENTAL FACILITY
IN SÃO PAULO, BRAZIL

Autor: Camila Alves Peres

Apresentador: Camila Alves Peres

Contato: camilaperes@osite.com.br

Co-autores: Fernanda da Silva; Betina Leme; Marcelo Roman; Norman Hearst;

Instituição: Programa Estadual DST/AIDS do Estado de São Paulo

Palavras-chaves: Adolescentes, Exclusão Social, Educação

Resumo:

Context: Juvenile crime and violence are serious social and health problems in the main urban areas of Brazil, especially Sao Paulo, the country's biggest and richest city. Homicide is already the leading cause of death among young adult aged 15 to 25 in Sao Paulo, and the rate is highest in the poor urban areas in the periphery of the city Poor adolescents in Sao Paulo receive little social and educational support. Unfortunately, gangs and crime provide one of the few available opportunities to be part of a group, develop an identity, test limits, and earn money and respect. Young people in this scene are often at high social and individual risk for HIV infection, other sexually transmitted diseases, drug use, and violence. The only study of HIV prevalence among incarcerated adolescents in Sao Paulo, done in 1995, found that 2.6% of 1112 boys and 10.3% of 87 girls were HIV-positive We investigated social and familial support, knowledge, practices and attitude regarding AIDS and prevention among 275 incarcerated male adolescents to develop a prevention model for this population.

Method: This study was conducted in three educational units of the biggest complex for incarcerated adolescents of the state of Sao Paulo-FEBEM/Tatuapé. We developed and administered a structured questionnaire. Topics covered by the instrument included demographic, social and familial characteristics, use of drugs including alcohol, HIV risk perceptions and risk-related behaviors, knowledge and beliefs about condoms, condom self-efficacy and knowledge about health services for treatment and prevention.

Results: 98% of adolescents were sexually experienced, 69% of these initiated sexual activity between the ages of 8 and 13 and 22% were fathers. Of all boys, 5,5% had used injection drug, 12% had exchanged

sex for money or other benefits, and 35% had had more than 15 partners and 8% had had homosexual experience (inside or outside prison). While 72% had already used condoms, only 9% used condoms with all partners and 65% did not use condom in the last intercourse before entering in this facility. Of all boys, 58% said that condoms disturb the sex and 83% that condoms are fragile. Most of them said that getting HIV or other STDs is “part of life” and that in their lives there were other risks worse than getting AIDS, such as survival in the crime scene. AIDS was not a high priority important subject that the boys wanted to discuss. But, when we developed an intervention based on the interests and real needs of these boys, using hip-hop arts as channel of communication with them, it was enthusiastically accepted by these adolescents.

Conclusion: These incarcerated adolescents are at extremely high social risk and report high levels of risk activity for HIV infection. And, interventions will be much better received if integrated into the social and cultural context of people’s lives, especially if they themselves have the opportunity to help design the intervention program. Before launching an AIDS prevention intervention, especially one directed towards a group with special needs, one must truly listen to the group’s beliefs, wishes, and culture. We offered alternatives to unprotected sex and death due to their criminal life. The intervention addresses issues beyond AIDS prevention, such: violence, drugs, sexuality and human rights.

PROJETO CONSCIÊNCIA- RELATO DE EXPERIÊNCIA
REALIZADO EM FLORIANÓPOLIS NOS ANOS DE 1993 A 2001

Autor: Luiz Fernando Martins

Apresentador: Luiz Fernando Martins

Contato: projconsciencia@hotmail.com

Co-autores: Maria Christina Salomon Guimarães; Iurin Basto Polonio;
Jair Serafim;

Instituição: GAPA/SC

Palavras-chaves: Profissionais do sexo masculino, Adolescentes e adultos jovens, Aconselhamento

Resumo: A partir de trabalho desenvolvido no ano de 1993, por um voluntário do GAPA/SC, com os michês (garotos de programa) que fazem “ponto” no centro de Florianópolis, foi possível observar a necessidade de implantação de um programa educativo em DST’s HIV-AIDS com este grupo populacional. Constatou-se a existência de três subgrupos que se diferenciam na forma de atuar, enquanto michês: a população fixa a população ocasional e a população flutuante. O primeiro grupo caracteriza-se enquanto o mais vulnerável, formado por jovens garotos de 12 a 25 anos, muitos deles egressos de Programa de Atendimento a criança e ao adolescente em situação de rua e exercendo a atividade de profissional do sexo para garantir sua subsistência. Cabe ressaltar que o projeto foi aprovado pelo Ministério da Saúde e conta no ano de 2001 com recursos para implementar as ações.

Metodologia: Abordagens de rua e atendimentos individuais no “consultório” (banco da praça central) onde são repassadas orientações sobre a prevenção de DST’s –HIV/AIDS, bem como a entregas de preservativos e material informativo e/ou educativo.

Principais resultados: Entre os êxitos alcançados pelo Projeto, destacamos como fundamental o resgate da cidadania (documentos, inserção junto aos serviços de saúde, etc), além do mapeamento da população alvo, realização de oficinas para formar agentes multiplicadores, articulação e fomento de trabalhos de prevenção em outros municípios do estado.

Conclusões: Atualmente estão registrados 400 michês atuando nas ruas. As razões apontadas pelos jovens quando abordados sobre os motivos que facilitariam a sua opção pela vida de michês, são em síntese que, praticamente não existem muitas oportunidades de trabalho aos jovens e as poucas ofertas exigem qualificação profissional, escolaridade e

oferecem em troca salários baixíssimos e funções “subalternas”. A não qualificação , a baixa escolaridade , a falta de informação,entre outros fatores vulnerabilizam sobremaneira a população de jovens,ai incluída os michês , frente as DST’S. Assim sendo ,não pretendemos promover tão somente a mudança de comportamento, para pratica do sexo seguro ,mas garantir a melhoria da qualidade de vida e a capacitação desse grupo com vistas a prevenir a incidência da infecção do HIV e a proliferação das DST’s.

COM.SAÚDE - NÚCLEO LOCAL DE COMUNICAÇÃO EM DST/
AIDS ATRAVÉS DA MÍDIA COMUNITÁRIA

Autor: Fátima Rocha

Apresentador: Fátima Rocha

Contato: rocha.f@skydome.net

Co-autores: Herman, W; Carvalho, G;; Lacerda,S; Ramoa,L.

Instituição: Bicuda Ecológica

Palavras-chaves: 13-Comunicação, 29-Intervenção Comunitária, 33-Mobilização Social

Resumo:

Contextualização: A formação de Núcleo Local de Comunicação e Saúde (Com.Saúde) através do fortalecimento de mídia comunitária na área da Leopoldina, município do Rio de Janeiro, responde às limitações das intervenções preventivas em DST/AIDS, baseadas na simples difusão de informações dissociadas do cotidiano e da cultura das populações. O perfil epidemiológico da AIDS com forte tendência em direção às populações empobrecidas, indica a necessidade de se investir nesta nova concepção de comunicação em saúde e a criação do Com. Saúde se adequa muito bem a esse entendimento, dando maior organicidade as ações de prevenção na área definida.

Descrição/Método: Esse modelo de comunicação em saúde se concretizou primeiramente através da iniciativa da realização de Programa semanal Musa, a partir de agosto de 1999, na Bicuda FM, rádio comunitária da Vila da Penha, zona da Leopoldina do Rio de Janeiro. As rádios comunitárias são verdadeiros centros culturais populares, com intensa circulação de moradores, sendo muitas vezes o único meio de comunicação social de que dispõem. Priorizamos a temática da saúde da mulher na prevenção às DST/Aids, introduzindo discussões relativas a gênero, violência, cidadania e etnia. Neste processo articulamos rádios comunitárias, instituições de saúde, academia e as organizações comunitárias locais, buscando fortalecer uma abordagem compartilhada do conhecimento em saúde, pautada pelo diálogo entre o saber técnico-científico e o saber popular. Identificamos ainda a necessidade de consolidar uma estrutura específica dentro da Rádio Bicuda, o Com.Saúde, institucionalizando as ações relativas a saúde. O Com. Saúde cumpre a função de fortalecer o controle social local, através da promoção de capacitações de rádios comunicadores, instituições comunitárias da área a respeito das temáticas da política de saúde, dando ênfase as

questões relativas as DST/Aids. O diagnóstico permanente das condições de vida da área é outra função deste Núcleo, alimentando através desse processo a relação com as organizações governamentais.

Principais Resultados: Organização de uma estrutura específica de fortalecimento do poder local, estratégia fundamental da política pública de saúde brasileira. O Com. Saúde funciona como um Observatório ao Vivo das questões relativas a cidadania e direitos humanos em saúde, espinha dorsal das ações de controle e prevenção nesse país.

Conclusão: Reiteramos com esta experiência a análise de Pitta (1994), onde esta afirma que a participação de diferentes setores da sociedade na construção de um projeto público de comunicação para a saúde, faz com que o conhecimento técnico e científico seja parte e não o centro do processo de construção dos discursos em saúde. A construção do novo em Comunicação e Saúde há que de saída restituir à comunicação os seus sujeitos, deixando envelhecer de vez a noção de 'público' como 'alvo' a ser atingido e modificado a partir da vontade de um só. Neste sentido, a iniciativa do Com. Saúde soma-se ao esforço empreendido ao longo dos anos na produção de respostas criativas ao controle da Aids nesse país.

TESTAGEM SOROLÓGICA: INTERVINDO NO COMPORTAMENTO DA COMUNIDADE

Autor: Sueli Queiroz Assumpção

Apresentador: Lílian Freires Marchito Soares

Contato: aids@rondonópolis.mt.gov.br

Co-autores: Nelly Broch Ravazio; Maria das Graças Soares; Maria Aparecida Ramos; Suzana de Oliveira Ramos; Marcus Aurélio Dourado.

Instituição: CTA-Rondonópolis

Palavras-chaves: Intervenção Comunicativa, Serviços de prevenção, Testagem

Resumo: Expansão da epidemia de AIDS trouxe a possibilidade de realização de exames sorológicos para inúmeras pessoas vivendo com HIV. Isso nos levou a implantar e implementar o serviço de CTA nas unidades de saúde. O uso do teste veio colaborar com as estratégias de prevenção, dando enfoque na redução de risco individual, intervindo na prevenção da “expansão” da epidemia. Isto vem sendo feito desde a década de 90 com grande força. Contudo percebemos que a população tem alguma informação sobre o HIV mas falta sensibilização e conscientização dos riscos de contaminação. Por isso nosso trabalho vem sendo realizado com maior compromisso e preocupação, no sentido de levar as pessoas refletirem sobre seus comportamentos, atitudes, ações, sentimentos, promovendo uma mudança de comportamento.

Observamos neste trabalho a necessidade de fazer multiplicadores e melhor disseminar a semente contra a AIDS. A partir daí, promovemos debates, encontros e treinamentos específicos para desmistificar preconceitos, informar e promover atitudes adequadas para o trato das questões DST/AIDS junto aos agentes de saúde, programa da saúde da família, programa da saúde da mulher, pastoral da mulher marginalizada e ongs. Em trabalhos com parcerias, atingimos várias camadas da população do município, principalmente as de baixo nível socioeconômico e cultural; com difícil acesso a saúde; a informação; a prevenção; so procurando as unidades tardiamente, quando já estão desenvolvendo o processo da doença. Com a implantação do CTA itinerante nos deslocamos até os bairros, indo diretamente ao encontro com essa população e atendendo solicitações e horários, conforme suas disponibilidades; finais de semana, horários noturnos, onde conseguimos trabalhar com casais, jovens, profissionais do sexo.

Independente de realizar ou não a coleta de material para realização de

sorologia leva informações e a prática do aconselhamento. As ações do aconselhamento desenvolvidas nos CTA são uma oportunidade de tanto no nível coletivo quanto no individual, leva-os a reflexão do risco.

Através destes trabalhos registramos dados da população atendida, onde posteriormente alimentamos nosso sistema de informações quanto: a idade, sexo, escolaridade, estado civil, categoria sexual, uso de preservativos, gestantes, fumantes, percentual de sorologia positiva, renda familiar, demanda espontânea e encaminhamentos dos médicos da rede básica e PSF. A proposta de nosso CTA é apresentar este trabalho com estatísticas através de gráficos e percentuais, possibilitando assim a divulgação do mesmo como também a troca de experiências. Diversos CTA desenvolvem estratégias, porém de forma descontínua ou sem promover o devido registro dessas atividades, o que acaba por não lhes conferir a devida visibilidade. O trabalho de prevenção deve ser sistematizado, planejado e contínuo, renovando a comunidade onde se insere e sendo renovada por ela.

REAVLIAÇÃO DA MÉDIA DE INTERNAÇÕES POR AIDS POR
PACIENTES TRATADOS PELO SUS, COMO INDICADOR DA
EFICÁCIA DA TERAPIA ANTI-RETROVIRAL - ARV

Autor: José Rubens Costalima

Apresentador: José Rubens Costalima

Co-autores: Alicemaria Ciarlini Pinheiro; Fco Lacerda da S. Calvalcante Filho; Maria Zélia Rouquayrol; Jorge Luiz Nobre Rodrigues; Melissa Soares Medeiros; Maria Airtes Vieira Vitorino; Mônica Cardoso Falçanha; Fco Ronald Pedrosa de Oliveira Jr;

Instituição: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social

Palavras-chaves: Terapia anti-retroviral, Assistência,

Resumo: Com a adoção da Terapia ARV, identificada como terapia HAART, encontramos Chequer (2000) atestando sua efetividade pela média entre o número de internações por complicações da aids / número de pacientes tratados pelo SUS. Tal índice variou entre 1996-1999, decrescendo de 1,65 internações por doente/ano para 0,81 em 1997; 0,56 em 1998; e 0,41 em 1999. Conhecendo a vulnerabilidade do índice proposto a viéses relevantes, pois tal média pode variar tanto pela redução do número de internações como pelo aumento do número de casos em tratamento pelo SUS, realizamos este trabalho para verificar sua aplicabilidade como prova da eficácia da terapia. Para avaliação do significado das médias apresentadas, buscamos, junto à Comissão Nacional de AIDS/MS, os dados oficiais utilizados para seu cálculo para os anos de 1996-1999. E para avaliação da qualidade do índice, revisamos as definições de casos (doentes tratados pelo SUS) normatizadas pelo MS através de recomendações e portarias ministeriais do período relativas aos critérios de classificação dos portadores de HIV e de habilitação dos mesmos para tratamento gratuito. Constatamos: 1) o número de internações não diminuiu no período, mantendo-se flutuante dentro dos limites entre 25.500 e 23.700, demonstrando que não houve ganhos diretos significativos no número de complicações; enquanto isso, o 2) número de pacientes em tratamento pelo SUS quadruplicou no período, saltando de 15.000 para 60.000 portadores de HIV sob tratamento; e o 3) critério para habilitação de doentes para tratamento gratuito variou significativamente. Enquanto em 1996, era limitado o acesso ao tratamento, sendo mais comum para os casos de AIDS avançada, nos anos de 1997-1999, esse passou a ser oferecido amplamente por novos serviços criados devido às modificações na política nacional. Com a

maior disponibilidade de recursos, novos critérios de classificação de casos foram sendo incluídos, incorporando-se as contagens de células T CD4+ baixas e as cargas virais elevadas como principais marcadores para indicação da terapia. As sucessivas revisões das normas no referido período instituíram mudanças nos pontos de corte dos marcadores, ampliando ainda mais o número de habilitados para tratamento. Nesse grupo, passaram a ser tratados como doentes de aids os portadores assintomáticos que não carecem de internações, criando um viés de classificação que deforma o significado do indicador. Na nova política de distribuição de medicamentos, a inclusão dos pacientes não-SUS no denominador sem que sejam contados entre as internações acentua essa deformação. Concluimos que os índices propostos estão deformados por vieses de classificação que os desabilitam como indicadores da efetividade da terapia e, portanto, que essa terapia carece de melhores indicadores para a sua avaliação no Brasil. (Chequer, P. UNAIDS Atenção à saúde de pessoas vivendo com HIV/aids: experiências na América Latina e no Caribe e o desafio da universalidade Forum AIDS, RJ, 2000)

PERSPECTIVAS DE REDUÇÃO DE DANOS EM SALVADOR-BA

Autor: Eliana Ornelas da Silva

Apresentador: Eliana Ornelas da Silva

Contato: elianaornelas@usa.net/caloria2000@cefetnet.com.br

Co-autores: Tarciso Matos Andrade;

Instituição: Programa de Redução de Danos- PRD/CETAD-Centro de Estudo e Terapia do Abuso de Drogas

Palavras-chaves: Estratégia, Atenção, Reinserção

Resumo:As ações em Redução de Danos (RD) tem proporcionado a interação com diversos agentes e segmentos sociais. Tentativas de inserir a RD em presídios de Salvador-Bahia-Brasil indicam a remodelagem de atenção aos Usuários de Drogas (UD), objeto de estudo desta proposta. No momento em que discutirmos a substituição do conceito de Redução por Prevenção de danos, e a otimização da saúde dos presidiários, provavelmente seremos atingidos por uma ordem racional mercantilizada, que secundariza formas simbólicas de expressão dos sujeitos priorizando, preconceituosamente, o trinômio: AIDS/drogas/delinquência para legitimar sanções punitivas aplicadas aos mesmos. Isto expressa intolerância social;desprezo pelas condutas de risco dos confinados e embasamento velado na dicotomia repressão x prevenção. Tudo isto é agravado pelas notórias deficiências do Estado mínimo, o que nos reporta 'a necessidade imperiosa de engendrar uma interlocução intersetorial - potencializada- para garantir a superação do atual estágio Redução de Danos, visando transcender ao estágio Prevenção de Danos, onde estes sujeitos terão um papel singular. * Enfermeira, Docente da Universidade Católica de Salvador, Coordenadora do Distrito Sanitário Cabula/Beiru de 1998 a 2001 e Membro da Associação Baiana de Redução de Danos.** Socióloga, Técnica do Programa Redução de Danos, Vice-presidente da Associação Baiana de Redução de Danos e Gerente de Unidade Básica de Saúde do Distrito Sanitário Cabula/Beiru.*** Médico psicanalista, Professor da UFBA , Coordenador do Programa Redução de Danos e Membro da Associação Baiana de Redução de Danos.

GRUPO DE ADESÃO “ARTE DE VIVER” :CONSTRUINDO A CIDADANIA NOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Autor: Maria Magdala Vasconcelos de Araújo Silva

Apresentador: Maria Magdala Vasconcelos de Araújo Silva

Co-autores: Wanilsa Motta de Oliveira; Luciana Zucco; Ludimila Fontenele Cavalcante;

Instituição: Núcleo de Estudos e Ações em Saúde Reprodutiva e Trabalho Feminino /ESS/UFRJ - Centro Municipal de Saúde - Marcolino Candéau

Palavras-chaves: 02-Adesão; 38-Pessoas vivendo com HIV/AIDS; 60-Sexualidade;

Resumo: O impacto epidemiológico e social advindo do alto índice de usuários contaminados por AIDS, no Brasil, e, particularmente, a demanda existente no Centro de Saúde Marcolino Candéau, é um problema de Saúde Pública que requer o desenvolvimento de serviços de saúde que garantam medidas de educação em saúde, que além de contribuir no sentido do controle, estabilização e declínio do índice de contaminação pelo vírus HIV, desenvolva a formação de uma consciência crítica acerca das determinações sócio/econômica/política do binômio saúde x doença, enquanto condição básica ao exercício da cidadania.

Descrição do projeto/método: No cerne da concepção de Saúde Pública, enquanto um dever do Estado e um direito do cidadão, o Projeto do Grupo de Adesão representa a efetivação da prestação de serviços de saúde como um direito social de cidadania. A implantação/ implementação do grupo de adesão “Arte de Viver”, em junho de 1999, observou as especificidades da demanda usuária e as orientações do Ministério da Saúde quanto à Adesão. A equipe responsável pela coordenação do grupo “Arte de Viver” é interdisciplinar, sendo constituída de 1 Assistente Social do referido Centro de Saúde, de uma professora de Serviço Social e estagiárias do Núcleo de Estudos e Ações em Saúde Reprodutiva da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro- ESS/UFRJ através de uma parceria institucional com esta Unidade de Saúde. O Programa de trabalho foi desenvolvido levando em consideração as necessidades apresentadas pelos usuários. As reuniões ocorrem todas as quintas feiras das 15:00 às 18:00 horas. Seu objetivo é contribuir no processo de construção de uma consciência crítica acerca da cidadania dos usuários soro positivo. A metodologia adotada envolve dois momentos específicos: discussão das dificuldades

enfrentadas pelos usuários durante a semana quanto a terapêutica adotada no tratamento, discussão sobre suas condições de vida e, o desenvolvimento de dinâmicas de grupo. Estas dinâmicas propiciam, através do lúdico, vivências e troca de experiências/informações/conhecimentos científicos entre os profissionais de saúde e os usuários que permite criar, recriar, construir, reconstruir conceitos, entender criticamente o cotidiano dos pacientes soro positivo, além de discutir a possibilidade de formulação de novos direitos e de garantir a efetivação dos direitos sociais hoje existentes.

Principais resultados: a pesquisa apresentou os seguintes resultados: o grupo “Arte de Viver” além de se tornar uma referência à continuidade da assistência médico hospitalar, à discussão das angústias e ansiedades, no desenvolvimento da sexualidade de forma prazerosa e responsável - enfatizando-se a prevenção, o desenvolvimento de uma rede de solidariedade entre equipe de saúde- usuários- família- comunidade, tem contribuído para a formação de uma consciência crítica dos usuários sobre sua inserção na sociedade enquanto usuário cidadão.

Conclusões: A experiência que vem se desenvolvendo demonstra que o grupo “Arte de Viver” tem tido um papel determinante, no processo de construção/reconstrução da representação social e de um novo cotidiano de vida dos usuário soro positivo, e de uma consciência crítica sobre a necessidade do exercício da cidadania desses usuários.

CAMISINHAS + CONTRACEPÇÃO DE EMERGÊNCIA: PESQUISA E INTERVENÇÃO NUMA FAVELA EM SP

Autor: Regina Figueiredo e Milane Pena

Apresentador: Regina Figueiredo

Contato: reginafigueiredo@uol.com.br

Instituição: NEPAIDS-Nucleo de Estudo para a Prevenção da AIDS
- USP

Palavras-chaves: Intervenção Comunitária, Preservativo masculino,
Preservativo Feminino

Resumo:

Contextualização: A AIDS vem crescendo entre as mulheres pobres, principalmente por de contaminação heterossexual Esse fato vem indicando a necessidade de promover o uso de preservativos entre esta população, bem como de acompanhar as percepções de sua adesão e eficácia. No Brasil, as políticas de Planejamento Familiar e prevenção de DST/AIDS não se unificaram, de forma que a maioria das mulheres se utilizam de outras formas de contracepção que não os preservativos, Com o intuito de averiguar a confiança contraceptiva de mulheres na camisinha e avaliar a possibilidade da divulgação e uso da contracepção de emergência como apoio desta, foi feito o estudo apresentado.

Método: A pesquisa foi realizada utilizando questionários semi-estruturados, aplicados por pesquisadores com todas as mulheres que buscaram o serviço de ginecologia e obstetrícia do Ambulatório da Favela Monte Azul durante 1 mês, entre 10 de novembro e 9 de dezembro de 1999. Neste levantamento, observou-se o grau de conhecimento sobre DST, formas de transmissão, prevenção, gravidezes e uso de contraceptivos. Ap[os o resultado da pesquisa foi instalado um Posto de Prevenção, que distribui camisinhas femininas e masculinas e informações e fornecimento contracepção de emergência, avaliando o impacto desta sobre o uso destes preservativos.

Resultados:Conforme os resultados obtidos, observou-se que essas mulheres acreditam ter muito risco para gravidez (53,7%) e pouco para se infectar com DST/AIDS por terem parceiros únicos (20,9%). A camisinha não representa segurança para a gravidez para este publico (considerada assim por cerca de 80%)/ a sua segurança e considerada apenas para evitar DST/HIV (para 42%). Mais da metade dessas mulheres já tiveram alguma gravidez não-planejada e 1/3 já tiveram abortos. A maioria usa pílula anticoncepcional (60%) e se diz interessada em conhecer outros métodos para prevenir a gravidez. Das entrevistadas,

após um pequeno relato sobre a contracepção de emergência, 36,7% afirmaram que, se conhecessem tal método haveria aumento no uso de camisinhas por mulheres, que iriam perder o medo da gravidez. Após a disponibilizando da contracepção de emergência no Posto de Prevenção inaugurado junto ao Ambulatório, constatou-se que em seis meses, de 292 pessoas que iniciaram uso de camisinha masculina e 92 da feminina, apenas 12 pessoas buscaram a contracepção de emergência.

Conclusões: Com receio da gravidez não-planejada e por desconfiança de sua eficácia contraceptiva, as mulheres pesquisadas não optam pelo uso da camisinha. Há mais preocupação com o evento gravidez do que com a possível contaminação pelo HIV, o que implica que os programas de DST/AIDS devam oferecer opções de apoio para assegurar a eficácia contraceptiva do uso de preservativos, como a divulgação da contracepção de emergência, já que foi constatado o grande interesse das mulheres em seu uso e o não abuso deste uso quando ela foi disponibilizada junto a distribuição de preservativos.

ADESÃO AO TRATAMENTO - DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Autor: Bela Feiman Sapiertein Silva

Apresentador: Bela Feiman Sapiertein

Co-autores: Cláudia Carneiro; Jorge Silva;

Instituição: IESP-Instituto Estadual de Saúde Pública / CTA-Centro de Testagem e Aconselhamento - São Mateus

Palavras-chaves: Adesão, Terapia Anti- Retroviral,

Resumo: A adesão ao tratamento com anti retrovirais configura-se no grande desafio dos serviços de assistência aos portadores de HIV/AIDS. Assim, desenvolvemos um estudo visando a investigação das características quantitativas e qualitativas e das determinantes que interferem no processo de adesão. Apaniguamo-nos em uma intervenção teórica empírica, envolvendo uma amostra de 42 pacientes atendidos no Serviço de Assistência Especializada em São Mateus – Espírito Santo que receberam, no mínimo, uma prescrição médica de anti retrovirais no 2º semestre de 2000. Foi considerado aderente, o paciente que ingeriu 80% ou mais de comprimidos prescritos num período de 3 dias anteriores à pesquisa. Numa abordagem quantitativa, buscamos vincular a adesão ao perfil sócio-econômico; o tempo de tratamento; quantidade de comprimidos/dia e o comparecimento ao serviço. Qualitativamente, elegemos as representações sociais e o vínculo estabelecido entre paciente e equipe de saúde. No entanto, seria ignóbil avaliar tais aspectos de forma dicotomizada. Dentre a amostra selecionada identificamos uma adesão de 73,8%. Concluímos que a perspectiva quantitativa não apresenta dimensões potencialmente importantes mas, observou-se uma relação significativa entre o comparecimento ao serviço e a adesão, haja vista que dos 25 entrevistados que compareceram pelo menos 1 vez por mês, 96% foram considerados aderentes. Esse dado vincula-se com um outro extremamente significativo, em 100% dos questionários o serviço foi avaliado como bom ou muito bom. Foram valorizados a forma de atendimento, acolhida, vínculo com equipe, valorização da escuta e do diálogo e a disponibilidade. Avaliou-se ainda, a relação do paciente com os anti-retrovirais no que se refere às características dos medicamentos, efeitos colaterais, apresentação de sintomas, interferências psicossociais e as mudanças e perspectivas de vida após resultado positivo para HIV. Percebe-se que o diagnóstico de AIDS está envolto por um campo imaginário de representações sociais. A adesão está vinculada à forma que o paciente irá penetrar neste contexto, em busca de uma

reconstrução de uma nova rede de representações. Nessa perspectiva, a equipe de saúde assume um papel fundamental como facilitador de um processo de reflexão focado no respeito as idiosincrasias, direcionando suas ações no sentido de possibilitar ao paciente a busca por uma qualidade de vida, o que culminará na adesão ao tratamento. Percebe-se que a participação da equipe é determinante desde a fase inicial do tratamento quanto em todo o processo para a superação das dificuldades de forma que o paciente se perceba enquanto sujeito de sua história. A importância da atenção ao paciente sobrepõe-se, em muitos casos, às exigências clínicas do tratamento, rompendo-se com uma visão centralizadora da atividade médica, garantindo a identidade de equipe e a transformação na proposta de atendimento.

SUSTENTABILIDADE E INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS AÇÕES DE PREVENÇÃO ÀS DST/HIV/AIDS EM POPULAÇÃO ESPECÍFICA NO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP

Autor: Maria Inês Spinelli Arantes

Apresentador: Maria Inês Spinelli Arantes

Contato: aids.sjrp@empro.com.br

Instituição: Secretaria Municipal de Saúde- Programa Municipal de DST/AIDS de São José do Rio Preto/SP

Palavras-chaves: Gestão.

Resumo:

Contextualização: Um dos grandes desafios encontrados pelos Programas de DST/Aids nos municípios, atualmente, é a sustentabilidade, ou seja, como manter as ações já desenvolvidas com populações específicas, de risco acrescido, implantados e custeados através do Convênio específico com o Ministério da Saúde – CN.DST/Aids, visto que a assistência foi contemplada pelo SUS através da inserção dos procedimentos média/alta complexidade específicos no SIA-SUS.

Descrição/método: Para dar sustentabilidade às ações de prevenção junto às populações específicas, bem como ampliá-las, o P.M.DST/Aids de S.J.Rio Preto, utilizou-se das seguintes estratégias: parceria efetiva com a ONG Aids; utilização da mídia local para dar sustentabilidade ao trabalho executado; assento no Conselho Municipal de Saúde; apresentação de proposta ao Conselho Municipal de Saúde para repasse de recursos financeiros do Piso de Atenção Básica, através de convênio para a ONG com a finalidade de contratar recursos humanos específicos para essas ações, o que foi aprovado; encaminhamento de Projeto Lei e Minuta do Convênio pelo Executivo à Câmara Municipal; efetivação do Convênio após aprovação da Câmara; garantia de aquisição pelo município de insumos básicos para prevenção: preservativos masculinos, preservativos femininos e kits de laboratório para realização de testes de triagem para o HIV; inserindo os insumos na lista padronizada pela Secretaria Municipal de Saúde; implantação de um Centro de Prevenção e Treinamento em DST/Aids, que abriga a Coord. Munic. DST/Aids, Vig. Epidemiológica das DST/HIV/Aids, Proj. de Prevenção com profissionais do sexo, população encarcerada, usuários de drogas, homens que fazem sexo com homens e mulheres de baixa renda, equipe de treinamento em aconselhamento e abordagem sindrômica e das DST/

HIV/Aids para funcionários da Rede Pública e Privada; parceria com as Unidades do SUS municipal para garantir o acolhimento dos clientes encaminhados pelos projetos de prevenção e implantação de Postos de Trocas de Seringas e realização de Oficinas de Sexo mais protegido.

Resultados: Fixação dos profissionais e agentes de Saúde nos Proj. de Prevenção com populações específicas, bem como a garantia de seus direitos trabalhistas. Aumento significativo da cobertura das ações de prevenção no município através da implantação de três Postos de Troca de Seringas e realização de Oficinas de Sexo mais Protegido (duração de 8 h. em 4 blocos de 2 h.) em 5 Unidades Básicas de Saúde e garantia do fornecimento de insumos para prevenção pelo poder público local.

Conclusão: Concluimos que é possível integrar às ações desenvolvidas pelos P.M.DST/Aids através da realização de parcerias efetivas com a Sociedade Civil e Conselhos Municipais de Saúde, como forma de garantir o uso dos recursos financeiros do SUS nas Ações de Prevenção das DST/HIV/Aids em populações específicas, e geralmente em situação de exclusão social.

REDUÇÃO DE DANOS EM SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Autor: Celina Dias e Santos Lazzaro

Apresentador: Celina Dias e Santos Lazzaro

Contato: aids.sjrp@empro.com.br

Co-autores: Elza Maria Alves Ferreira;

Instituição: Programa Municipal de DST/AIDS- São José do Rio Preto SP - Grupo de Amparo ao Doente de AIDS - Brasil

Palavras-chaves: Redução de danos, Serviço de prevenção

Resumo: São José do Rio Preto, município do estado de São Paulo de aproximadamente 400.000 habitantes tem alta prevalência de casos de AIDS (3º lugar em nível nacional). Historicamente cerca de 50% do número de casos de AIDS notificados foram infectados através do uso de drogas injetáveis. Em 1996 foi implantado o programa de redução de danos Tá Limpo, com distribuição/troca de seringas e preservativos. o programa distribui em média 1.140 seringas/mês e atende uma população média mensal de 240 UDIs, através do trabalho da equipe de redutores de danos e de 3 postos de troca de seringas (PTS).

Principais Resultados: Analisando os dados recentes de notificações dos casos de AIDS no município, houve uma diminuição importante no número de novos casos, principalmente entre os usuários de drogas. Pesquisas anteriores realizadas pela equipe do Tá Limpo demonstraram o impacto positivo do programa junto a usuários (UDIs). Observou-se ainda que o número de usuários acessados e a quantidade de material distribuído vem aumentando constantemente ao longo dos últimos 5 anos.

Conclusão: A conclusão preliminar é que esses dados estão relacionados com o trabalho de redução de danos, cuja comprovação deverá ser objeto de próximas pesquisas.

LA RESPUESTA NO GUBERNAMENTAL AL VIH/SIDA EN ARGENTINA: SU INTERACCION CON EL PROGRAMA NACIONAL DE SIDA ENTRE 1992 - 2000

Autor: María Inés Re

Apresentador: María Inés Re

Contato: re_feim@ciudad.com.ar

Instituição: Fundación Para Estudio e Investigación de La Mujer - FEIM

Palavras-chaves: 37, 40,

Resumo: Contextualización: El VIH/SIDA es un problema de salud pública multifacético que requiere de una respuesta coordinada de diferentes actores sociales.

Descripción: Objetivo general: analizar la interacción entre las organizaciones no gubernamentales con trabajo en VIH/SIDA y el Programa Nacional de SIDA de Argentina entre 1992 y 2000. Objetivos específicos: 1) Describir el proceso histórico de establecimiento y desarrollo del sector no gubernamental en Argentina, especialmente las ONGs con trabajo en VIH/SIDA; 2) Analizar el marco político-legal que rige las acciones del Estado nacional en materia de VIH/SIDA y la incidencia de las ONGs en este marco; 3) Describir las obligaciones derivadas de la atención del VIH/SIDA en los sub-sectores que componen el sistema de salud argentino; y 4) Sistematizar y analizar las instancias de interacción entre las ONGs con trabajo en VIH/SIDA y el Programa Nacional de SIDA. Se finalizó la etapa de recolección de datos secundarios y actualmente se están consultando fuentes primarias, con entrevistas semi-estructuradas a informantes claves.

Principales Resultados: En general, se evidencia una coordinación deficiente de actividades y recursos entre las ONGs y el Programa Nacional de SIDA entre 1992 y 2000.

Conclusiones: Las ONGs con Trabajo en VIH/SIDA en Argentina no han logrado definir un rol que las identifique. Esta indefinición depende en parte de la del rol de un Estado en constantes cambios. Como consecuencia, las estrategias de coordinación entre ONGs y Estado depende en gran medida de los funcionarios de turno y no de un política sostenible.

GAYS

Autor: Wilson Amaral Merege

Apresentador: Wilson Amaral Merege

Contato: gpvs@uol.com.br

Instituição: Grupo Pela Vidda/SP

Palavras-chaves: (28)Homens que fazem sexo com homens, Masculino

Resumo: Desde o final do ano de 1999 o Grupo Pela Vidda / SP mantém o projeto GAYS , de prevenção dirigida a homossexuais masculinos na região central de São Paulo , em parceria com a CNDST/AIDS . O projeto consiste na capacitação de interventores e realização de atividades diretas de massa em bares e boates , distribuição de preservativos , material informativo e convites para atividades na sede do Grupo Pela Vidda / SP ; incluindo oficinas de sexo seguro , reuniões de convivência e debates . Também referencia o público-alvo para os serviços de saúde de testagem e assistência em HIV / AIDS . O material informativo e promocional tem sido produzido com conteúdo criativo e irreverente , a exemplo nos folders : “Infiel no Amor , fiel na camisinha “ e “Santa camisinha protege toda a família “ . A parceria com estabelecimentos comerciais gays tem sido a tônica do projeto que concede o título (Diploma de Menção Honrosa) “Casa da Antiga Prevenção “ àqueles que colaboram com o Grupo Pela Vidda /SP . A integração com a comunidade homossexual e com as demais organizações não governamentais , a partir do Fórum de ONGs que trabalham com HSH , contemplam a experiência bem sucedida do Grupo Pela Vidda /SP . A apresentação dos resultados preliminares do projeto pretende chamar a atenção para a necessidade de multiplicação de ações desse tipo , uma vez que há início do possível recrudescimento da epidemia da AIDS junto aos gays nas regiões metropolitanas. De Janeiro a Maio de 2001 foram realizados 47 intervenções , distribuídos 43.400 preservativos e 28.400 materiais informativos além de intervenções de massa durante o período do carnaval , dentre outros resultados.

PROFISSIONAIS DA NOITE

Autor: Carlos Augusto Galeano

Apresentador: Carlos Augusto Galeano

Contato: gpvs@uol.com.br

Instituição: Grupo Pela Vidda/SP

Palavras-chaves: (55) Profissionais do sexo Masculino

Resumo: O Grupo Pela Vidda /SP mantém projeto de prevenção dirigido a profissionais do sexo Travestis e Garotos de Programa na região central da cidade de São Paulo em parceria com a CNDST/AIDS . A atividade consiste em distribuição de material informativo elaborado com participação do público alvo ; distribuição de preservativos e gel lubrificante íntimo ; encaminhamento para serviços de saúde de testagem anônima e assistência em HIV / AIDS ; convite para participar das oficinas do Grupo Pela Vidda /SP : oficina de sexo seguro e reuniões de convivência de auto ajuda . Será apresentado resultado preliminar da atividade incluindo vídeo sobre o trabalho de campo do projeto , elaborado pelo Canal Saúde da Fundação Oswaldo Cruz . De Janeiro à Maio de 2001 , foram realizados 160 intervenções , distribuídos 11.200 preservativos e 10.000 materiais informativos dentre outros resultados.

RESULTADOS PRELIMINARES DE UM ESTUDO DE MONITORAMENTO DO USO DO PRESERVATIVO FEMININO NO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO - FMRP - USP

Autor: Elisabeth Meloni Vieira

Apresentador: Regina Helena Brito de Souza

Contato: bmeloni@fmrp.usp.br

Co-autores: Alcyone Artioli Machado; Geraldo Duarte; Regina Helena Brito de Souza; Beatriz Carvalho Ali Segatto; Taís de Carvalho Pandolfi;

Instituição: Depto. de Medicina Social - FMRS - USP

Palavras-chaves: preservativo feminino (50), pessoas vivendo com HIV/aids (38),

Resumo:

Contexto: Desde a sua introdução no Brasil, o preservativo feminino tem despertado muito interesse. Várias pesquisas têm demonstrado não apenas boa aceitabilidade, mas também que esta aceitabilidade está na dependência de alguns fatores, como grupo de apoio ou auto-ajuda e maior percepção de risco. No caso das mulheres com maior vulnerabilidade acredita-se que a aceitabilidade não será diferente dos índices já encontrados, mas são desconhecidas as dificuldades de uso e qual pode ser a atuação do serviço para aumentar as taxas de aderência ao método.

Descrição: A partir do momento que o Ministério da Saúde disponibilizou preservativos femininos, sua oferta está sendo monitorada em duas unidades ambulatoriais do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-Universidade de São Paulo (Unidade Especial de Tratamento de Doenças Infecciosas e Ambulatório de Moléstias Infecto-Contagiosas em Ginecologia e Obstetrícia) para mulheres em três situações: 1) portadoras do vírus HIV, 2) portadoras de DST e, 3) parceiras sexuais de homens portadores do HIV. Além de treinamento da equipe e sensibilização dos profissionais desses ambulatórios, foram elaborados alguns instrumentos: um questionário inicial, uma ficha de seguimento e as sessões de orientação em grupo ou individual são anotadas regularmente em um diário de campo. Duas vezes por semana, uma equipe treinada convida as mulheres que comparecem a estes ambulatórios para sessões de orientação sobre o preservativo feminino. Toda equipe está informada de que os preservativos estão disponíveis para aquelas que necessitarem ou desejarem.

Principais resultados: De 21/08/2000 a 04/06/2000 foram distribuídos preservativos para 152 mulheres das quais 85 (60%) não retornaram. A seguir, descreve-se as situações que representam as principais dificuldades relatadas pelas mulheres: 1) Muitas mulheres portadoras do vírus demonstram pouco interesse em sexo mais seguro, pois tem um ideal romântico “agora vamos morrer juntos”, ou por acharem que lhes resta pouco tempo de vida. Em decorrência disto querem aproveitá-la sem restrição; 2) Outras não compreendem a necessidade da prevenção secundária, em razão do pouco entendimento do exame de carga viral; 3) Muitos parceiros das mulheres portadoras do HIV estão debilitados por causa da aids e a vida sexual já não é a mesma; 4) Algumas relatam falta de poder de interferir na relação sexual, pois este é um papel masculino dominante; 5) Outras referem dificuldades de manipulação do próprio corpo. A equipe também observou outras dificuldades: 1) Muitas mulheres são extremamente passivas e não procuram a equipe mesmo quando querem mais preservativos; 2) Alguns profissionais resistem ao preservativo feminino e este fato pode estar interferindo em sua divulgação; 3) Provavelmente existe conflito relativo ao modelo de intervenção entre a proposta de orientação, que é mais reflexiva, e a do ambiente hospitalar cujas propostas de intervenção são normativas.

PROJETO NOITE: UMA INTERVENÇÃO ENTRE AS PROFISSIONAIS DO SEXO NA CIDADE DE GRAVATAÍ - RS

Autor: Tatiane Cristina da Silva

Apresentador: Tatiane Cristina da Silva

Contato: gravataids@ig.com.br

Co-autores: Eduardo Mello Lütz;

Instituição: Política Municipal de Controle das DST/HIV/AIDS-
Gravataí - RS

Palavras-chaves: Profissionais do Sexo Feminino, Sexualidade, Gênero

Resumo:

Contextualização: Gravataí é uma cidade da região metropolitana e fica a 30 Km de Porto Alegre, capital do Estado. Estradas importantes cruzam o município, o que favorece o grande fluxo de caminhoneiros e, também, facilita o estabelecimento de casas de prostituição, denominadas de casas noturnas. Pensando em formas de prevenção das DSTs/HIV/AIDS, a Política Municipal de Gravataí, através da sua equipe, elaborou um projeto de intervenção sistemática entre as profissionais do sexo em seus locais de trabalho, visando levar informações e esclarecimentos a esta população.

Metodologia: O intervenção iniciou em junho de 2000, onde a equipe visitava as casas noturnas explicando o trabalho para as “meninas” (termo utilizado pelos gerentes das casas ao se referirem as profissionais do sexo), distribuindo preservativos e com a intenção de realizar grupos sistemáticos para a discussão de temas do dia-a-dia no Serviço. Várias semanas se passaram e os grupos não acontecia pelo não comparecimento das “meninas” no horário marcado, analisamos a estratégia até então adotado e resolvemos reestruturá-la. A partir de agosto de 2000 a equipe começou a freqüentar as casas noturnas semanalmente levando preservativos e informações sobre DSTs/HIV/AIDS e formas de prevenção, prontificando-se a realizar oficinas de sexo seguro e palestras sobre DSTs. As visitas, por serem semanais, favoreceram o estabelecimento de um vínculo entre a equipe e as profissionais do sexo e, também, uma aproximação de outros serviços municipais, como a Assessoria da Mulher que participou de algumas visitas e se tornou parceira do trabalho. Com as visitas estruturadas semanalmente (aconteciam sempre as terças-feiras e no horário de funcionamento das casa), pode-se várias vezes avaliá-las e também pensar outras formas de intervir. Como exemplo temos a distribuição

dos preservativos, que no início eram entregues para os gerentes das casas, mas ficou claro a necessidade das meninas também recebê-los, pois muitas tem parceiros fixos, com os quais dificilmente utilizam a camisinha, ou até para eventuais programas fora das casas. Os clientes também recebiam preservativos e folders explicativos.

Principais resultados: Até março de 2001 foram distribuídos 6480 preservativos masculinos e 600 preservativos femininos, folders informativos e “mosquitinhos” contendo informações sobre o local onde realiza-se o teste Anti-HIV gratuito e com aconselhamento. Totalizando um total de 126 visitas realizadas em 13 casas noturna e um ponto de prostituição de rua (travestis) do município, onde acessamos em torno de 900 pessoas. A procura pelo exame Anti-HIV e a busca do resultado entre as profissionais do sexo aumentou, bem como a adoção de práticas seguras.

Conclusões: É importante ressaltar que o vínculo estabelecido entre a equipe e as profissionais do sexo foi um facilitador do trabalho, o que propiciou a busca ao Serviço para a realização do Anti-HIV. E, também, a parceria estabelecida como a Assessoria da Mulher do município, que visitou as casas levando informações sobre os direitos das mulheres foi um ponto favorável, pois muitas “meninas” desconheciam seus direitos e não tinham conhecimento sobre este serviço.

ANÁLISE DO PERFIL DA CLIENTELA DO CENTRO DE TESTAGEM E ACONSELHAMENTO DE CURITIBA 2000

Autor: Maria Rita C B Almeida

Apresentador: Elisabet Guidio

Co-autores: Guidio ELJ; Chong, H Rodrigues; Evangelista MFC; LafozS; Raitani E; Ferreira LT; ;

Instituição: Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba

Palavras-chaves: Avaliação, Testagem, Aconselhamento

Resumo:

Contextualização: a epidemia pelo HIV/AIDS vem obrigando nossas sociedades a realizarem cartografias dos seus hábitos, atitudes, comportamentos e representação a cerca do perfil da mesa. Reunir fatos, números e análises com o objetivo de alertar ao público é extremamente importante. O conhecimento, o compromisso a ação em nível individual podem realmente fazer diferença. Pois a aids é um problema intensamente pessoal e local, bem como nacional e global. A pandemia do HIV exige uma nova visão de saúde, não apenas como resposta a uma doença epidêmica, mas também para orientar e inspirar o trabalho individual, comunitário e global pela saúde no próximo milênio (Mann, 1992). Neste sentido, o centro de testagem e Aconselhamento de Curitiba, vem contribuir-a nível local- fazendo uma análise da população atendida neste serviço, sistematizando os dados coletados sobre as pessoas que demandaram o CTA, no ano de 2000. **DESCRIÇÃO/ Método:** realizamos um estudo com todo o universo de usuários (8.673) através da análise dos questionários respondidos no momento do pós-teste, durante o ano de 2000.

Principais resultados: analisando os dados da nossa amostra, podemos observar que a maioria são mulheres, mais da metade da clientela possui escolaridade de 1º e 2º grau e encontra-se trabalhando como empregados. Quanto ao estado civil, a composição por sexo, evidencia maior presença masculina entre solteiros e predomínio de mulheres, no segmento de casadas ou em união consensual. Os motivos pelos quais as pessoas procuraram o CTA, verificou-se que a relação sexual é preponderante. As pessoas que referem o uso de droga injetável é muito pouco representativo, porém a taxa de infecção desta pessoa é de 60%, entre os homens. Os dados mostram que mulheres (60%) tem apenas um único parceiro sexual e esta cifra cai pela metade quando observa-se o relato masculino. Quanto o uso do preservativo, fica evidente

que este hábito não está incorporado á vida sexual das pessoas .O uso frequente ,encontra-se restrito a apenas 22% dos homens e 13% das mulheres. O motivo para o uso é majoritariamente a confiança nas parcerias fixas. Os dados das pessoas com sorologia reagentes para o HIV,serão trabalhados no momento da apresentação do trabalho.

Conclusão: Deste estudo observamos que a clientela do CTA de Curitiba acompanha as trilhas da epidemia:juvenilização, heretosexualização e feminilização. Concluimos que para se ter uma ação mais impactante é necessário que os nossos projetos de prevenção e de aconselhamento se debrucem com mais ênfase ás circunstâncias que afetam o comportamento sexual em seus vários contextos sócio-culturais.

OFERECIMENTO DO TESTE RÁPIDO PARA HIV A 100% DAS GESTANTES QUE CHEGAM ÀS MATERNIDADES DO RIO GRANDE

Autor: Maria da Graça Insaurriaga Jundi

Apresentador: Maria da Graça Insaurriaga Jundi

Contato: dstaids@vetorialnet.com.br

Co-autores: Liliana Letzow Lemos; Roger Giusti Miller ;

Instituição: Secretaria Municipal de Saúde - Rio Grande

Palavras-chaves: Transmissão Vertical, Integração, Programas

Resumo: Frente a constatação de fragilidade do município em ofertar pré-natal na rede básica, observou-se uma demanda reprimida de gestantes que chegam às maternidades em trabalho de parto sem terem sido testadas até o referido momento. Esta constatação despertou emergente preocupação com vistas ao controle e redução de transmissão materno-infantil, dado esta ser a principal via de infecção em crianças menores de 13 anos, chegando a aferir 90% dos casos notificados nesta categoria. A coordenação Municipal de DST/AIDS empenhada em intervir no quadro atual da epidemia materno-infantil, buscou parcerias afim de estabelecer ações voltadas à prevenção da transmissão perinatal com o oferecimento de testagem rápida nas maternidades a 100% das gestantes, mesmo estas sendo oriundas de convênios ou do SUS, para isso tivemos o total apoio e incentivo da CEDST/AIDS (coordenação Estadual de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids) do RS e em especial contamos com a experiência do Hospital Fêmina em Porto Alegre. Articulações políticas e treinamentos específicos para os profissionais diretamente envolvidos, priorizando a questão do aconselhamento prévio e o sigilo; estas ações ocorreram de março a julho de 2000, quando então em setembro começamos efetivamente o projeto, cujos resultados preliminares estão demonstrados abaixo. Total de gestantes internadas nas maternidades do Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa e Santa Casa de Misericórdia em trabalho de parto no período de setembro a dezembro de 2000: 962. Total de gestantes testadas com o teste rápido no momento do trabalho de parto: 950, perfazendo 98,8%. Número de gestantes testadas previamente no pré-natal: 103, perfazendo 10,8%, número de gestantes positivas para o teste rápido: 21, perfazendo 2,2%. A partir destes dados podemos verificar que existe uma necessidade eminente de reorganização dos programas de saúde no município, em especial o de Saúde da Mulher, onde a

estruturação de uma rede de pré-natal com referência e contra referência num serviço integrado com o programa municipal de DST/AIDS oportunizará a redução ainda mais efetivada da transmissão vertical, dado a possibilidade de intervirmos na gestante soropositiva a partir da 14ª semana de gestação. Conclui-se também que outras necessidades vão surgindo em detrimento a testagem rápida como a implantação de serviços de apoio psicológico e social a puérpera, sendo esta uma de nossas metas para 2001.

TREINAMENTO DE IMPLEMENTAÇÃO DA PRÁTICA DE ACONSELHAMENTO

Autor: Karina Wolffenbüttel

Contato: karina@crt.saude.sp.gov.br

Co-autores: Rejane Fraissat; Judit Lia Busanello; Anália Silva Amorim; Bianca Marques Prado; Ricardo Barbosa Martins; Dirce Cândida de Assis; Maria Aparecida da Silva; Maria Margarida Glade

Instituição: PE DST/Aids SP; CRT DST/Aids SP; Centro de Treinamento

Palavras-chaves: Aconselhamento, Assistência, Modelos de atenção à saúde

Resumo: Implementar a prática de Aconselhamento em Serviços de Assistência Especializada e Elaborar com as equipes matriz de inserção do Aconselhamento no processo de trabalho em seu serviço.

Método: Formação de um Grupo de Aconselhamento intersetorial e multiprofissional dentro do CRT DST/Aids para planejamento, elaboração, execução e avaliação dos treinamentos em Aconselhamento com encontros regulares semanais e formação de grupos-tarefa para desenvolvimento de atividades específicas voltadas para a construção do treinamento. Divulgação e fomento da prática de Aconselhamento na Instituição através de discussões ligadas ao tema com a participação de profissionais de nível médio e universitário na instituição.

Resultados: 3 treinamentos (2000/01) ; carga horária : 24 h / 3 dias No mínimo 2 profissionais por serviço Perfil: Médicos, nutricionistas, psicólogos, enfermeiros e assistentes sociais. Foram treinados 65 profissionais (27 serviços de diferentes municípios). A Avaliação dos treinandos : local, material, metodologia e textos de apoio adequados. Em torno de 80 % avaliou as atividades do treinamento como boa ou ótima.

Aspectos positivos mais relevantes: Troca de Experiências, Aprendizagem e a qualidade das informações. Aspectos negativos : Pouco tempo para discussões, poucos dias . Na média 87 % considerou atingida a expectativa.

Conclusões: 1. O resultado dos treinamentos evidencia a importância da contextualização da prática de aconselhamento no processo de trabalho como uma estratégia de prevenção na assistência aos portadores de DST/HIV/Aids.

2. O trabalho das equipes multidisciplinares dos serviços no levantamento das dificuldades existentes na prática cotidiana do Aconselhamento, a

elaboração conjunta de recomendações para encaminhar as soluções para estas dificuldades e a definição da governabilidade de viabilização destas recomendações possibilitou um enfrentamento mais concreto , e evidenciou a necessidade do trabalho interdisciplinar.

3. A Sustentabilidade das ações de Aconselhamento dentro dos serviços de saúde dependem do compromisso e envolvimento e uniformidade de proposta das equipes, mas também das instâncias gerenciais que devem estar sensibilizados na busca e garantia de condições que viabilizem a prática do aconselhamento nestes locais.

AValiação DOS ACIDENTES PROFISSIONAIS COM MATERIAL BIOLÓ GICO

Autor: Norico Miyagui Misuta

Apresentador: Norico Miyagui Misuta

Contato: www.sesamga@pr.gov.br

Instituição: Secretaria de Estado de Saúde - Instituto de Saúde

Palavras-chaves: Prevenção, Organização de serviços

Resumo:

A 15ª Regional de Saúde de Maringá – Paraná abrange 30 municípios com uma população estimada de 635.939 habitantes .As condutas frente à exposição ocupacional a materiais biológicos foram implantadas em setembro/98.Os atendimentos aos profissionais acidentados são avaliados por um médico do serviço e os medicamentos fornecidos pela farmácia do Hospital Universitário de Maringá (HUM), em forma de kit para 10 dias. Os exames sorológicos dos acidentados e pacientes - fonte, são coletados pelo serviço e encaminhados para o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Análises Clínicas da Universidade. São disponibilizados VDRL, anti- HIV, anti- HCV e HBS Ag para o paciente- fonte e para os profissionais acidentados além desses, o anti- HBS. Os resultados dos exames são encaminhados para o Centro Regional de Saúde (CRS), onde após o 7º dia, os profissionais são avaliados. O objetivo do trabalho foi analisar os tipos de acidentes e melhorar o atendimento aos profissionais acidentados para evitar a disseminação do vírus da imunodeficiência humana e da hepatite B. Os dados foram coletados da ficha de notificação de acidentes, prontuários do CRS e registro da farmácia. Dos 168 acidentes ocorridos no período de setembro/98 a junho/99, 83,3% usaram quimioprofilaxia, sendo 57,1% com zidovudina + lamivudina, 32,9% com zidovudina + lamivudina + indinavir e 10,0% medicados somente com zidovudina. Os acidentes mais frequentes foram perfuração por agulhas após injeção (21,0%), retirada de escalpe (12,0%), limpeza ou manuseio do descartex e punção venosa, ambas com 10,0%. A maioria dos acidentes foram em auxiliares de enfermagem (39,0%) seguida de médicos (10,0%) e acadêmicos de odontologia (9,0%). Dos 168 acidentes, 93 (55,3%) foram acompanhados no CRS. Desses, 90 profissionais fizeram exames sorológicos, onde detectou-se 4 com anti – HBc e 1 com anti – HCV reagentes. Em relação ao esquema vacinal contra hepatite B, 90,0% dos profissionais informaram ter esquema completo, 5,0% não vacinados e 5,0% ignorados. Desses,

84,0% apresentaram imunidade contra hepatite B e 8 profissionais não fizeram a soroconversão. Quanto aos pacientes - fonte, 60 fizeram sorologia, 19 não coletaram e 14 eram desconhecidos, detectando-se 1 com anti-HCV , 2 HBS Ag e 4 anti-HBS reagentes. Dos 33 acidentes com paciente fonte desconhecido ou não coletado, 63,6% não fizeram exames de seguimento e não completaram a quimioprofilaxia recomendada de 4 semanas. A conclusão do presente estudo indica a necessidade de melhorar as notificações, conscientizar os profissionais da importância do acompanhamento, discutir critérios de indicação da quimioprofilaxia e implementar medidas de biossegurança . Palavras-Chave:- Prevenção e Organização de serviços.

PARCERIA OG/ONG NA RUA - UMA EXPERIÊNCIA QUE FUNCIONA

Autor: Marta McBritton

Apresentador: Marta McBritton

Contato: mcbritton@uol.com.br

Co-autores: Regina Tellini; Marcelo Peixoto; José Manuel Fernandez Sanmamed; Carla Alves Gomes; Eduardo Bernardes Silveira;

Instituição: Barong

Palavras-chaves: Marketing Social/Comunicação, Aconselhamento/Testagem, População em Geral

Resumo: Há 6 anos, o Barong, unidade móvel de Prevenção a Aids, trabalha na rua fugindo do tradicional esquema de ong com endereço. Proporciona ao transeunte anonimato, elemento facilitador para abertura e aconselhamento sobre sexualidade, práticas sexuais protegidas e situações de risco. Utilizando-se do Marketing Social, o Barong oferece acesso aos preservativos masculino e feminino, a preços subsidiados. Tendo como base as experiências adquiridas nas campanhas realizadas nas Shows de Verão no Litoral Paulista (95/98), Festival de Inverno de Campos do Jordão (97), e na Festa do Peão Boiadeiro/Barretos (98), onde percebeu-se maior vulnerabilidade no comportamento em adolescentes e jovens adultos em situação de férias. Frente a isso aliamos-nos ao Centro de Testagem Aconselhamento e Prevenção às DST/Aids do Município de Praia Grande, enfatizando minorar a situação de risco. A motivação era que o C.M.P.G. já trazia na bagagem, a experiência de rua, (CTAP na Comunidade) além de um projeto continuado de ações de verão na P.G. (Projeto Verão), utilizando parcerias.

Método: Usando técnicas de comunicação através de microfone, jogos, gincanas de sexo seguro, oficinas, o Barong mobilizou a população local e flutuante para a necessidade de saber sua real condição frente a pandemia do HIV, transformando seu comportamento medo/negligência, em coragem e conscientização: proporcionando testagem e aconselhamento técnico in loco. Resultados: Foram vendidos 12000 preservativos, distribuídos 2000, além de material informativo. Ocorreram aproximadamente 1200 aconselhamentos, inclusive com encaminhamento para testagem imediata ministrados pela equipe Barong/CM DST/Aids PG. Ocorreram 90 gincanas de sexo seguro e inúmeras oficinas. Os temas abordados eram: comportamento de risco, barreira, uso correto dos preservativos, acondicionamento, validade e transporte dos mesmos. Foram

atingidas diretamente 12.000 pessoas, e estima-se que 38000 pessoas viram o trailer e ouviram as mensagens de prevenção ditas ao microfone. Em tempo: O trailer é equipado com um preservativo de 5 m. de altura e decorado com cartazes de prevenção. Ocorreram diversos encaminhamentos de pré-adolescente e adolescentes, estimulados pelos pais para conhecimento de práticas de sexo seguro. Esse jovens, aparentemente, não tinham vida sexual ativa.

Conclusões: A experiência dessa parceria comprovou o sucesso do trabalho de prevenção primária e secundária na rua. O estímulo para a testagem era realmente eficaz uma vez que a estrutura estava disponível. Os resultados dos exames podiam ser retirados em 3 dias na Sec. da Saúde. A atuação lúdica na rua desmistifica e encoraja o teste e promove uma reflexão sobre a sexualidade. A experiência do Barong aliada ao respaldo técnico do CTAP-PG, demonstra que o sucesso das atividades de prevenção depende de parcerias complementares.

As atividades do Barong são financiadas pela DKT do Brasil. Os preservativos utilizados nas ações são os masculinos: Prudence, Prudence Plus, Affair e o feminino Reality.

BUSCANDO A SUSTENTABILIDADE DAS AÇÕES DE PREVENÇÃO E ASSISTÊNCIA ÀS DST/AIDS JUNTO A CAMINHONEIROS: UMA ARTICULAÇÃO COM SEST/SENAT

Autor: Dreyf de Assis Gonçalves

Apresentador: Dreyf de Assis Gonçalves

Contato: nucleoinstitucional@crt.saude.sp.gov.br

Co-autores: Sandra Caravieri SEST/SENAT - SP; Lígia Rivero Pupo CE DST/AIDS - SP; Vânia Camargo da Costa CE DST/AIDS - SP;

Instituição: Coordenação Estadual de DST/AIDS de São Paulo

Palavras-chaves: caminhoneiros, políticas públicas

Resumo:

Contexto: A Coordenação Estadual de DST/AIDS de São Paulo tem apoiado e desenvolvido ações de prevenção com a população de caminhoneiros, seja disponibilizando preservativos para diferentes instituições que desenvolvem atividades preventivas, seja conduzindo uma pesquisa ação em um dos Postos de Atendimento ao Trabalhador do Transporte em Estrada (PATE) pertencente ao SEST/SENAT(Serviço Social do Transporte/Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte).Visando aumentar a cobertura das ações de prevenção às DST/HIV/AIDS junto a este segmento social,e cientes de que a estrutura e a abrangência do SEST/SENAT e é extremamente estratégica para a sustentabilidade das ações de prevenção junto a caminhoneiros; a Coordenação Estadual de DST/AIDS-SP estabeleceu parceria com o SEST/SENAT, visando desenvolver ações conjuntas na área de promoção de saúde e prevenção . Neste mesmo período a CN de DST/AIDS firmou Termo de Cooperação Técnica com o SEST/SENAT no âmbito Nacional.

Descrição e métodos: Foram realizadas reuniões com representante do SEST/SENAT (SP), para identificar a melhor estratégia na inclusão de ações de prevenção e assistência às DST/AIDS, dentro das atividades já executadas por esta instituição(espaços e profissionais mais adequados).Identificou-se como prioritário a capacitação dos médicos destas unidades em Abordagem Sindrômica das DST; pois estes já atendiam demandas de DST e são profissionais de referência para as questões de saúde nas unidades. Este treinamento visa qualificar e dar maior resolutividade para o atendimento às DST, bem como criar um fluxo local de referência e contra referência para as demandas de teste e casos mais complexos. Também foi considerado fundamental, a capacitação de gerentes e instrutores dos PATEs e CAPITs (Centro

Assistencial e Profissional Integrado do Trabalhador em Transporte) no desenvolvimento de programas de prevenção. Através de um encontro estadual com representantes de Dires (Direções Regionais de Saúde), PM de DST/AIDS, ONGs e representantes de PATEs e CAPITs; foram organizados 4 grupos regionais responsáveis por elaborar e desenvolver estas capacitações.

Principais Resultados: Duas regiões do estado já se reuniram para organizar estas capacitações e montar o fluxo de referência e contra referência, e dois treinamentos já foram desenvolvidos.

Conclusões: Para garantir a sustentabilidade e uma maior cobertura das ações de prevenção e assistência às DST/AIDS junto a caminhoneiros, faz-se necessário o envolvimento de instituições que já prestam serviços de assistência social, de educação e de saúde à esta população. Estas instituições já tem estrutura para atividades de educação e saúde, inclusive recursos humanos; e portanto podem incorporar a prevenção dentro de suas atividades cotidianas. Esta ação se mostra estratégica por que esta instituição mantém diversos postos de atendimento por todo o estado de SP, (na estrada e na cidade) alcançando uma população itinerante e seus familiares.

É CONVERSANDO QUE A GENTE SE ENTENDE, E SE PREVINE

Autor: Magda Castro Lopes Gebrim

Apresentador: Yanina Otsuka Stasevskas

Contato: magdagebrim@uol.com.br

Co-autores: Yanina Otsuka Stasevskas;

Instituição: Centro de Referência DST/AIDS Campos Elíseos

Palavras-chaves: Adolescentes / adultos jovens, Assentamentos urbanos, Exclusão social

Resumo: Nosso projeto de intervenção iniciou-se a partir de um convite feito pela coordenação do MMC (um movimento de luta por moradia que atua na região central de São Paulo), em 06/2000, para uma palestra sobre aids, drogas e gravidez, dirigida a 60 jovens moradores de suas ocupações. Estes jovens estão vulneráveis à violência, às drogas e à aids, pois pertencem a uma parcela da população que foi excluída pelo atual modelo econômico. Durante a palestra, interativa, observamos explosões de agressividade entre meninas e meninos, enorme dificuldade de expressão e impossibilidade de escutarem-se mutuamente. Um pequeno grupo deles pediu novo encontro, explicitando o desejo de um trabalho que tratasse de dificuldades de relacionamento; buscavam união, mas não conseguiam se integrar num projeto comum. Detectavam que o maior entrave era o preconceito, expresso no tipo de moradia que tinham (projeto de urbanização, ocupação em terrenos ou prédios públicos): esta diferença era interpretada como superioridade/inferioridade entre eles. Muitos tinham vergonha de pertencer a um movimento de sem teto, por serem vistos como desagregados e delinquentes. Realizamos encontros semanais, abertos a todos jovens do MMC, em uma das ocupações. Como método para estabelecer a possibilidade de diálogo, propusemos o exercício da escuta, quando se deu peso e valor a todo e qualquer tipo de intervenção, respeitando-se a diversidade de posicionamentos. Propusemos também a incorporação de diferentes linguagens culturais (letras de músicas, notícias de jornais...) como meios de expressão e de construção de projetos comuns. Todos os temas discutidos foram escolhidos de comum acordo. Partimos da idéia que a fala de si, compartilhada, reconstrói sentidos e constitui um ponto de partida para a intervenção consciente do sujeito no curso de sua vida. Esta fala não é necessariamente uma confidência, mas uma apresentação ao grupo do que lhe é importante. O grupo cresceu de 8 para cerca de 35 membros e ampliou sua faixa etária. Foram criados

sub-grupos de produções culturais (dança, teatro), geridos por eles, e realizadas atividades conjuntas (passeio, futebol), integrando jovens de diferentes tipos de moradia. A possibilidade de reflexão ampliou-se através dos debates que fizeram sobre, por ex., o poder nas relações homem/mulher (ao decidirem que o juiz da partida de futebol seria uma mulher). Observamos um aumento de autonomia, um sentido maior de realização e uma busca mais articulada de sentido para a vida. Concluimos que pessoas vistas superficialmente como agressivas, sem interesse, apropriam-se de propostas de encontro e reflexão, quando inscritas num contexto significativo. Quando avaliadas pelo grupo, criam soluções para suas questões, podendo modificar comportamentos, de forma a prevenirem-se de situações destrutivas. Como disse uma das jovens do grupo: Informação sobre aids a gente já tem. Precisamos deste tipo de conversa, porque senão a gente não faz o que sabe.

PROJETO PREVENÇÃO À S DST/AIDS PARA PROFISSIONAIS DO SEXO FEMININO

Autor: Maria Roselly Rodrigues Pinheiro e Cândido

Apresentador: Maria Roselly Rodrigues Pinheiro e Cândido

Co-autores: Nivalda D. Menezes; Gislaine M. Ferreira; José Menezes; Iolanda M. M. Leão; Francisco V. Monteiro Júnior;

Instituição: Diocese de Rondonópolis - Pastoral da Mulher Marginalizada

Palavras-chaves: Profissionais do Sexo Feminino, Serviços de Prevenção, Mulheres

Resumo:

Contextualização: A Pastoral da Mulher Marginalizada desenvolve um trabalho com as profissionais do sexo feminino de baixa renda, no município de Rondonópolis há seis anos. Através desse trabalho, pôde perceber que a informação até então adquirida é insatisfatória para uma prevenção significativa em DST/AIDS, pois apresentam alta incidência de doenças, principalmente as sexualmente transmissíveis e um crescente aumento da AIDS, alcoolismo e dependência de pasta base.

Descrição/ Método: O trabalho com as mulheres é feito através de abordagem em locais de prostituição para distribuir material informativo/educativo e preservativos. A partir daí estabelece-se um vínculo para realizar encontros semanais, onde fazemos palestras utilizando dinâmicas para obter uma maior interação com o grupo. Realizamos ainda, oficinas de sexualidade e prevenção às DST/AIDS, auto-estima, saúde integral e cidadania. Bem como o encaminhamento para os centros de saúde. Para a realização destas oficinas fazemos parcerias com Centros Comunitários, Igrejas e outras entidades que possuam salas apropriadas e próximas aos locais de prostituição.

Principais Resultados:

Encontros Semanais: previstos: 264. Realizados: 52.

Oficina de Sexualidade: Previstas: 4. Realizadas: 2

Oficinas sobre Saúde Integral e Cidadania: Previstas: 4. Realizadas: 2

Encaminhamentos ao Serviço Público de Saúde. Realizados: 40.

Obs. A duração do projeto é de doze meses. O trabalho de abordagem começou a partir do segundo mês, portanto os resultados são relativos a dois meses de trabalho.

Conclusões: Tendo-se em vista que as mulheres prostituídas representam um grupo com relativa dificuldade de abordagem, os

resultados até agora estão dentro do esperado. Esperamos com esse trabalho proporcionar informação continuada a essas mulheres sobre prevenção e ações de controle às DST/AIDS e criar espaço para o regate da sua auto-estima e construção de sua cidadania.

ATIVISMO E LIDERANÇA UMA METODOLOGIA NA LUTA CONTRA A AIDS

Autor: Solange Rocha

Apresentador: Solange Rocha

Contato: solange@soscorpo.org.br/sos@soscorpo.org.br

Co-autores: José Araujo Lima; Chico Pedrosa; Moacir Ramos; Ruth Gunn Mota;

Instituição: SOS CORPO - Gênero e Cidadania

Palavras-chaves: Treinamento, Pessoas Vivendo com HIV e Aids

Resumo:

Contextualização: No Brasil, as pessoas soropositivas conquistaram, por diferentes caminhos, espaços enquanto participantes ativos nas políticas públicas de saúde voltadas para o controle e a prevenção da epidemia. Nos últimos 20 anos o Brasil vive fortemente processos de consolidação democrática, inaugura-se um novo diálogo entre sociedade civil organizada e governo, amplia-se a idéia de cidadania, justiça social e que o bem público precisa ser monitorado e controlado. Isto implica no fortalecimento do papel de ativista suficientemente sedimentado para agir de forma eficaz e eficiente no controle da Aids, considerando as diferenças regionais as distâncias territoriais que não favorecem um intercâmbio entre as lideranças. O Ativismo e Liderança nasce da necessidade de conjugar a teoria com a prática, ampliando o conhecimento sobre as ações, considerando que ativismo tem um tripé formado pelo conhecimento, compromisso e intervenção. Os treinamentos possibilitaram um mergulho profundo visando o fortalecimento e um maior bem-estar no viver com HIV/ AIDS. Descrição/ Método: a principal atividade - treinamentos de 80 horas cada 01 sul/ 20 participantes/97; 01 nordeste/20 participantes/98; 01 centro-oeste/norte/ 16 participantes/ 99; 01 sudeste/20 participantes/00. Com a coordenação da UNIVALI/ UNB/ UFPB/ Instituto de Saúde de SP/ FAÇA/ NUSS/ GIV/ GRAB/ SOS CORPO e MS CN DST/Aids. A metodologia foi baseada na participação dos/as treinandas/os, voltado para a apropriação do saber, propiciando a percepção da realidade, visando sua transformação. Os conteúdos relacionaram aspectos bio-psicossociais, políticos e gerenciais vinculados à prevenção e ao controle da Aids. Eixos temáticos: ativismo, assistência, tratamento, direitos humanos, gênero, sexualidade, práticas sexuais, controle social, comunicação. Os/as participantes finalizavam o treinamento construindo um plano de ação para o exercício da liderança

e do ativismo em suas cidades. Principais resultados: 60% dos planos elaborados foram ou estão em execução. Os grupos apontaram como resultado o aumento da auto-estima, a aquisição de instrumentos para a ação ativista e o aumento da participação em instâncias de controle social, em espaços do movimento contra a Aids e atuando em redes locais e nacionais. Essa experiência foi sistematizada e seus resultados foram apresentados na publicação *Ativismo e Liderança Uma Metodologia Na Luta Contra A Aids*, novembro/00. Conclusão: Diante dos ganhos pessoais e sociais creditamos os bons resultados ao desejo de transformação da sociedade na busca de uma cidadania que inclua uma população cada vez mais atingida pelas desigualdades sociais, no qual ter o HIV acaba sendo muitas vezes a possibilidade de se rebelar contra a naturalização da exclusão e é com esse espírito de luta que todas as pessoas envolvidas nesse projeto continuam acreditando que ser ativista faz a diferença para o enfrentamento da epidemia.

ESTRATÉGIAS DE SUSTENTABILIDADE: “ EXPERIÊNCIA DE OG E ONG NO ESPAÇO DO CTA

Autor: Ludia Genovese Goulart Mondini

Apresentador: Ludia Genovese Goulart Mondini

Contato: mondini@cpovo.net ou cta.cfa@ig.com.br

Co-autores: Ana Cristina Moura; Cristine Hoff da Cunha; Felipe Maciel; Fatima Machado; Luisa Regina Pericolo Erwig; Paulo Ricardo Alencastro; Silvia Vargas de Andrade; Suzana Müller Kurban

Instituição: Hospital Sanatório Partenon: CTA “Caio Fernando Ab

Palavras-chaves: Organização de serviços, Modelos de Assistência à Saúde

Resumo: O Centro de Testagem e Aconselhamento, enquanto interface entre a prevenção e a assistência, tornou-se ao longo de sua trajetória um espaço privilegiado de criação e fomento de novas estratégias que contemplem a problemática do HIV/AIDS em seus diversos desdobramentos. A integração das ações entre políticas públicas de saúde e da sociedade civil organizada representa uma potente estratégia de auxílio na redução do impacto desta epidemia. O presente relato descreve a experiência de atividades integradas entre ONG e serviço público de saúde no espaço do CTA.

Descrição e método: A integração de ações entre CTA e ONG dá-se através do desenvolvimento de atividades diversas de intervenção junto a comunidade em geral e a população atendida no segmento ambulatorial. São realizados grupo de adesão ao tratamento, grupo de gestantes, grupo de redução de danos, grupo de cuidadoras.

Resultados: Esta experiência encontra-se em fase de coleta de dados, tendo como foco avaliar o aumento da adesão ao tratamento, a ampliação e adoção de estratégias de autocuidado, de redução de danos, bem como de práticas seguras que evitem a transmissão/reinfecção do HIV.

Conclusões: A experiência de integração das ações entre ONG e CTA tem se mostrado uma fonte plural de reflexão e revisão sobre os papéis das instâncias governamentais e da participação social no resgate a cidadania e na melhoria da qualidade de vida das pessoas vivendo direta ou indiretamente com HIV/AIDS. Novos modelos de atuação do CTA devem ser estimulados no sentido de ampliar o papel deste serviço e fomentar a incorporação da sociedade civil em estratégias e ações gerando novos modelos de sustentabilidade.

AIDS E CRIANÇAS: REPENSANDO A PREVENÇÃO

Autor: Juliana Sampaio

Apresentador: Juliana Sampaio

Contato: julianasmp@ig.com.br

Instituição: Secretaria de Saúde da Cidade do Recife

Palavras-chaves: crianças, educação,

Resumo: Com o avanço epidemiológico da aids, visualiza-se um crescente número de crianças atingidas pelo HIV, e paralelamente, o avanço nos trabalhos de prevenção, que são dirigidos de forma mais sistemática a jovens e adultos. Compreendendo que a construção da aids enquanto objeto social interfere nas várias formas da sociedade se posicionar frente à epidemia, busca-se compreender como as representações sociais da aids e da infância interferem nas propostas de prevenção. Esta discussão ressalta ainda as contribuições decorrentes da inserção do infante nestes trabalhos, propondo uma releitura da própria proposta interventiva. Ouvindo professores da rede de ensino fundamental do Recife, observa-se que a aids se configura enquanto um objeto relacionado a grupos marginais e práticas socialmente recriminadas, sendo distanciada do grupo social hegemônico e marcada pela culpa de seus portadores, os quais assumem o lugar de objeto de exclusões sociais. Ao mesmo tempo, estes profissionais compartilham a concepção difundida no imaginário social da criança enquanto pura, ingênua, sem maldades. Na medida em que o contato sexual assume lugar privilegiado quando se considera as formas de infecção do HIV, torna-se difícil associar aids a criança, uma vez que as práticas sexuais, que muitas vezes esgotam a concepção de sexualidade existente, são tidas como antagônicas à realidade infantil. Neste sentido, quando se discute prevenção em aids, coloca-se como foco central o desempenho de práticas sexuais e não a sexualidade do sujeito. Em contraponto à perspectiva acima, enfatiza-se a estreita relação entre prevenção e socialização, destacando que na infância, fase na qual a socialização se torna intensa e significativa, principalmente quanto à construção e apropriação de novos sentidos da realidade, torna-se possível trabalhar noções de auto cuidado e cuidado com o outro, provendo ferramentas para o estabelecimento de condutas preventivas durante as fases jovem e adulta. Trata-se de trabalhar a prevenção enfatizando a construção da sexualidade, incentivando a responsabilidade frente às escolhas, resultado de uma postura crítica e de autonomia do corpo, fruto da construção permanente e complexa da

identidade. Nesta concepção, prevenção não se confunde com desempenho de práticas preventivas, as quais, por sua vez, podem ser assumidas com maior eficácia, na medida em que não são apenas respostas à imposição social ou medo de sujeitos marginais, mas sim, reflexo da forma de se relacionar com o outro e com a própria sexualidade. Associar prevenção a socialização permite que as condutas preventivas não sejam sustentadas pela discriminação do sujeito supostamente em risco, abrindo-se a perspectiva para que todos sejam passíveis à aids, inclusive as crianças. Como resultado, tem-se maior possibilidade para a inclusão do sujeito soropositivo e a legitimação da diferença, o que parece facilitar a promoção de relações sociais mais respeitadas e responsáveis entre os sujeitos.

SOBRE DESEJOS, DIREITOS E NECESSIDADES DE MULHERES PORTADORAS DE HIV

Autor: Wilza Villela

Apresentador: Nair Soares de Brito

Contato: wilzavi@isaude.sp.gov.br

Co-autores: Nair Soares de Brito;

Instituição: Instituto de Saúde

Palavras-chaves: Mulheres, Pessoas vivendo com HIV

Resumo: Apesar da epidemia do HIV atingir crescentemente a população feminina ao longo da década de 90, as mulheres portadoras do HIV tem sido contempladas com um volume de intervenções visando organização e mobilização em torno dos seus direitos bem menos expressivo do que a população masculina. Neste sentido foi feito um levantamento e uma análise crítica das iniciativas realizadas no país para as mulheres portadoras do HIV, nos últimos dez anos. Ao mesmo tempo, foram realizadas entrevistas com mulheres portadoras em todo país, a partir de roteiro, sobre os desejos, direitos e necessidades das mulheres vivendo com HIV, visando nortear próximas iniciativas voltadas para esta população. A análise das entrevistas foi direcionada no sentido de identificar as semelhanças e diferenças entre as mulheres portadoras e não portadoras, tendo sido considerado, para esta comparação, dados da literatura e da experiência prévia das pesquisadora. Foi verificado que as questões de gênero que permeiam o exercício da sexualidade e as relações afetivas são bastante semelhantes entre as mulheres, independente da sua sorologia. Ao mesmo tempo, parece que algumas vivências femininas, como a culpa em relação à sexualidade, os temores em relação ao corpo e as inseguranças na relação com o parceiro, com os filhos e a família, ficam exacerbadas quando a mulher tem que se defrontar com o viver com HIV. Os resultados deste trabalho sugere a necessidade de serem intensificados os esforços no sentido de assegurar a organização das mulheres com HIV, bem como de estimular o diálogo das mulheres com HIV com os demais grupos de mulheres. A partir deste diálogo seria possível estabelecer pautas de atuação política conjunta com diferentes grupos, como homens vivendo com HIV, mulheres em geral, população em geral, no sentido de potencializar as lutas das mulheres vivendo com HIV comuns a cada um destes grupos.

PROJETO COLMÉIA: EDUCAÇÃO E PREVENÇÃO DE DST/
AIDS PARA MULHERES - RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Autor: Sílvia B. Bellucci

Apresentador: Sílvia B. Bellucci

Contato: centrocorsini@centrocorsini.org

Co-autores: Aranaí Guarabyra; Eliana Hebling; Fernanda Negrão;

Instituição: Centro Corsini

Palavras-chaves: Mulheres, Heterossexuais, Educação

Resumo: O Projeto Colmeia nasceu em 1992 com o objetivo de informar, conscientizar e instrumentalizar mulheres/mães, visando diminuir a vulnerabilidade feminina frente as questões da Aids. Através de metodologia participativa, cerca de 3.396 mulheres de 177 instituições sociais foram atendidas . Os resultados relacionados ao conhecimento adquirido pelos grupos de mulheres eram medidos a partir da aplicação de um questionário semi-estruturado aplicado antes e após as intervenções. Ao final de cada 12 meses o programa era avaliado onde se readequava as propostas de atividades a partir das demandas surgidas. Produção de material educativo, realização de programas de rádio, formação de multiplicadoras, elaboração de esquetes teatrais, entre outros foram resultados que se constituíram a partir desta experiência. O objetivo deste trabalho é de apresentar as lições aprendidas nesses 9 anos de experiência em educação e prevenção das DST/Aids para grupos de mulheres realizado pôr uma Organização Não- Governamental.

PRD-JF " QUESTÃO DE LEGITIMIDADE "

Autor: Wulmar Bastos Júnior

Apresentador: Wulmar Bastos Júnior

Contato: cepaad@fusoes.com.br

Co-autores: Marques, AJ; Carrilho, MV; Amorim, JEM; Pires, JH; Oliveira, R; Junqueira, L;

Instituição: Associação Casa Viva - CEPADD

Palavras-chaves: Políticas Públicas, Redução de Danos

Resumo:

Contextualização: a) Segundo o Ministério da Saúde do Brasil (MS), cerca de 25% dos casos de AIDS notificados tem como categoria de exposição o uso de drogas injetáveis. Em Juiz de Fora, na época da implantação da RD (1998), esta categoria era responsável por 30.8% das notificações. b) Um importante argumento usado contra a substituição de agulhas e seringas usadas por novas é a lei 6368/76 de 21.10.1976.

Descrição/Método: No intuito de legitimar as ações de RD no município, elaborou-se e cuidadosamente colocou-se em pratica as seguintes estratégias: a) Em 1999 foi realizada a Segunda Conferencia Municipal de Saúde Mental de Juiz de Fora. A Associação CasaViva (entidade executora de RD no município) elaborou a tese propondo a adoção de uma política municipal de RD. b) Através de reuniões com o legislativo forneceu subsídios teóricos para aprovação do projeto de lei no. 126 de junho de 1999 contemplando as estratégias de RD. c) Em contatos com o Quarto Comando Regional da Policia Militar (PM), a equipe técnica de RD elucidou o tema no intuito de minorar os entraves policiais relacionados à execução da estratégias de RD.

Principais Resultados: a) A tese redigida foi defendida, aprovada e publicada no relatório final. b) O Projeto de Lei no. 126 foi aprovado e a obrigatoriedade da substituição de agulhas e seringas com os UDIs garantida. c) Obteve-se apoio da PM inclusive com o fornecimento de uma carta nominal autorizando os redutores e técnicos da RD local a portarem o Kit fornecido pelo PRD-JF em qualquer parte da cidade e região fazendo a substituição de material utilizado por novos.

Conclusões: O método utilizadas no sentido de legitimar as ações de RD no município se mostraram extremamente eficazes uma vez que a política municipal de RD foi aprovada com respaldo legal e apoio da PM, reduzindo assim os entraves da execução dos trabalhos de RD tão somente aos pertinentes ao próprio trabalho.

AÇÕES DE PREVENÇÃO DE DST/AIDS EM UNIDADES DO PROGRAMA DE SAÚDE DA FAMÍLIA

Autor: Wilza Vieira Villela

Apresentador: Wilza Vieira Villela

Contato: wilzavi@isaude.sp.gov.br

Co-autores: Amália Suzana Kackmann;

Instituição: Instituto de Saúde

Palavras-chaves: modelos de atenção à saúde

Resumo: O Programa de Saúde da Família constitui-se hoje a proposta de modelo assistencial assumida pelo Ministério da saúde como a estratégia mais adequada para a implementação do SUS. Desde 1997 têm sido realizados esforços visando incorporar ações de prevenção de DST/AIDS às atividades desenvolvidas pelo PSF. Este trabalho tem como possibilidade analisar os limites e as possibilidades da implementação de ações de prevenção de DST/AIDS no PSF. Para tanto foram observadas as atividades de quinze unidades de saúde da família no Estado de São Paulo situadas em nove municípios de tamanhos e taxas de prevalência de DST/AIDS distintos. O trabalho nas USF incluiu entrevistas com agentes comunitários de saúde e com os demais técnicos da equipe a respeito da abordagem de prevenção feita na unidade. Foram realizados registros a respeito do estoque de camisinhas, das atividades específicas realizadas e comparados os dados do SIAB com os dados do sistema de vigilância epidemiológica de DST/HIV disponível no Estado. Os resultados demonstram que a ação educativa visando a prevenção das DST/AIDS implementada pelas agentes comunitárias de saúde durante as visitas domiciliares e atividades comunitárias é praticamente nula, devido à rigidez dos seus protocolos de trabalho. Entretanto, se existe interesse por parte da gerente, ou mesmo de alguma agente, individualmente, é possível desenvolver alguma atividade de prevenção. Estas, prioritariamente se revestem de caráter prescritivo visando o uso da camisinha, não havendo uma perspectiva mais dialógica onde este tipo de discussão se inscreva numa abordagem mais ampla da experiência sexual da/o usuária/o. Ao mesmo tempo, nas visitas domiciliares realizadas para portadores de HIV, não é feito nenhum aconselhamento específico, sendo que algumas agentes se sentem embaraçadas nestas ocasiões. Estes resultados sugerem a necessidade de se repensar a metodologia de treinamento das agentes comunitárias de saúde, e das equipes de saúde da família no geral, visando criar uma

rotina de prevenção de DST/AIDS que esteja inscrita no cotidiano do trabalho. esta metodologia deveria levar em conta não apenas os dados e conceitos gerais que norteiam a luta contra a epidemia, como também a experiência local da equipe com a comunidade.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO CONTINUADA NA ADESÃO
AO CONDOM FEMININO ENTRE MULHERES PROFISSIONAIS
DO SEXO - MUNICÍPIO DE CAMPINAS

Autor: Rosilene Slaviero

Apresentador: Maria Aparecida Leal

Contato: rissi@nutecnet.com.br

Co-autores: Maria Aparecida Leal; Juan Diaz; Josué N. de Lima;

Instituição: Prefeitura Municipal de Campinas - Secretaria de Saúde -
Ambulatório Municipal DST/AIDS

Palavras-chaves: Preservativos Femininos, Educação

Resumo:

Contextualização: Bauru é um município com 315.835 mil habitantes, localizado na região centro-oeste do estado de São Paulo. Possui programas municipais de DST/AIDS e de Controle da Tuberculose implantados. A incidência da tuberculose no município é de 46/100.000 mil e da AIDS de 8/100.000 mil. A tuberculose é uma doença oportunista desenvolvida por pacientes de AIDS. Devido à associação do tratamento com antiretrovirais, os pacientes sentem maior dificuldade no uso da medicação contra a tuberculose, abandonando o tratamento. Os doentes de AIDS co-infectados com tuberculose, devem ser acompanhados através de dose supervisionada, visando melhor adesão ao tratamento e a cura. A Seção de Moléstias Infecciosas Serviço de Assistência Especializada (SAE) de Bauru, implantou em 1999, o tratamento supervisionado, através das equipes de Tisiologia e do Atendimento Domiciliar Terapêutico-ADT.

Descrição do Método: Para a implantação desta nova estratégia de acompanhamento de pacientes co-infectados, foram realizadas reuniões e treinamentos com os profissionais das equipes acima citadas, visando esclarecer os objetivos do tratamento supervisionado e estabelecer a rotina de acompanhamento destes doentes. Foram estudados todos os co-infectados atendidos no período, em acompanhamento através do tratamento supervisionado, visando observar as taxas de abandono de tratamento. A situação de alta, após o término do tratamento, foi extraída do livro de registro do ADT. Os doentes que não aderiram ao tratamento de tuberculose, foram entrevistados, com o objetivo de investigar a causa de abandono.

Resultados Preliminares: Os profissionais de saúde foram treinados para realizarem atividades educativas e para supervisionarem a tomada

da medicação pelo doente. Todos foram sensibilizados para acolherem o doente e verificar possíveis efeitos colaterais das drogas. Os pacientes em acompanhamento através do ADT recebiam visitas diariamente da equipe para receberem cuidados referentes a AIDS e tomavam a medicação contra a tuberculose na presença deste profissional de saúde. Entre o período de Jan/99 a Jan/01, foram acompanhados 25 doentes co-infectados em tratamento supervisionado. Treze tiveram alta por cura, 2 abandonaram o tratamento antes do término, 9 foram à óbito e 1 continua em acompanhamento. Os 2 pacientes que abandonaram o tratamento, referiram que o fizeram devido ao fato de estarem tomando muitos medicamentos e sentirem necessidade de pararem com alguns.

Conclusões: A criação de vínculo com os doentes de AIDS é fundamental para a melhoria da qualidade de vida do indivíduo. Em se tratando de pacientes co-infectados, que encontram-se mais debilitados, o papel da equipe no acolhimento destes doentes é muito importante para que os mesmos levem seus tratamentos até o final, evitando a possibilidade de desenvolverem tuberculose multirresistente. Somente o investimento através de educação continuada com profissionais de saúde garantem o sucesso do tratamento.

O FUTEBOL COMO ESPAÇO DE MULTIPLICAÇÃO EM AÇÕES DE PREVENÇÃO ÀS DST/HIV/AIDS E USO INDEVIDO DE DROGAS: UMA EXPERIÊNCIA

Autor: Wilson Aparecido Silva

Apresentador: Wilson Aparecido Silva

Contato: wilsons@usp.br

Co-autores: Vera Paiva; Cássia Maria Buchalla; Norman Hearst; Ron Stall;

Instituição: Faculdade de Saúde Pública - NEPAIDS/USP

Palavras-chaves: Adolescente/Adulto Jovem, Heterossexuais, Vulnerabilidade

Resumo:

Contextualização: Este projeto tenta responder à necessidade de pesquisas e projetos de intervenção voltados aos homens jovens heterossexuais num universo relevante e pouco estudado que é o do futebol.

Objetivo: Descrever a experiência de um projeto de prevenção às DST/AIDS e Saúde Reprodutiva em um clube de futebol profissional da primeira divisão do futebol brasileiro, localizado em Campinas-SP, Brasil. **Métodos:** Intervenção com dezessete oficinas de dinâmica de grupo. As diversas formas de expressão (discursiva, escrita, pictográfica, vídeos) foram utilizadas para captar os conteúdos e as representações do grupo em relação aos temas desenvolvidos. Aplicação de um questionário auto-respondido (pré e pós intervenção) para coleta de dados sócio-demográficos, comportamento sexual, fatores de conhecimento e comunicação, normas de gênero, uso do preservativo e relação entre prática esportiva e fatores de risco ao HIV.

Resultados: O grupo apresentou um alto grau de informação quanto as vias de transmissão do HIV, mas baixo nível de conhecimento em relação às funções reprodutivas e às DST. A gravidez constitui a principal preocupação destes jovens, diferentemente das DST/HIV/AIDS. Verificamos o uso consistente do preservativo com parceira casual (73%) e inconsistente com parceira fixa (27%). A possibilidade de convivência ou atuação com um atleta soropositivo no futebol é tido como algo ameaçador para (58%) na média do grupo. Verificamos que o preservativo ainda encontra resistências e conhecimento da parceira constitui o principal método utilizado na prevenção.

Conclusões: A especificidade do meio social reverbera formas de vivência de uma masculinidade que dá a estes jovens uma sensação de invulnerabilidade frente às DST/HIV. O futebol, assim como os esportes de relevância nacional, nos mais diferentes países, podem ser importantes locais para projetos e veiculação de campanhas e ao uso abusivo de drogas, pois ocupam lugar importante na socialização de crianças e jovens. Os jogadores poderiam atuar como multiplicadores nas áreas de lazer periféricas da cidade, junto aos adolescentes e jovens, pois representam figuras importantes de identificação junto a essa população.

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DAS PROFISSIONAIS DO SEXO

Autor: Valterney de Oliveira Morais

Apresentador: Valterney de Oliveira Morais

Contato: lanoliveira@bol.com.br

Co-autores: Denise Lima Mascarenhas; Carlito Lopes Nascimento Sobrinho;

Instituição: Programa Municipal DST/AIDS

Palavras-chaves: Mulheres, Profissionais do Sexo Feminino,

Resumo:

Contextualização: O município de Feira de Santana Bahia é Referência para mais 27 municípios circunvizinhos, possui o maior entroncamento Rodoviário Norte/Nordeste e apresenta uma grande população flutuante. Tais características, juntos com as condições sócio- econômicas atuais, estão aumentando os índices de prostituição, o que pode ser comprovado com o surgimento de prostíbulo em vários pontos da cidade. O presente estudo teve como objetivo identificar e analisar aspectos sócio demográficos das Profissionais do Sexo cadastradas no Programa Municipal DST/AIDS com vista a contribuir na criação da Associação de Prostitutas Feirenses (APROFS) para melhoria na qualidade de vida destas mulheres.

Descrição/Método: Estudo quantitativo descritivo, feito em 11 prostíbulo do município de Feira de Santana ; Ba no período de Agosto de 1999 à Dezembro de 2000, com uma população específica: Profissionais do Sexo cadastradas no Programa Municipal DST/AIDS - 115 no total. Os dados foram coletados através de um formulário com perguntas fechadas e abertas. A análise foi feita através da relação entre variáveis pesquisadas (Procedência nacional e local, idade, idade que iniciaram na prostituição, raça, escolaridade, estado civil, grau de maternidade, número de programas/dia, uso dos preservativos, motivos do não uso, como adquirem os preservativos, DST's diagnosticadas, tratamento, Drogas usadas e dos motivos que levaram a prostituição).

Principais Resultados: Percebeu-se que 42% das Profissionais do sexo são precedentes do estado da Bahia (22% Feira de Santana e Vitória da Conquista e, 17% de Salvador) e 16% do Piauí; 52% encontra-se na faixa etária de 18 a 22 anos entretanto, observou-se que 43% iniciaram na prostituição com 15 anos; 68% destas mulheres são morenas e 25% negras; 53% com ensino fundamental incompleto; 78% solteiras e 12% separadas; 68% são mães em média com 02 filhos; 32% realizam

03 programas por dia, 85% afirmaram que usam camisinha ; estas adquiridas em 90% por verba própria; 15% não usam camisinha pois baixa o valor do programa e o cliente não aceita; 25% já tiveram DST 66% fizeram auto medicação; 74% não são vacinadas contra hepatite B; a maconha, o álcool e a cocaína são as drogas mais usadas pelas profissionais do sexo e, segundo elas, os motivos que levaram a prostituição foram: 37% necessidade financeira, 20% violência familiar, 12% briga amorosa e 10% desemprego.

Conclusão: A prostituição, profissão mais antiga do mundo, é um fenômeno resultante de vários fatores de ordem econômica, social e cultural; requer um olhar desprovido de preconceito, bem como de estereótipos. A partir deste perfil, foi realizado o primeiro Fórum das Profissionais do Sexo e a primeira Campanha contra Hepatite B e Febre Amarela nestas mulheres.

PROPOSTA DE COMO CONSTRUIR AÇÕES DE REDUÇÃO DE DANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO

Autor: Regina Bueno

Apresentador: Regina Bueno

Contato: reginab@sms.prodam.sp.gov.br / reginabueno@hotmail

Co-autores: Fábio Mesquita; Daniele Piconez; Giselda P Trigueiros; Gabriela Calazans; Paulo Antonini; Maria Cristina Abbate;

Instituição: Programa Municipal de DST/AIDS de SP II

Palavras-chaves: Redução de Danos, Usuários de Drogas

Resumo:

Contextualização: O uso de drogas injetáveis é a segunda maior causa de transmissão do HIV na Cidade de São Paulo, que hoje conta com quase 11 milhões de habitantes. Esta cidade concentra 22% dos casos de AIDS do Brasil. O Programa de DST/AIDS da Cidade de São Paulo, desde janeiro de 2001, vem propondo uma ampla estratégia de Redução de Danos para o enfrentamento do problema.

Descrição/Método: Destinamos os primeiros dias da atual administração para a realização de um diagnóstico da situação de AIDS x Drogas, definindo áreas prioritárias de atuação do projeto de RD junto aos serviços de DST/AIDS e das ONG, com a elaboração de uma proposta concreta de intervenção.

Principais Resultados: Os serviços da rede municipal de DST/AIDS (20 unidades) serão treinados em RD para então disponibilizar seringas e materiais educativos. A vacinação de hepatite B dirigida a esta população será estimulada. A articulação com a sociedade civil organizada será uma forma adicional de expansão das estratégias de RD. Ainda receberão treinamento em RD os agentes do Programa Saúde da Família e os participantes dos projetos sociais da Prefeitura de São Paulo como o bolsa trabalho. Um convênio com a FSP/USP e a Universidade da Califórnia, Berkeley, possibilitará o treinamento em metodologia de pesquisa (AIDS/Drogas) para 19 técnicos de nível universitário dos nossos serviços. Outras iniciativas alternativas estão em franco desenvolvimento.

Conclusão: Enfrentar a epidemia de HIV/AIDS entre UDI é uma das prioridades do Programa de DST/AIDS da cidade de São Paulo. Para isto há uma grande mobilização no sentido de construir uma resposta para a epidemia de HIV/AIDS e hepatites, apropriada à dimensão da cidade.

ASPECTOS COMPORTAMENTAIS OBSERVADOS NOS
PROFISSIONAIS DO SEXO EM RELAÇÃO AO USO DE
PRESERVATIVOS E NO CONTROLE SOROLÓGICO NO
CENTRO DE REFERÊNCIA EM DST/AIDS - SP

Autor: Merciana Tereza Carvalho Vandeveld

Apresentador: Merciana Tereza Carvalho Vandeveld

Contato: merlu@uol.com.br

Co-autores: César Oscar Polachini; Lílian Maria Orfei Abe; Marianne Kato Hasue; Silvana Latrônico Marassi; Sônia Regina de Oliveira Paula e Silva;

Instituição: Prefeitura do Município de São Paulo - CRDST/AIDS

Palavras-chaves: Profissionais do Sexo Masculino, Profissionais do Sexo Feminino, Travestis

Resumo:

Contextualização: Este trabalho foi realizado com o objetivo de caracterizar aspectos do comportamento de Profissionais do Sexo, usuários do CRDST/AIDS Santo Amaro do município de São Paulo, em relação ao uso de preservativos e no acompanhamento da sorologia para HIV. Este projeto foi motivado, devido à substancial presença desta população na demanda da unidade de saúde.

Descrição / Método: Foram analisados 758 prontuários de matriculados que se identificaram como profissionais do sexo, entre out/1997 e abr/2001, no CRDST/AIDS, São Paulo. Na segunda fase do trabalho, um inquérito individual será aplicado a estes usuários, quando da retirada de preservativos na unidade, durante período determinado.

Este instrumento, permitirá identificar neste grupo populacional:

1 - A frequência, na realização do exame para HIV, 2 - Motivo da recusa em realizar o teste para HIV, 3 - Se a quantidade de preservativos fornecida pelo serviço vem sendo suficiente ou não, de acordo com sua atividade, 4 - Postura assumida pelo profissional do sexo, quando não é atendida sua demanda de preservativo.

Principais resultados: Tabela I - Situação Sorológica para o teste HIV entre os profissionais do Sexo, no Centro de Referência DST/AIDS Santo Amaro, entre out/1997 a abr/2001.

Resultado	Mulher	Homem	Travesti	Total	%
teste HIV+	10	13	19	42	(5,5)
HIV -	462	23	26	511	(67,5)
Indet.	2	1	1	4	(0,5)

Recusa 152 27 22 201(26,5)

Total 626 64 68 758(100,0)

Fonte NEPI CRDST/AIDS Santo Amaro

Dos 758 profissionais do sexo matriculados, 626 (82,6%) são do sexo feminino e 132 (17,4) são do sexo masculino. Entre os profissionais do sexo feminino, 10 (1,6), são HIV positivo, 462 (73,8) são HIV neg., 2 (0,3) tem resultado indeterminado (não retornaram para confirmação do resultado) e 152 (24,3) não quiseram realizar o teste para HIV. Dos 132 profissionais do sexo masculino, 68 (51,5) são travestis e 64 (48,5) são não travestis. Dos não travestis 13 (20,4) são HIV positivo, 23 (35,9) são HIV neg., 1 (1,5) tem resultado indeterminado e 27 (42,2) não quiseram realizar o teste para HIV. Em relação 19 (27,9) são HIV positivo, 26 (38,3) são HIV negativo, 1 (1,4) tem resultado indeterminado e 22 (32,4) não realizaram o teste. Em relação à distribuição de preservativos masculinos durante o ano de 2000, das 111.629 unidades distribuídas, 55.620 foram fornecidas aos profissionais do sexo.

Conclusões: A grande maioria dos profissionais do sexo atendida neste serviço é de mulheres. Entre os profissionais do sexo masculino, os travestis são o subgrupo que apresenta maior porcentagem de infectados. Quanto à realização da sorologia para o HIV, observa-se que a população de profissionais do sexo masculino não travestis, apresenta maior resistência em realizá-lo. Quanto à distribuição de preservativos, a maioria das pessoas que retiram o insumo nesta unidade é de profissionais do sexo.

CONTRIBUIÇÕES DA PRÁTICA DO YOGA PARA A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA POR PACIENTES INFECTADOS PELO HIV

Autor: Clara Matiko Kuroda

Apresentador: CLARA MATIKO KURODA

Contato: cpolachini@uol.com.br

Instituição: PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Palavras-chaves: Pessoas vivendo com AIDS, Outros

Resumo:

Contextualização: Pretende o estudo estabelecer uma correlação entre a prática do Yoga e melhoria da qualidade de vida dos portadores do hiv/|Aids, com melhora do sistema imune dos seus praticantes.

Descrição: O Metodo utilizado foi o Yiengar Yoga, baseado na utilização de “ suportes” para a realização e permanencia nas posturas.As aulas tiveram duração de uma hora e trinta minutos diárias por 90 dias consecutivas.Questionários foram aplicados para acompanhamento dos resultados de exames laboratoriais e avaliar a auto percepção dos pacientes/alunos.

Resultados: Iniciaram 10 pacientes mas concluíram apenas 04.

Estes 04 pacientes apresentaram acréscimo na contagem de celulas CD4(em torno de 30%) e importante diminuição da Carga viral.Todos os pacientes estavam usando HAART há mais de 6 meses, quando do início da Yoga e sem alteração do esquema terapeutico durante o periodo estudado.Atenuação de efeitos adversos aos ARV foram observados, com melhor adesão ao tratamento com mudanças na auto percepção dos praticantes.

Conclusão: Este estudo aponta que a prática do Hatha Yoga pode contribuir de forma complementar ao tratamento com antiretroviral, na melhoria da qualidade de vida de pacientes portadores do HIV/Aids e maior adesão ao tratamento. A amostra observada apresentou importante melhora do sistema imune. Aumento da amostra e inclusão de grupo controle devem ser consideradas para aprofundamento do estudo no futuro.

CARACTERIZAÇÃO DAS PRÁTICAS SEXUAIS DOS
BISSEXUAIS ACOMPANHADOS NO PROJETO HORIZONTE:
ESTUDO DE COORTE DE HOMO E BISSEXUAIS MASCULINOS
- BH/MG

Autor: Marília Greco

Apresentador: Marília Greco

Contato: mgreco@medicina.ufmg.br

Co-autores: Ana Paula Silva; Edison Oliveira; Mariângela Carneiro;
Fabiola Lopes; Carlos Maurício Antunes; Dirceu Greco; ;

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais- Projeto Horizonte

Palavras-chaves: Bissexuais, Homens que fazem sexo com homens,
Vulnerabilidade

Resumo:

Contextualização: Os bissexuais masculinos são ainda um segmento pouco pesquisado principalmente no que se refere aos riscos para o HIV. O objetivo desse estudo é caracterizar os voluntários bissexuais do Projeto Horizonte, e identificar as diferenças entre as práticas sexuais nas relações homo e heterossexuais dos mesmos.

O Projeto Horizonte tem como objetivo: 1) acompanhar 500 homens que fazem sexo com homens, entre 18 e 59 anos, soronegativos para o HIV para determinar incidência e prevalência do HIV. 2) determinar o impacto do aconselhamento e intervenção educativa na incidência da infecção. Metodologia: Foram analisados os dados do questionário psicossocial utilizados na admissão dos voluntários e dos 4 retornos seguintes. Os voluntários são avaliados a cada 6 meses. Essa periodicidade possibilita o conhecimento das particularidades do grupo e sua vulnerabilidade frente ao HIV. Dos 660 voluntários registrados analisamos 120 que relataram ter relações com ambos os sexos.

Resultados: Análise preliminar dos questionários de entrada mostra: 1) nas relações homossexuais os parceiros são principalmente ocasionais e alguns fixos (42,2% N:116). Dos voluntários que relataram relações com parceiros fixos (N:59) 55,9% tiveram práticas sexuais ativas e passivas. Dos que tiveram relações com parceiros ocasionais (N:91) 34% tiveram somente prática ativa e 30,7% tiveram práticas ativas e passivas. Maior proteção no sexo anal ativo (71,2% N:59) e passivo (62% N:37) com parceiros ocasionais em relação aos parceiros fixos (sexo ativo: 44% N:50, sexo passivo: 43,2% N:37).

2) nas relações heterossexuais 51,8% (N:54) tiveram somente parceiras

ocasionais, 27,7% só parceiras fixas e 20,3% fixas e ocasionais. Com as parceiras fixas o sexo vaginal não protegido (70,9%) é maior do que com as parceiras ocasionais (32,4%). A análise preliminar dos 4 questionários de retorno* (2,5 anos de acompanhamento) mostra aumento das práticas homossexuais em relação às heterossexuais (média das práticas com homens > média das práticas com ambos os sexos: 0,66 > 0,26) embora nos questionários de entrada 97,6% relataram relações com ambos os sexos. Foi observado aumento de proteção no sexo ativo com parceiros fixos (média dos retornos > que dados de entrada: 0,62 > 0,44) e decréscimo de sexo vaginal desprotegido com parceira fixa (0,64 > 0,20).

Conclusões: Embora a população atendida pelo Projeto Horizonte mantenha elevado índice de relações protegidas persistem fatores que fragilizam o estabelecimento de práticas seguras: não uso de camisinha com parceiro fixo e, mesmo com os ocasionais, quando muito envolvidos, a monogamia seriada e deslocamento das práticas sem proteção das relações homo para as heterossexuais evidenciando a vulnerabilidade da mulher frente ao HIV.

*Foi comparada a proporção dos 4 retornos com a entrada.

SEMINÁRIOS REGIONAIS: CIDADANIA E PREVENÇÃO ENTRE HOMENS QUE FAZEM SEXO COM HOMENS

Autor: Márcia Giovanetti

Apresentador: Márcia Giovanetti

Contato: giovanetti@crt.saude.sp.gov.br

Co-autores: Milena Baltrunas P. de Mello; Cristiane Gonçalves M. da Silva;

Instituição: Coordenação Estadual DST/Aids - São Paulo

Palavras-chaves: Homens que fazem sexo com homens, Políticas públicas

Resumo: Os Seminários Regionais: Prevenção e Cidadania é uma das estratégias para a ampliação do envolvimento dos atores em torno da questão da prevenção e cidadania e visando o aumento da cobertura das ações junto a população alvo - homens que fazem sexo com homens (HSH). Estes encontros foram planejados pelo Fórum de OG e ONGs que trabalham com prevenção entre HSH do estado de São Paulo (Fórum HSH). Foram programados cinco Seminários para o ano de 2001. A organização de cada evento ficou a cargo de ONGs participantes do Fórum HSH, Programas Municipais e Coordenação Estadual. O primeiro deles aconteceu na Baixada Santista, em março, o segundo foi em Jundiá e região, em maio. O terceiro será em São José do Rio Preto e região, em junho, o quarto seminário será em agosto, para São Paulo e região Metropolitana. O quinto e último seminário será em Assis e região, ao final de agosto. Os Seminários tem como objetivo trazer a discussão de questões de prevenção e cidadania para os profissionais da saúde, educação, justiça e militantes do movimento, além de outros setores da sociedade comprometidos com os direitos humanos, tais como OAB e Comissão de Direitos Humanos da Câmara. Com o objetivo de também trabalhar as questões de violência sofridas por esta população, foram convidadas as polícias civil e militar e guarda civil. As atividades estão organizadas em dois dias, com 16 horas, com mesas de debates compostas com representantes locais e estaduais dos diversos setores envolvidos e grupos de trabalho para planejamento de intervenções junto à população alvo. Em todos os Seminários está sendo feita relatoria, apresentada ao final do evento, sendo que no último Seminário, de Assis e região, a partir de todas as relatorias, pretende-se elaborar um documento para subsidiar as ações de prevenção e uma política pública para a prevenção às DST/Aids junto a esta população.

Como primeiros resultados, fruto do Seminário da Baixada Santista, tem-se uma parceria firmada com a OAB para assistência jurídica, convite para participação na subcomissão de violência da Câmara Municipal de Santos, criação de um espaço para atendimento das questões resultantes de violência junto a população GLBT, no 3º Distrito Policial de Santos, elaboração de propostas para melhor atenção às DST/Aids na região, no âmbito da prevenção e assistência. Ao se discutir as questões de prevenção entre HSH de forma regionalizada e ampliada, envolvendo outros setores da sociedade, para além da saúde, busca-se o fortalecimento dos atores no nível local, para respostas mais contextualizadas e factíveis às demandas de cada região do estado.

DISCUTINDO HIV/AIDS NA ESCOLA: CAPACITANDO MULTIPLICANDO

Autor: Stela Maris de Mello Padoim

Apresentador: STELA MARIS DE MELLO PADOIN

Contato: padoinst@ccs.ufsm.br

Co-autores: CRISTIANE CARDOSO DE PAULA; VANEZA DE ANDRADE DA FONTOURA; ANGELITA DOS SANTOS BELTRÃO; ALINE DE VASCONCELLOS; CLAUDIA CAPELLARI; DIEGO SCHAURICH; LUCIANA DE MORALES FARIAS; RODRIGO CERATTI

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM-RS

Palavras-chaves: Educação, Adolescentes, Vulnerabilidade

Resumo: A AIDS é uma epidemia global que adotou focos de disseminação em todos os continentes e sofreu uma mudança no seu perfil epidemiológico, atualmente caracteriza-se pela pauperização, feminilização, interiorização e juvenilização. Considerando que o jovem adolescente está na ponta das estatísticas do M.S. (2000), como a pessoa com maior vulnerabilidade para AIDS, e também a demanda de solicitações das escolas, percebemos a relevância de desenvolver ações educativas/preventivas com comunidade escolar, no intuito de capacitar multiplicadores nestas escolas. Foram organizados grupos de estudo entre participantes do Programa AIDS educação e cidadania, para balizamento de opiniões, conhecimentos e interação entre estes. Foram produzidos materiais informativo/didático para serem trabalhados. Utilizamos os pressupostos da metodologia problematizadora (Freire, Bordenave), partimos da premissa que o educando tem algum conhecimento prévio sobre AIDS e que tem potencial para aprender mais sobre o assunto. A atividade que estamos relatando se desenvolveu em escola pública de ensino médio em município de pequeno porte. Nesta os participantes (70) foram divididos em 8 grupos, sendo que cada um destes contou com a presença de um facilitador do processo de aprendizagem (acadêmico de enfermagem). Cada grupo construiu uma história do cotidiano referente a temática sugerida, que após foi apresentada. Após os facilitadores teorizaram sobre questões pertinentes ao HIV/AIDS e cada grupo refez sua história. Foi desenvolvida a atividade lúdica Bingo, no qual foram feitas 48 perguntas visando a avaliação do entendimento referente ao conhecimento adquirido. Com o intuito de despertar na

prática o conceito de vulnerabilidade, foi desenvolvida a “técnica dos contatos”. Finalizando cada grupo traçou metas para serem desenvolvidas na escola enquanto multiplicadores, como conscientização individual, conscientizar as pessoas de sua vulnerabilidade ao HIV/AIDS e estimular o uso do preservativo, conversar com família/amigos, desenvolver ações em conjunto escola/pais/grêmio estudantil. Com o desenvolvimento deste trabalho e com a realização de uma reunião de avaliação, com a participação de todos os facilitadores e professora orientadora do projeto, percebemos que os objetivos previamente traçados foram alcançados, assim como a participação ativa dos envolvidos e a necessidade de contato com a escola para coletar dados sobre a multiplicação de informações em HIV/AIDS, assim como a importância de continuidade deste trabalho, já que acreditamos que o despertar da percepção da vulnerabilidade se inicia neste primeiro contato e se prolonga durante a caminhada destes multiplicadores, devendo se manter para que esta diminua, além da necessidade de estender estas ações para outras escolas.

A PARTICIPAÇÃO DOS GESTORES NA CONSTRUÇÃO DE PROGRAMAS REGIONALIZADOS DE PREVENÇÃO E ASSISTÊNCIA ÀS DST/HIV/AIDS EM PRESÍDIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Autor: Lígia Rivero Pupo

Apresentador: Lígia Rivero Pupo

Contato: lrpupo@crt.saude.sp.gov.br

Co-autores: Maria Eli C. Bruno; Marisa Fernandes; Joselita Maria Magalhães Caraciolo; Cristiane Murta; Ilham El Maerawi T. Haddad; Dreyf de Assis Gonçalves; Vânia Camargo da Costa; Maria Clara Gianna

Instituição: Coordenação Estadual de Aids SP

Palavras-chaves: política pública, população confinada,

Resumo:

Contextualização: O estado de São Paulo tem uma população de 87.625 encarcerados, a maior do país, e uma taxa de 174,4 prisioneiros /1.000.000 habitantes. Soma-se a isso a elevada taxa de soroprevalência encontrada neste grupo (12-17% entre homens e 18,2% entre mulheres) e a alta vulnerabilidade social. Dentro deste cenário e a partir das discussões realizadas em um Fórum de gestores organizado pela C.E.DST/AIDSSP, aonde estavam presentes Coordenadores de PM de DST/AIDS, representantes de DIR (Direções Regionais de Saúde), de ONGs, e da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP); foi acordada a necessidade de se estabelecer no âmbito do estado, um Programa integrado com o SUS para Assistência e Prevenção às DST/HIV/AIDS no sistema penitenciário, de forma a garantir um melhor acesso a medicamentos, a exames específicos (CD4, CV e anti HIV), preservativos e uma melhor notificação dos casos.

Descrição: Foi acordada a formação de 5 grupos gerenciadores regionais, responsáveis pela coordenação, execução e avaliação das ações de prevenção, vigilância epidemiológica e assistência às DST/HIV/AIDS nas diferentes regiões do estado. Estes grupos serão instituídos a partir de uma resolução entre a Secretaria de Estado da Saúde (SES) e a Secretaria de Administração Penitenciária (SAP) e serão compostos por: representante de cada unidade prisional da região, representantes dos Programa Municipal de DST/AIDS dos municípios com unidade prisional, representantes de laboratórios regionais, representantes de DIR e representante da Coordenadoria Regional da SAP. Estes grupos deverão se reunir com a periodicidade necessária

para discutir os problemas existentes na implantação das ações de Prevenção e Assistência às DST/HIV/AIDS, propor e executar soluções conjuntas. A C.E. DST/AIDS-SP e o Departamento de Saúde do Sistema Penitenciário se reunirão periodicamente com os representantes do 5 grupos executores para acompanhar as ações desenvolvidas. Os representantes das unidades prisionais nos grupos gerenciadores terão como atribuição: identificar, organizar e monitorar dentro da unidade prisional, um grupo de funcionários que o auxilie a desenvolver e implantar as ações de prevenção e assistência às DST/AIDS definidas no grupo gerenciador.

Resultados: Foi elaborada uma resolução intersecretarial para ser publicada após reunião entre os dois Secretários, e discutida com os gestores estaduais e municipais, e estão sendo escolhidas duas regiões aonde se iniciarão a implantação destes grupos.

Conclusões: Para alcançar a sustentabilidade e a qualidade da ações de assistência e prevenção desenvolvidas nos presídios, bem como a reciclagem contínua dos profissionais, é fundamental o desenvolvimento de programas regionalizados, articulando as diferentes instâncias gerenciais e seus atores sociais, identificando problemas locais e propondo soluções factíveis.

ACONSELHAMENTO EM DST/HIV PARA MULHERES QUE FAZEM SEXO COM MULHERES

Autor: Mirian Gizele Medeiros Weber

Apresentador: Mirian Weber

Contato: miweber77@hotmail.com

Instituição: COAS – Paulo Bonfim – SMS/PMPA

Palavras-chaves: Aconselhamento, Lésbicas, Mulheres

Resumo:

Contextualização: Embora a epidemia de HIV/AIDS não apresente magnitude entre a população de mulheres que fazem sexo com mulheres, cada vez mais estas procuram o serviço de saúde em busca de informações para praticas sexuais mais seguras, pois não raro suas companheiras são portadoras de HIV, principalmente em função de UDI e algumas vezes em função se serem profissionais do sexo.

Descrição/Método: Entrevistas abertas de aconselhamento realizadas com MSM que procuraram o serviço (COAS) nos últimos dois anos (cerca de 25 mulheres) para testagem e busca de informações sobre sexo mais seguro. E 09 aconselhamentos realizados com mulheres em privação de liberdade no presídio feminino da cidade.

Principais Resultados: Percebemos que as informações sobre sexo mais seguro entre MSM são raras, pois os serviços de saúde e a mídia não divulgam informações a este respeito, conseqüentemente estas se encontram mais vulneráveis as DST. As informações devem ser mais direcionadas para DST, salientado fatores preventivos como a importância de cuidados de higiene, formas de transmissão, sinais e sintomas das DST mais recorrentes entre esta população e a necessidade de exames preventivos periódicos.

Conclusões: O aconselhamento para mulheres que fazem sexo com mulheres é importante e necessário para esta população. É preciso treinar e orientar os profissionais de saúde, principalmente ginecologistas, para o acolhimento destas nos serviços de saúde, e as informações a respeito das DST como herpes, HPV, clamídia, candidíase entre outras, devem ser mais divulgadas. Percebe-se que a vulnerabilidade desta população com relação ao HIV propriamente dito, fica em função do compartilhar.

**BIOSSEGURANÇA E A AIDS: EDUCAÇÃO CONTINUADA AOS
PROFISSIONAIS DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇÚ**

Autor: Paulo Starling Brandão Júnior

Apresentador: PAULO STARLING BRANDÃO JUNIOR

Contato: starling@cpqhec.fiocruz.br

Co-autores: MARINUZZI DE SOUZA FILHO - PROGRAMA MUNICIPAL DE DST; FELIPE RIBEIRO MARTINS - PROGRAMA MUNICIPAL DE DST;

Instituição: CENTRO DE SAÚDE VASCO BARCELOS E CPqHEC/FIOCRUZ

Palavras-chaves: PROFISSIONAIS DE SAÚDE, ASSISTÊNCIA, EDUCAÇÃO

Resumo: Dando início a uma campanha de Biossegurança, a partir do mês de maio deste ano, o Programa Municipal de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS (PMDST/AIDS) de Nova Iguaçu pretende proporcionar aos profissionais de saúde deste Município a oportunidade de ampliar seus conhecimentos nesta área para que adquiram maior capacidade de lidar com os riscos biológicos no seu ambiente de trabalho. A Biossegurança é hoje, em nosso país, tema de permanente debate no meio científico e de polêmicos artigos na mídia em razão da lei número 8974, DE 05 DE JANEIRO DE 1995. o variado elenco de riscos biológicos nos mostra que o exercício da segurança no manejo de produtos e técnicas biológicas são de capital importância. Somado a este fato, o conhecimento dos aspectos biopsicossociais envolvidos no acidente com material biológico demanda uma abordagem interdisciplinar que envolva a participação de uma equipe multidisciplinar no manejo destes problemas. Este Programa vem desenvolvendo diversos instrumentos educativos - Sensibilização - dentre eles, prospectos e cartilha sobre Biossegurança nas Instituições de Saúde além de dois Cursos/ Treinamento em Biossegurança a fim de capacitar profissionais de saúde de Nível Médio e Superior. Estes profissionais deverão, através da participação de um processo de Educação Continuada, estar apto para situar historicamente a Biossegurança no Brasil e suas áreas de atuação, discutir criticamente as políticas públicas de Biossegurança, reconhecer o campo da Biossegurança nas Instituições de Saúde e sua importância para os trabalhadores/as; conhecer os Riscos Biológicos e as técnicas de Biossegurança em Doenças Infecciosas e Parasitárias e analisar os Aspectos Psicossociais envolvidos no acidente com material biológico

em profissionais de saúde. Acreditamos que a Implementação de um Programa de Biossegurança nas Instituições de Saúde através de um processo de Educação Continuada contribuirá para melhoria da qualidade de vida destes trabalhadores/as. Outrossim, consideramos que também, a participação dos gestores dessas instituições com o ambiente intra e extra-institucional no que concerne ao descarte de resíduos biológicos, químicos e radioativos resultará em maior envolvimento dos trabalhadores/as com a Biossegurança e na melhoria do atendimento e satisfação dos usuários.

PARCERIA ENTRE ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS (ONG) E A UNIVERSIDADE: UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL

Autor: Carlos Roberto de Castro e Silva

Apresentador: Carlos Roberto de Castro e Silva

Contato: carobert@usp.br

Instituição: Universidade Cruzeiro do Sul/ NEPAIDS-USP

Palavras-chaves: intervenção comunitária, organizações não governamentais, serviços de prevenção

Resumo: Histórico da relação entre uma Universidade e ONGs/AIDS. Em 1998 se inicia uma parceria entre uma Universidade particular e algumas ONGs/AIDS. Ambas situadas na zona leste de São Paulo; uma das regiões mais carentes da cidade. Esta parceria tinha como objetivos contribuir para o fortalecimento da dinâmica institucional das ONGs. Favorecer o intercâmbio entre ONG e comunidade. Contribuir para a qualidade das interações entre os agentes comunitários. Propiciar uma melhora da qualidade das ações de prevenção e atendimento às pessoas afetadas e infectadas pelo HIV/AIDS.

Objetivo geral: -Descrever os principais aspectos psicossociais do vínculo estabelecido entre a Universidade e as ONGs/AIDS.

Metodologia: Este é um estudo qualitativo, mais especificamente, descritivo que visou retratar uma experiência de parceria entre uma Universidade e a comunidade, através de ONGs que atuam no campo da AIDS. A forma de apreender esta experiência foi através da análise dos relatos descritos em supervisões. Destacou-se, principalmente, sentimentos e emoções que traduzissem a dinâmica e o processo de vinculação entre estes. Os relatos referem-se ao período dos anos letivos de 1998 e 2000, sendo que as supervisões dos estágios aconteciam semanalmente.

Resultados: Os sentimentos trazidos pelos alunos são bastante ambíguos e contraditórios. De um modo geral pode-se caracterizar que o vínculo estabelecido neste trabalho contempla três fases dialeticamente relacionadas, são elas:

1-Pseudo-aceitação: Neste momento os alunos trazem relatos de perplexidade, insegurança, medo, resistência em iniciar as atividades. As discussões giram mais em torno de questões pessoais ligadas aos tabus e preconceitos sociais/sexuais que a AIDS suscita.

2-Envolvimento- Neste momento há um aumento do grau de angústia e está muito relacionado com a instabilidade administrativa e precariedade

de recursos humanos que limitam as ações na entidade. Isto gera sentimentos de abandono e raiva. 3-Intercâmbio: Percebe-se a emergência de sentimentos de maior tolerância, e início da relativização dos preconceitos. Há uma troca de afetos, carinhos e opiniões, na busca de se compreender melhor a situação de vida do outro, demonstrando uma maior disponibilidade para se redimensionar seus valores éticos e morais.

Conclusão: Há necessidade de se encaminhar muitas questões, que têm surgido neste diálogo entre Universidade e ONGs. Destaca-se: a incompatibilidade do calendário escolar com o cronograma da instituição; a questão da brevidade do vínculo estabelecido entre os estagiários e as pessoas atendidas em função do término do estágio, entre outras questões que buscam maiores aprofundamentos. A expectativa é de, futuramente, estreitar mais estes vínculos, com a esperança de tornar a este tipo de Universidade um parceiro efetivo nas resoluções de problemas vividos pelas comunidades.

ESTUDANTES DE MEDICINA E SUAS ATITUDES EM RELAÇÃO À AIDS

Autor: Diana de Oliveira Frauches

Apresentador: Ana Paula Neves Burian Lima

Contato: dof@terra.com.br

Co-autores: Maria Margarida Pereira Rodrigues; Eliana Zandonade; Sandra Fagundes Moreira da Silva; Ana Paula Neves Burian Lima;

Instituição: UFES, EMESCAM e HINSG - Vitória/ES

Palavras-chaves: Profissionais de saúde, Assistência

Resumo: As atitudes de profissionais de saúde em relação à AIDS podem acarretar desvios de conduta técnica, determinando distorções e iniquidades no atendimento aos pacientes. Sua avaliação na graduação possibilita eventual intervenção em um momento no qual não se concretizou a prática profissional, que poderia favorecer a cristalização de atitudes negativas. Considerando que atitudes – conhecimento, afeto e avaliação – têm origem na vida social e são largamente partilhadas e que as atitudes em relação à AIDS podem estar relacionadas ao treinamento profissional, selecionou-se amostra probabilística de 176 estudantes do primeiro e do último ano de Medicina, nas duas escolas do Espírito Santo, Brasil, em 2000, estratificada por inserção no curso (1). As atitudes dos estudantes foram aferidas com uma adaptação da Escala de Atitude sobre AIDS (AAS), desenvolvida por Shrum, Turner e Bruce (1989). Encontrou-se padrão semelhante de atitudes entre os estudantes do início do curso, nas duas instituições. Em uma das escolas, a tolerância aumentou significativamente no final do curso, em relação ao grupo do início, enquanto na outra, houve queda da tolerância, com aumento da variabilidade dos escores. As variáveis religião e conhecer pessoas com HIV/AIDS, também levantadas, não produziram diferenças significativas nos escores. Discute-se a oportunidade de estudar a cultura e os projetos pedagógicos das instituições pesquisadas como possíveis determinantes das diferenças encontradas. (1) Os dados deste trabalho fazem parte da dissertação de mestrado da autora principal.

ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ABORDAGEM SINDRÔMICA
E RESULTADOS ETIOLÓGICOS EM MULHERES COM
CORRIMENTO VAGINAL - FORTALEZA

Autor: Maria Dizeny C. Coelho

Apresentador: Fernanda Scheridan de Moraes Bezerra

Contato: dizeny@fortalnet.com.br

Co-autores: Bezerra, Fernanda SM; Sampaio, Neide V.; Mont'Alverne, Carlos A; Teixeira, Terezinha G;

Instituição: Centro de Saúde Escola Meireles

Palavras-chaves: Assistência, Diagnóstico, Tratamento

Resumo: O Programa Nacional de DST/Aids adota fluxogramas para facilitar o controle das DST pela Abordagem Síndromica(AS). O estudo objetiva fornecer subsídios para uma melhor utilização do fluxograma de corrimento vaginal(FCV) através da utilização da AS. Os dados são provenientes de pesquisa em andamento, no Centro de Saúde Meireles, com mulheres maiores de 18 anos, não grávidas, sem uso de antibiótico nos últimos 15 dias e com queixa de corrimento vaginal. Realizou-se a história clínica, escore de risco e exame clínico-ginecológico, colhendo-se secreção vaginal para PH, KOH, direto a fresco, Gram e endocervical para *N.gonorrhoea* e *C.trachomatis* por PCR, e tratamento síndromico. Foi realizada a avaliação de cura clínica e etiológica. A amostra foi de 276 mulheres que compareceram ao 1º e 2º atendimento. O escore de risco foi baixo 38(13,6%). Sem achados clínicos 20(7,3%) e sem intervenção medicamentosa 33(11,9%), com vaginite 136(49,3%) recebendo tratamento síndromico 118(42,8%). Só cervicite 13(4,7%) e tratada 15(5,5%), com vaginite/cervicite 107(38,7%) e medicada 110(39,8%), apontando a relação de causa e efeito entre achados clínicos e uso da AS. Os achados etiológicos foram vaginites 171(61,8%) sendo leveduras 43(15,6%), vaginose bacteriana 117(42,3%) e *T. vaginalis* 11(3,9%). Cervicites 47(17,1) sendo *N. gonorrhoeae* 15(5,5%) e *C. trachomatis* 32(11,6%) e sem agente etiológico 111(49,2%) o mais expressivo. Na avaliação pós tratamento encontrou-se 214(77,5%) sem achado clínico e 66(27,5%) para novo tratamento por identificação de agente etiológico não tratado sindromicamente. No exposto, infere-se que houve excesso de tratamento especialmente envolvendo cervicites e uma aproximação entre os achados clínicos e etiológicos para vaginites. O estudo transparece uma avaliação pós tratamento satisfatória devido a cobertura proporcionada pela AS. Propõe-se, no entanto, uma reflexão da necessidade de mais estudos para avaliar a utilização do FCV.

A CONSTRUÇÃO DO ADOLESCER MASCULINO E O USO DO PRESERVATIVO

Autor: Geórgia Sibeles Nogueira da Silva

Apresentador: Geórgia Sibeles Nogueira da Silva

Contato: gsibeles@uol.com.br

Co-autores: Marlos Alves Bezerra; Leonardo Medeiros Martins;

Instituição: UFRN/RN

Palavras-chaves: Adolescente/adultos jovens, Preservativos masculinos, Vulnerabilidade

Resumo: Este trabalho apresenta uma reflexão que busca compreender em que medida o processo de construção do adolescer masculino - o "ser homem" - se relaciona com as dificuldades dos adolescentes para adotarem o uso do preservativo. A camisinha, ou preservativo, recurso para proteger o sexo penetrativo mais apropriado para o adolescente, é pouco utilizado. Investigar os significados subjetivos e intersubjetivos da conduta sexual desses adolescentes, as representações construídas sobre seus corpos, e as representações sociais do preservativo foram questões perseguidas na busca desse entendimento, bem como revisitar o simbolismo da Aids e problematizar a adolescência. O percurso trilhado para a reflexão teórica, percorreu junto a busca constante de decifrar a fala dos garotos, o itinerário de vários saberes, como Construtivismo social, Antropologia, Sociologia, estudo da Sexualidade e Humana, a literatura crescente em torno da Masculinidade. Por vezes o discurso teórico foi sobressaltado pelo diálogo com a arte, através da música, e principalmente do cinema. O caminho escolhido para facilitar o alcance dos significados subjetivos vivenciados pelos adolescentes, foi promovido pela metodologia qualitativa. Utilizamos vários recursos como fonte de informação, privilegiando a entrevista em profundidade com roteiro, seguida de oficinas, com utilização de dinâmicas projetivas. A utilização de vários instrumentos objetivou a compreensão em profundidade e a maior segurança na análise interpretativa. Com o intuito de aprofundar dados, confrontar percepções, valores, e driblar o racional tão presente nos discursos é que nos valem das oficinas. Os sujeitos da pesquisa foram 15 adolescentes do sexo masculino, na faixa etária entre 15 anos e 24 anos, residentes em Natal-RN, escolhidos em situação de contraste socioeconômico e cultural, e grau de escolaridade. A escolha de adolescentes/jovens nessas faixas etárias se justifica pelo fato de que o período entre 15 a 19 anos, representa o início médio da vida sexual dos

adolescentes e o período entre 20 a 24 anos ,corresponde ao início médio da vida conjugal. No decorrer do trabalho foi possível perceber que o aprendizado recebido pelos adolescentes /jovens contribuiu para a elaboração de um roteiro sexista de relações , responsável por padrões rígidos , pela divisão arbitrária do locus dos sentimentos e emoções ; compreender fatores que demonstram a não naturalidade da masculinidade ; e a identificar o quanto essa população se encontra vulnerável à infecção pelo HIV/Aids. Trilhamos um caminho que nos levou a constatação de uma construção demasiadamente desumana do masculino , e ouvimos vozes internas e externas que nos sinalizam algumas pistas quanto a a distância entre intenção e gesto no que se refere ao uso do preservativo; processo esse inaugurado durante a construção da masculinidade e herdeiro de uma racionalidade dicotômica e intolerante.

O SIGNIFICADO DA MATERNIDADE PARA AS MULHERES DETENTAS E A TRANSMISSÃO VERTICAL DAS DST/AIDS

Autor: Anecy Tojeiro Giordani

Apresentador: Anecy Tojeiro Giordani

Contato: annecy@eerp.usp.br

Co-autores: Sonia Maria Vilela Bueno;

Instituição: Escola de Enfermagem d Ribeirão Psreto - USP

Palavras-chaves: Mulheres, Transmissão Vertical, Populações confinadas

Resumo: A detenção da mulher em cadeia seja por qualquer motivo, leva-a de certo modo a uma dupla condenação pela difícil perda dos filhos em função da separação brusca dos mesmos e conseqüente dissolução da família. Os filhos independentes da idade, sofrem igualmente a ruptura do vínculo afetivo materno. Gestantes ou nutrizes, essas mulheres detentas, ao terem seus filhos, são imediatamente separadas deles, perdendo o direito de exercerem a maternidade e sua sexualidade enquanto na prisão. Pensando nisto, objetivamos levantar qual a percepção que as mulheres detentas têm sobre a maternidade e seus filhos, suas reais necessidades enquanto mães separadas de sua prole pela detenção e os prováveis efeitos emocionais relativos a esta problemática, orientando-as, quanto à vulnerabilidade as DST e aids, e a contaminação do HIV a seus filhos durante a gravidez, assim, incentivando-as a repassarem seus conhecimentos e comportamentos mais adequados à prática sexual entre seus pares, com o propósito de quebrar a cadeia de transmissão vertical do HIV nesta população marginalizada. Trabalhamos 14 mulheres detentas de uma cadeia pública feminina, localizada em uma cidade do interior paulista, mais da metade entre 18 a 34 anos de idade, todas mães com 01 até 05 filhos, sendo duas homossexuais ativas. A maioria é condenada por tráfico de drogas, vivendo em regime fechado de prisão. Desenvolvemos uma pesquisa-ação humanista e qualitativa, utilizando o método participativo, atendendo aos preceitos éticos e o rigor científico, fazendo uso de gravação em fitas K-7, autorizada por escrito pelos sujeitos participantes, com posterior transcrição, análise e interpretação de suas falas. A maternidade para a totalidade das entrevistadas é correlacionada a um forte sentido de proteção e perpetuação da espécie, além do sentido de afeto pelos filhos, e a experiência de vida necessária à mulher no tocante a sua realização pessoal. A separação dos filhos em função da prisão dessas mulheres,

desencadeia-lhes sentimentos de mágoa, tristeza intensa, angústia, saudade, solidão, perda e arrependimento. Correlacionam a existência de seus filhos, toda sua esperança e esforços despendidos para enfrentarem situações como a de estarem no cárcere. Demonstram ao falarem neles, grande afetividade desejando-lhes o melhor e sendo eles, a razão de viver. Depois de levantados os dados, procuramos desenvolver ações educativas para orienta-las sobre a prevenção das DST/aids e sobre a maternidade.

O MODELO DO ACONSELHAMENTO EM GESTANTES IDENTIFICADAS POR TESTE RÁPIDO PARA HIV

Autor: ROSANA CAMPOS DA FONSECA

Apresentador: ROSANA CAMPOS DA FONSECA

Contato: rosana.fonseca@terra.com.br

Co-autores: LUDIA GENOVESE GOULART MONDINI;

Instituição: HOSPITAL FÊMINA S.A./GHC - Porto Alegre

Palavras-chaves: ACONSELHAMENTO

Resumo:

Contextualização: Em uma maternidade de grande fluxo, onde são assistidos 25 partos ao dia e cerca de um terço das gestantes não realizou pré-natal, criou-se a necessidade de oferecer a testagem rápida para HIV na admissão à maternidade, de modo a garantir o oferecimento dos protocolos antiretrovirais (ARV) de proteção aos RNs expostos ao HIV. Considerando que a cidade de Porto Alegre tem alta prevalência do HIV em gestantes e nesta maternidade é de 3,7%, entender o aconselhamento como parte fundamental deste processo e criar um modelo que possa orientar a assistência neste momento delicado, são os objetivos deste relato.

Método: Metodologia retrospectiva do aconselhamento de 50 gestantes identificadas como portadoras do HIV no momento do parto.

Principais resultados: Identificou-se que pelo menos metade das gestantes já tinha alguma percepção da vulnerabilidade ao HIV quando interrogadas. Grande-múltiparas se sentem seguras por gestações anteriores normais e isto as afasta do pré-natal. As razões de não fazer o pré-natal são múltiplas, variando desde oferecimento reduzido até a sua não valorização. Foram necessários vários momentos na maternidade para que o Aconselhamento atingisse seus objetivos de construção, apoio e sustentação.

Conclusões: Certamente o melhor momento para a testagem não é a gestação ou o momento do parto. No entanto, frente a esta realidade, devemos centrar o Aconselhamento inicialmente no APOIO, visando sustentar o impacto do diagnóstico neste momento. A proteção ARV oferecida aos bebês auxilia as mães na sustentação deste impacto. A construção da idéia de vulnerabilidade e a educação quanto a suas práticas de modo a assegurar adesão ao tratamento e adoção a medidas preventivas ficam para um segundo momento, iniciado ainda na maternidade. O Aconselhamento dentro das primeiras 48 horas do parto, enquanto na maternidade, deve ter por principal objetivo a sustentação do impacto do diagnóstico, de modo a não fragilizar o vínculo mãe-filho.

A PREVENÇÃO DO HIV/AIDS ENTRE PARCEIROS ESTÁVEIS:
COM A PALAVRA, MULHERES VIVENDO EM BAIRROS
DESAVORECIDOS DE GOIÂNIA-GO

Autor: Jacqueline Lima

Apresentador: Jacqueline Lima

Contato: rodrigja@magellan.umontreal.ca

Co-autores: Michel Perreault, PhD, Université de Montréal; Denise Gastaldo, PhD, University of Toronto;

Instituição: Hospital das Clínicas, Universidade Federal de Goiânia

Palavras-chaves: Gênero, Mulheres, População em situação de Pobreza

Resumo: A transmissão heterossexual do HIV/Aids é atualmente a principal forma de contaminação entre mulheres no Brasil. Dentro desta população, as mulheres que são casadas ou que tenham um parceiro sexual estável estão se tornando vítimas desta pandemia, principalmente porque os casais considerados estáveis permaneceram por um longo período “invisíveis” no interior dos programas de prevenção. Este estudo qualitativo participativo, realizado em Goiânia, com mulheres que tinham um parceiro sexual estável e vivendo em bairros desfavorecidos, teve o objetivo de explorar a percepção do risco em relação ao HIV/Aids e de identificar as estratégias que elas poderiam desenvolver para se proteger do mesmo. Os dados foram coletados através de 6 grupos focais, conduzidos pela pesquisadora, e de 11 entrevistas individuais, realizadas por duas mulheres, membros da comunidade. Os resultados deste estudo demonstram que a percepção do risco e a adoção do comportamento preventivo formam uma estrutura complexa dentro de uma relação de casal. De acordo com as participantes: (1) o risco da mulher, que tem um parceiro estável, está relacionado principalmente com a infidelidade, geralmente masculina, (2) a solicitação do uso de preservativo poderá levantar suspeitas quanto a fidelidade de um dos membros do casal, (3) a confiança foi descrita, por um lado, como um fator que intensifica o risco das “outras mulheres” e, por outro lado, como a estratégia de prevenção da maioria das participantes, neste caso, existem vários níveis de confiança que elas adotam na vida privada, como por exemplo “confiar desconfiando” (4) a utilização contínua do condom é muito difícil de ser adotada entre parceiros estáveis e (5) as relações de poder no interior da vida do casal dificultam o diálogo e a adoção de comportamentos preventivos. Ainda, de acordo com as mesmas, as estratégias de

prevenção poderão ser desenvolvidas à partir de ações e mudanças de caráter individual, como o retorno ao sistema educacional; ao nível do casal, através do diálogo e ao nível comunitário, pelo intermédio de ação coletiva das mulheres e pelo apoio dos serviços de saúde. Este estudo demonstra que as mulheres possuem o potencial para identificar seus problemas e desenvolver estratégias para produzir mudanças em suas vidas. Entretanto, o empowerment das mulheres depende também de profundas reformas nas estruturas social, econômica, educacional e política do país que favorecem a manutenção das desigualdades entre os membros da sociedade e entre homens e mulheres. Finalmente, este estudo evidencia a necessidade urgente de tornar “visíveis”, dentro dos programas de prevenção e dos serviços de saúde, as pessoas que tenham um parceiro sexual estável reconhecendo a especificidade própria desta população no contexto preventivo. Nós sugerimos a adoção de intervenções que favoreçam a participação comunitária para a elaboração de estratégias de prevenção coerentes com a realidade de cada comunidade.

EDUCAÇÃO CONTINUADA EM INFORMAÇÃO E PREVENÇÃO EM HIV/AIDS

Autor: Maria Alba Oliveira Silva

Apresentador: Maria Alba Oliveira Silva

Contato: Enf. Maria Alba Oliveira Silva. RG n. 37053988 e CPF n. 167064123-6. Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná; Dra. Araci Asinelli da Luz. RG n. 470.427-4/PR e CPF n. 257.463.089-00. Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Co-autores: Dra. Araci Asinelli da Luz;

Instituição: UFPR

Palavras-chaves: Educação, Profissionais de Saúde, Serviços de Prevenção

Resumo:

Contextualização. É sabido que apesar dos esforços que têm sido despendidos e, cada vez mais intensamente, a epidemia da Aids evidencia números bastante significativos e preocupantes em nosso país. Avanços aconteceram mas a continuidade nesse enfrentamento é condição exigida para minimizar os males causados por esta epidemia em nossa sociedade. A participação na política de capacitação de recursos humanos para as ações de prevenção e controle da epidemia tem se tornado fundamental no manejo deste enfrentamento. Como parte do Programa UNIVERSIDAIDS, coordenado pela Gerência de Programas de Prevenção da Universidade Federal do Paraná em parceria com a Coordenação Estadual de HIV/Aids do Paraná e subvencionado pelo Ministério da Saúde, o trabalho vem sendo realizado em Curitiba e Região Metropolitana.

Descrição/Método: O trabalho de Educação Continuada em Informação e Prevenção do HIV/Aids ocorre em módulos de 20h, utilizando-se de uma metodologia vivencial e próativa, com base em oficinas, dinâmicas de grupo e discussões dialogadas. Os temas trabalhados incluem: histórico da epidemia, a transmissão do HIV, epidemiologia e diagnóstico sorológico, as manifestações clínicas, as fases aguda, assintomática e sintomática da Aids, a quantificação da carga viral e CD4, a prevenção e aconselhamento.

Principais Resultados: Além das avaliações realizadas no final de cada módulo, com manifestações satisfatórias com relação ao trabalho, as supervisões de campo têm indicadores de que há uma melhoria na atuação profissional nos locais de trabalho após esta intervenção de

Educação Continuada bem como um crescente enfoque epidemiológico e um aumento da eficácia na prevenção da transmissão vertical de mãe soropositiva para filho(a).É significativo o aumento de procura de tratamento e atenção por parte de mães gestantes.

Considerações Finais: A mudança constante de perfil da epidemia, com relação às mulheres, a sua interiorização, juvenilização e pauperização, o aumento dos programas de redução de danos voltados principalmente aos usuários de drogas injetáveis, em como a necessária ressensibilização da população frente às novas medicações e perspectivas de cura (?) da Aids, exige o acompanhamento responsável das ações decorrentes do trabalho, bem como sua sistematização, documentação e comunicação entre pares, de tal forma a contribuir com seriedade para o controle da epidemia da Aids pelo correto procedimento dos profissionais de saúde em seus locais de trabalho.

PRESERVATIVO FEMININO - UMA NOVA ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO

Autor: Fatima Henriques Leites

Apresentador: Fatima Henriques Leite

Contato: ndamieri@aol.com

Co-autores: Rosane Azevedo do Nascimento; Adriano Catarino da Costa Cardoso; Solange da Silva Araujo; Margarida dos Santos Jesus; Elaina Fatima Teixeira Lomba; Felipe Ribeiro Martins; Ana Paula Duarte; Jorge Luis Borges Duque

Instituição: Prefeitura Municipal de S. J. Meriti - CTA/CSAVA

Palavras-chaves: Aconselhamento, preservativo feminino, mulheres

Resumo:

Contextualização: Gravataí é uma cidade da região metropolitana e fica a 30 Km de Porto Alegre, capital do Estado. Estradas importantes cruzam o município, o que favorece o grande fluxo de caminhoneiros e, também, facilita o estabelecimento de casas de prostituição, denominadas de casas noturnas. Pensando em formas de prevenção das DSTs/HIV/AIDS, a Política Municipal de Gravataí, através da sua equipe, elaborou um projeto de intervenção sistemática entre as profissionais do sexo em seus locais de trabalho, visando levar informações e esclarecimentos a esta população.

Metodologia: O intervenção iniciou em junho de 2000, onde a equipe visitava as casas noturnas explicando o trabalho para as “meninas” (termo utilizado pelos gerentes das casas ao se referirem as profissionais do sexo), distribuindo preservativos e com a intenção de realizar grupos sistemáticos para a discussão de temas do dia-a-dia no Serviço. Várias semanas se passaram e os grupos não acontecia pelo não comparecimento das “meninas” no horário marcado, analisamos a estratégia até então adotado e resolvemos reestruturá-la. A partir de agosto de 2000 a equipe começou a freqüentar as casas noturnas semanalmente levando preservativos e informações sobre DSTs/HIV/AIDS e formas de prevenção, prontificando-se a realizar oficinas de sexo seguro e palestras sobre DSTs. As visitas, por serem semanais, favoreceram o estabelecimento de um vínculo entre a equipe e as profissionais do sexo e, também, uma aproximação de outros serviços municipais, como a Assessoria da Mulher que participou de algumas visitas e se tornou parceira do trabalho. Com as visitas estruturadas semanalmente (aconteciam sempre as terças-feiras e no horário de

funcionamento das casa), pode-se várias vezes avaliá-las e também pensar outras formas de intervir. Como exemplo temos a distribuição dos preservativos, que no início eram entregues para os gerentes das casa, mas ficou claro a necessidade das meninas também recebê-los, pois muitas tem parceiros fixos, com os quais dificilmente utilizam a camisinha, ou até para eventuais programas fora das casas. Os clientes também recebiam preservativos e folders explicativos.

Principais Resultados: Até março de 2001 foram distribuídos 6480 preservativos masculinos e 600 preservativos femininos, folders informativos e “mosquitinhos” contendo informações sobre o local onde realiza-se o teste Anti-HIV gratuito e com aconselhamento. Totalizando um total de 126 visitas realizadas em 13 casas noturna e um ponto de prostituição de rua (travestis) do município, onde acessamos em torno de 900 pessoas. A procura pelo exame Anti-HIV e a busca do resultado entre as profissionais do sexo aumentou, bem como a adoção de práticas seguras.

Conclusões: É importante ressaltar que o vínculo estabelecido entre a equipe e as profissionais do sexo foi um facilitador do trabalho, o que propiciou a busca ao Serviço para a realização do Anti-HIV. E, também, a parceria estabelecida como a Assessoria da Mulher do município, que visitou as casas levando informações sobre os direitos das mulheres foi um ponto favorável, pois muitas “meninas” desconheciam seus direitos e não tinham conhecimento sobre este serviço.

ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO NA LUTA CONTRA AS DST/ AIDS

Autor: Sueli Aparecida Diório de Almeida

Apresentador: Revesamento entre os co-autores

Contato: dstaids@pmcg.ms.gov.br

Co-autores: Ivone Alves Rios; Maria Lúcia Demirdjian Mariano; Vilma Zamai Martins; Célia F. Ribas Queiroz; Silvia Pauline Pinto; Peterson Vieira de Assis; Sônia Reis Fernandes da Silva; Sueli Aparecida Diório de Almeida

Instituição: Secretaria Municipal de Saúde Pública

Palavras-chaves: - Aconselhamento, - DST, - Testagem

Resumo: Alguns fatores contribuem para a dificuldade do acesso dessa população a esse serviço, entre esses, citamos o valor da tarifa de ônibus urbanos, mesmo tendo a capital um moderno sistema de transportes. O CTA implantado há 10 anos e atende espontaneamente a demanda, porém algumas populações são mais freqüentes, como as profissionais do sexo, residentes na capital. Portanto, a necessidade da implementação do serviço de prevenção com o CTA itinerante vem facilitar e ampliar a divulgação das formas de prevenção e tratamento das DST/AIDS nas 37 Unidades Básicas de Saúde (agendadas semanalmente).

Descrição/método: Realização de Palestras/Aconselhamento Coletivo, nas 37 (trinta e sete) Unidades de Saúde. Realização de Aconselhamento Pré-teste e Pós-teste/ para as pessoas que forem encaminhadas para testagem de HIV. As ações do CTA itinerante iniciaram no mês de março do corrente, junto às Unidades de Saúde da zona urbana do município, com previsão de contemplar as unidades da zona rural ainda durante o período de execução do projeto/março 2001.

Principais resultados: Os resultados obtidos neste 1º trimestre são elencados na seqüência: __68_____ sessões de aconselhamento coletivo; atingindo _940_____ pessoas. Com _650_____ testes anti HIV.

Conclusão: Uma característica do CTA Itinerante realizada nas Unidades de Saúde, é que basicamente são mulheres, as participantes, com parceiro fixo, e se mostrando perplexas com o risco de infecção apresentado, visto que até então se viam protegidas pela relação monogâmica.

TREINAMENTO EM REDUÇÃO DE DANOS

Autor: Andrea Fernandes

Apresentador: Domiciano Siqueira

Contato: andrea@3ax.com.br

Co-autores: Domiciano Siqueira; Silvia Fernanda de Paula; Cristiane Alves Moema Sampaio; Silva Helena Possati Moraes;

Instituição: Associação Brasileira de Redutores de Danos

Palavras-chaves: Redução de Danos

Resumo:

Objetivo: Capacitação para novos redutores de danos no trabalho de rua em programas de prevenção da aids entre os usuários de drogas injetáveis(UDI).

Justificativa: Necessidade de complementação do treinamento teórico na habilitação dos redutores de danos que executarão trabalho de corpo a corpo.

Metodologia: Documentação adequada;

- Sensibilização: capacidade de sensibilizar a comunidade/comunicação;
- Biosegurança: importância da correta utilização dos equipamentos de prevenção (Roupas, Caixa de coleta, kits, etc.);
- Mapeamento: definição gráfica da área a ser trabalhada;
- Coleta de dados: preenchimento correto dos instrumentos de controle qualitativo e quantitativo;
- Oficinas de Campo: sexo seguro e uso limpo;
- Supervisão: Administrativo e suporte psicológico.

Conclusão: A adequação do treinamento teórico para qualificação do trabalho do redutor de danos torna-se necessário à medida que, o trabalho na rua requer habilidade, noção de tempo (exposição do público da pessoa do redutor de danos) e qualidade no registro dos dados coletados.

Reflexão: O resgate da cidadania pelos usuários de drogas injetáveis (UDI) traz a discussão sobre o protagonismo dessas pessoas. Nesse sentido, torna-se cada vez mais importante entender o trabalho de campo como mais uma forma de profissionalização do usuário de drogas injetáveis.

REDUÇÃO DA TRANSMISSÃO VERTICAL

Autor: Alma C. Santander

Apresentador: ANA ISABEL SOARES

Contato: avaims@avaims.org.br

Co-autores: ANA ISABEL SOARES; IVONE FERRITE LISAUSKAS; ANA STELLA DE ABREU; MARCO ANTONIO BARBOSA DOS REIS;

Instituição: ASSOCIAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS NO APOIO AOS PORTADORES

Palavras-chaves: TRANSMISSÃO VERTICAL, MULHERES, ADESÃO

Resumo: Em duas décadas o perfil da população atingida pela epidemia da AIDS se modificou. No início, homossexuais masculinos, e hoje aumento entre heterossexuais, vitimando mulheres em idade reprodutiva. O Ministério da Saúde (2000) informa que 190.949 casos foram notificados desde 1980, sendo 47.874 em mulheres. A Estimativa geral na população é que 536.000 pessoas entre 15 e 49 anos estejam infectadas e que 181.609 sejam mulheres. No Brasil 3.000.000 de mulheres dão a luz anualmente. Destas, 12.898 estão infectadas pelo HIV, o equivalente a 0,4%. A Transmissão Vertical é responsável, no Brasil, por 90% do total de casos em menores de 13 anos, correspondendo a 2,8% do total geral de casos notificados até dez/2000. Embora exista expansão da epidemia, há meios disponíveis para a prevenção em recém nascidos. A possibilidade de reduzir a contaminação durante a gestação, parto e amamentação demonstrada pelo protocolo 076, foi um dos maiores avanços no conhecimento sobre Aids. Infelizmente, a epidemia não está totalmente sob controle, pois de 50% a 70% das transmissões ainda ocorrem próximo ou durante o parto. Nosso projeto atinge gestantes que fazem o pré-natal nos postos de saúde e maternidades públicas. É realizado por assistente social e psicóloga que utilizam entrevistas, dinâmicas de grupo, exposições teóricas e desenvolvem as seguintes atividades: -Palestras visando diminuir o preconceito sobre HIV/ Aids e orientar formas corretas de prevenção em instituições públicas, privadas, entidades sociais, etc.; -Apoio psicossocial às gestantes soropositivas e cursos durante a gestação; -Fornecimento de leite em pó e grupo de mães. No primeiro trimestre: -Sensibilizamos 30 profissionais da área da saúde; -Realizamos palestras para 50 gestantes e 30 acompanhantes; -Atendemos 06 gestantes

soropositivas e a 04 bebês gerados por estas. Continuamos realizando palestras e cursos para voluntários e profissionais interessados e estamos divulgando o projeto em postos de saúde e entidades sociais visando captar mais gestantes soropositivas.

Conclusão: Constatamos que:-identificando a gestante soropositiva no início da gravidez, aumenta sua adesão ao tratamento;-existem poucos hospitais com equipe treinada para seguir o protocolo 076. Desta forma, quebra-se o trabalho realizado no pré-natal, podendo contaminar o bebê durante o parto; é necessário que os postos de saúde estejam mais receptivos a parceria com as ONGs na prevenção das DST/Aids, pois nenhuma instituição, sozinha, tem infraestrutura para orientar a população;-é importante orientar a mãe na alta do puerpério quanto ao seu acompanhamento clínico, da criança e substituição correta do leite;-embora ainda haja preconceito com mulheres soropositivas que engravidam, a gestação tem o papel emocional/moral de legitimá-la como “mãe de família”, “mulher direita”. Quando a mulher se sente apoiada durante a gestação, maior é a chance de manter a adesão ao tratamento anti-retroviral.

INCENTIVO À PARTICIPAÇÃO POPULAR NA LUTA CONTRA AS DST/AIDS

Autor: Carla Fabiane Woyciekowski

Apresentador: Carla Fabiane Woyciekowski

Contato: carlaw@gd4.prefpoa.com.br

Co-autores: Ari Gomes Pereira Junior;

Instituição: Política Municipal de Controles de DST/AIDS - SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE - PORTO ALEGRE/RS

Palavras-chaves: Intervenção Comunitária, Mobilização Social, População em Situação de Pobreza

Resumo:

Contextualização: O Projeto Lideranças Comunitárias, através da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre, vem desde 1997 capacitando Multiplicadores de Informação em DSTs/Aids, atingindo populações periféricas da cidade vivendo em situação de pobreza, visando reduzir a incidência de infecção pelo HIV/Aids e outras DST's nessa população através de informação e educação permanente nas comunidades. Atualmente cerca de 50 Multiplicadores de Informação atuam voluntariamente socializando informações em grupos/redes. Descrição/Método: devido ao fato das Lideranças Comunitárias serem reconhecidas e referências nas suas comunidades, identificam-se e contemplam essas populações mais vulneráveis, indo além da informação, tornando-se cidadãos participantes, ativos da vida comunitária, transformando-se a si ao ultrapassarem preconceitos e barreiras, bem como transformando o outro, agindo, mudando hábitos, modificando valores, aprimorando conhecimentos e criando melhores condições de organização e intervenção em parceria com as Entidades Comunitárias. Principais Resultados: dentre os resultados obtidos nesse período, citamos: * o desenvolvimento de atividades de prevenção ; oficinas, palestras e bate-papos sobre DST's/Aids, caminhadas corpo-a-corpo, arrastões de informação, plantões itinerantes, participação em feiras de saúde, bancas de informação em DST's/Aids; * aconselhamentos e encaminhamento para os serviços de referência na cidade; * Respaldo as ações de Assistência no Serviço de Assistência Especializado (SAE), acompanhando o Grupo de Gestantes e realizando a busca ativa das pacientes faltosas, na Assistência Domiciliar Terapêutica (ADOT), acompanhando os pacientes de forma planejada e articulada desenvolvendo ações conjuntas junto aos projetos Arpão

realizando prevenção junto aos familiares no momento que precede a visita a detentos etc * Incentivando a organização autônoma dos multiplicadores, ampliando as redes de atuação. Conclusão: Os Multiplicadores de Informação em DST's/Aids na medida em que atingem os convencionalmente excluídos, desempenham diversos papéis, circulando em vários espaços formando opinião, apreendendo novos comportamentos que interferem para uma melhoria na qualidade de vida, elevando a auto-estima no sentido de saber fazer prevenção lidando no cotidiano concreto vivido nas comunidades, sendo educadores, atuando como um grupo de exceção nas comunidades, enquanto mensageiros da necessidade de um novo comportamento nas suas redes de relações, buscando formas criativas de intervenção popular em saúde.

AIDS: CONVIVENDO COM UM FILME DE TERROR?

Autor: Gláucia Helena Araújo Russo

Apresentador: Gláucia Helena Araújo Russo

Contato: ghar@terra.com.br

Instituição: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UE

Palavras-chaves: Direitos Humanos, Sexualidade,

Resumo: O trabalho ora apresentado é parte da nossa dissertação de mestrado, em que procuramos analisar o fenômeno da AIDS a partir de uma metáfora, a do vírus como uma criatura de um filme de terror. Partimos da idéia de que quem já assistiu a filmes de terror já deve ter se deparado com um roteiro em que uma determinada criatura, na maioria das vezes alienígena ou criada em um laboratório científico, passa a habitar o corpo dos seres humanos, se reproduzindo, ganhando força, passando de uma pessoa para outra sem se preocupar com raça, cor, etnia ou situação social. Na trama a criatura precisa dos seres humanos para se reproduzir e, no geral, é esse o seu principal objetivo: reproduzir e manter-se viva. Para isso ela vai consumindo aos poucos o seu hospedeiro, ao final do filme a criatura tem deixado um rastro de destruição e um herói e/ou heroína que escaparam da sua fúria acabam por descobrir um modo de destruí-la. Não fosse por seu final, poderíamos pensar que estamos falando no HIV/AIDS. Um inimigo que se aloja nos seres humanos, sugando a sua força e deixando um rastro de mortes, órfãos, famílias desfalcadas, solidão e preconceito. Um vírus que permanece escondido durante anos a fio para em seguida demonstrar todo o seu potencial mortífero, é assim que tentamos analisar o HIV/AIDS em seus mais diferentes aspectos procurando relacioná-lo a essa metáfora. Nesse sentido, assumimos como características da doença, a sua presença, na maioria das vezes, silenciosa, não perceptível, o que permite a sua rápida disseminação; o fato de estar sempre ligada ao outro, ou seja, a grupos marginais ou estrangeiros, na nossa metáfora a alienígenas; o seu grande potencial destrutivo, seja física ou socialmente, em relação aos seres humanos que utiliza como hospedeiro. Estas são algumas relações que fazemos entre o vírus e nossa suposta criatura do filme de terror. É importante salientar que com essa metáfora não pretendemos mais uma vez contribuir para fortalecer o caráter segregador, discriminatório e estigmatizante da doença, mas tão somente, contribuir para a sua compreensão e para que possamos entender melhor os

elementos presentes nas nossas representações acerca do HIV/AIDS, que ainda é fortemente percebida como um terror, uma doença que abala as estruturas daqueles a quem toca ou se aproxima. Uma doença que exige uma nova tomada de posição diante da vida porque toca a finitude humana e a sexualidade, demonstrando que ambos esses terrenos são culturalmente construídos e exigem olhares atentos no sentido de serem desvendados, investigados e melhor entendidos. A AIDS precisa ser entendida como um problema social, um desafio para toda a sociedade. A AIDS é vivenciada individualmente, mas também socialmente, pois modifica comportamentos, cidades, países e até mesmo continentes. Cada país, cada Estado, cada cidade, cada doente tem sua própria história de AIDS, que envolve perdas, preconceitos, solidariedade e um reaprendizado constante da vida.

PROJETO ADOLESCER: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Autor: Elizane Regina Santos Sandor

Apresentador: Sônia Maria Molan Gaban

Contato: saude@araraquara.sp.gov.br

Co-autores: Maria do Rosário Q. Carnesecca; Maria Tereza Ramalho; Renata Lazzarini Monaco; Sônia Maria Molan Gaban;

Instituição: Prefeitura Municipal de Araraquara

Palavras-chaves: Adolescentes/Adultos jovens, Serviços de prevenção, Vulnerabilidade

Resumo:

Introdução: Apesar do acesso às informações sobre DST/AIDS, há aumento na incidência, entre adolescentes nos últimos anos. Vergonha, ausência de sintomas de algumas doenças, falta de serviços especializados, falha de comunicação na família e na escola, impedem que os jovens assumam reais cuidados com a saúde. O principal foco DST/AIDS, deve ser a incorporação de novos hábitos e comportamentos, pois todos estão vulneráveis, independente da cor, religião, classe social, sexo, idade, opção sexual e estado civil. Sabemos que a vulnerabilidade na adolescência é ainda maior, devido a avalanche de transformações vivenciadas pelo indivíduo nessa fase. Sentimos necessidade de irmos para bairros trabalhar com jovens junto à comunidade onde vivem. A Equipe Multiprofissional do Programa de Atendimento Integral à Saúde do Adolescente-PAISA, buscou espaços que favorecessem a reflexão e discussão de temas como DST/AIDS, Sexualidade, Características da Adolescência, Gravidez Precoce, Cidadania, Drogas, respeitando sempre interesses, necessidades e limites de cada grupo.

Objetivos: O Projeto visa favorecer a conscientização do adolescente em relação a importância de assumir cuidado com sua saúde (entendendo saúde como bem-estar biopsicosocial) permitindo assim ao jovem identificar fatores de risco e formas para proteger-se. Procura abrir espaço para discussão e reflexão sobre sua vida, crenças, comportamentos e relacionamentos. Tem também o objetivo de oferecer oportunidade ao jovem da periferia de Araraquara participar de programações culturais, esportivas e capacitação profissional, através de cursos e oficinas promovidas pelas parcerias com as Secretarias de Esporte e Lazer e da Cultura do município

Metodologia: O trabalho foi desenvolvido com metodologia interativa, dinâmicas de grupo e jogos. Os espaços utilizados são as UBS ou locais

alternativos.

Resultados: Envolvimento e boa participação dos adolescentes. Nas questões relacionadas à DST/AIDS, tivemos belas criações musicais, como Rap do HIV, Camisinha não dói, e poesias falando da importância da prevenção contra DST/AIDS. A possibilidade de reflexão e esclarecimento sobre DST/AIDS, foi relevante, pois a prática de pensar sobre essas questões está pouco presente no cotidiano dos jovens. Além disso, o debate sobre formas existentes para se protegerem com certeza, contribuiu para a ampliação da bagagem do conhecimento desses indivíduos.

Conclusão: DST/AIDS são temas polêmicos e presentes na realidade desses adolescentes, e quando oferecida oportunidade de discutir e refletir sobre esses assuntos os jovens apresentam grande envolvimento, porém, a falta de informação, mitos e crenças estão ainda muito fortalecidos. Melhor caminho para combater DST/AIDS é prevenção, utilizando espaços onde adolescentes estão presentes. É necessário levá-los a refletir sobre saúde no mais amplo sentido, ajudando-os a se tornarem agentes de sua própria saúde.

PLANO INTEGRADO DO GRUPO TEMÁTICO DO UNAIDS EM APOIO À RESPOSTA NACIONAL EM DST/HIV/AIDS

Autor Principal: Maria Etelvina Reis de Toledo Barros

Instituição: UNAIDS- Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids

Contato: telva@undcp.org.br

Co-autor(es): Naiara Garcia da Costa

Resumo: Tendo por objetivo promover a cooperação, o fortalecimento da base estratégica e da parceria entre os diversos atores no enfrentamento da epidemia de aids, foi recomendado pelos copatrocinadores do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS-UNAIDS, a elaboração de um Plano Integrado do Sistema das Nações Unidas sobre o HIV/AIDS. Esse plano integrado é a base de apoio do sistema ONU à resposta nacional à epidemia. A preparação do Plano Integrado envolveu um processo laborioso de integração de 16 organizações internacionais, governamentais e da sociedade civil, as quais integram o Grupo Temático do UNAIDS no Brasil. O processo incluiu um levantamento do quadro epidemiológico em HIV e aids no Brasil, a descrição das principais características do Programa Brasileiro de Controle das DST e Aids, o informe sobre a atuação, objetivos e estratégias do GT-UNAIDS no Brasil, bem como uma apresentação do perfil e a atuação das agências que compõem o Grupo Temático. Além disso, foi realizado um levantamento dos projetos estratégicos apoiados pelo UNAIDS no Brasil, 1997-2002. Por fim, foram elencadas recomendações para um melhor aproveitamento dos recursos técnicos e financeiros das agências em sua atuação frente à questão do HIV/AIDS no Brasil. Com o Plano Integrado, foram definidas as áreas prioritárias para o GT: priorização à transmissão em mulheres-gestantes; reforço às ações de educação; formação de recursos humanos; fortalecimento dos municípios; priorização a grupos especialmente vulneráveis; cooperação externa; articulação ministerial; estudos e pesquisas. Os temas transversais, considerados fundamentais à consequência do Plano, são: Incorporação das questões de gênero; Promoção dos direitos humanos; Advocacia às múltiplas questões relativas ao HIV/aids; Mitigação dos efeitos da pobreza. E a missão do Grupo Temático ficou definida como: “Articular esforços para apoiar a resposta nacional, potencializando sua eficácia no enfrentamento da epidemia de DST e aids”. Sendo assim, foi possível determinar os

objetivos estratégicos e as estratégias para o desenvolvimento das ações do GT-UNAIDS no Brasil: Por fim, o Plano integrado também detectou áreas que mereceriam maior atenção por parte das agências internacionais, do governo brasileiro e da sociedade civil, apresentando recomendações que visam a contribuir para a integração dos trabalhos desenvolvidos pelos vários atores que atuam no Brasil e para o monitoramento da aplicação do próprio Plano integrado, o qual é, em sua natureza, uma ação contínua. O processo de elaboração do Plano Integrado permitiu a integração dos membros do grupo na definição de estratégias e objetivos comuns na área, a detecção de habilidades específicas e vantagens comparativas entre as agências bem como da determinação de estratégias que nortearão as ações do Grupo. Por fim, apresentou recomendações que servem como indicadores das dificuldades que poderão ser enfrentadas e das atitudes a serem tomadas pelo GT-UNAIDS no Brasil.

GRUPOS DE RISCO: O CONCEITO AINDA EXISTE - O USO DE PRESERVATIVOS MASCULINOS ENTRE JOVENS UNIVERSITÁRIOS DA PUC/SP

Autor: Helena Lima

Apresentador: Helena Lima

Contato: helenalima@sti.com.br

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Palavras-chaves: Vulnerabilidade, preservativo Masculino, Educação

Resumo: A presente pesquisa foi desenvolvida em 1999 entre 1955 primeiro-graduandos da PUC/SP. Mostra que essa comunidade ainda mantém a noção de grupo de risco como critério de exclusão para infecção por HIV/Aids e DST. O uso do preservativo masculino é mencionado como principal estratégia de prevenção, porém com baixo índice de adesão, considerando a escolaridade como fator de redução de vulnerabilidade. Os sentidos do preservativo são negativos e o grupo se sente protegido pela monogamia e pelo não-pertencimento aos 'grupos de risco'. É necessário uma intervenção imediata e consistente - a escolarização como metáfora da racionalidade precisa ser revista. Os trabalhos de prevenção com universitários, intensificados. Uma equipe de estudantes universitários foi especialmente treinada para aplicação de questionários. Dos 1955 iniciais, apenas 33% em branco, pois "não pertenciam a grupos de risco". Dos 650 preenchidos foi feito um banco de dados em Visual Basic. Depois, estruturados grupos focais para discussão dos dados quantitativos.

Amostragem por gênero:

Faixa etária: Ø Cursos: 83,58% da área de humanas, 7,36% da área de exatas e 4,6% de biológicas. Ø Período: 41,78% eram da manhã/ 3,99% da tarde/ 13,98% cursavam período integral/ 36,25% o período noturno e 3,99% não responderam.

Principais Resultados: FIGURA 1: Frequência das referências à camisinha como prevenção às DST, por gênero

FIGURA 2 - principais DST conhecidas, por gênero

FIGURA 3: frequência do uso de preservativos como forma de prevenção a aids por gênero Ø Camisinha: prejudica a performance, está diretamente relacionada com aventuras e relações extra-conjugais. É trocada pela 'confiança' pelos 'testes' como 'prova de amor'; a pílula anticoncepcional é a principal forma de anticoncepção. Associação direta da camisinha com a não-virgindade e promiscuidade.

As DST mencionadas não são conhecidas em profundidade. Faltam informações e os 'slides horrorosos', mencionados como principal estratégia de prevenção nas escolas. Aids é a mais conhecida das DST. O uso de preservativos é a principal referência para prevenção às DST: 28,2% dos homens e 42,3% das mulheres. Em relação à aids, 27% dos homens e 38% das mulheres. Ø As mulheres estão melhor informadas que os homens e relatam maior frequência no uso de preservativos. A escolarização não garante adesão a comportamentos preventivos. O uso de preservativo está aquém do esperado para essa faixa etária (16-25 anos) e esse grupo social, sendo ainda superior a alguns dados da literatura. O desafio da prevenção está em implementar estratégias para adesão irrestrita ao uso da camisinha entre universitários, considerando os sentidos negativos a ela associados e as alternativas de substituição já em prática. E inserir o preservativo no cenário das relações consideradas estáveis e fiéis como algo positivo.

DESCENTRALIZAÇÃO DA CONCORRÊNCIA DE PROJETOS DE ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS NO ESTADO DE SP

Autor: Vilma Cervantes

Apresentador: Vilma Cervantes

Contato: vilma@crt.saude.sp.gov.br

Instituição: Coordenação Estadual de Aids SP

Palavras-chaves: ONG, Descentralização, Políticas Públicas

Resumo:

Contextualização: O Estado de São Paulo(SP)tem aproximadamente 270 ONGS que realizam trabalhos de Atenção e Prevenção às DST/AIDS.Nas concorrências realizadas pela Coordenação Nacional, perto da metade dos trabalhos apresentados foram de SP.Diante desta realidade, o estado participou da Primeira Concorrência Descentralizada de Projetos da Sociedade Civil.

Descrição: Foram realizadas reuniões com representantes dos seis Estados e foram definidas as diretrizes gerais do processo.O Fórum de Gestores do Estado (com presença de:Coordenadores Municipais de Programas de DST/AIDS, do Consórcio Intermunicipal de Saúde do Litoral Sul, das Direções Regionais de Saúde e representantes do Fórum de ONGS/AIDS do Estado),decidiu pela criação de um Grupo de Trabalho Assessor, constituído por representantes da Coordenação Estadual(CE)DST/AIDS, representantes dos Municípios e representantes de ONGS. A CE reuniu-se com o Fórum de ONGS/AIDS,para discussão dos encaminhamentos a serem realizados no Estado e definir a participação das ONGS no processo, de forma a garantir transparência das ações, bem como traçar uma proposta que se aproximasse o máximo possível das expectativas da Sociedade Organizada. O Fórum de ONGS apontou para a necessidade de formação dos participantes de ONGS em Elaboração de Projetos e ainda definiu pela participação no Grupo de Trabalho Assessor.

Resultados: Foi realizada uma Oficina de Elaboração de projetos, com 30h de duração, que contou com a participação de representantes de 25 ONGS, na perspectiva de fortalecimento técnico dos mesmos. Foram realizadas Oficinas Temáticas que tiveram por objetivo aprofundar os conhecimentos sobre populações/ações específicas, a partir da discussão da Vulnerabilidade destas populações, estratégias já desenvolvidas e dúvidas a respeito do projeto a ser desenvolvido.

Foi feito um edital de Concorrência, que previa a descentralização até a instância Municipal e os projetos tiveram Parecer Técnico quanto a sua relevância para o Município. Foi instituído um Comitê Seletivo Externo, com consultores oriundos da Universidade, do Movimento Sindical e do Serviço. Foram apresentados na Concorrência 157 projetos, dos quais 70 foram selecionados para financiamento.

Conclusões: A descentralização da Concorrência possibilitou uma maior aproximação dos Municípios e do Estado das ONGS. As ONGS puderam ter um acompanhamento mais próximo e individualizado em vários momentos. Este processo propiciou um fortalecimento técnico das ONGS participantes, tanto pela realização das Oficinas, quanto pela atenção dos Técnicos da Coordenação Estadual quando da necessidade de reformulação dos projetos. O processo de descentralização, enquanto princípio do SUS, e particularmente o processo de descentralização de concorrência de projetos de ONGS, deve ser estendido a todo o país, pois quanto mais próximo o Gestor do problema ou ação, maior a possibilidade de respostas mais adequadas a realidade local.